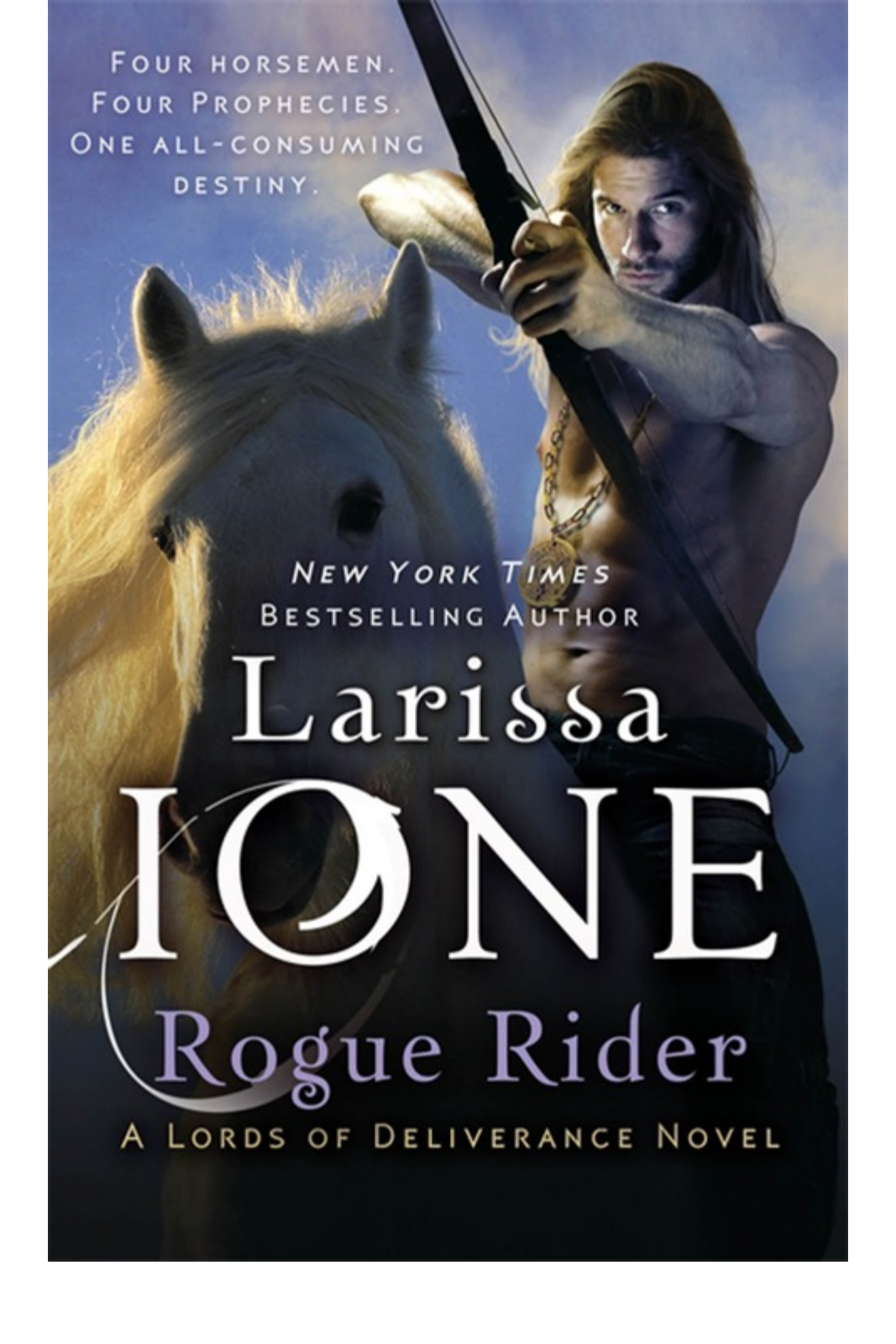




FOUR HORSEMEN.
FOUR PROPHECIES.
ONE ALL-CONSUMING
DESTINY.

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

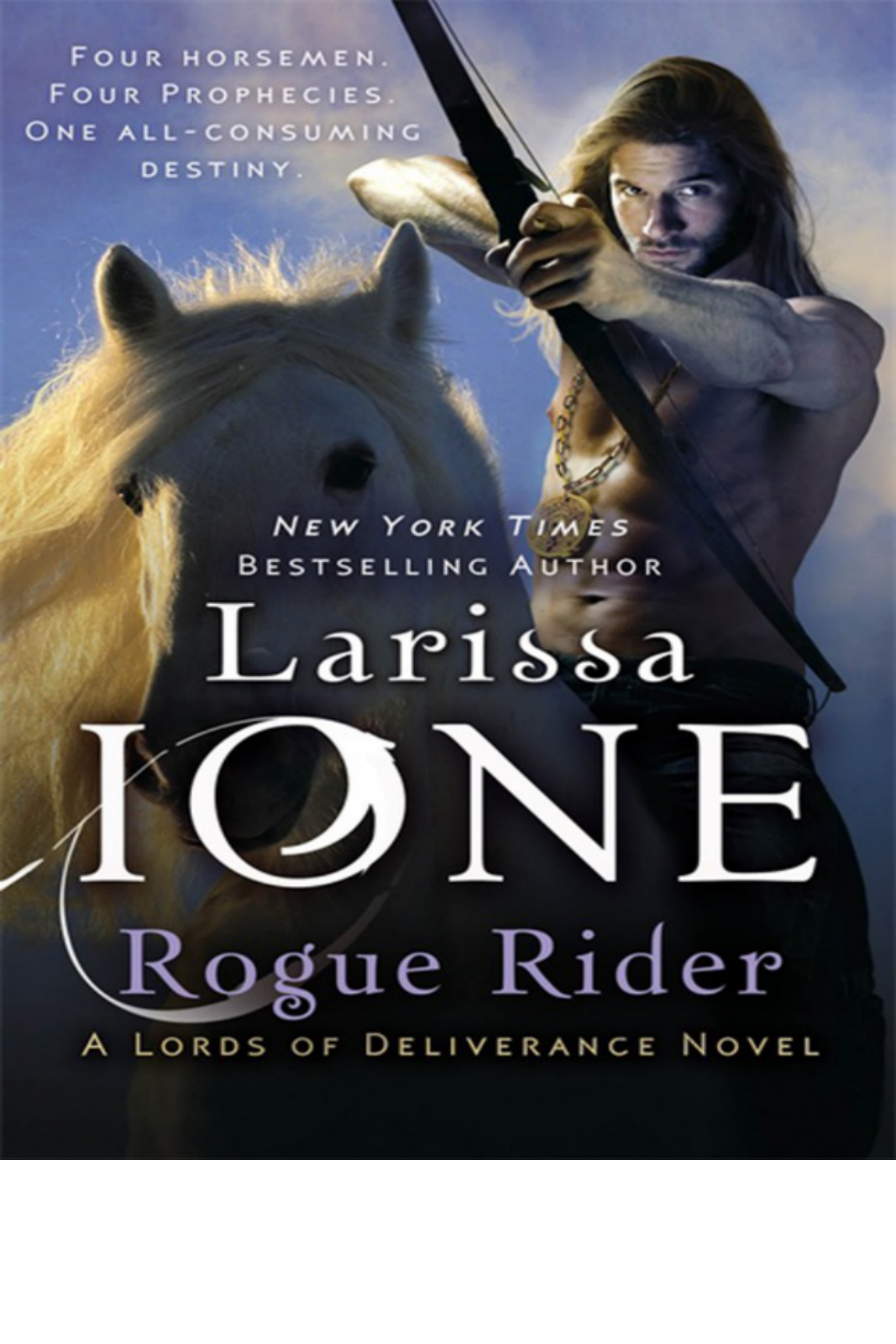
Larissa
IONE

Rogue Rider

A LORDS OF DELIVERANCE NOVEL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



FOUR HORSEMEN.
FOUR PROPHECIES.
ONE ALL-CONSUMING
DESTINY.

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Larissa IONE

Rogue Rider

A LORDS OF DELIVERANCE NOVEL

Lords of Deliverance 04

As profecias estavam lá, mas ninguém ouviu. Até agora. Eles são os Lords of Deliverance e eles têm o poder de afastar o Dia do julgamento... Ou deixá-lo acontecer.

Jillian Cardiff veio a esta remota cidade montanhosa para esquecer o ataque demoníaco que quase a matou. Em vez disso, ela resgata - e se apaixona por um estranho lindo que não tem memória de qualquer coisa que não seja o seu nome. Bonito, charmoso e protetor, Reseph parece ser o tipo de homem que Jillian pode confiar. Mas com notas de uma própria história perturbadora, ele também é o tipo de homem que pode ser muito perigoso...

Reseph pode não saber o seu passado, ou por que ele apareceu misteriosamente na vida de Jillian, mas ele sabe que quer ficar. No entanto, quando os vizinhos de Jillian são mortos e caçadores de demônios chegam na cena, Reseph teme que ele está colocando Jillian em perigo. E uma vez que é revelado que Reseph também é Pestilence, o cavaleiro responsável por devastar o mundo com a morte e a destruição, ele e Jillian tem que enfrentar o maior desafio de todos: eles podem esquecer os horrores de um frio passado para salvar o futuro que os dois desejam?

CAPÍTULO 01

Estava frio. Tão frio.

Abriu os olhos, mas viu... Nada. Gemendo, moveu-se porque parecia estar de bruços. Sim... Estava com a cara no chão, tudo bem. Mas onde estava? Tudo o que podia ver era neve. Não, isso não era verdade, podia ver árvores carregadas de neve. E banco de neve carregado de neve. E neve carregado com neve, mais porra de neve.

Então, estava em uma floresta... Com neve. Mas onde? Por quê?

E quem era ele?

Reseph.

O nome arrastava através de seus ouvidos, como se pronunciado por um homem embriagado.

Reseph.

Soava vagamente familiar, supôs. Reseph. Ok poderia trabalhar com isso. Especialmente desde que nenhum outro nome apareceu em sua cabeça.

Fracamente, tentou empurrar-se de joelhos, mas seus braços balançaram como borracha, e continuava a cair de cara. Depois de quatro tentativas desistiu e apenas ficou ali, ofegante e tremendo.

Em algum lugar em cima, uma coruja piou, e poucos minutos depois, um lobo uivou na escuridão crescente. Reseph encontrou conforto nos sons, porque significava que não estava sozinho. Claro, a coruja pode voar e cagar sobre ele, e o lobo pode comê-lo vivo, mas pelo menos tinha companhia por um tempo.

Não sabia muito sobre ele, mas sabia que não gostava de ficar sozinho.

Também não gosta de neve.

Curioso, então, como acabou sozinho na neve. Se alguém o abandonou aqui? Um tremor de ansiedade sacudiu o interior tão duro como o frio, estava tremendo. Certamente alguém iria procurar por ele.

Sustentou a esperança, pois gradualmente se tornou consciente de uma dor atroz em seus ossos, acompanhado por uma dor aguda em sua cabeça. Parecia que estava um pouco inconsciente. Legal. Porque agora, estava congelando e queimando, doendo e dormente. Certamente isso era uma coisa boa.

Real. Fodidamente. Bom.

Idiota. Imbecil. Meteorologista retardado.

Jillian Cardiff mentalmente amaldiçoou o meteorologista que ferrou com a previsão desta nevasca. Não tinha nada contra as pessoas do tempo, inferno, trabalhou com eles durante anos na FAA. Mas isso... Isso era ridículo.

Agora estava com pressa de voltar para sua cabana antes que a visibilidade ficasse completamente à merda e seu cavalo, Sam, ficasse irritado.

— Vamos lá, garoto. — Deu um tapa afetuoso no ombro do grande alazão. — O resto da lenha pode esperar.

Sam seguiu, não precisando ser conduzido pela corda amarrada em sua cabeça. Conhecia o caminho de casa e estava tão ansioso quanto ela para entrar em um prédio aconchegante e confortável. O trenó transportando um feixe de lenha arrastado por ele cortava um metro e meio de neve fresca que tinha chegado há poucos dias. Esta nova tempestade provavelmente despejaria mais meio metro e no final de dezembro teriam mais neve que não saberia o que fazer com ela.

O vento uivava como uma coisa viva e neve explodia seu rosto. Levantando seu rifle de forma mais segura em seu ombro, Jillian baixou a cabeça e lutou contra o vendaval. Em momentos como este realmente sentia falta da Flórida. Não que ela voltaria. Algumas coisas não podem ser esquecidas.

Tal como ser dilacerada por demônios.

Estremeceu, mas não tinha nada a ver com a temperatura. Não iria lá novamente. O atacante foi atrás dela, e enquanto não assistisse TV, entrasse na Internet ou olhasse suas cicatrizes, nunca teria que

pensar sobre isso.

Um longo uivo lamentoso perfurou o final da tarde escura. Tinha que estar perto se pôde ouvi-lo sobre o vento. Sam bufou e sacudiu a cabeça, ela desceu para reforçar a corda que amarrava o trenó e lhe dar um tapinha no nariz branco brilhante.

— Está tudo bem, cara. Os lobos não nos incomodarão. — Não, os lobos geralmente deixam os humanos sozinhos. De outro jeito, um puma que seria de grande preocupação. Nas últimas semanas, dois caçadores foram encontrados em pedaços na área, o massacre foi atribuído aos grandes felinos.

Ela podia lidar com um puma. O que não podia lidar era ficar escuro. Demônios se escondiam no escuro.

De repente, Sam se ergueu, um relincho desesperado quebrou em seu grande peito. A corda puxou de sua mão e quase perdeu o equilíbrio na neve gelada quando se preparava para montá-lo. Patas dianteiras de Sam bateram no chão e seu ombro a empurrou, fazendo desmoronar-se um declive. Seu grito parou quando ela bateu em um tronco de árvore.

Dor assolou todo o lado direito de sua caixa torácica, e aí, isso seria uma dor amanhã.

— Droga, Sam — Murmurou, enquanto se arrastava de volta até a encosta de neve, parando para pegar o rifle que foi arremessado na neve.

Sam estava cheirando enlouquecido, apalpando em um monte de neve. Jillian tirava gelo dos lugares onde não deveria estar enquanto escalava pela neve perguntando-se o que no mundo o tinha assustado e agora o estava o amedrontando.

— É melhor estar cavando um pote de ouro, sarnento... Interrompeu com um grito assustador.

Um homem... Um homem nu... Seu corpo de bruços e coberto por uma camada de neve, jazia numa dispersão suja na saída da trilha.

— Oh, meu Deus. — Suas mãos tremiam quando tirou a luva e afastou seu longo cabelo platinado para colocar os dedos sua garganta. Sua pele estava fria ao toque, o que ela esperava, mas quando o barulho constante de um pulso saltou contra as pontas dos dedos,

quase pulou para fora de sua própria pele. Ele estava vivo. Com pulso forte. Caramba, como?

Ok, então... Acho. Tinha que pedir ajuda, mas eles estavam no meio de uma tempestade de neve se intensificando, e não havia nenhuma maneira de sair da montanha, exceto com uma moto neve. Não podia arriscar ficar no meio da tempestade e poderia levar horas para chegar à cidade mais próxima. Poderia estar morto até então.

Merda.

Rezando que este cara não fosse um serial killer e tentando não pensar muito sobre o porquê de ele estar nas montanhas, nu, no inverno, trouxe Sam com o trenó até a trilha colocando ao lado do corpo do homem. Tão rápido quanto pôde, soltou a lenha para o outro lado do caminho e colocou o machado na alça acolchoada do arreio de Sam.

Rolar o homem para o trenó não foi tão fácil como esperava. O cara era pesado como uma maldita pedra e *enorme*. E... Bonito. E muito, muito nu.

— Sério? — Murmurou para si mesma. — Vai perceber o quão gostoso ele é *agora*?

Com certeza, era impossível não notar essas coisas, mas ainda se sentia um pouco culpada quando passou as mãos sobre ele, verificando lesões. Além de estar inconsciente e congelado como uma vara de pescar parecia estar ileso.

Interessante tatuagem de cavalo em seu antebraço direito, no entanto. Quando deslizou os dedos sobre ela, sentiu uma vibração fraca, como se as linhas de cor henna pulsasse com uma leve corrente elétrica. Pena que o calor não passa por corrente, porém, porque caramba, jurava que a temperatura despencou vinte graus nos poucos minutos que levou para verificar o cara.

Como se a Mãe Natureza tivesse algum tipo de rancor contra ela, o vento frio cortante acelerou ainda mais, e a neve, que normalmente amou, tornou-se uma inimiga. Provavelmente era estúpida, mas tirou o casaco e colocou sobre o sujeito, enfiando as mangas do casaco cuidadosamente debaixo dele. As camadas da camisa que estava usando devia protegê-la por um tempo, enquanto

eles se apressavam.

— Vamos, Sammy. — Instigou o cavalo castrado para se mover mais rápido do que ele normalmente gosta, mas nada sobre esta situação era normal.

Estava congelada e exausta no momento que cheirou a fumaça de seu fogão a lenha, e os cílios eram um crosta de gelo no momento em que levou Sam até a varanda raquítica. O ar gelado queimava seus pulmões a cada respiração enquanto arrastava o peso morto do homem fora do trenó e, em seguida, desatrelou Sam. Removeria o arreio depois. Agora tinha que levar o homem para a casa e o cavalo para o celeiro.

Correu os trinta metros para o celeiro lutando contra o vento para abrir a porta. Sam correu para dentro, mas ela não se preocupou em levá-lo para sua tenda. Ele encontraria por conta própria.

Pena que levar o homem para o seu quarto não era tão fácil como levar o cavalo. Com uma anormal aptidão trabalhando em uma pequena fazenda, Jillian não era uma covarde, mas pensou que poderia ter deslocado algo quando arrastou o Fish Stick⁽¹⁾ através do assoalho. Passou mais dez minutos levantando e esforçando-se para levantá-lo em sua cama.

Uma vez que ele estava deitado de costas, os ombros largos ocupando uma enorme quantidade de espaço no colchão. Programou o cobertor elétrico para a configuração mais alta e checkou seu pulso. Ainda forte. Não deveria estar lento? Fez aulas básicas de RCP, bem como formação em busca e salvamento, do que se lembra da hipotermia causa pulso fraco e lento. Fish Stick era o oposto. Estável, fluído, e jurou que sua pele já tinha corado um pouco.

Deixando o mistério apenas por agora, verificou o telefone e com certeza não estava funcionando. Em seguida, alimentou o fogo e o aquecedor elétrico para vinte sete graus. Tinha sorte de ter eletricidade em tudo, na verdade. A fonte mantinha piscando, e provavelmente era apenas uma questão de tempo antes que seguisse o mesmo caminho da linha de telefone.

Ooh, então estaria sozinha, no escuro, sem telefone, no meio do nada... Com um estranho.

Este era um enredo de filme de terror. Ainda tinha o pequeno animal símbolo para provar que a situação era grave e deixar preocupadas todas as mulheres da plateia.

Seu gato de bengala, Doodle, observava a atividade, de sua cama em frente ao fogão a lenha, despreocupado de por ter um homem estranho na casa. Mas então, nada realmente o incomoda, enquanto ele tiver comida e alguém para acariciá-lo, não ficava empolgado com muito.

— Você é de grande ajuda, amigo. — Atirou a Doodle um olhar sujo enquanto trocava seu moletom e chinelos. — Vou verificar o completo estranho na minha cama, mas não se preocupe comigo, ok?

Doodle piscou com seus os olhos verdes.

Desejando ter um cachorro grande agora entrou no quarto. Quando entrou o Fish Stick suspirou e se moveu na cama, apenas o menor movimento, mas o suficiente para lhe dar um pouco de esperança.

Então seus olhos se abriram.

Assustada, pulou para trás, batendo a mão sobre a boca. Seus olhos... Meu Deus, eles eram surpreendentes. A mais leve sombra de um azul cristalino, como a borda de uma geleira. Eles perfuraram os dela, mas não havia nada frio sobre eles. O calor neles perfurou todo o caminho até seu núcleo.

Sentiu-se tola por sua reação exagerada, mas com as pernas tremendo de qualquer maneira, ela voltou para a cama.

— Sou Jillian. Eu te encontrei na floresta. Você vai ficar bem. — Não tinha certeza se ele entendeu ou não, mas seus olhos fecharam e os músculos do peito começaram a subir e cair profundamente, o ritmo regular. Sua cor estava boa agora e seus lábios cheios, uma vez que pálidos e rachados, estavam lisos e rosa escuro.

Notável.

E agora? Talvez devesse ter algo quente em seu estômago. Calmamente foi para a porta para colocar um pouco de caldo no fogão.

— Ei — Ele murmurou, sua voz um sussurro quebrado — Será

que eu... Machuquei você?

Ela respirou fundo e se virou, arriscando um olhar para ele. Mais uma vez, seus olhos atingiram dentro dela, mas desta vez, eles pareciam... Brilhar um pouco.

— Não. — Engoliu em seco. — Não, você não me machucou.

Seus longos cílios dourados se agitaram para baixo, como se estivesse satisfeito com sua resposta. Mas, meu Deus, por que ele acha que podia tê-la machucado?

Quem diabos trouxe para sua casa?

CAPÍTULO 02

Fish Stick não acordou novamente por um total de 24 horas.

Quando o fez, foi apenas o tempo suficiente para beber uma xícara de caldo de carne quente. Não disse uma palavra, apenas olhou para ela com aqueles lindos olhos azuis e depois caiu em um sono profundo, como se tivesse estado acordado por um ano.

Jillian tentou chamar Stacey, a vice-xerife local e sua melhor amiga por vinte anos, mas a linha telefônica ainda estava sem serviço. Deduziu. A tempestade parecia ter parado e decidiu que ia caçar esse meteorologista e bater nele com seu próprio anemômetro.

Doodle não estava no quarto, e se o gato não estava comendo ou perseguindo um de seus brinquedos, estava enrolado na cama. O pequeno traidor.

No período de quarenta e seis horas Jillian foi verificar Fish Stick, seu coração ficou um pouco louco, pulando quando o viu deitado em sua cama queen-size, ocupando a coisa toda. Por alguma razão, seus pensamentos foram para o que ele faria com uma mulher. Alguém de seu tamanho precisaria de um colchão king-size, especialmente se ele tivesse... Companhia.

Pare com isso. Porque no mundo estava pensando isso com um estranho, cujo nome nem sabia? Talvez porque, mesmo durante o sono, ele exalava poder, uma masculinidade fora das cartas que fazia tremer a cada hormônio feminino.

Pare. Com. isso.

O lençol tinha escorregado baixo em seus quadris, revelando o abdômen reto, duro e vigoroso que desaparecia sob o lençol. Apenas um centímetro mais baixo e não haveria nada para a imaginação. Conseguiu uma boa olhada quando o trouxe, mas agora que sua pele tinha cor novamente, era um homem totalmente diferente. Antes, era como uma estátua de mármore, fraco como um bebê. Agora... Oh, garoto.

Seu cabelo, uma cabeleira grossa, longa, cor de ouro branco,

estava irremediavelmente emaranhado. Algumas vezes o pegou rosnando dormindo e impetuoso, de modo que esperava que ele não se importasse que ela meio que... Cortasse.

Ela deixou longo enquanto pôde, mas cortou na altura dos ombros e ainda estava uns doze centímetros menor do que estava.

Agora derramava sobre a fronha de flanela vermelha como fios de seda, e realmente, não era tão justo que um homem tivesse cabelo melhor do que dela. Melhor cabelo e cílios. Caramba, as mulheres pagariam para ter cílios tão longos e grossos como o dele.

— Isso está ficando ridículo — Ela murmurou, quando afundou no colchão ao lado dele. Ele é apenas um homem. Um homem que pareceu estar com seus vinte e tantos anos e dotado de um corpo assustadoramente perfeito.

Espalmou a testa, aliviada ao descobrir que ele não estava com febre e nem frio.

Pegou o lençol para puxá-la quando de repente, com um movimento incrivelmente rápido, ele a agarrou virando-a para debaixo dele, e bateu com o antebraço na garganta. Medo cravou afiado e cortante. Sob o seu peso mal poderia mal conseguia se mover, e com o braço em sua traqueia mal podia respirar.

Seus olhos eram cacos de gelo do inverno quando eles penetraram dentro dela, e ela imediatamente reavaliou a estimativa de sua idade. Ele parecia não ter mais do que vinte e oito anos, mas seus olhos... Eles eram velhos.

— Quem é você? — Ele rosnou. — Onde estou?

— Eu... — Tossiu, tentando sugar o ar em seus pulmões ardentes. Ele afrouxou sua garganta. Um pouco. — Sou Jillian. — Ela engoliu uma respiração. — Você está na minha casa.

Seu olhar se estreitou, e ela sentiu como um cervo preso por um lobo. — Por quê?

— Eu encontrei você — Ela murmurou. — Na neve. Estava quase morto.

Ele franziu a testa. — Isso é impossível.

— Que você estava quase morto, ou que estava na neve?

Confusão brilhou em seus olhos, e afrouxou sua pressão um

pouco mais. — Não tenho certeza.

— Tudo bem — Ela disse lentamente, não querendo agita-lo novamente. — Vamos começar com algo simples. Qual é o seu nome?

— Eu acho que... Acho que é Reseph.

— Você *acha*?

A pressão sobre a garganta diminuiu para quase nada, mas cada respiração ainda queimava. — Reseph é o único nome que me vem.

Ele não tinha certeza sobre o seu próprio nome? E que nome mais estranho. Sua voz profunda e ressonante tinha o menor sotaque, embora. Não que pudesse identificá-lo. — Você sabe de onde está?

— Não faço ideia. Não me lembro de... Nada. — Ele se levantou, seus ombros e bíceps se flexionaram com a força, e olhou para o seu corpo nu. — Nós transamos?

Quase se engasgou. — Não.

— Por que não? — Ele recostou para cima dela e enterrou o rosto em seu pescoço, inalando profundamente. Desta vez, ela sentiu a presença distinta de uma ereção resoluta contra sua pélvis. O barulho no ar em volta dele mudou de repente de ameaçador para descaradamente erótico, mas não menos perigoso.

Oh, Deus. — Porque somos estranhos.

Ele levantou a cabeça. — Então?

Então? Isso não estava indo bem. — Olha, talvez você deva, ah, sair de cima de mim, e vamos discutir tudo isso durante o jantar.

— Jantar. — Sorriu, e bom Senhor, ele era impressionante, quando não estava assustando até a morte. — Estou totalmente de acordo com isso. Estou morrendo de fome. Talvez pudéssemos transar primeiro?

Desta vez ela engasgou. — Sexo não está na mesa. Mas pimentão está.

— Você pode ter relações sexuais na mesa — Ele disse e, ótimo, já estava imaginando fazer as coisas na cozinha que não tinha nada a ver com a alimentação. Pelo menos, não comer alimentos.

— Pimentão — Ela resmungou. — Nada de sexo.

Ele pareceu considerar isso, e quase desmaiou de alívio

quando ele rolou de cima dela. — Ok, então onde está a comida?

— Na cozinha. — Ela saltou para fora da cama, ignorando o sorriso divertido e tentando não olhar para sua ereção... Uma muito boa ereção... Que ele não estava fazendo nenhum esforço para encobrir.

Não, estava deitado de costas, as pernas abertas, com um braço atrás da cabeça, como se estivesse em sua casa, em sua cama, e ela fosse apenas alguém que ele convidou para casa ontem à noite.

Mais uma vez, se perguntou quem ela trouxe para sua casa, porque esse cara não estava viajando com uma tripulação. Definitivamente, não era certo da cabeça.

Desviando o olhar, ela voltou para a porta. — Vou ver se consigo encontrar alguma coisa para vestir. Sinta-se livre para usar o chuveiro

Ele já estava a meio caminho para o pequeno banheiro. Apesar de sua irritação, não podia descascar os olhos longe de seu corpo quando ele atravessou o piso de madeira. Cada músculo é um trabalho fluido de arte quando dava cada passo, aglomerado e ondulando. E que bunda... Doce Jesus, tinha o melhor conjunto de glúteos que já tinha visto.

Ele desapareceu no banheiro, e jurou que a última flexão de seus músculos do bumbum era só para ela. Oh, esse cara tinha que ir.

Enquanto ele tomava banho, ela se dirigiu para a cozinha para agitar a Crock-Pot de pimentão antes de tomar as escadas até o porão. Metade do espaço subterrâneo foi dedicada ao armazenamento de alimentos, mas a outra metade estava repleta de restos de sua vida na Florida, enormes recipientes Rubbermaid⁽²⁾ de enfeites de Natal e as coisas que haviam pertencido a seus pais.

Não havia mexido em algum desse material desde que se mudou para cá, e amaldiçoou seus olhos enevoados enquanto mexia através de uma caixa as roupas de seus pais. Cada camisa trouxe de volta uma lembrança, cada par de sapatos uma história.

Basta pegar alguma coisa e acabar logo com isso.

Jillian não tinha certeza — pegar algo — seria adequado. Embora seu pai fosse um homem alto, não havia nada que coubesse

em Reseph. Supôs que ele teria que se contentar com um pijama de flanela e a camisa preta de grandes dimensões.

Feliz de ter cavado através das memórias, se arrastou de volta até a escada e quase engoliu a língua quando entrou na cozinha ao mesmo tempo em que Reseph entrou completamente nu.

— Hum... Você não poderia encontrar uma toalha?

Ele olhou para si mesmo. — Encontrei uma toalha. Estou seco.

O homem, aparentemente, não tinha absolutamente nenhuma inibição. — Certo. Que boba sou. — Empurrou as roupas para ele. — Você acha que bateu sua cabeça?

— Talvez seja por isso que a minha memória se foi — Ele disse, e bem, com certeza, que poderia explicar a amnésia, mas isso não era o que ela estava vendo.

Enquanto ele se vestia... Relutantemente, parecia... Ela colocou o pimentão na tigela. Quando abriu uma gaveta para colheres, sentiu uma presença atrás dela. Calor de Reseph engolfou enquanto olhava por cima do ombro.

— Parece bom.

Então Reseph não tinha inibições e nenhum conceito de espaço pessoal. Pelo menos ele colocou as roupas.

— É bom — Ela disse, realizando uma manobra debaixo de sua sombra. — É a receita da minha mãe. — Ela colocou as tigelas nas extremidades opostas da mesa.

— Eu me pergunto se eu tenho uma mãe. — Havia um fio de tristeza...? Medo?... Preocupação?... Em sua voz. Talvez fosse uma mistura de todos os três.

Ela só podia adivinhar como se sentiria se acordasse em um lugar estranho sem memória de como chegou lá ou quem ela era. A ideia de que havia uma família lá fora, que pode estar procurando por ele - incluindo, talvez, uma esposa - era inquietante.

Especialmente desde que ele queria sexo com uma completa estranha. Jillian esperava para o inferno ele não fosse casado.

— Vamos conseguir um pouco de comida para você, e vamos ver o que podemos descobrir. — Abriu a geladeira. — Tenho leite, água, suco de laranja, Sprite...

— Cerveja?

— Sinto muito. Nada de cerveja. — Ela gostava de uma gelada de vez em quando, mas simplesmente não era uma bebida de inverno.

— Pimentão sem cerveja é um crime em alguns lugares — Disse Reseph. — Bem, como deve ser. Sprite, por favor.

Pegou duas latas e dois copos, e quando se virou, Reseph estava sentado. Mas ele mudou sua tigela para um assento mais perto dela. Ela suspirou. Sua mãe teria dito que ele precisava ser domesticado.

— Obrigado — Ele disse suavemente.

— É apenas pimentão.

Ele balançou a cabeça, seu cabelo molhado roçando a gola da camisola. — Por isso, e por cuidar de mim.

Como se estivesse envergonhado, ele olhou para a tigela e começou a comer.

Reseph nunca tinha visto uma mulher tão bonita como Jillian ou provou nada tão impressionante como pimentão. Bem, tinha certeza que *nunca* em parte. Com seu cabelo escuro na altura do queixo, cortado mais curto na nuca, os olhos verdes e brilhantes, Jillian atraiu seu olhar

todas as vezes que sacou a colher da sua tigela. Estava faminto, tanto pela companheira como pelos alimentos, o que o fez se perguntar quanto tempo ficou sem. Ele acabou com a tigela enquanto Jillian tinha comido um quarto da dela.

— Vou te conseguir mais. — Ela começou a se levantar, mas ele agarrou seu braço e a segurou para baixo.

— Você já fez o suficiente. Posso fazê-lo. — Embora devesse deixá-la pegar, seria capaz de vê-la balançar a bunda bem naqueles jeans gastos que abraçava suas curvas perfeitas. Nem mesmo a camisa de flanela preta e azul que vestia conseguia esconder o que suspeitava ser um corpo fantástico.

Não, ele sentiu bastante daquele corpo quando ela esteve debaixo dele no colchão, há mais do que suspeitava.

Ela parecia um pouco confusa... Com seu toque, talvez? Ele

percebeu isso, porque a pele quente dela se sentia tão bem em baixo das mãos dele, bem o suficiente que ele queria deixar lá. E ele fez, por alguns segundos mais do que era apropriado.

Porque de alguma forma sabia o que era apropriado. Simplesmente não se importava.

Se ele tivesse sido sempre assim? Ele era uma espécie de cara de pau, não era?

Com um encolher de ombros mental, foi buscar uma tigela de pimentão e voltou para a mesa. — Então. Onde estamos? — Quando ela deu a ele um olhar assustado, como se ele não tivesse certeza de que estava em uma cozinha, ele riu. — No mundo. Onde estamos no mundo?

— Ah. — Ela sorriu com alívio óbvio. Um belo sorriso em uma boca generosa e lábios cor de uma maçã madura. Se perguntava se eles tinham um gosto tão doce. — Colorado. Estamos nas Montanhas Rochosas, perto da fronteira Wyoming.

— Por quê?

Suas sobrancelhas dispararam. — Por quê?

A colher estalou quando ele enfiou em sua tigela. — Por que você mora aqui? — Por que *ele* estava aqui?

— Hum... Porque é onde eu cresci. Herdei a cabana dos meus pais quando eles morreram.

Ele cavou fundo em seu cérebro, tentando encontrar uma memória que envolvia seus próprios pais, mas não havia nada. — O que as pessoas fazem por aqui?

— Para ganhar a vida, você quer dizer? — Quando ele assentiu, ela tomou um gole de bebida, como se a necessitasse de tempo para chegar a uma resposta. — Bem, acho que eles trabalham, principalmente na pecuária, exploração madeireira, ou indústrias de caça. A cidade mais próxima é apenas um pontinho no mapa.

— Então, por que eu estaria aqui?

Ela balançou a cabeça, fazendo o cabelo varrer contra sua mandíbula em ondas suaves. — Eu não tenho nenhuma ideia.

— Talvez estivesse caçando?

— Você estava nu. E você não tinha uma arma ou arco.

Arco. Por alguma razão, ter um arco... Soou familiar. Nu? Isso soou familiar, também. Mas talvez não nu na neve. Considerou o cenário de inverno e nudismo. — Havia algo perto de mim? Talvez eu tenha sido atacado.

— Talvez, você não tem uma marca em você. — Um rubor suave espalhou em seu rosto, e ele sorriu.

— Deu uma boa olhada em mim, né?

— Verifiquei se havia lesões. — Ela limpou a garganta. — Em qualquer caso, você não estava ferido, e não havia nenhuma pista perto você, mas a nevasca poderia ter encoberto o caso.

Pensou sobre isso por um segundo. — O que você estava fazendo em uma tempestade de neve?

A colher tilintava contra sua tigela quando ela pescou um feijão. — Estava coletando o último feixe da lenha que cortei ontem.

— Lenha... — Ele lembrou as árvores que tinha visto, enquanto estava deitado na neve. — Qual é a data?

— Dez de dezembro.

Legal. Pode não gostar de neve, mas dezembro era seu mês favorito. — É tempo de Natal. Talvez estivesse aqui para obter uma Árvore de Natal.

— Nu, sem machado ou veículo? E se fosse, você estava invadindo uma propriedade privada.

Reseph finalizou seu refrigerante e perguntou. — Você me encontrou em sua propriedade?

— Sim.

Viu-a agitar seu pimentão com as mãos delicadas, mas áspera do trabalho. — Você mora aqui sozinha?

— Sim novamente.

— Por quê?

Ela encolheu os ombros, fazendo com que o emblema de lobo negro bordado no bolso de sua camisa dançasse. — Eu gosto de estar sozinha.

Reseph definitivamente não gostava de ficar sozinho. — Você tem um companheiro?

Uma sobrancelha escura subiu. — Tipo, um amigo?

— Como um amante. Você sabe, um companheiro.

— Eu com certeza gostaria de saber de onde você é — Ela murmurou. — Mas não. Não... Companheiro.

Por alguma razão, gostou da resposta. — Por que não? Você é bonita. Você deve ser muito gostosa.

Ela tossiu um pouco. — Talvez devêssemos nos concentrar em sua situação.

Ela provavelmente estava certa, mas não tinha certeza de onde começar mesmo. — Você tem um computador?

— Tenho, mas a Internet é discada, e é cheia de quedas. Como a eletricidade.

— E quanto a TV?

— Tenho uma antena parabólica, mas nem sempre funciona.

Internet e eletricidade instável, televisão irregular e neve. Cristo, Jillian vivia no inferno. — O que você faz aqui? Como faz para se manter ocupada?

— Eu leio muito. Caminhada na mata e caço cogumelos. Não é difícil ficar ocupada. A fazenda ocupa muito do meu tempo.

Caça cogumelos? Quem faz isso quando você pode comprá-los na loja? — Parece que você está maciçamente confinada.

Irritação cintilou em seu rosto. — Não estou confinada. Eu amo isso aqui.

— Mas você está sozinha. — Ele olhou para ela, pensando que ela era bonita demais para ficar sozinha. — E uma fazenda é uma grande responsabilidade.

— Nenhuma dessas coisas é ruim — Ela disse, mas Reseph não tinha tanta certeza. Estar sozinho e a *responsabilidade* eram apenas outra maneira de dizer confinado. — E como chegamos de volta para mim, como o tema da conversa?

— Tenho uma história uma pilha de neve — Ele disse simplesmente. — E eu nem gosto de neve.

— Sinto muito, Reseph. — Ela deixou cair a colher em seu pimentão meio comido, como se seu apetite tivesse acabado. — Quando a tempestade parar vamos de moto neve para a cidade se a estrada não estiver interrompida. Vou levá-lo até o escritório do xerife

e eles vão ajudá-lo.

Alarme soou por meio dele, roubando seu apetite também. — Você não pode me levar até lá. — Sua voz era humilhanantemente baixa.

— Eu tenho que fazer — Ela disse, pegando um guardanapo. — Eles vão poder ajudar mais do que eu.

Seu pulso começou em alta velocidade, e uma carga de adrenalina quente queimava suas veias. Queria saber quem ele era, mas logo agora, a única coisa que conhecia era Jillian e sua cabana. Não podia lidar com mais desconhecido. Não pode ser abandonado novamente. Supondo que ele foi abandonado em primeiro lugar, de qualquer maneira.

Apressadamente empurrando para trás da mesa, ele se levantou, Jillian surpresa ficou de pés.

— O que é isso? — Ela perguntou. — O que há de errado?

— Nada. — Filho da puta, isso não era verdade. Balançou a cabeça, que estava começando a bater, quase como se houvesse alguém no interior, tocando em seu crânio. — Tudo. Porra, eu não sei.

Ela começou a se mover em direção a ele, mas ele não estava pronto para ser tocado ou de ser acalentado ou para responder às perguntas. Algum tipo de sobrecarga sensorial estava fazendo seu cérebro ajustar para fora. Ou talvez tivesse batido a cabeça. Estava pirando, não gostava disso.

Antes que ela pudesse se aproximar, pegou sua tigela vazia, o copo e correu para a pia. Então ficou lá como um idiota, as palmas das mãos suando e seu coração batendo.

— Reseph? — Sua voz era hesitante. Macia. — Você está bem? Nem perto disso. — Você tem uma máquina de lavar louça.

— É velha, mas funciona.

Engoliu em seco. — Não sei como usá-la.

— Cada modelo é diferente...

— Não. Não acho que já usei uma. — Era uma coisa tão estúpida, mas fazia se sentir assim... Perdido.

— Você tem amnésia, Reseph.

— Não é isso. Quer dizer, poderia não me lembrar de nada, mas algumas coisas são familiares. Sabia que gostava pimentão. Sei

que gosto de sexo. Sei como usar um computador. Mas não sei o que fazer com uma máquina de lavar louça.

A mão dela desceu sobre a sua quando ele manteve sua tigela na pia, e mudou de ideia de não querer ser tocado, porque sua mão o acalmou tão rapidamente quanto um gole de tequila. Que foi outra coisa que sabia que gostava.

— Vou fazer isso — Ela disse suavemente. — Por que você não descansa um pouco?

— Fiquei bastante descansado.

— Então vá assistir algum programam de TV. Tenho DVDs se o satélite não estiver funcionando.

Não queria deixá-la, mas não estava mesmo certo do porquê. Ainda assim, percebeu que ela precisava de um pouco de espaço, e por que não dar? Era um estranho em sua casa, onde estava claramente acostumada a viver sozinha. Realmente, era um milagre que ela o tivesse resgatado. Um monte de gente o teria deixado morrer.

Espere... Como é que sabe disso? Se estava certo sobre pessoas o deixando morrer, deve ter conhecido alguns vermes reais em sua vida.

Que não valem muito para ele. Na verdade, no recesso mais profundo de seu cérebro onde a escuta estranha estava acontecendo, lá se escondia uma suspeita desagradável. A suspeita de que o próprio Reseph pode ser um bastardo.

Ou pior.

CAPÍTULO 03

— Como você está indo aqui, anjo gostoso e nu?

Reaver abriu os olhos apenas tempo suficiente para olhar para Harvester, uma anja caída que parecia deliciar-se irritando a merda fora dele.

Fechando as pálpebras, Reaver recostou-se contra a parede do osso atrás dele. — Sou um anjo preso no inferno, e estou sendo lentamente digerido na barriga de um demônio gigante. Como você acha que eu estou?

Harvester estalou os dedos na frente do rosto dele, forçando-o a abrir os olhos novamente. Ela agachou-se aos seus pés, seus cabelos de ébano em cascata por todo o caminho até os quadris sobre seu couro preto e vestido curto de renda, uma mochila ao seu lado no chão.

— Você se regenera. Pare de ser dramático.

Ele suspirou. — É interessante como o seu método de tortura mais recente é o de me irritar até a morte.

— Irritar? — Em um movimento surpreendente, ela se sentou ao lado dele, de costas para a parede. — Chamo de conversa. Você prefere ficar sozinho aqui?

— Ah. Então você está revelando seu lado mais macio, o lado mais suave. Sacrificar-se para me fazer companhia.

— Você é tão cínico.

— Talvez seja porque há um ano, você me enganou, me manteve cativo, cortou minhas asas, e tentou me viciar em vinho de medula. — Ele lançou-lhe um olhar de soslaio. — Claramente, o meu cinismo é injustificado.

Ela encolheu os ombros. — Talvez não quisesse fazer essas coisas. Talvez estivesse sob ordens.

O Conselho dos Vigilantes dos Cavaleiros em Sheoul opera da mesma forma como o Conselho no Céu, ou seja, eles ofereciam sugestões e repassavam informações de quem está no poder. Mas, no

fim das contas, cabia ao próprio Vigilante designado assumir a responsabilidade por qualquer ação que ele ou ela tomasse. Harvester, como Vigilante má dos Quatro Cavaleiros, saberia disso.

— Segurar um Vigilante cativo é uma violação das regras dos Vigilantes. Não importa se suas ordens vieram do Conselho ou do próprio Satanás. Você vai ser punida. — Provavelmente por ambas as forças Sheoulíc e Celestial. Cada lado era responsável por punir seu próprio Vigilante, mas às vezes os dois lados exigiram o direito de infligir punição.

— Eventualmente. — Ela acenou com a mão em despedida. — Agora todo mundo está muito ocupado colocando o reino humano de volta no lugar. Além disso, vou levar um tapa no pulso. Talvez tenha o dever de Vigilante retirado. Vou viver.

— Isso seria uma vergonha.

Embora ele estivesse sendo sarcástico, havia uma parte dele que preferia que ela permanecesse viva e mantivesse seu emprego. Como Vigilante Celestial dos Cavaleiros, Reaver teria que lidar com quem iria substituí-la, e havia muitos anjos caídos piores que Harvester.

Ele se mexeu, estremecendo com a agonia de sua raspagem da pele no paladar ácido-revestidos. — Há quanto tempo estou aqui, afinal?

Tempo agia de forma diferente em algumas regiões do céu e na Sheoul-gra, e você nunca sabia se uma hora gasta em um desses lugares significava três meses no reino humano, ou se isso significasse três segundos. O tempo muda tantas vezes e tão rapidamente quanto o vento, sem um padrão discernível.

— Há meia hora você estava aqui com Reseph, três meses se passaram no reino humano. Depois que você o levou para fora, o tempo aqui seguiu o caminho oposto. Você esteve aqui por três meses, mas apenas alguns minutos se passaram no reino humano. — Ela levantou um ombro delgado em um encolher de ombros. — Basicamente, tudo igualado. Três meses para ambos os reinos.

O que significaria que Reseph teria só recentemente

despertado.

— Como você sabe que levei Reseph para fora?

Harvester revirou os olhos. — Você não veio aqui para conversar com as almas de demônios. Nenhum anjo correria o risco de vir a Sheoul, muito menos Sheoul-gra, sem uma boa condenada razão. Reseph era a sua razão. — Ela sorriu. — Além disso, Hades me disse que você fez alguma coisa para Reseph desaparecer.

— Aquele desgraçado de cabelo azul, — Reaver rosnou. — Como se dirigir o purgatório do demônio não o mantém ocupado o suficiente? Ele teve que me dedurar você?

— Ele tem que se divertir de alguma forma, eu acho. — Harvester bateu na mochila. — Eu trouxe roupas. — Ela passou-lhe um olhar travesso. — Não é que você deve colocá-los, coisa sexy.

Suspeita bateu em seu intestino. — Qual é a pegadinha?

— Sem pegadinha. — De pé ela abriu o zíper da mochila e atirou um par de calças de moletom rosa brilhante pontilhada com gatinhos em seu colo. Lá estava a pegadinha... Parecia estúpido. — Então, onde você enviou Reseph? Eu não posso senti-lo em tudo mais.

— Não estou lhe dizendo.

— Preciso saber. Ele está em perigo.

Agarrando o moletom pateta, Reaver bateu a seus pés. — O que quer dizer, ele está em perigo? Selo de Reseph foi reparado e ele não é mais Pestilence. A profecia de Daemonica foi frustrada.

Sempre havia duas profecias apocalípticas sobre os Quatro Cavaleiros, um catalogado por um livro sagrado e Daemonica, e um contabilizado na Bíblia humana. A diferença estava na forma como os seus selos iriam quebrar e que lado o Cavaleiro lutaria... Bom ou mau. Reaver ficou aliviado que apenas a "boa" profecia foi deixada, mas o que Harvester estava balbuciando enviou um tremor de alarme através dele.

— Tolo. Você sabe que as profecias podem mudar. O selo de Reseph pode não ser capaz de quebrar novamente até que a profecia da Bíblia trate de passar, mas os eventos do ano passado provocaram uma ruptura no que foi originalmente previsto. Os Cavaleiros são ainda

previsto para lutar ao lado do bem no Apocalipse bíblico. Mas...

Reaver rangeu os dentes. — Mas — Ele solicitou.

— Mas o lado mau da Reseph foi despertado quando se tornou Pestilence. Seu demônio não está morto. Está apenas preso.

— Eu sei. — E isso sabia realmente o que estava fazendo. Ele estava em posse de Wormwood, o punhal que poderia ter destruído Pestilence, mas teria matado Reseph também. Em vez de dar aos outros três Cavaleiros, ele os deixou usar Deliverance em vez disso, um punhal que eles tinham erroneamente acreditado que iria matar Pestilence. — É por isso que tomei a sua memória e o enviei para longe.

— Bem, eu recentemente recebi a notícia de quem está no poder que, quando as lembranças voltarem, se ele não for forte o suficiente pode ser submetido ao mal de novo...

— Pestilence poderia retornar — Reaver disse severamente. Droga. Supôs que deveria ser grato a Harvester por entregar as notícias, vendo como ele seria cortado do seu próprio Conselho Vigilante.

Mas não podia se dar ao luxo de ser grato por tudo que Harvester fez. Ela nunca iria perdoar uma dívida.

— Ele não terá os mesmos poderes se voltar — Ela disse — E ele não pode trazer o mesmo tipo de destruição a Terra que fez antes, pelo menos, não na mesma escala. Mas ainda pode espalhar pragas, doenças, e ainda vale dizer que pode traçar, perturbar a vida, levantar exércitos em preparação para o apocalipse bíblico. E isso significaria um Cavaleiro a menos para lutar com os moralmente corretos, no futuro.

Através de um filtro de ceticismo, Reaver considerou o que Harvester estava dizendo. — Você está brincando comigo, Fallen. Você só quer encontrá-lo assim você pode ajudar o lado mal dele a sair de novo.

— Confie em mim — Ela cuspiu. — Não quero que Pestilence mostre seu rosto bastardo tão cedo. Quero saber onde ele está para que eu possa impedir que aconteça.

Reaver quase acreditou. Ela odiava Pestilence, e ele não podia

culpá-la. Pestilence a tinha machucado de maneiras que até ela não merecia.

Ele puxou a calça de moletom. Elas eram ridiculamente apertadas, sem dúvida, graças ao senso de humor de Harvester. — Não posso te dizer.

— Você percebe que você violou uma regra Vigilante enorme, lançando-o fora daqui, certo? E por não me dizer onde ele está você está violando outra. Eu poderia castigá-lo.

— Sem dúvida você vai — Ele murmurou. — Mas não posso arriscar a dizer. Se o que você está dizendo é verdade e ninguém sabe que ele está fora no mundo, ele vai ter todo o mal estar em Sheoul atrás dele, todos tentando trazer Pestilence para fora. Se eles sequer suspeitarem que você sabe onde ele está, vão ser torturada para obter as informações.

— Ah, obrigado pelo carinho — Disse com um bater de cílios. — Mas posso lidar com isso.

Sim, tinha visto a forma como ela lidou com isso quando ele descobriu Gethel, ex Vigilante dos Cavaleiros do céu e um coração negro traidor, Harvester esteve sob spikes de teclans. Harvester foi quebrada.

— Falando de tortura, qualquer notícia sobre Gethel?

Os olhos de Harvester brilharam. — Há rumores de que ela se recuperou de sua surra e está em uma missão para encontrar Reseph e trazer de volta Pestilence.

— O quê? — Abaixo dele, o chão tremeu, a reação do gigante digerindo demônio foi rugir. — Você não poderia ter começado a conversa com, *Oh, ei você não matou Gethel*, em vez de *ela está tentando localizar Reseph para transformá-lo de volta em Pestilence*?

— Por quê? Não é como se você pode fazer nada sobre isso.

Ela tinha um ponto, mas ele não ia dizer isso a ela. — Como que ela sabe Reseph está fora do mundo? Será que Hades lhe disse, também?

Harvester alisou as mãos para baixo de seu vestido, como se a bainha colante estivesse incomodando. — Não tenho ideia. Só posso supor que ela ou Lúcifer tem espiões. Mas você pode apostar que não

vai manter o conhecimento em segredo. É por isso que estou aqui. Preciso encontrar Reseph antes que eles o façam.

Assim, a escolha vem para o mal ou... Mal. Incrível.

Reaver não estava preparado em considerar uma ou outra opção. O que precisava era de mais informações. E uma maneira de sair daqui. Agora, sua única esperança era jogar bonito com Harvester. Encontrar um terreno comum era provavelmente sua melhor aposta.

— Como é que os outros Cavaleiros estão indo? O que diz de Regan e qual o nome de seu filho? — Uma pontada de arrependimento o atingiu por não ter estado lá para ver o novo bebê antes de vir a Sheoul-gra.

— Eles estão todos bem, e Than e Regan chamam o bebê Logan Thanatos. — Harvester sorriu, e Reaver quase caiu. Ela realmente parecia feliz por eles.

Também percebeu que esta foi a primeira vez que eles tiveram uma conversa civilizada. Foi quase... amigável. Estranho, desde que Harvester em geral reagira a simpatia como uma cadela.

O grito de um demônio em agonia ecoou de algum lugar fora do esôfago da criatura que eles estavam dentro, lembrando-lhe que não importa a quão educada sua conversa estava indo, eles ainda estavam no inferno. — Com quem Logan se parece?

— Ele tem o cabelo loiro e olhos castanhos de Regan. Ele sorri muito. — Harvester girou uma mecha de cabelo em torno de seu dedo quando olhou para ele. — Vou tirar você daqui para ver se você me disser onde Reseph está.

— Não há acordo.

— Bastardo teimoso. — Ela brincou com as pontas do cabelo, escovando-os alegremente por o profundo vão de seu decote. — Tenho outra oferta. Se não aceitar, saiba que Azagoth vai me pressionar para atormentá-lo com mais do que conversa irritante. Ele está furioso que você lançou Reseph. Ele tinha sérios planos para fazer Pestilence pagar por torturar sua filha.

E essa foi uma das razões porque ele libertou Reseph. Azagoth, guardião do portão de Sheoul-gra, não se importaria que o macho preso aqui fosse Reseph, não Pestilence. Reaver não podia permitir

Reseph sofresse por atos do seu demônio.

Estreitou os olhos para a sua companheira Vigilante. — Qual é a proposta?

Lentamente, sedutoramente, Harvester lambeu os lábios generosos e intestino de Reaver torceu. — Sexo — Ela disse, com a voz toda seda e pecado. — Você concorda em me dar prazer na hora que eu escolher.

— O quê? — Ele piscou como um drogado. — Por quê? Você me odeia.

— Minhas razões são minhas. — Arrastou um dedo fino em sua garganta, continuando para baixo, até que estava acariciando o mamilo através do tecido translúcido do corpete de seu vestido. — Bem? Qual é a sua resposta? Dê-me sexo em troca de sua liberdade.

A ideia o fez querer vomitar. Mas não era como se estivesse rolando em opções. — Quando? Onde? E por quanto tempo?

— Quando eu quiser. Pode ser amanhã, pode ser em 200 anos. Onde? Vamos torná-lo justo e dizer que no reino humano, assim nenhum de nós tem uma vantagem de poder. Quanto tempo? Vinte e quatro horas humanas.

— E o que — Ele disse com os dentes cerrados — Você espera de mim?

Seus olhos brilhavam de fome. — Tudo o que quiser que você faça. Mas você deve saber que aprecio praticamente tudo. — Sua voz tornou-se um gutural, fala doce arrastada. — E aprecio especialmente uma língua talentosa.

Ele realmente ia vomitar. Fechando os olhos, considerou sua oferta e, no final, decidiu que 24 horas na cama com Harvester não poderia ser pior do que uma eternidade em uma câmara de tortura Sheoul-gra.

Provavelmente.

— Tudo bem — Grunhiu. — Mas apenas você. Sem trios, sem espectadores, e nada de comandos que não estão diretamente relacionados a... Dar prazer a você. — Ele mal conseguiu essas duas últimas palavras.

— De acordo. — Ela caminhou até ele e colocou a mão sobre

seu coração. — Um beijo para selá-lo.

Erguendo o rosto, Harvester inclinado à boca sobre a dele. Não tinha certeza do que esperar dela, mas os lábios macios e um sabor como água doce e rosa não era um deles. Nem a vaga sensação de familiaridade. Teria a beijado antes? Talvez quando foi mantido cativo em sua casa e sob a influência do vinho de medula?

Sua língua deslizou ao longo da costura de seus lábios, tudo bem, se ela queria jogar, jogaria. Ela pensou que estava roubando um beijo de um anjo, pensou que estava por cima.

Nunca. Agarrando seus ombros, ele a girou para parede e a prendeu com seu corpo. Suas asas queimaram altas, drapejaram na escuridão. Ela gemeu quando ele enfiou a língua em sua boca, tendo, em vez de dar.

— Você gosta de uma vida difícil, então, não é? — Ela murmurou contra seus lábios. — Posso fazer desse jeito.

A picada surpreendentemente agradável chiou através de sua boca, e então Harvester estava lambendo os lábios e língua. Saboreou sangue, sabia que ela o cortou com sua presa. Calor correu para o sul, mexendo seus lombos.

Isso não deveria acontecer. Odiava Harvester. Desprezava tudo sobre ela. E ainda... Maldita.

Antes que ela descobrisse a maneira do quanto o seu corpo respondia, beijou-a violentamente duro e deu um passo atrás, convocando todas as medidas de compostura gelada que tinha.

— Negócio fechado, — disse ele.

Os olhos de Harvester estavam vidrados enquanto limpava o sangue em seus lábios com as costas da mão. — Selado. — Sorriu piscando o brilho de suas presas brancas. — Agora, vou te tirar daqui. Mas lembre-se meu anjo. Quando chamar, você vem correndo. E se assegure de estar completamente vestido. Quero tirá-la eu mesmo.

Gethel ficou no topo de uma formação rochosa na Escócia, com o olhar focado no castelo à distância, sua metade inferior envolta em névoa. Sua visão aguçada vislumbrou dois anciãos Aegis, Lance e Omar, enquanto estavam ao sul da parede fumando cigarros.

Perguntava-se se eles estavam discutindo sobre ela, ela deu o suficiente para falar por um mês seguido. Tudo sobre, obviamente, como os enganou para fazer o seu lance.

Bem, o fato de que os Cavaleiros odiava o Aegis não era uma mentira, mas pode ter exagerado sobre quanto os Covaleiros planejavam matar os Aegis em retaliação ao papel deles na tentativa de matar o filho de Thanatos.

De tudo, o melhor para assustá-los e fazê-los segui-la cegamente. E por que não? Ela era um anjo, depois de tudo.

Mechas gêmeas de fumaça subiam dos cigarros dos anciãos, dissipando-se rapidamente na brisa refrescante. Quase podia sentir o cheiro do tabaco e sua boca encheu de água. O tabaco era um prazer distintamente humano e demoníaco, e como tal, a maioria dos anjos voltava seus narizes a favor do vento da fumaça. Mas, em sua reunião de ontem com Lúcifer foram oferecidas uma infinidade de drogas pecaminosamente decadentes, bebidas e alimentos e não houve nenhuma maneira que pudesse recusar. Não quando Lúcifer, o braço direito de Satanás, insistiu.

O cigarro representava mais um passo para um caminho a partir do qual não podia voltar, e cada passo era outra faca em sua alma.

Passou três meses negando que ajudou Pestilence, realmente foi tão ruim, mas a cada novo pecado, cada ação que tomou contra o Céu, começou a se afundar.

Ainda assim, sentiu como se estivesse montando a linha entre o bem e o mal, mas ainda tinha que saltar em uma das piscinas com os dois pés. Como prova que não era de toda ruim, não havia revelado a localização da sede Aegis para as forças do inferno... Talvez porque sempre apoiou a causa de assassinar demônios. Por milhares de anos, eles foram tudo o que ficou entre demônios e seres humanos, e respeitava os seus sacrifícios impressionantes.

Isso, e por agora, o Aegis não tinha ideia de que tomou algumas voltas em jogar para a equipe do mal. Ainda acreditavam que era um anjo celestial e ela supunha que fosse verdade. Nenhum de seus irmãos angelicais a encontrou, um tentou, rasgou as asas em suas

costas antes de ser suspensa e chutada direto para Sheoul.

Seus crimes não iriam lhe dar uma parada no meio do caminho, o reino humano, o lugar para onde a maioria dos anjos caídos em desgraça faziam sua escolha, para tentar ganhar o seu caminho de volta para o céu, ou entrar no inferno e tornar-se irreversivelmente mal, um verdadeiro caído. Não, como Reaver apontou durante sua batalha há três meses, ela estava caída... Simplesmente não tinha perdido suas asas.

Reaver era um bastardo desagradável.

Isso tudo foi culpa dele. Caso se recusasse substituí-la como Vigilante Celestial dos Cavaleiros, não teria crescido raiva. Não teria conspirado contra ele e os Cavaleiros, trabalhando com Pestilence e Lúcifer. Como tinha os Arcanjos pensado em nomeá-lo? Reaver, que já fez algo tão flagrante, que haviam apagado o seu passado de sua memória e de todos os anjos na existência? Reaver, que havia desobedecido a muitas regras para contar e foi despojado de suas asas apenas trinta anos atrás?

Sim, ganhou suas asas de volta, salvando o mundo de algum pesadelo idiota, mas ficou claro para ela mesmo assim, quando lhe concedeu seu status de anjo, que pouco havia mudado. Ele ainda era o mesmo arrogante, tolo desafiador que sempre foi.

Ele ia pagar pelo que fez com ela. Pelo que a forçou a fazer. Mas primeiro, precisava encontrar Reseph.

Fechando os olhos, virou o rosto para o céu e repetiu um feitiço de chamado que sabia de cor. Já tinha feito o sacrifício adequado, embora tivesse doído fazê-lo, um virgem humano do sexo masculino e uma fêmea humana grávida. Agora só precisa esperar que o agente de sua intimação comparecesse.

Quando o fez, mal evitou recuar.

A criatura, sua carne escorrendo pendurada em tiras irregulares em seu corpo esquelético e cheio de vermes, materializou-se diante dela. Ele estalou seus dentes afiados e o som perfurou seus tímpanos como uma lâmina.

— Anjo bonito. — Sua voz borbulhava como se estivesse falando através de óleo. — O que eu posso te dar hoje?

— Preciso de Khnives e Soulshredders.

A criatura chiou. — Soulshredders não faz sem licitação.

— Eles vão fazer neste momento. — Ela fez uma pausa, tomando um momento para apreciar o ceticismo nos remelentos olhos amarelos do demônio. — O mestre, Pestilence, está em algum lugar no mundo, e eles precisam encontrá-lo.

— Mentira — A criatura rugiu. — Pestilence está morto.

Usando uma corrente de poder Celestial, Gethel esticou suas asas e saiu do chão ao passar sobre o demônio. — Os anjos não mentem desgraçado patético. — Sua voz ressoou como um trovão, e o demônio se encolheu. — A vida de Pestilence está presa dentro do corpo de seu irmão, e cada Soulshredder em Sheoul precisa procurar por ele. — Os *khnives*, horríveis criaturas gambás, podem ajudar também... Que se destaca no trabalho de espionagem.

O demônio balançou a cabeça com veemência. — Um resgate.

— Exatamente. — Gethel cortou sua fonte de energia Celestial, pedindo que ninguém a tivesse percebido enquanto estava conectada, ou se tinham, que a ligação fosse muito fraca ou muito breve para rastreá-la. Para estar segura, precisava ficar longe daqui. — Fora você — Disse ela, espantando o demônio para longe com um movimento da mão. — Diga ao Conselho de Soulshredder. Quero Reseph encontrado e se eles têm que torturar e matar todo mundo que significa algo para ele, é um preço que estou disposta a pagar.

Pagar? Ver entes queridos de Reseph morrer seria um bônus.

CAPÍTULO 04

Jillian levou o seu tempo na limpeza da cozinha, permitindo Reseph uma oportunidade para se descontraír. Parecia tão triste e confuso e ao mesmo tempo em que não o conhecia muito bem, seu coração quebrou por ele.

A TV da sala de estar soou e quando finalmente terminou na cozinha, encontrou Reseph relaxado em seu sofá, pés em cima da mesa de café, com Doodle ronronando em seu colo. Estava olhando as fotos na parede, deslizando sobre a natureza das obras de arte e concentrando-se nas suas fotos de paraquedismo e esquí. Costumava ser boa para essas coisas antes que os demônios vieram.

Jillian acenou para o gato. — Ele gosta de você.

Ficou ali, hesitante em tomar assento ao lado de Reseph, mas o sofá era o único lugar para sentar. Retirou a velha e maltrapilha poltrona reclinável de seu pai para a adega há alguns meses. Sua mãe há anos se queixava sobre a coisa, dizendo que estava apta apenas para o aterro sanitário local, e enquanto Jillian concordava, não podia suportar essa parte. Ainda não.

Reseph passou a mão nas manchas marrom do pelo do gato, em traços largos. — Qual é seu nome?

— Doodle.

— Doodle. — Ele fez uma careta. — Não é à toa que é tão amigável. Ele está me pedindo para chamá-lo de algo como Fang, ou Caos, ou Styx. — Deu um tapinha na almofada vazia ao lado dele. — Sente-se. Não vou morder. — Um sorriso arrogante acompanhado de um abanar de suas sobranceiras. — A menos que você gosta desse tipo de coisa.

Suas bochechas queimaram com a imagem espontaneamente dele beliscando seus pontos sensíveis. — Você gosta desse tipo de coisa? Quero dizer, acha que você faz?

Sua voz se tornou fluida. Rica. Decadente como o inferno. — Sei que faço. — Coçou o queixo de Doodle. — Veja, sei algumas

coisas.

Agora estava queimando tudo, quando afundou no sofá, colocou o máximo de espaço entre eles como podia, sem parecer que estava tentando. Ainda assim, ele sabia, atirando-lhe um olhar divertido antes de voltar sua atenção para a TV.

— Então o que está acontecendo no mundo? — Ele apontou para o âncora da CNN falando sobre os esforços de recuperação em Sydney. — O que aconteceu na Austrália?

Oh Deus, nem sabia sobre isso? Como podia ser uma folha em branco? Algum medicamento era mesmo possível?

Enfiou uma perna debaixo dela e ficou confortável, porque isso ia ser uma conversa muito desconfortável. — Qual a última coisa que se lembra sobre o mundo?

Doodle cutucou a mão de Reseph, claramente não estava feliz que o seu novo melhor amigo tinha parado de acariciá-lo. — Não me lembro de qualquer coisa antes da neve.

— Ok, qual é a última coisa que soube, — perguntou. — Como, sabe quem é o presidente?

— De que país?

— Os Estados Unidos.

Ele franziu a testa. — Não tenho nenhuma ideia.

— Quem é o último que se lembra?

— Washington. — Parecia orgulhoso de si mesmo por lembrar alguma coisa, e ela odiava ter que esmagá-lo.

— Você não podia se lembrar dele — Ela disse baixinho. — Ele está morto há mais de duzentos anos.

Jogando a cabeça para trás, Reseph baixou as pálpebras e concentrou. — Tenho outros nomes em minha cabeça, mas não posso identificá-los. Como Napoleão, Hitler e Azagoth. É como ter todas essas peças do quebra-cabeça na minha cabeça, mas não posso juntá-las. — *Azagoth*? Ele proferiu uma maldição suave e abriu os olhos. — Desisto. Então, o que aconteceu que a notícia mostra o país destruído? E por que eles têm falado sobre colapsos econômicos e recuperações? E apocalipses.

— Porque até três meses, o mundo estava sob o cerco de

demônios. — A última palavra saiu como um sussurro quebrado.

Isso ainda não parecia real, e ao mesmo tempo, muito *real*. A mão de Reseph parou nos ombros de Doodle. — E agora não está?

— Felizmente, não. De repente, os demônios em todo o mundo foram queimados em cinzas ou desapareceram. As pessoas estão chamando de WV-Day⁽³⁾, Dia Mundial da Vitória. Todos os governos estão tomando crédito para o WV-Day, mas ninguém pode dizer por que ou como tudo aconteceu. — Teorias da conspiração estavam fora das cartas, no entanto. Havia tantos rumores por aí como havia árvores em sua propriedade.

— Todos os demônios estão fora?

— Essa é a história. — Deus, ela esperava que fosse verdade. Avistamentos ainda foram relatados, mas as autoridades afirmaram que nenhum avistamento de demônio desde WV-Day foi fundamentado e que as pessoas provavelmente estavam apenas vendo coisas.

Ele inclinou a cabeça para ela. — Você viu alguns demônios?

Um calafrio deslizou por sua espinha ao lembrar que nunca conseguia ficar longe, não importa quão profundamente se enterrasse nesta floresta. — Muitos.

Ela começou a se levantar, mas a mão de Reseph estalou e circulou seu pulso. — É por isso que você vive aqui no meio de nada? Então, os demônios não vão encontrá-la?

Jesus. Será que ele via através dela tão facilmente? Muito deliberadamente ela retirou os dedos de seu braço. — Tenho que verificar os animais. — Ela praticamente correu para a porta e enfiou os pés em suas botas. Estar lá fora no escuro, mas tanto quanto odiava a noite, odiava o assunto ainda mais.

— Jillian. — O tom suave, mas com comando a congelou quando estendeu a mão para a maçaneta da porta. — É estranho, não é, como eu não me lembro de qualquer coisa e você se lembra de muito.

— Eu acho — Ela disse calmamente — talvez você tenha o melhor negócio.

Reseph sentou-se com o gato por alguns minutos depois de Jillian sair. Ainda estava tentando processar o que ela disse sobre demônios. Não era que achasse difícil acreditar, ao contrário, parecia perturbadoramente familiar. E quase... Casual. Como se demônios fossem parte da vida cotidiana, mas não poderia ser o caso, porque mesmo com sua memória perdida, estava certo de que a maioria dos seres humanos não eram familiarizados com demônios antes de seu aparecimento.

E por que diabos estava pensando sobre os seres humanos como se ele não fosse um deles?

Frustrado com a direção de seus pensamentos, gentilmente cutucou Fang-Doodle de seu colo e se dirigiu até o celeiro para ver o que Jillian estava fazendo. Não importava que ele não tivesse sapatos ou um casaco. Ele só foi. O frio lhe bateu como um milhão de pequenos pingentes de gelo, mas

ignorou a dor enquanto se arrastava pela neve, seguindo seus passos em direção ao celeiro, que foi delineado em traços leves de luz que escapava por entre as ripas de madeira e janelas pequenas.

Era bom sair de casa e em campo aberto. A cabana de Jillian era aconchegante, mas confinante, demasiadamente casa-e-lar para ele. O que o fez se perguntar como vivia normalmente.

O som de tiros quebrou seus pensamentos. Jillian. Correu pelo caminho, coração acelerado tão rápido quanto seus pés. Derrapou em todo o lado do celeiro e quase fez bater o corpo na cerca em torno de um galinheiro. Jillian estava a poucos metros ao lado de uma dispersão sangrenta de penas, um rifle na mão, olhando para a floresta.

— O que aconteceu? — Ele veio por trás dela, seus sentidos em alerta máximo se concentrando sobre a floresta ao seu redor.

— Marten⁽⁴⁾, — Ela murmurou. — Essa coisa maldita pegou uma das minhas galinhas. — Maldição, virou-se para ele com o cabelo despenteado pelo vento chicotando em suas bochechas. Sua respiração, visível no ar frio, estourando como vapor, quando ela olhou para seus pés descalços. — Volte para casa! Você quase congelou até a morte, e agora está aqui fora sem roupa? O que você

está pensando?

Ele bufou. — Tenho mais roupas do que quando você me encontrou. Além... — Parou quando um formigamento de consciência satirizou sobre sua pele. Algo esvoaçando em sua visão periférica, uma sombra escura fundida entre as árvores, por onde a marten desapareceu.

Um grunhido retumbou desagradável como se viesse de todo o seu redor, o som de uma pedra rolando pela encosta de uma montanha.

Sem pensar, Reseph rastreou todo o quintal, seu foco estreitou e afinou, com o coração batendo forte, seu corpo duro e preparado para a batalha.

E, se deu conta que estava em marcha, sexo.

Putá merda estava duro, como se tivesse acabado de passar meia hora engajados nas preliminares e agora estava prestes a se afundar na mulher quente e disposta. Jesus, que tipo de maluco era aquele que se preparava para uma possível luta com tesão?

— Reseph!

A voz de Jillian pulsava através dele, adicionando combustível a queima em suas veias, mas não poderia voltar para ela, não agora, quando violência e desejo estavam ambos guerreando apenas sob a superfície de sua pele.

O cheiro metálico de sangue bateu nele e rapidamente os impulsos violentos derrubaram o sexual.

Lá. Movimento. Com um grunhido, arrancou um galho caído, um toco e agarrou a criatura de olhos lustrosos por trás, pela nuca. O demônio sussurrou, seus dentes afiados encaixou sangue respingado em sua pele.

— Seu pequeno... — Reseph olhou. — Marten. — Não é um demônio. A fuinha olhou para trás, o medo brilhando em seus olhos escuros.

Exagerou muito?

— Reseph!

— Merda. — Deixou cair a criatura na neve e a assistiu pular fora, perguntando-se por que diabos sentiu perigo.

Sentindo-se como um idiota, correu de volta do jeito que veio. Correu um bom pedaço de uma milha em busca da doninha, e por quê? Jillian ia pensar que ele estava louco. E pode estar certa.

Pelo menos, o desejo enlouquecedor tinha aliviado. Mas então, a humilhação tinha um jeito de esvaziar o pau, não é?

Ela estava em pé na borda da floresta, sua expressão mudando de raiva em direção a preocupação quando ele surgiu. — Mas que diabos? Por que você correu desse jeito? Você me assustou até a morte.

Suas bochechas aquecidas. — Ah, sim... Desculpe. Vi alguma coisa.

— O que foi?

Provavelmente não é uma boa ideia admitir que pensasse que estava perseguindo um demônio. — Um animal. Acontece que foi uma Marten.

— Você pegou a Marten? — Seu olhar caiu para suas mãos que estavam sujas de sangue.

— Você a matou?

Agachando-se, limpou as mãos na neve. — Eu a deixei ir. O sangue provavelmente é do frango.

— Vocês a soltou? Você percebe que estão matando as minhas galinhas.

Reseph entendia a frustração de Jillian, mas sentiu pena da criatura. Ela estava com medo, e em algum lugar em seu interior entendeu ainda mais. — Ela está apenas tentando sobreviver.

Ela balançou a cabeça. — Reseph, você não pode sair correndo para a floresta assim. Especialmente sem sapatos.

— Sapatos são superestimados. — Ele se dirigiu para o celeiro, ignorando suas maldições. Se quisesse levá-la a sério tinha que deixar as palavras voarem, ela realmente precisava trabalhar em seu vocabulário. — O que você tem aqui?

— Reseph. — Atrás dele, Jillian bufou com irritação. — Estou falando sério.

— Também quero saber o que você guarda no celeiro. — Estava aquecido relativamente. Duas lâmpadas acesas no único

edifício de seis estábulos, e, quando atravessou a palha limpa, inalou o cheiro familiar de cavalo. Por alguma razão, sua tatuagem coçava. Era alérgico a cavalos? À frente, a partir da última tenda, um grande cavalo baio e branco olhou o divisor para ele.

— Obviamente, tenho um cavalo. Também tenho cabras. — Jillian parecia toda irritada, o que era bonitinho. — Elas estão nas duas primeiras baias.

Com certeza, espiou para dentro, quatro cabras em uma, e três na outra. — Leite ou a carne?

— Leite. Vendo as crias para um fazendeiro local. Eles também mantêm minha propriedade livre de mato.

— E os porcos? — Ele olhou por cima dos trilhos da terceira e quarta baias. Uma das porcas preto-e-branco estalou para ele.

— A mesma coisa. Bem, sem o leite.

Reseph olhou para Jillian, lembrando que seu cabelo ainda estava adoravelmente despenteado. Maldição, era atraente. Tinha certeza de que nunca foi atraído por mulheres que não usam maquiagem e que se vestia com roupas de fazenda, mas algo sobre o frescor de Jillian, a beleza natural o fazia querer ir mais fundo. Falando nisso... — Você come qualquer uma dessas coisas?

— Algumas das galinhas — Ela disse com um encolher de ombros — Mas elas são em sua maioria para os ovos.

— E o cavalo?

— Nunca iria comer um cavalo. — Sua voz estava atada com uma provocação de falsa indignação.

Ele pensou sobre a tatuagem em seu braço e lhe atirou uma piscadela. — Você lamperia um?

— Lamber? — Confusão colocou uma expressão suave no rosto durante meio segundo, e então ela revirou os olhos. — Não, eu não lambo cavalos ou tatuagens. — Ela apontou para seu cavalo castrado. — Sammy me ajuda com transporte pesado transportando e montaria além da cerca.

Sammy? E Doodle? Estava determinada a fazer todos os seus animais fugir, não estava? Um cavalo precisava de um majestoso nome, como Conquista ou Batalha. — Qual o tamanho da

propriedade que você tem?

— Duzentos hectares. — Jillian pegou alguns grãos de uma caixa de armazenamento. — Estávamos habituados a ter mais, mas meus pais venderam trezentos antes que foram mortos.

Ele fechou a tampa da caixa de grãos enquanto caminhava para baía de Sammy. — Pelos os demônios?

— Não, graças a Deus. — Ela jogou a comida no balde de grãos pendurado para o cavalo. — Meu pai era um piloto. Ele e minha mãe foram voar em seu avião ao redor da montanha, quando ele teve um ataque cardíaco. O avião caiu cerca de 20 milhas daqui.

— Sinto muito. Isso deve ter sido difícil.

— Foi. — Ela olhou para seus pés. — Você realmente precisa voltar para a casa. Não o salvei para que você possa se congelar por andar descalço no meio do inverno.

— Esqueça — Ele disse. — Vou te ajudar com os animais. Assim você termina mais cedo e eu posso voltar para casa mais rápido.

Ela bateu a colher de grão no respectivo suporte, com um pouco mais de força do que o necessário, e ele praticamente podia sentir o cheiro de frustração dela. — Não.

— Vamos lá — Ele persuadiu.

— Não significa não. — Curvou-se, deu-lhe uma bela olhada quando pegou o rifle que estava encostado na parede.

Engoliu em seco, e cada gota de sangue em seu corpo foi para o sul em uma corrida quente. Quanto tempo fazia desde esteve ereto, suado e teve sexo alucinante? Inferno, quando foi a última vez que teve qualquer tipo de sexo? Parecia uma eternidade, como se o sexo fosse mais do que um bom momento para ele. Este impulso primal profundo era algo que foi para o seu próprio núcleo. Parecia loucura, mas não podia afastar a sensação de que o sexo era uma necessidade, talvez para sua própria sobrevivência.

Ele deu um passo lento para ela, sua libido o puxando como se estivesse em uma coleira e Jillian estava segurando a alça. Mas pela a segunda vez ela endureceu. Ele parou, embora cada instinto estivesse gritando com ele para continuar se movendo em direção a ela.

— Eu te assusto? — Ele perguntou asperamente.

Não havia a menor hesitação quando ela pendurou a arma em um suporte perto da primeira tenda. — Se me assustasse teria um a policial aqui agora.

Estava blefando. A polícia não poderia vir até a montanha em função da neve. Ela disse isso quando mencionou chegar à cidade mais próxima.

Uma coruja piou em algum lugar no meio da noite, e o olhar de Jillian correu para a escuridão lá fora. Por uma fração de segundo, as sombras de medo cruzou sua expressão, e então, como se estivesse em uma conversa vital, jogou os ombros para trás e abriu um silo que ele achava que poderia ser comida cabra.

— Não vou te machucar, Jillian. — Sentindo que precisava de um momento de relaxamento e inferno, assim o fez, caminhou em direção à porta, a palha esmagada sob seus pés. — Eu prometo a você.

Ela não disse nada quando ele saiu para a neve e se dirigiu para a cabana. Homem desejou que ela tivesse cerveja. Poderia tomar uma agora. Ou uma margarita. Ou uma piña colada, ou... Ele parou tão rápido que escorregou e quase caiu em sua bunda. Algo estava olhando para ele. Novamente. Desta vez, porém, a sensação de estar sendo observado foi acompanhada por uma perturbadora agitação interna, como se algo, uma nuvem oleosa ondulasse em sua alma.

Girando, rastreou a sensação externa, e lá, nas profundezas das sombras, olhos vermelhos olhando para ele das árvores. Não era a Marten, esses olhos estavam nivelados com o seu.

Olharam, sem pestanejar, por um segundo e então foram embora, levando com eles a escuridão estranho dentro dele.

Mas que diabos? E por que diabos a pele do seu antebraço moveu? Assustado, olhou para a tatuagem de cavalo espreita sob a manga enrolada. Jurou que uma das patas da frente mexeu, a outra elevou em uma empinar. Agora, ambas as patas estavam retas, como se o cavalo tivesse pisado o seu casco.

Primeiro a coisa na floresta e agora o cavalo. Estava perdendo a cabeça?

— Reseph?

Não se virou para Jillian. E se a loucura que estava sentindo

mostrasse em seu rosto? — Sim?

— Por que você realmente decolou para a floresta?

Ele deu de ombros. — Pensei que eu ouvi um grunhido. Devia estar ouvindo coisas.

— Não, ouvi isso também.

— Você ouviu? — Graças a Deus e oh merda. Não estava ficando louco, mas realmente pode ter uma presença maléfica espreita nas proximidades. — Vá para dentro. Há algo perigoso aqui fora.

— Não acho que seja necessário.

Finalmente, se virou para ela. — Por que não?

Houve um momento de silêncio e então Jillian disse algo que lhe gelou os ossos. — Porque foi de você, Reseph que o rosnado veio.

CAPÍTULO 05

Até o momento que Jillian voltou para dentro da casa estava apenas um pouco assustada com o que aconteceu lá fora. Assim, quando começou a pensar que Reseph não era o tipo de cara para se preocupar, ele sente algo na floresta e se transforma no que ela só poderia descrever como um predador. O mais assustador foi que a mudança foi mais do que comportamental, foi física. A partir do conjunto de sua mandíbula e o brilho de suas narinas para o brilho de seus dentes e jurou que havia um brilho em seus olhos, se tornou algo que nunca queria encontrar em um beco escuro.

Inferno, evitaria em um beco iluminado.

E esse rosnado. Querido Deus, o som horripilante que fez levantou todos os cabelos na parte de trás de seu pescoço.

E ainda assim, quando ele caminhou para o celeiro poucos momentos depois, todos os vestígios do homem que rosnou como um animal correndo para floresta e voltou com sangue em suas mãos foi embora.

Olhou para costas largas do Reseph enquanto estava na frente do fogão à lenha, a cabeça baixa. Ele despiu a camisa, deixando-a em uma pilha bagunçada no canto. Ela mal podia estar incomodada, porém, ele estar sem camisa a provocava, pois tinha uma visão do corpo masculino mais perfeitamente esculpido já viu. Antes de seu episódio de amnésia, ele devia ter passado muito tempo no ginásio.

Tipo, muito.

— Ei. — Ela pendurou o casaco e saiu de suas botas. — Você está bem?

— Sim. — Para estar bem, a voz de Reseph estava fora, permeada por uma raspagem subjacente de cascalho. — Eu te assustei?

— Talvez um pouco. — Seus ombros caíram e sua cabeça afundou mais baixo. Ela se sentiu como se tivesse acabado de chutar um cachorro. — Reseph, não estava medo que você me machucar —

Ela disse, percebendo que era verdade. Ele a assustava, mas não porque estava com medo dele. Ela era medo de quem ele cruzou.

Não pretendia cruzar isso.

Caminhou pelo chão de madeira parando a poucos centímetros de distância. Sem pensar, colocou a mão suavemente em sua parte inferior das costas. Sob a palma da mão, os músculos rígidos contraíram. — O que há de errado?

O fogo crepitou por um longo tempo antes que ele finalmente disse: — Eu me assustei.

Virou-se pegando a mão dela antes que ela pudesse cair. Sua mão quente envolveu dela. Era muito maior do que ela, e supunha que em circunstâncias normais, ela pode se sentir intimidada, mas esta não era uma situação normal, e Reseph estava longe de ser um homem normal.

— Você estava com medo de me machucar? — Ela perguntou.

Reseph olhou para a mão dela, seu polegar fazendo varreduras lentas sobre seus dedos. — Não... Intencionalmente. — Ele levantou seu olhar, seus olhos queimando os dela. — E é isso que me assusta. Agi sem pensar. Nem eu mesmo soube. Não sei de nada e acho que poderia ser um louco.

Uma vez, enquanto Jillian estava a pronto para entrar no turno da torre de controle de tráfego aéreo, assistiu a um pequeno jato particular cair na pista e explodir em chamas. Em um movimento nauseante e lento, viu o movimento dentro da nave quando os passageiros tentavam freneticamente sair. O desamparo que sentiu ainda a assombra até hoje, e agora um sentimento semelhante estava apertando seu coração. Não tinha ideia do que dizer ou fazer para fazer as coisas direito.

— Gostaria de poder ajudar mais — Ela disse em voz baixa.

— Você está brincando? — Reseph estendeu a mão, acariciando a ponta dos dedos quentes em seu rosto em uma carícia suave que assustou o inferno fora dela. — Você já fez muito. Se viver mil anos, não vou ser capaz de reembolsá-la. — O polegar viajou ao longo da linha de seu queixo enquanto segurava-a com seu olhar. Ela nem sequer considerou afastando-se dele. O funcionamento atual

hipnótico entre eles a segurou lá.

Como poderia ser tão atraída por um maldito estranho? Então, novamente, experimentou atração instantânea para seu ex-noivo quando o conheceu, embora nada parecido com o que estava acontecendo com Reseph. E, em seguida, Jason provou que os homens poderiam ser um enigma, totalmente desconhecidos, mesmo depois de estar apaixonada por ele por um ano.

A memória foi um esguicho muito necessário de água fria, e se afastou Reseph.

— Você não precisa me pagar. Não fiz nada que qualquer pessoa decente não faria. — Ela sorriu, na esperança de aliviar o humor um pouco. Ou, pelo menos, obter o seu pulso de volta ao normal. — Agora, por que você não dorme um pouco? Você pode ficar com a minha cama.

Uma sobrançelha loira ergueu. — Você estará nela também?

— Ah, não. Vou ficar no sofá.

Ele balançou a cabeça. — Se não puder estar na cama com você, quero o sofá.

O homem era impossível. — Não vai caber no sofá. Confie em mim, vou ficar bem lá.

— Não. — Num piscar de olhos, pulou sobre o braço do sofá e esparramou sobre as almofadas, pernas penduradas sobre a borda, mãos atrás da cabeça. — Meu. Você não pode me mover.

Então ha-ha. — Você é como uma criança grande, sabe disso?

O sorriso dele era tão desarmante que teve que morder de volta seu próprio sorriso. — Há uma coisa que pode me fazer mudar.

Ela cruzou os braços sobre o peito e convocou cada grama de teimosia. — Não. Nós não estamos dormindo juntos.

— Não estava pensando em dormir.

Não só era impossível, ele não tinha filtro, sem inibições e sem senso de limites sociais. Talvez fosse algum tipo de exagerado, príncipe mimado ou herdeiro rico. Mas não mostrava nenhuma das características que seria de esperar para ir com um espetáculo desse estilo de vida. Não era exigente, esnobe, ou titulado. Parecia tão desprotegido e inocente. Era revigorante realmente.

Não revigorante o suficiente, no entanto, para ceder ao seu desejo de levá-la para a cama.

— Vou te dar alguns cobertores — Disse secamente, e se dirigiu para o armário de linho, o som de sua risada suave em suas costas.

Mas a risada era muito melhor do que um grunhido.

Reseph era uma dor enorme na bunda. Mas Jillian gostava de sua personalidade peculiar, quando pensou que há muito tempo teve o suficiente de personalidades excêntricas e intensas em seu antigo emprego. Controladores de tráfego aéreo é uma raça própria.

Assim era Reseph. Depois que lhe deu os cobertores e travesseiros, subiu na cama, mas duas vezes chegou a observá-lo, como se ele fosse uma criança doente com a gripe. Ambas às vezes ela o encontrou do lado de fora na varanda, olhando para a escuridão, uma sentinela silenciosa durante a noite. Quando perguntou o que estava fazendo, disse que precisava sentir o ar e espaço aberto.

Teve a impressão de que se sentia preso na casa. Inquieto. Mas também teve a sensação desconfortável de que observava alguma coisa. O que, não sabia, e não tinha certeza se queria saber.

Esta manhã o deixou dormir enquanto fez café da manhã, e quando colocou as panquecas, ovos e bacon em cima da mesa, se distraiu com o peito nu e com o cabelo despenteado do sono. Deus era lindo de manhã. Havia algo adicional convincente sobre um homem grande, poderoso, que parecia ligeiramente mais vulnerável momentos depois que acordou.

Não que a sonolência tomasse nada do ar letal que cercava Reseph. Já sabia que, se a situação chamasse por ele, poderia encaixar no modo de batalha em menos tempo do que levava o seu coração para fazer uma única batida.

À luz do dia, a ideia era muito menos perturbadora do que foi na noite passada.

— Ei — Ela disse, e ele deu um sorriso sonolento que fez sua cabeça girar.

— Ei — Ele sentou a mesa, e seus olhos se iluminaram. — Encantador. Eu amo bacon. E panquecas. E ovos. Todos os meus

favoritos. — Seu sorriso cresceu mais amplo. — Você não tem se dar o trabalho, mas estou feliz que você fez.

— É bom ser capaz de cozinhar para alguém. — Ela sentou-se e fez um gesto para a tigela de Reseph, que ela tinha colocado na mesa perto dela. Ele moveu para o canto ao lado dela. — Minha amiga Stacey vem algumas vezes, então cozinheiro para ela, mas ela é a única.

— Stacey? — Pegou alguns ovos em sua tigela, e ela tentou não se distrair com a maneira como seus bíceps moviam sob sua pele lisa muito bronzeada. — Ela é gostosa? Como você?

Calor corou suas bochechas. — Você acabou de dizer o que está pensando, não é?

— Não... Se dissesse o que estava pensando agora, você jogaria sua tigela em mim.

Ele provavelmente estava certo. Olhou para seu peito musculoso e abdômen liso, e seu corpo zumbia em apreço. Bem, talvez ele estivesse certo.

— Portanto, esta Stacey — Ele disse, enquanto carregava suas panquecas com manteiga e xarope. — Você a vê com frequência?

— Por quê?

— Porque você não deve ficar sozinha.

Sua resposta a surpreendeu. — Você acha que preciso de proteção contra alguma coisa? — Como talvez o que ele estava procurando na varanda. — Acha que não posso cuidar de mim mesma?

— Oh, inferno, não. Vi você com o rifle. — Olhou para ela e sua voz foi um entalhe mais profundo. — Foi muito gostoso. Amo uma mulher durona.

Ela riu. — Adoro ser chamada de durona. — Olhou para ele com curiosidade quando ele tomou uma mordida enorme de ovos. — Então, por que não deveria estar sozinha?

— Porque você é uma pessoa boa. Deve compartilhar isso com pessoas que precisam de alguém como você em suas vidas. — Ele pegou seu copo de suco. — Como eu. Mais uma vez obrigado por tudo.

— De nada. — Seu pulso acelerou tanto o elogio... E culpa. A

estrada estaria liberada esta manhã, e estava pensando em levá-lo para o posto do xerife. Por que deveria se sentir culpada, não tinha ideia. Talvez porque uma boa pessoa iria mantê-lo.

Mantê-lo... Como se ele fosse um cão vadio. Bom. Se fosse um cão vadio, iria ficar com ele. Mas ele precisava de ajuda que não podia proporcionar.

E não podia se dar ao luxo de ficar afeiçoada.

Eles comeram em silêncio por um minuto, que foi o suficiente para ele terminar seis panquecas, como muitos ovos e meio quilo de bacon. Por fim, ele veio falou.

— Posso usar o computador? — Ele perguntou. — Quero ver se posso encontrar qualquer coisa que possa me ajudar a descobrir quem eu sou.

Sua panqueca caiu como um peso de papel em seu intestino. — Na verdade, vou te levar para a cidade hoje. Estou esperando que nós possamos obter alguma ajuda do posto do xerife. Mas primeiro você precisa de algumas roupas de verdade, por isso vamos até a loja de departamento de Bernard.

— Prometo pagá-la de volta quando descobrir quem eu sou. — Ele recostou-se na cadeira, parecendo satisfeito. Contente. Mas não menos perigoso. Como um tigre que acabou de ser alimentado. — Preciso ter dinheiro em algum lugar.

— Não se preocupe com isso. — Ela o parou. — Agora, vou cuidar dos animais, e vamos depois disso. Sinta-se livre para tomar banho, se quiser.

Um músculo pulsou em sua mandíbula, e se preparou para uma resposta sugestiva. — Vou te ajudar com as tarefas hoje à noite, no entanto, ok?

Bem, merda. Preferiria uma de suas sugestões abertamente sexuais. Ofereceu-lhe um sorriso trêmulo, porque não tinha certeza de que ele voltaria com ela. Ele não pertence aqui, e havia um perfeito bom abrigo onde poderia ficar na cidade, enquanto a polícia descobrisse quem ele era.

Cuidou dos animais no celeiro e galinheiro, e pelo tempo que reuniu uma dúzia de ovos para deixar na casa dos Wilsons na estrada

e teve seu caminhão aquecido, Reseph estava pronto. Desejou ter sapatos para ele, mas ele não parecia se importar. Simplesmente pulou para o lado do passageiro da picape e ligou o rádio, selecionando uma estação de música country, enquanto dirigia as 30 milhas para a cidade.

— Não sei por que — Ela disse — Mas eu tenho pensado em você como um cara do rock.

— Parece que meu cérebro está cheio de letras de música country. Não tanto quanto o rock. Bateu os dedos em suas coxas com a batida da música e estudou a paisagem como se estivesse mapeando cada árvore, cada poste.

— Vocês sabem como decorar — Reseph disse, quando ela virou o caminhão para a Main Street. — É como se estivéssemos no Polo Norte. — Moveu-se em torno do assento de modo que recostasse contra a porta, uma perna em cima do banco, como se pertencesse ali ao lado dela. Caramba, mas não podia pensar dessa forma. — Precisa de decorações de Natal em sua casa. E uma árvore.

Dirigiu o veículo em torno de uma esquina coberta de neve. — Parece meio sem sentido.

— Não gosta da festa?

— Eu amo. Mas quando sou só eu e Doodle, não há muito sentido em fazer todas as coisas de festas. — Stacey sempre a convida para a casa de sua família no dia de Ação de Graças e o Natal, por isso realmente parecia um desperdício de tempo decorar sua própria casa. Estacionou na loja de departamento e desligar o motor. — Por que não fica aqui enquanto corro e pego algumas roupas para você?

— Não. Estou bem. — Reseph saiu do caminhão. Não importou se estava de pijama e descalços... Ignorou a olhares curiosos e entrou com ela. O homem não tem um pinga de autoconsciência. Mas então, tão grande como era, duvidava que as pessoas mexessem muito com ele. E tão gostoso como era, apostava que poderia conseguir qualquer coisa que quisesse das mulheres.

Tão logo entrou pela porta, Tanya, uma das antigas colegas de escola de Jillian os cumprimentou. Seu olhar permaneceu tempo suficiente em Reseph, Jillian limpou a garganta.

— Oi, Tanya. Obviamente, precisamos do departamento dos homens.

Tanya apontou para a parte de trás da loja. — Pode querer passar pelo departamento de sapatos primeiro. É contra a política permitir pés nus aqui. — Ela sorriu para Reseph como se estivesse imaginando com muito menos do que sapatos. Há. Tanya não podia sequer começar a imaginar a verdade do que Reseph parecia sem roupas. Tinha que ver para acreditar. — Nós vamos fazer uma exceção dessa vez.

Reseph sorriu de volta e ela não gostava disso. Pegou a mão dele e o levou até o departamento de sapatos, onde escolheu um par de botas pretas de trabalho. Que parecia absolutamente ridícula com as calças do pijama muito curto. Ainda assim, ele não pareceu notar nada.

Em seguida, foram para o departamento dos homens. — Bem, o que você gosta?

Ele olhou em volta para as prateleiras de roupas e encolheu os ombros. — Escolha algo para mim.

— Vestir você?

Ele balançou as sobancelhas loiras. — Ou me despir. — Agora era o Reseph que estava ficando acostumada.

— Acho que temos público para isso — Ela disse, olhando para Tanya e dois outros empregados que não estavam tão ausentes, observavam Reseph.

Inclinando-se para ela, tão perto que sua respiração se espalhou pelo rosto, disse em voz baixa, sedosa — Isso é para que servem os provadores.

Oh, as imagens que ele acabou de conjurar em sua cabeça. Teve de limpar a garganta antes que pudesse falar.

— Você é impossível, sabe disso? — Sem esperar por uma resposta, tirou dois pares de jeans com dificuldades de um armário grande e alto e os empurrou em suas mãos. Em seguida, vagou pelas camisas e pegou uma camiseta preta e uma azul clara de manga longa. Um Pulôver cinza de abotoar. — Vamos ver como se encaixam.

— Todos os três?

— Você precisa de mais do que um conjunto de roupas. — Quando ele abriu a boca, ela balançou a cabeça. — Não discuta. Não espero que me pague.

Ele olhou, mas com sabedoria, caminhou para o provador sem luta. Talvez estivesse parcialmente domesticado depois de tudo.

Tanya aproximou-se dela no momento que Reseph desapareceu. — Quem é esse? Ele é seu namorado?

— Não, ele é apenas um... — O quê? Amigo? Conhecido? Perfeito desconhecido? — Hóspede.

— Sim? — Os olhos de Tanya foram para a porta do camarim. — Adoraria ter um convidado como esse.

— O divórcio afinal, hein?

Tanya acenou com a cabeça. — Agora, se conseguir apenas que bastardo pague a pensão alimentícia, o drama seria menor.

Desejou sorte a Tanya com isso. Seu ex tinha filhos com outras duas mulheres e deveria estar prestando apoio as crianças, e, aparentemente, isso não estava acontecendo também. Os homens podiam ser uma escória, e isso era algo que sabia muito bem. Eles nunca acabam por ser o que você pensa que são. Sem dúvida, o marido de Tanya parecia ser um cara decente quando se casou com ele. Agora era um canalha traidor que foi pai de dois filhos fora do casamento.

— Oh. Meu. Deus. — As palavras sussurradas de Tanya trouxe a atenção de Jillian de volta para um homem que tanto quanto sabia, não era um bastardo.

Reseph surgiu do camarim e a língua de Jillian desenrolou como um tapete de boas-vindas. O jeans que escolheu coube como se tivesse sido feito sob medida para ele, abraçando suas coxas musculosas e caindo em torno de suas grandes botas. O pulôver perfeitamente combinando com os olhos, estendendo por todo o amplo espaço do peito, enfatizando os músculos rígidos das costas e estômago plano. Este era um homem que fazia das roupas normais cotidianas algo especial. Era um anúncio de moda andando... Exceto que nenhum outro homem iria comprar essas roupas, porque ninguém poderia usá-las também.

— O que você acha? — Ele perguntou, com a voz baixa, burburinho sedutor.

— Achar? — Tanya sussurrou para Jillian. — Perdi essa capacidade cerca de cinco segundos atrás.

Jillian tinha, também, e lambeu os lábios para comprar algum tempo para que seu cérebro entrasse nos eixos. — Você está ótimo Reseph.

Ele bateu o pé e flexionou os ombros. — Não gosto delas.

— Podemos olhar outra coisa...

— Não é isso. É roupas em geral. Não gosto delas. — Franziu a testa. — Talvez fosse um nudista?

— Doce mãe de gostosura, — Tanya sussurrou. — Que ilha mágica que você o encontrou? Estou reservando o próximo voo.

Bem, disparou a imaginação de Jillian e por um momento, imaginou-se relaxando em um resort tropical, onde todos os homens tinham grandes corpos musculosos... E andavam nus. E todos eles pareciam Reseph.

— Infelizmente, temos que usar roupas em nossa sociedade — Ela disse, resistindo à vontade de abanar a onda de calor repentino. — Todas as camisas e jeans vestiram bem?

Ele lhe deu aquele sorriso torto dele. — Sim. Você tem um olho bom.

O elogio foi ridiculamente vertiginoso. — Ok, agora meias e cuecas.

— Não uso cueca.

Garganta de Jillian ficou tão seca que não conseguia nem engolir. Imaginou abrindo o jeans e tê-lo ali mesmo, pronto para seu toque.

Mas que diabos? Nunca foi tão inflamada por um homem. Oh, conhecia a luxúria, sabia o quão bom sexo pode ser, mas com Reseph era como se a chave para a sua libido estivesse presa na posição, e todas as tentativas de desligá-la estavam falhando. De alguma forma, encontrou sua voz, mas era fina e embaraçosamente estridente. — Você tem certeza?

Olhando para baixo, ele deslizou suas mãos sobre seus quadris

e bumbum, como se sentindo as linhas das roupas íntimas, e quando seus dedos longos e afilados roçaram a braguilha, Tanya soltou um gemido tensa.

— Tenho certeza — Ele disse, olhando para cima.

— Ok, então. — Jillian estava em chamas, com o coração batendo fora de controle em seu peito. Meias. Ele precisava de meias. Meias não eram sexy. — Vamos pegar algumas meias e artigos de higiene. — Ela se virou para Tanya. — Ele pode usar as roupas?

— É claro. — Tanya olhou Reseph sobre como se fosse um bife e ela estava morrendo de fome. — Nós vamos ter que ser criativos para digitalizar as etiquetas.

Criativos. Uh-huh. Pegaram um pacote de meias e vários produtos de higiene pessoal, e no balcão do caixa, Tanya definitivamente se aproveitou do fato de que Reseph estava usando algumas das roupas que precisava para fazer a varredura. Jillian tinha certeza que ele não tinha uma etiqueta nas costas de suas calças, e depois de muitas carícias de Tanya, Jillian mostrou a etiqueta do lado do cócs.

Reseph se divertiu com a coisa toda, mas Jillian teve que admitir que enquanto a atenção de Tanya o fez sorrir, foi o toque dela que fez seus olhos escurecem com o calor. Não tinha certeza se era uma coisa boa ou uma ruim. Não, tinha certeza. Ele precisava de ajuda que ela não poderia lhe dar, então ele tinha que ir. Nada de bom poderia vir de ficar ligada a um homem sem passado.

— Agora, para onde? — Ele perguntou, quando subiram no caminhão.

— A loja de ração e posto de xerife.

Tenso, ele engoliu em seco, voltando o olhar sóbrio sobre ela.
— E se eles descobrirem que sou uma pessoa ruim...?

— Eles não vão. — Ela ligou o motor.

— Você tem certeza?

Não. — Sim.

Ele não disse mais nada enquanto se dirigiam para a loja de ração, e dos dois minutos que passaram ao pagar os oito sacos de grãos, ele os tinham empilhado e colocado na parte de trás da picape.

Estava esperando por ela na porta traseira, o cotovelo apoiado na parte superior, um pé cruzado preguiçosamente sobre o outro.

— Notei que o chão de seu espaço de armazenamento do celeiro fica úmido — Ele disse. — Posso usar alguns dos troncos caídos atrás de sua casa para construir uma plataforma para manter os grãos fora do chão quando voltarmos. — Ele deu um sorriso torto. — Não posso consertar uma máquina de lavar louça, mas por alguma razão, acho que sou habilidoso com ferramentas à moda antiga.

A maneira como se ofereceu, tão casualmente, como se toda esta situação fosse comum fez coração se contrair. Nada disso era casual, ou comum, ou até mesmo bem-vinda. Pode cuidar de si mesma. Não precisa dele, não quer desenvolver uma dependência dele, e certamente não quer se acostumar tê-lo por perto.

A última vez que deixou um homem entrar sua vida acabou com mais do que um coração quebrantado, conseguiu alguns ossos quebrados também.

— Obrigada — Ela disse com firmeza, quando pulou no caminhão — Mas não será necessário. Tenho-os controlados.

Ele se juntou a ela, não se preocupando em contestar o que disse. — Você não gosta de aceitar ajuda, não é? Por que não?

Raiva súbita brotou do nada, chocando-a com sua intensidade. — Porque quando você precisa de algo a mais de alguém, eles sempre deixar você para baixo.

— Você não me decepcionou quando precisei de você — Ele disse calmamente.

Estremecendo com a culpa, virou no estacionamento do xerife, pegou a sacola de roupas e produtos de higiene pessoal e praticamente correu na estação.

— Ei, Jillian. — Matthew Evans, que se formou no colegial dois anos antes que ela, levantou-se atrás de sua escrivaninha.

— Stacey não virá até esta noite.

— Não estou aqui pela Stacey. — Deu um tapinha no braço de Reseph. — Tenho um mistério para você.

— O que está acontecendo?

— Este é Reseph. Eu o encontrei perto da minha casa. Ele tem

amnésia e não sabemos quem ele é.

Matthew deu-lhe um olhar tipo você-não-pode-falar-sério. — Isso é uma piada?

— Infelizmente, não.

Depois de um momento que, provavelmente, passou tentando decidir se devia ou não comprar sua história, Matthew assentiu. — Ok, vamos abrir um relatório e ver onde precisamos ir com isso. — Ele gesticulou para Reseph com sua caneta. — Você sabe alguma coisa? Onde você vive? Como você chegou à montanha...?

— Não. — A voz de Reseph era equilibrada e grave, o total oposto de quando estava com ela e Tanya.

— Tudo o que temos é o seu nome — Disse Jillian.

Matthew os guiou para um par de cadeiras e passou a próxima meia hora respondendo a perguntas e preenchendo a papelada.

Quando terminaram Matthew se levantou, Jillian e Reseph fizeram o mesmo.

— Vou entrar em contato com a polícia do estado e falar sobre isso com eles. Mas, primeiro, vou chamar o abrigo local e começar a instalar Reseph. — Ele se virou para Jillian. — Foi bom ver-te. — E saiu da sala.

— O que ele quis dizer com abrigo? — Olhos de cristal do Reseph procuraram os dela.

Porcaria. Jillian soltou um longo suspiro. — É onde você vai ficar agora. Matthew e os assistentes sociais irão ajudá-lo a descobrir quem você é.

Sua mandíbula apertou com tanta força que ouviu pop. — E se isso não acontecer?

— Em seguida, eles vão te dar a ajuda que você precisa para cuidar de si mesmo.

Ele se aproximou dela, dominando-a com seu tamanho, sua presença, seu perfume masculino de ar livre. — Não quero ir para um abrigo. Quero ficar com você.

— Você não pode. — Recuou, com necessidade de se libertar da atração magnética que parecia envolvê-la. — Você precisa de

coisas que não posso te dar.

— Não conheço essas pessoas. — Ele parecia tão perturbado que quase a atingiu. Deus, quão facilmente ele mexe com sua emoção. Outra razão porque ele tinha que ir. — Não quero conhecê-las.

Ficou dura. Mas não por ele, por ela. — Reseph, tenho o suficiente para lidar com a minha fazenda. Não posso manter um vagabundo extra.

— Vagabundo. — Ele estava sobre ela em um flash, nem sequer teve tempo para ter medo ou questionar suas intenções, pois sua boca estava na dela e seu corpo era uma parede com força contra suas curvas. — Será que não sentiu nada, apenas um vagabundo? — Ele murmurou contra sua lábios.

Bom... Deus. Não, isso não aconteceu, mas não podia arriscar uma ligação emocional, especialmente com alguém que poderia vir a ser um serial killer ou algo assim. Falar sobre um cara que poderia se transformar em algo diferente do que você pensava.

— Reseph, por favor...

Ele renovou o beijo, tomando seu rosto entre as mãos largas e não lhe ocorreu protestar. Na verdade, quando passou a língua ao longo da costura de seus lábios, abriu para ele. Ele aproveitou, dirigindo a sua língua contra a dela e, em seguida, diminuiu a velocidade para morder o lábio inferior. Sua posse magistral a derreteu sobre ele. Sua respiração ficou irregular quando se perdeu em seu beijo e a sensação de seu corpo a prendendo na parede. Seu próprio corpo se esforçou para ficar ainda mais perto dele. Todo o senso de tempo e lugar tornou-se apenas um mínimo vago na parte de trás de sua mente quando coxa grossa do Reseph separou suas pernas e seu peito apertou contra os seios.

— Leve-me para casa, Jillian. — Suas palavras sussurradas fizeram cócegas em seus lábios inchados pelo beijo. — Prometo que nunca vai pensar em mim como um vagabundo de novo.

Tentador. Assim condenado tentador.

— O que...? — A voz de Matthew rachou na pequena sala,

fazendo-a saltar. — Sai dela, amigo.

Reseph ficou completamente perigoso. Então, muito lentamente, ele virou a cabeça. — Caia fora. *Amigo*.

O que quer que Matthew viu na expressão de Reseph o fez voltar atrás e flexionou a mão sobre a pistola em seu quadril.

Oh, merda. O coração batendo forte, Jillian deslizou para fora sob o corpo de Reseph e se colocou entre os dois homens. — Está tudo bem, Matthew. Nós estávamos dizendo adeus.

De repente, a ameaça circundante de Reseph evaporou e magoa brilhou em seus olhos. Quase deu dentro, quase pediu a ele para voltar para casa com ela. Em vez disso, conseguiu dar um sorriso trêmulo.

— Tome cuidado, Reseph. — E com isso, conseguiu o inferno fora de lá.

CAPÍTULO 06

Dor lançou-se Reseph quando Jillian se afastou, tornando-se uma dor aguda profunda quando ouviu seu caminhão sair do estacionamento. Ela o deixou. Realmente o deixou. E não parecia tão difícil de fazer. Não olhou para trás, saiu do edifício como se não pudesse esperar para ficar longe dele.

Mas por quê? Não pode se lembrar de estar com muitas mulheres, mas conhecia o desejo, quando a viu e sentiu. Quando a beijou, ela reagiu como uma mulher que precisava dele nu. Tinha lançado fora mais calor do que o seu fogão a lenha, e seu corpo se derreteu em seu beijo tão facilmente, se tivessem estado por si só, não tinha dúvida de que poderia ter estado dentro dela em questão de minutos.

Então, por que o abandonou?

— É para o melhor — Matthew, o idiota disse. — O que ela teve foi ruim o suficiente sem ter que lidar com você, também.

Reseph ignorou o fato apontado para ele. — O que ela teve que lidar?

— Nada que você precise se preocupar. — Matthew apontou para a porta. — Vamos lá. Vou levá-lo para o abrigo.

Sem opção, Reseph agarrou sua bolsa da loja de departamentos e permitiu o idiota levá-lo a uma milha de distância para um prédio que parecia uma antiga prisão. Ou hospital da prisão. O idiota confirmou suas suspeitas. — Isso costumava ser um sanatório.

— E agora é um abrigo? Vocês têm um grande problema com a falta de moradia aqui?

— Nós tivemos que reabri-lo quando os demônios vieram. Não é um abrigo, tanto quanto não é um abrigo para mulheres. — Ele gesticulou para um pátio lateral, onde meia dúzia de garotos estavam construindo um boneco de neve perto do balanço. — A maioria delas têm casas.

— Então, por que estariam vivendo aqui com seus filhos?

— Um grande número de seus maridos foi lutar e nunca mais voltaram para casa. Essas mulheres têm medo de ficar sozinhas.

— Mas os demônios se foram.

A expressão do xerife ficou triste. — Não para elas.

Eles entraram, e merda, o abrigo era deprimente. Alguém tentou vestir o lugar com pintura colorida, obra de arte como papel de parede e guirlanda cinza de Natal barata, paredes rachadas e grades de ferro enferrujadas, mas ainda era um *gore-toad*⁽⁵⁾ invés de um gato fofo.

Espere... O que diabos era um *gore-toad* ? As coisas estavam começando a voltar com ele? Deus esperava por isso. Com Jillian partindo precisava de algo para agarrar.

E, caramba, por que ela o deixou?

Uma senhora de cabelos grisalhos se encontrou com eles na entrada e Reseph lhe permitiu levá-lo para uma cela com paredes de concreto, uma cama e um armário de metal com duas gavetas que servia como uma cômoda. Isso ia ser a sua casa.

Não era nada como a cabana quente e aconchegante de Jillian.

A mulher, Nancy, entregou-lhe uma prancheta com a papelada. — Preciso que você preencha tudo o que puder e assine no indicado. Há uma folha com as regras e um horário que precisa concordar. Todos contribuem com trabalho, a limpeza, trabalho no quintal e cozinha. Banheiro dos homens é no corredor.

Ela o deixou sozinho com sua papelada e uma caneta preta fina.

Afundou na cama com o seu saco de plástico de tudo o que possuía no mundo. Mas, ainda não era seu, não é? Jillian comprou o material para ele.

Então, o que agora? Não queria estar aqui. Não queria estar longe de Jillian. Aquele beijo... Caramba, esse beijo. Estava atraído por ela antes, mas havia uma química séria por trás da intimidade que tinham compartilhado.

Sim, a terra se moveu tanto que ela deixou você como um vira-lata abandonado o rabo.

Seus dedos apertaram o saco. Talvez tivesse medo dele mais

do que deixava transparecer. Talvez fosse um fardo demasiado.

Considerou tudo o que ela fez para ele, desde levá-lo para sua casa e cuidar dele, cozinhar para ele, comprar-lhe roupas e o ajudar. Ok, então foi um fardo. Mas não tem que ser. Enquanto trabalhasse na tentativa de descobrir quem ele era, poderia ajudar em sua casa. Ganhar seu sustento enquanto estava aqui.

— Ela não lhe deu essa opção, idiota.

Murmurando para si mesmo, olhou pela janela estreita, de frente ao playground, onde uma mulher estava olhando as crianças engajadas em uma luta de bolas de neve. De vez em quando, ela sorriu para eles, mas Reseph reconheceu seu nervosismo. Sua tensa postura foi colocada em modo de luta ou fuga, e seu olhar continuou lançando aos seus arredores, como se esperasse que monstros saltassem para ela, a qualquer momento.

Essas mulheres têm medo de ficar sozinhas. A voz de Matthew tocou nos seus ouvidos.

Esses demônios ainda estavam perseguindo as mulheres. Jillian estava assim também. Viu isso nos olhos dela quando estavam no celeiro na outra noite. Jillian foi ferida? Ou viúva? Não havia mencionado um marido, mas talvez a sua perda fosse muito dolorosa o quer falar.

Tinha que descobrir mais. Certamente alguém conhecia Jillian bem o suficiente para lhe dizer.

Ele jogou a prancheta de lado e se dirigiu para encontrar Nancy. Não estava na recepção do abrigo, mas ouviu a voz dela vindo de uma sala no final do corredor. Diminuiu a velocidade ao se aproximar, destacando a voz das outras duas fêmeas. — Não tenho certeza se eu gosto de ter um homem aqui — Disse Nancy. — Especialmente um com amnésia. Ele poderia ser um assassino do machado pelo que sabemos.

Então... Julgado. Insultado, Reseph reprimiu uma maldição. Nancy poderia estar certa, mas também podia ser um cirurgião mundialmente famoso que doava tempo e dinheiro para órfãos em países do terceiro mundo.

— O xerife não disse se eles iam pegar suas impressões digitais? — perguntou uma mulher cuja voz era uma que fumava dois

maços por dia.

— Isso só vai ajudar se suas impressões digitais estão em um banco de dados — Disse outra mulher.

— Eu não sei sobre você — Dois maços disse, — Mas dado o que aconteceu com o casal Bjornsen, o fato de que esta pessoa Reseph foi encontrada apenas uma milha de distância deles me deixa nervosa.

— Casal Bjornsen? — Perguntou Nancy.

Voz rouca da mulher baixou ainda mais. — Os Bjornsens é aquele casal estranho que se mudou para cá da Califórnia.

— Eu os vi uma vez, — disse Nancy. — O que aconteceu com eles?

— Psiu. Não acho que isso se tornou público ainda. Só sei porque ouvi Xerife Miller falando em seu telefone no Purple Plate. Ele estava dizendo que os Bjornsens foram abatidos em seu próprio trailer um par de noites atrás. Muita coincidência que este homem se mostra sem memória em torno do mesmo tempo.

O intestino de Reseph torceu. Não achava que teria feito algo parecido, mas "achar" é a palavra chave aqui, não era? Não sabia muita coisa. Embora estivesse razoavelmente certo de que não era um cirurgião de classe mundial altruísta.

— Será que a polícia o interrogou sobre isso?

— Não sei, mas pelo que ouvi, as mortes estão sendo atribuídas a um animal. — A voz da mulher tornou-se um sussurro. — Ou um demônio.

— Não diga isso, — Nancy disse ríspidamente. — Os demônios se foram.

Reseph mexeu atrás longe da porta. Um assassino estava à solta perto Jillian, e se fosse um demônio ou um animal, isso não importa. Ele ainda poderia estar chateado e com raiva que ela o abandonou, mas não iria abandoná-la.

Mas e se foi você quem matou essas pessoas? Não poderia ter sido. O idiota o questionado se suspeitasse, certo?

Reseph precisava ver a cena. Precisava saber com certeza que ele não era responsável pelo abate dos Bjornsens.

Mas, primeiro, precisava ter certeza de que Jillian estava bem.

A casa estava tão vazia sem Reseph. Pior, ficava vendo seu rosto quando lhe disse que estava saindo sem ele. Foi deliberadamente cruel, querendo que ele fique chateado com ela, mas em vez disso, ele a beijou. Só a lembrança cortou a respiração.

E ainda ela o deixou.

Ele não conhecia ninguém. Não tem casa, sem emprego, sem amigos. E acabou de deixá-lo em um abrigo para mulheres.

Sem dúvida Reseph teria tanta companhia que podia suportar. O determinado pensamento a incomodou o suficiente para que parasse de se preocupar com ele. Durante uma hora.

Então percebeu o quão grande a sala de estar sem ele para preenchê-la. Tão solitária a mesa da cozinha estava sem ele lá.

E quão estúpida era de qualquer maneira ficar tão excitada sobre alguém que só teve em sua casa por alguns dias?

Mas uau, poderia beijar alguém. Mesmo agora, seu corpo aqueceu na lembrança. A maneira como a tocou, a acendeu em chamas. Não foi nada inapropriado onde suas mãos estiveram, mas muito impróprio em seus pensamentos.

O telefone tocou quando estava abotoando o casaco para fazer suas tarefas à noite. Quando ela atendeu, Stacey estava do outro da linha, e ela nem sequer se preocupou com um Olá.

— Por que você não me disse que tinha um homem estranho em sua casa todo fim de semana? — Stacey estalou. — Um homem estranho com amnésia?

— Olá para você também, Stacey.

— E então?

Stacey era nada se não tenaz. — As linhas de telefone caíram, e não sei sinais de fumaça.

— Você percebe que ele poderia ter a cortado com uma motosserra, e que poderia ser meses antes que alguém soubesse?

Jillian suspirou. — Você vem até aqui o tempo todo. Teria encontrado o meu corpo mutilado em um par de dias.

— Esse não é o momento — Disse Stacey, — e você sabe disso.

— Bem, você está sempre me dizendo que preciso de um

homem em casa.

Stacey amaldiçoou e estalou alto. Sua amiga cresceu com pais rigorosos, religiosos, então sempre que Stacey usava uma palavra de cinco letras, isso saía como um sussurro ou como algo mal compreensível.

— Um homem— Stacey atirou de volta. — Não Freddy Krueger.

— Confie em mim — Murmurou Jillian. — Reseph não é o assassino horrendo do cinema. — Apoiou o ombro contra a porta. — Você está trabalhando hoje à noite?

— Sim. É por isso que estou ligando. Acabei de desligar o telefone com Nancy Garrett.

Um tremor de inquietação correu pela espinha de Jillian. — A senhora que dirige o abrigo?

— Sim. Parece que Freddy desapareceu.

Jillian se endireitou na posição vertical. — Desapareceu? Quando? Será que ele falou a alguém para onde estava indo?

— Não. Nancy foi vê-lo alguns minutos atrás, e ele se foi.

— Merda. — Olhar de Jillian correu ao redor da sala. Chaves. Onde estavam as chaves? Deve ter as deixado no caminhão. — Você tem que encontrá-lo. Ele vai morrer de fome ou congelar lá fora.

— Tenho certeza que vai ficar bem. Ele obviamente tem conhecimento suficiente para encontrar o caminho volta para sua casa.

Jillian olhou ao redor para as luvas. — Ele não tem um caminho para qualquer lugar.

— Você acha que ele poderia ter se lembrado de algo?

— Eu não sei. — Ela achou as luvas sobre a mesa do café e as colocou nos bolsos do casaco. — Olha, estou no meu caminho, vou ajudar a procurá-lo.

— Jillian, não. Ele não é mais problema seu. Nós vamos cuidar disso.

Problema. Isso foi basicamente o que disse a ele. Ele era um problema. Ele não tinha nada, nem ninguém e o abandonou da forma como algumas pessoas abandonam animais de estimação, sem um

único pensamento sobre o medo e confusão que seria sem a única pessoa e casa que conheceu. Uma enorme sensação de vergonha esmagou.

— Acho — Stacey disse calmamente — Que deve vir ficar comigo por um tempo.

— O quê? Por quê?

— Não posso falar sobre isso agora, mas confie em mim, ok?

Um frio penetrou em seus ossos. — É sobre Reseph?

— Não exatamente. Só me sentiria melhor se você não estivesse ai fora sozinha.

Por que todo mundo acha que ela não deve ficar sozinha? Gostava de estar sozinha. Quando estava sozinha tinha o controle de sua vida.

— Podemos falar sobre isso mais tarde. Estou indo para a cidade para procurar Reseph. — Não ia voltar atrás com isso. — Vou passar pela estação.

Desligou antes que Stacey poderia argumentar. Onde poderia Reseph ter ido? E se estivesse ferido ou perdido? Doente de preocupação correu para fora. A escuridão a absorveu, mas não ia ficar obcecada com o que poderia se esconder nas sombras além da fazenda. Reseph pode estar em apuros, e não tinha ninguém para culpar além de si mesma.

Ela quase alcançou o caminhão quando um sussurro soou em suas trilhas. Não, não é um sussurro... Foi mais um sopro quente, sopro de ar em sua bochecha e orelha. Um odor chegou a suas narinas queimando e um gosto amargo encher a boca.

Oh, Jesus. Seus joelhos quase dobraram. O fedor era assustadoramente familiar, mesmo depois de um ano. De repente estava no estacionamento do aeroporto com tudo de novo, envolta em trevas e à mercê de monstros.

Outro hálito quente arrepiou o cabelo dela. Um grito brotou em sua garganta, mas terror congelou a sua capacidade de gritar.

Por favor, não. Não outra vez. Quase não sobreviveu ao primeiro ataque do demônio. Não poderia viver com o outro.

Mas também não iria morrer como uma covarde.

Em um movimento lento irregular, ela se virou. Nada. Respirou com alívio. Não havia nada, apenas o espaço vazio. Mas como poderia ser isso? Ainda podia sentir o hálito do demônio pairando no ar.

Estava perdida. Seriadamente perdida. Talvez Stacey estivesse certa. Talvez não devesse ficar sozinha agora.

Fechou a distância restante para o caminhão, mas quando estava a poucos passos de distância, uma forma emergiu da escuridão. O demônio.

Putá merda era um demônio.

Olhou ao redor em desespero. O celeiro e a casa estavam de igual distância. Armas de fogo em ambos. Mas a figura estava chegando em direção entre eles.

Com as mãos trêmulas se lançou para maçaneta da porta do caminhão.

— Jillian.

Reseph. Oh, graças a Deus. Naquele momento, a voz de Reseph foi a coisa mais linda que já ouviu. Alívio minou sua força e caiu contra o caminhão. Ele se materializou das sombras, seu enorme corpo jogando uma silhueta ameaçadora, seus incríveis olhos brilhando como lasers, o saco de loja de departamento pendurado em uma das mãos.

Até o fedor de ar demônio fracassou, deixando-a a se perguntar se tinha imaginado a coisa toda.

— O que... — Engoliu contra sua garganta seca, seu coração balançando espasmodicamente no peito, as palmas das mãos suando. — O que está fazendo aqui? Como você chegou aqui?

— Um cara me deixou entrar na parte de trás de seu caminhão. Andei as últimas oito milhas.

Afastou-se do caminhão. — Por quê?

Ele caminhou mais perto, seus ombros rolando, seu olhar a segurando congelada. — Porque os demônios não se foram, se foram Jillian?

Seu corpo inteiro sacudiu em estado de choque. — Você... Você viu?

— Viu o quê?

Grande. Ele ia pensar que era louca. — Nada. Eu... Não sei que demônios que você está falando.

— Sim — Ele disse — Você sabe. — Quando ele chegou perto e ficou claro que ele não ia parar, deu um passo para trás até que a coluna bateu contra a cabine da pick up. Ele deixou cair o saco a seus pés. — E não vou deixá-la sozinha para lidar com eles por si mesma.

— Tenho lidado com eles muito bem. — Até hoje à noite.

Uma mão bateu no teto do caminhão a esquerda.

Baque.

Sua outra mão desceu para a sua direita.

Baque.

Estava enjaulada por seus braços e seu corpo.

— Tenho certeza de que você tem. Mas agora não tem que fazê-la por si mesma. Nós dois temos demônios, Jillian. Só não sei quais são os meus ainda. — Ele baixou a cabeça um pouco, ficando ainda mais perto e seu coração bateu mais rápido. — Vou ganhar o meu sustento enquanto trabalho em descobrir quem eu sou. Não vai pensar em mim como um vagabundo, eu prometo.

— Não deveria ter dito isso — Ela disse odiando-se pelo tremor em sua voz. — Estava chateada.

— E agora? Está chateada por que estou aqui?

Deveria estar. Foi tão cuidadosa para esculpir uma vida independente, longe dos demônios, tanto literal e como figurado, deu seu passado. Não quer confiar em ninguém, não quer precisar confiar em ninguém. Mas a verdade era que algo só a assustou fora de sua mente, e se o demônio fosse real ou imaginário, a chegada de Reseph o fez correr.

— Bem — ele solicitou. — Está chateada por que estou aqui?

— Não — Ela admitiu, um pouco sem fôlego.

Seu sorriso era puro triunfo masculino. Arrogante. Arrogante. Sexy como o inferno. — Não penso assim.

Ele roçou os lábios nos dela, e nem se incomodou com um protesto simbólico. Estava muito feliz em vê-lo.

Sua boca se abriu e aceitou seu beijo com ousadia, indo para

cima na ponta dos pés, então se agarrou a seus ombros. Ele se inclinou, prendendo-a contra o veículo. Seus seios roçavam seu peito duro, tornando-se subitamente sensível. A temperatura exterior devia estar abaixo de zero, mas seu corpo queimava com a necessidade.

Inalou uma respiração irregular, deslizou as mãos até o pescoço e quando as unhas raspavam sua pele, ele soltou um gutural rosnar encorajador. O beijo tornou-se urgente, possessivo. Sua língua deslizou dentro de sua boca para encontrar os dela em um feroz, emaranhado molhado.

Imaginou que ele fosse um amante brincalhão, mas agora também podia imaginá-lo sendo cru e áspero, o tipo de homem que perdia toda a pretensão de civilidade e raciocínio mais avançado, daquele que rasgava as roupas, botões estourando e fodia sua mulher contra uma árvore ou no solo.

Sim. Foi esse tipo de mulher uma vez. Aventureira e intensa. De arestas duras e uma que assumia riscos. Algo sobre Reseph fez seu corpo se lembrar. Ansiar. Sentir como se tivesse sido privada de comida e estava morrendo de fome.

Arqueou para ele, e ele sussurrou enquanto seus quadris rolavam contra o cume de sua ereção na braguilha de sua calça jeans. Sem cueca. Ele não usava roupas íntimas.

— Você é tão malditamente bonita — Ele murmurou contra seus lábios. — Não vim aqui para isso, mas a cada passo mais perto de sua casa, imaginava te beijar de novo.

Gemeu quando ele arrastou seus lábios ao longo de sua mandíbula para sua orelha. Sua respiração quente era uma carícia, seus dentes instrumentos de prazer quando beliscou seu lóbulo da orelha.

— Sim, — Ela respirou, não se importando se sua voz soava desesperadamente tensa. Não esteve com um homem há mais de um ano, e Reseph era como nenhum homem que já esteve.

Pensar nisso foi uma loucura, deslizou uma mão para baixo sua garganta, no peito, com a intenção de ir mais baixo... Quando percebeu que ele era letal ainda. Ainda assim, nem parecia estar

respirando.

— Reseph?

— Psiu — Ele sussurrou em seu ouvido. — Onde está a sua arma?

Ela piscou, seu cérebro encharcado de luxúria não entendeu a pergunta. — O quê?

— Seu rifle. Onde ele está?

— No celeiro. Por quê?

— Quero que você fique dentro de casa. — Sua voz era calma, tranquila, e tão fria que gelou a sua medula. — Agora. Algo está nos observando.

CAPÍTULO 07

Um sentimento de pura maldade afundou dentro Reseph como um garfo. Algo estava lá fora, à espreita na floresta, e queria matar. Muito lentamente, ele se afastou de Jillian. Esperava ver o medo, e sim, que estava lá em seus olhos, mas não esperava a determinação feroz em seu rosto.

— Vou com você.

— Não vou discutir isso com você, Jillian. Vá para casa.

Seu sorriso era doce quando ela se inclinou e pegou o saco de roupas. — Tudo bem.

Ela aceitou a situação com muita facilidade, e instinto masculino lhe disse para ter cuidado com isso, mas por enquanto, ela concordou e isso era tudo o que importava. Ele a dirigiu lentamente em direção à porta da frente, e quando eles estavam uma dezena de metros de distância, mandou-a para dentro enquanto ele caminhava, calmamente, para o celeiro. Enlaçou o rifle fora da parede onde ela o tinha pendurado e pela luz da lua cheia correu na direção das árvores onde sentiu a sensação de olhos sobre eles. A vibração sinistra foi embora, mas o ar estava parado, a floresta muito quieta, como se a natureza se encolhesse de medo. Adrenalina de Reseph surgiu quando penetrou a neve entre as árvores, aderindo às sombras lançadas pela lua de brilho prateado. Em seu braço, a tatuagem do cavalo fez cócegas como se estivesse se movendo debaixo de sua camisa. Ignorou e continuou. À frente, algo escuro estava espirrada na neve, destruindo a paisagem branca pura. O mau cheiro acobreado de sangue era forte, mas não era humano.

É perturbador como a merda saber que não é sangue humano.

Socando sua voz interior fez uma nota mental para não revisitar o fato de que poderia identificar o sangue humano pelo perfume.

Agachado, chegou mais perto. A cena ficou saturada com o mal e faixas que rasgavam a neve... Uma batalha havia acontecido

aqui. Deve ter acontecido antes de ele chegar, porém, ou eles teriam ouvido.

Estudou as trilhas. Um conjunto foi feito por um gato grande, um puma mais provável. O outro... Jesus, o que fez isso? As pegadas eram do tamanho de um pé grande de macho humano, mas os quatro dedos eram três vezes mais longos e tinha garras. Seja o que for, tinha vencido a batalha e comido o puma ou levado a algum lugar. O gato deixou trilhas de chegada, mas não de saída.

Atrás dele, um galho estalou. Girou o rifle engatilhado na direção do som. Viu Jillian antes de ela vê-lo. Ela carregava uma pistola, e caramba, foi por isso que ela se rendeu tão facilmente. Foi para a casa para pegar uma arma.

Ele estava ao mesmo tempo irritado e orgulhoso por sua coragem... Ele sempre gostava do pau duro. Pelo menos, pensou que estava. Mas ela não precisava ver isso. Ela já estava lutando contra algum tipo de trauma e até que soubesse o que era não ia adicionar mais às suas preocupações. Rapidamente, ele pisou sobre as pegadas esquisitas e soube quando ela estava cerca de uma dezena de metros de distância.

— Eu lhe disse para ficar na casa.

Seus olhares fixos se encontraram. — Bem, essa é a coisa. É a minha casa e ninguém me diz para fazer qualquer coisa na minha propriedade. Se

você vai ficar aqui, ponha isso na sua cabeça. Ok?

— Agressiva. — Ele lhe atirou uma piscadela. — Eu gosto disso.

Ela revirou os olhos e, em seguida, encaminhou para a cena macabra. — O que é isso?

— Parece que um puma tem um cervo — Ele disse, movendo-se para interceptar. — Ele se foi. Vamos voltar para a casa.

Ela franziu a testa, e não gostava dela com essa expressão preocupada. Era muito decente para se preocupar com qualquer coisa. — Tem havido uma série de ataques de puma recentemente.

— Sobre o que? Cervos? Gado?

— Pessoas. — Ela guardou a pistola como um profissional. —

É estranho.

— Isso é tão quente.

— O quê? — Ela levantou a cabeça para trás como se tivesse levado um tapa. — Pumas alimentar das pessoas é quente?

— Não. — Ele sorriu. — Você. Manuseando uma arma como essa. É sexy como o inferno. Gostosas com armas é, como, material de fantasia.

— Você, — Ela disse com firmeza, — é um homem muito estranho.

— Também sou um homem com muita fome — Ele disse, mais para distraí-la do que por causa de seu estômago que estava rosnando. — Você tem comida?

— Vamos, — Ela murmurou. — Vou alimentá-lo.

Ela começou a voltar para sua casa, e ele seguiu em seus calcanhares, mantendo-se atento para qualquer coisa que possa decidir que ela parecia tão saborosa como ele pensava que era. Mas quando avistaram a casa, não poderia resistir pegar um punhado de neve e arremessando uma bola de neve nela. Acertou as costas, tomando um banho de material branco.

— Você vai pagar por isso. — Sua voz era um aviso monótono que o incitou, e jogou o outro, este explodindo em seu ombro. — Eu era um arremessador de softball no colégio, amigo. Recue.

Certo. Agora ela estava pedindo por isso. Inclinou-se para pegar outro punhado de neve, e filha da puta, ela o acertou na cabeça com uma bola do tamanho de seu punho. Pedacos de neve desceu a camisa, e até mesmo quando estava para lançar uma bola de neve para ela, outra bateu em seu pescoço.

— Você pequena... — Parou se esquivando de outra que ela atirar contra ele, atingindo-o no braço. E então ela estava fora, correndo em direção a casa, seu riso transportando como um sino no ar da noite clara.

Ele a perseguiu, ganhando terreno facilmente. Ela pode ter uma grande pontaria, mas ele era mais rápido, e quando colocou uma explosão de velocidade a pegou em questão de instantes. Jogando o rifle cuidadosamente de lado a abordou, torcendo para que caísse em

cima de ele. Ele cortou seu grito de indignação com um beijo. Por um segundo, ela lutou, brincando, batendo os punhos levemente contra o peito dele, mas ele rolou para cima, usando seu peso para controlá-la e sua boca para seduzi-la.

Com um suspiro, ela relaxou, enrolando seus braços ao redor dele e se movendo, então ele estava entre suas pernas. Eles não podiam ficar assim por muito tempo na neve fria, mas queria ter isso, mesmo que apenas por um minuto. Ela tinha gosto de um refrigerante de limão e cheirava

ao ar livre, como uma nascente limpa. Era magnífica e queria bebê-la, envolver-se em torno dela e ficar assim para sempre.

— Vamos entrar — Ele disse contra seus lábios sedosos. — Prefiro fazer isso na frente do fogo.

Seus olhos brilhavam ao luar. — Não sei se estou pronta para qualquer coisa mais do que isso, — Ela sussurrou. — Não conheço você... E tem sido um longo tempo.

Ele estava pronto. Estava tão pronto que suas bolas sentiam como se pudessem explodir tudo por conta própria. Mas não iria empurrar. Jillian já era muito importante para ele para fazer qualquer coisa que possa fazê-la desconfortável. Poderia ir devagar. Não podia? Ele franziu a testa, porque com a coisa toda ir lento se sentia muito, muito estranho.

— Você dá o comando. — Empurrou a seus pés e estendeu a mão para ela. — Comida?

Ela pegou sua mão e lhe permitiu se levantar a seus pés. — Você tem uma mente estreita.

— Não. Duas. — Ele piscou. — Vou deixar você adivinhar qual é a outra. — Ele se abaixou para pegar o rifle que jogou, e a próxima coisa que soube, ela tinha enfiado um punhado de neve nas costas de seus jeans.

— Isso, — Ela disse de forma inteligente — Vai esfriar essa outra.

Jillian estava tão contente que Reseph estava de volta. Não

tinha ideia de como um homem que não conhecia há muito tempo poderia facilmente enfiar o seu caminho de sua vida e fazê-la se sentir tão confortável ao redor dele, mas Reseph fez isso.

E não apenas a fez se sentir confortável... Fez se sentir segura. A maneira como ele se moveu através da floresta, do jeito que se comportou na cena do ataque do puma ao servo, tudo falava de confiança e familiaridade. Marcou um ponto quando primeiro pensou nele como um guerreiro. Talvez estivesse no serviço militar?

Então, ele ia de perigoso e intenso para brincalhão e travesso, em questão de segundos, mas mesmo quando a envolveu foi cuidadoso, tendo o impacto da queda, rolando-a gentilmente para aliviar o seu peso contra ela com o maior cuidado.

Claro, ela ainda estava arrancando pedaços de gelo de seu cabelo, graças ao Sr. Eu Não Gosto de Neve.

Doodle ficou tão feliz em ver Reseph evidenciado pela forma como ele praticamente subiu na perna de Reseph no momento em que entrou pela porta.

— Se você vai manter o gato entretido eu vou te pegar um sanduíche. — Ela saiu de suas botas e tirou o seu casaco. — De presunto e queijo está bem?

Reseph olhou para cima do carinho Doodle. — Qualquer coisa que você tem está bom. Estou feliz por estar aqui.

— Eu provavelmente não deveria admitir isso, mas também estou.

Seu sorriso travesso confirmou que não deveria ter admitido isso, e balançou a cabeça enquanto se dirigia para a cozinha, feliz por ter parado na loja no caminho de casa depois de deixá-lo na delegacia. Rapidamente montou um sanduíche e pegou uma cerveja gelada na geladeira.

Encontrou Reseph estendido ao seu lado no chão da sala, rolando uma bola de esponja para Doodle.

— Meu gato vai te amar mais do que me ama se você continuar com isso. — Ela colocou a tigela e uma garrafa sobre a mesa de café, divertida quando os olhos de Reseph se iluminaram. — Sim, eu peguei cerveja. Percebi que se fizesse pimentão novamente, não

queria ser cobrada por cerveja.

— Mulher inteligente.

— Sim, bem, esta mulher inteligente vai tomar banho e se trocar. — Também precisava ligar para Stacey. — Sirva-se nada na geladeira.

Ele pôs-se de pé e em um raio a puxou contra ele. Como ele se mover assim?

— Obrigado. — Ela nem sequer teve a chance de responder, porque deu um beijo quente, tão cheio de promessas, em seus lábios. E então, tão rapidamente quanto ele a agarrou a soltou e sentou-se com a comida.

Um pouco atordoada tomou banho e entrou em seu pijama favorito e roupão, aqueles que Stacey disse a ela para nunca usar na frente de um cara se quisesse transar. De alguma forma, não achava que o grande pijama xadrez verde-oliva e marrom deteria Reseph, no entanto. Então, novamente, quando saiu do quarto, virou-se para onde ele estava olhando para fora da janela e estremeceu.

— Esses são horríveis. — Um canto de sua boca transformou-se em um sorriso travesso. — Você deve tirá-los.

— Você é impossível, sabe disso?

— Prefiro... Persistente. — Ele apontou para a tigela vazia. — Obrigado. Foi o melhor sanduíche de sempre.

— Você certamente sabe como fazer uma mulher se sentir bem. — Tarde demais, percebeu o que tinha dito e o brilho nos seus olhos lhe disse que ele sabia também. — Não diga isso. E não olhe para mim assim.

— Como o quê?

Como você ainda está com fome. — Eu não sei.

— Sim, você sabe.

— Pergunto-me, — Ela disse — se você era este arrogante antes de perder a sua memória.

Dor queimou em seus olhos, mas foi embora em um instante, sua expressão mudou para uma máscara de luz de indiferença. — Provavelmente.

Deus se sentia rude. — Sinto muito. Não quis dizer para ofendê-lo.

— Está tudo bem.

Timidamente, colocou a mão em seu bíceps. — Não, não está. Isso foi insensível.

Ele virou-se para ela, enchendo-a visão com os ombros poderosos. — Uma coisa que eu sei sobre mim é que não sou facilmente ofendido ou magoado.

Poderia comprar a parte do não ofendido facilmente, mas viu o quanto ficou incomodado quando o deixou na estação do xerife e agora, quando mencionou sua perda de memória. Não ia falar disso, porém. Sabia em primeira mão como a sobrevivência pode depender de acreditar nas coisas que você disse a si mesmo.

— Você definitivamente não é facilmente ferido — Ela disse levemente. — Sua recuperação de quase morrer de frio foi incrível.

— Claramente, tenho resistência incrível. — Sua voz foi baixa e sedutora, e apostava que ele tinha resistência que valia a pena gabar. — Fora que você disse que tem um longo tempo desde que você teve relações sexuais.

E lá se foi a falta de uma coisa chamada filtro novamente. — Mais que um ano.

— Por quê?

Ela hesitou, sem saber como estava pronta para muitos detalhes. — Porque me mudei para cá e não queria me jogar na piscina de namoro. — Duvidava que mergulhasse um dedo do pé naquela água escura novamente.

— Você não tem encontros — Ele disse como se ela fosse um idiota para mencioná-la. — Quem quer perder todo esse tempo e energia? Basta saltar direto o compromisso para sexo livre.

Embora não tivesse absolutamente nenhum direito de estar zangada com ele, sua resposta combinou com a facilidade que ele tinha encantado Tanya, e a irritou. — O sexo é realmente tão casual para você?

Ele deu de ombros. — Por que não seria? Os seres humanos são tão nervosos sobre isso. É apenas prazer. É para o que nossos

corpos são feitos.

Os seres humanos? Como se ele não fosse um deles? — Nós também somos feitos para relacionamentos. Conexões emocionais. — Ela não podia acreditar estava discutindo por algo que tinha jurado evitar.

— Acasalamento para a vida? — Parecia que ele mordeu algo amargo e podre. — Isso poderia ter sido o ideal, quando os humanos tinham curtos períodos de vida, mas quem quer ser confinado a uma pessoa até o fim dos tempos?

Confinado. Ele disse isso antes sobre sua casa e fazenda. — Então você está dizendo que você nunca quer se casar? Ter filhos? Viver felizes para sempre?

— Jillian — Ele murmurou. — Nem sei o meu sobrenome. Como posso dizer o que quero no futuro?

— Merda. — Ela soltou um suspiro. — Sinto muito. Não sei mesmo porque estava ficando excitada sobre isso.

Ele tocou um nervo exposto que ela ainda não conhecia que expunha. Certamente não tinha o direito de julgar sua visão casual no apego emocional. Não se aproximou de ninguém desde o dia em que descobriu que seu noivo estava casado com outra pessoa. Apenas Stacey tinha um lugar no círculo íntimo de Jillian, e isso era porque ela esteve lá por 20 anos.

Merda. Ela se deu um tapa na testa. — Preciso ligar para Stacey. Ela está procurando por você.

— Vou tomar banho, enquanto você faz isso. — Ele estendeu a mão e acariciou sua bochecha. — Sinto muito por incomodá-la.

Ele caminhou para o quarto, deixando-a nervosa. Ela que devia um pedido de desculpas, e não o contrário. Caramba, mas ele tinha uma maneira de mantê-la fora de equilíbrio. Como uma controladora de tráfego aéreo, ela se orgulhava de ser calma, tranquila, recolhida, mesmo

durante os períodos de alto estresse e emergências de arrepiar os cabelos. No entanto Reseph, com nada mais do que um toque de pluma de luz ou algumas palavras ditas em voz baixa, poderia jogar turbulência em que se espera que seja um plano de voo sem

incidentes, suave.

Voltar ao curso, idiota.

Ela pegou o telefone e discou, não dando a sua amiga a chance de sequer dizer Olá. — Stace. Ei, desculpe, não chamar mais cedo, mas Reseph está aqui. Ele está bem e eu te ligo mais tarde.

— Espere! — A voz de Stacey rachou sobre as ondas. — Você disse que está com Reseph? Quando ele chegou aí?

Jillian olhou para o relógio. — Uma hora e meia, talvez.

— Como ele chegou aí?

— Ele pegou uma carona parte do caminho e andou o resto. Por quê? Que história é essa?

A pausa de Stacey fez um nó no estômago de Jillian com medo.

— Não tenho que falar sobre isso, mas um par de dias atrás, os Bjornsens foram mortos no final da estrada até você.

— Jesus. Como?

— Vou lhe dar os detalhes mais tarde. Mas... Caramba, não há nenhuma maneira fácil de dizer isto. Os Bjornsens não foram os únicos. Sinto muito, Jillian. Também os Wilsons, — disse Stacey. — Eles estão mortos.

Um esmagamento de negação enrolou em torno do peito de Jillian e apertou com força. — Isso não é possível. Eu os vi esta manhã. Deixei ovos no meu caminho de casa da cidade.

— Que horas foi isso?

— Por volta das onze — Jillian sussurrou.

Oh, Deus, isso não poderia estar acontecendo. Conheceu os Wilsons quase toda a sua vida. Maggie Wilson fez figurinos de Halloween e tinha comprado toneladas de biscoitos Girl Scout. E quando o pai de Jillian sofreu seu primeiro ataque cardíaco, Joseph Wilson ajudou com a fazenda por meses enquanto seu pai se recuperava.

— Jillian? — A voz de Stacey perfurou o zumbido de memórias em sua cabeça. — Você está bem?

— Eu estou bem — Ela murmurou. — Mas por que você iria perguntar sobre Reseph? Você não pode pensar que ele tenha alguma

coisa a ver com isso.

Como se chamasse Reseph saiu do quarto, cabelo molhado, o corpo brilhando. Estava vestindo apenas um par de desabotoadas calças jeans.

— Nós pensamos que era um animal, um puma ou urso, mas aconteceu as 04:57. Se Reseph andava, ele estava indo direito de sua casa. Ele pode ter visto alguma coisa. Preciso falar com ele. Posso passar por aí?

Entorpecida, Jillian assentiu, então percebeu que Stacey não podia vê-la. — Sim — Ela resmungou.

— Estarei aí daqui a pouco.

Os braços de Reseph vieram ao redor dela, e foi de bom grado em seu abraço. — O que há de errado?

— Os Wilsons... Eles eram os melhores amigos dos meus pais. Cresci com a filha deles. Eles estão mortos.

Ele a abraçou apertado. — Eu sinto muito.

— Reseph... Você andou pela estrada. É a casa a cinco milhas abaixo da colina, com a roda de carroça, na entrada para a garagem. Viu alguma coisa?

— Como o quê?

— Um puma, talvez? Ou um urso? Mesmo passos na neve?

Por alguma razão, ele ficou tenso, apenas um endurecimento sutil antes de ele relaxar. — A polícia acha que é o que os matou?

Quando ela assentiu, ele passou a mão para cima e para baixo sua coluna vertebral em um gesto reconfortante. — Não vi nenhum puma, urso ou qualquer outra coisa.

Ela sabia o que outra coisa poderia ser. Assim como sabia que não vendo *outra coisa* não quer dizer que não havia nada lá. Alguns demônios eram invisíveis.

CAPÍTULO 08

A amiga de Jillian, Stacey era durona. Reseph soube no prazo de trinta segundos que não gostava dela. E, no entanto, aprovou-a como uma amiga para Jillian. Reseph tinha certeza de que a policial havia arranhado seu caminho para fora de alguma parte ácida e amarga no inferno, mas não podia culpá-la por proteger sua amiga.

Ela entrou na casa de Jillian como se a pertencesse, deu Reseph o mau-olhado, e interrogou-o como se fosse o Suspeito principal em um complô para assassinar o presidente. Quem quer que o presidente fosse. Não Washington, aparentemente.

Não seria surpresa para Reseph se Stacey tinha quebrado uma bengala de bambu e um par de alicates para o próximo nível de interrogatório. Quando ele falou demais, ela foi menos do que divertida.

Sem nenhum senso de humor.

Ele deixou Jillian e Stacey sozinhas por alguns minutos para conversar enquanto vasculhava a cozinha. Quando voltou para a sala onde Jillian e Stacey estavam sentadas no sofá, estava com uma xícara de chá quente. Agachou de joelhos, colocou a caneca na mão de Jillian.

— Você está tremendo — Disse ele em voz baixa. — Beba.

Seus olhos assustados abocanharam os dele, e estava feliz em ver que pelo menos tinham perdido o esmalte atordoado. A morte dos Wilsons bateu com força, e viu como foi difícil ouvir Stacey perguntá-lo se viu algo.

— Obrigada. — Jillian o agradeceu com um sorriso que fez seu pulso chutar para cima um entalhe antes de ela se virar para a amiga. — Stacey, por você está lidando com tudo isso? A polícia do Estado não deve se encarregar da investigação?

Stacey mudou e desviou o olhar, e sim, aquela garota estava escondendo algo. — Os policiais estaduais estão repassando isso — Stacey disse finalmente. Ela fez uma pausa por alguns segundos tensos

antes de continuar em voz baixa, conspiratória. — Nós deveríamos manter isso em segredo, mas há investigadores paranormais que chegaram para procurar os assassinatos.

A mão de Jillian tremia tanto que o chá derramou sobre a borda. — Pensei que você disse que os animais foram os responsáveis.

— Pelo que eu entendo, é apenas uma precaução. — Stacey olhou Reseph quando ele pegou um guardanapo e limpou o chá fora do braço de Jillian. — Não vi cena ou crime, mas me sentiria melhor se você viesse para a cidade e ficasse comigo.

— Não posso deixar os animais — disse Jillian.

Reseph tomou a xícara dela antes que derramasse mais. — Talvez você devesse ir com Stacey. Posso cuidar da fazenda.

— Não! — Voz de Jillian era pouco mais que um grunhido. — Não vou viver com medo de novo. Você entende isso? Essa... Coisa... Não vai ganhar. Você tanto pode ir para o inferno, se acha que estou fugindo...

— Ei. — Reseph pegou a mão dela, e quando ela puxou para fora de seu aperto, pegou de novo, com mais firmeza. — Está tudo bem. Ninguém está forçando você a ir para qualquer lugar. — Ele deslizou um olhar para Stacey que deu um aceno de concordância agora, e ela disse. — Se você quiser ficar, vou ficar com você.

O rosto de Jillian corou e ele teve a sensação de que ela estava um pouco envergonhada por sua explosão. Não precisava estar. Ela claramente estava abrigando um trauma que estava fervendo. A liberação de vapor só pode ser uma coisa boa.

Stacey empurrou para seus pés. — Preciso voltar, mas Jill, você sabe, se precisar de alguma coisa... — Deixou o resto por dizer, mas o vínculo entre as duas amigas não precisou de mais nada.

— Obrigada. — Jillian deu sua amiga um sorriso frágil. — Vou ficar bem.

Stacey agarrou seu casaco e atirou a Reseph um olhar significativo. — Importa-se de me acompanhar até meu carro?

Não era uma pergunta. Era uma ordem cheia de faça ou eu vou atirar em você. As mulheres nesta parte do país amavam suas armas, não é? Sexy como o inferno.

Jillian bufou. — Stacey...

— Está tudo bem — Reseph disse, dirigindo qualquer tensão.
— Estarei de volta.

Ele seguiu Stacey até seu carro da polícia, onde se virou para ele, com um monte de fúria.

— Escute quem quer que seja. Jillian passou um inferno e só foi no último par de meses que saiu de sua concha. Ela não precisa de você por aqui como um gato sarnento levando Deus sabe que tipo de bagagem.

Sarnento? E realmente queria saber que tipo de inferno Stacey estava falando em relação ao Jillian. — Foi um demônio, não foi?

— O que matou os Bjornsens e Wilsons? Eu não sei.

— Não. O que colocou Jillian no inferno que você acabou de mencionar.

A expressão de Stacey ficou completamente plana. — Isso não é da sua conta. Quero que saia daqui pela manhã. Quando você se for, talvez ela venha ficar comigo.

Flocos de neve grossos começaram a cair em redemoinhos preguiçosos quando ele casualmente estendeu a mão e apoiou o quadril contra o carro.

— Sim, veja, isso não vai acontecer. Você tem um ponto sobre a bagagem. E é legal que ela tenha uma amiga como você para olhar por ela. Mas ela também tem a mim para fazer isso. Nós dois sabemos que ela não vai deixar sua fazenda, e enquanto haver algo aqui matando as pessoas, não vou deixá-la sozinha. Não vou deixar nada nem ninguém ameaçá-la.

Seu queixo veio à tona. — E se você for a ameaça? Você pode honestamente dizer que não é? E se você acordar amanhã e se lembrar que você é um esturpador em série? Ou um traficante? Ou traficante de escravos?

Stacey a durona acabou batendo em seus próprios medos, mas seus exemplos não chegam nem perto de onde os seus pensamentos o levaram. Não podia explicar, mas teve a sensação de que, se fosse parecer um babaca, ele faria um traficante parece um gatinho brincalhão.

Não que ele diria que Stacey. — Se eu fosse qualquer uma dessas coisas, acho que o último lugar que estaria era no meio do nada. Estou supondo que você não tem um enorme problema de drogas ou escravo em sua cidade sem semáforo.

— Dois — Ela retrucou. — Há dois sinais de trânsito.

— Oh, bem, então, vou ver se consigo o comércio de escravos em sua metrópole.

Ela estreitou os olhos para ele, o que só fez sorrir. — Basta ter em mente que se você machucá-la vou atrás de você com tudo o que tenho. — Ela empurrou o braço para fora do caminho, entrou no veículo e fugiu. A durona policial acelerou muito duro, provavelmente a irritou, mas isso o divertiu.

Pelo menos, estava se divertindo até que sentiu uma presença. Ouviu o som sumindo do veículo de Stacey, e então ouviu a floresta. Pio de uma coruja atravessou a noite, mas diferente do disso... Nada. Mas sentiu como se estivesse sendo vigiado. A coisa estranha foi que desta vez não conseguiu uma alerta de perigo. O oposto aconteceu, na verdade. Havia algo de reconfortante sobre o sentimento que teve.

— Seja você quem for — Ele disse calmamente — Eu gostaria de vê-lo. Porque agora, estou pensando que poderia ser um pouco tocado da cabeça.

Ninguém saiu do ar ou da floresta. Naturalmente.

— Vamos lá, você maldito espreitador. Jogue-me um osso. — Fez um giro de 360 graus, olhando em todas as direções possíveis. — Não suponho que você pode me dizer quem eu sou. Não? Bem, foda-se.

Esperou mais um minuto e a sensação desapareceu, deixando para trás apenas a consciência de que estava do lado de fora no frio, no escuro e Jillian estava quente e triste lá dentro.

Frustrado, voltou para a cabana, alarme cravou quando ele não a viu. Checou a cozinha, e, em seguida, encontrou-a no quarto escuro sentada na beira da cama.

— Será que Stacey leu para você o ato de motim? — Sua voz era rouca, com uma nota de lágrimas.

— Um pouco. Acho que ela queria enfiar esse cassete na minha bunda. E não de uma forma divertida.

Ela olhou para seus pés. — Sinto muito por isso.

— Não se preocupe. Ela é uma boa amiga. — Ele subiu no colchão e envolvendo os braços em volta dela para puxá-la ao lado dele. — Você está bem? Existe algo que posso fazer?

— Isso é perfeito. — Ela se aconchegou na curva de seu braço. — Perfeito demais, acho.

— Como pode algo ser perfeito demais?

— Porque — Ela sussurrou. — Foi quando tudo se desmoronou.

Reaver estava feliz por ver que Reseph estava indo bem. O Cavaleiro parecia ter se adaptado a vida no mundo humano e certamente não parecia mal quando Reaver espionou ele e fêmea policial discutindo no veículo.

O mesmo não pode ser dito de Reaver.

Harvester o tirou fora do Sheoul-gra, como prometido, mas ainda trazia as feridas do demônio que estava comendo-o lentamente nos últimos três meses. E Harvester, a cadela, não tinha sequer se oferecido para curá-lo. Não que ele queria isso dela. Mas ainda assim.

Como um anjo, Reaver curava rapidamente... A menos que o dano fosse causado em Sheoul ou por um anjo particularmente poderoso. Em seguida, todas as apostas estavam fora e ficou parecendo que passou algum tempo em um moedor de carne.

Então, enquanto caminhava para baixo, as paredes brancas imaculadas do Multiplex Arcanjo, suas contusões e pele viva adicionou um muito necessário respingo de cor. Tinha, pelo menos, tomado o tempo para passar em sua residência tomar banho e trocar o pijama de Harvester por um jeans e uma camiseta azul. No céu e alguns lugares da Terra, os anjos poderiam mover os dedos para limpar e mudar, mas optou por desfrutar da sensação de água quente despejando sobre seu corpo dolorido. Seu tempo como um anjo caído lhe deu um gostinho para os prazeres simples, e realmente não dava a mínima para seus companheiros anjos olhando para baixo de seus

narizes perfeitos por isso.

A frente, o arco de cristal marcava a entrada para a sede do complexo Vigilante, onde as equipes mantiveram o controle dos acontecimentos dos seres em todo o mundo. Era onde os chefes de Reaver trabalhavam, bem como as saliências de outras classes de anjos superintendente, como Memitim.

Reaver pegou uma direita no segundo arco, passando através de uma membrana espumante que atuava como uma barreira do som. Dentro da sala aparentemente interminável, anjos folheavam livros e pergaminhos, telas monitoradas pairavam no ar com hologramas, e eles conversaram entre si, como os trabalhadores de escritório em torno de um bebedouro.

Anjos gostavam de pensar que eram muito melhores do que os humanos, mas Reaver não viu muita evidência disso.

Com nada mais do que um pensamento, criou um palco no centro do espaço, pulou em cima dele, e fez com que sua voz ressoasse - de novo, bastou um pensamento.

— Ei! Anjos companheiros. — Sim, nada de protocolo, e Darnella, uma anja ruiva arrogante que tinha orgulho extremo nas asas que combinava com a cor do cabelo perfeitamente, chamou-o.

— Reaver. Você não tem vergonha?

— Estou aqui em jeans e uma camiseta, com um lábio partido, nariz quebrado e olhos negros. Pareço que tenho vergonha? — Ele poderia ter se vestido adequadamente formal, ou pelo menos casual para isso, mas dane-se. Estava se sentindo rebelde hoje.

Ele olhou para as duas dezenas de anjos irritados. — Não acho que alguém tenha visto Gethel?

Olhares em branco foram a sua única resposta.

— Ok, vamos tentar isso. Alguém sabe o que ela está?

Modran, um homem de cabelos escuros, vestindo uma túnica de prata com joias ridículas, adiantou. — Ela não é mais parte de nosso departamento. Por que deveríamos tê-la visto ou saber de suas atividades?

Reaver não tinha ideia para onde foi transferida após ele assumir seu lugar como Vigilante dos Cavaleiros do Céu, e não se

importava. Também não tem acesso ao alto escalão de anjos que poderia saber, mas alguns desses idiotas sabiam.

— Apenas pensei que vocês gostariam de saber que ela se tornou má. Muito má. Foi conivente com Pestilence para matar o filho de Thanatos e iniciar o Apocalipse.

Houve muita zombaria. E expressões céticas. E chamadas nos telões de “mentiroso.” Tolos. O problema era que ele não tinha um monte de credibilidade. Não importa como um anjo caído que ajudou a salvar o maldito mundo há alguns anos, a única coisa que esses idiotas focam é o fato de que tinha caído em primeiro lugar. Eles iriam virar seus halos quando soubessem sobre sua mais nova façanha. Jogar Reseph no reino humano não iria muito além.

Especialmente desde que Gethel sabia que Reseph estava lá fora e estava tentando encontrá-lo.

Darnella arqueou uma sobrancelha. — E você tem provas disso?

— Tenho testemunhas. Thanatos entre eles. — Ele explicou o que tinha acontecido e, gradualmente, choque, tristeza e fúria substituíram o ceticismo.

— Mais de três meses se passaram no reino humano — Disse Darnella. — Por que você esperou tanto tempo para trazer isso para a gente?

— Estava preso em Sheoul. — Reaver preparou-se para o resto da confissão, mas antes que pudesse falar um homem loiro que Reaver não reconheceu avançou, vestido de branco da cabeça aos pés.

— Eu vou falar com os Arcanjos, para determinar se uma investigação é necessária e se Gethel será obrigada a entregar a sheoulghul.

— Se? — Reaver bufou em desgosto. E Gethel estava na posse de um artefato que permitia a recarga de poderes angelicais em Sheoul? A maioria dos anjos de batalha não tem acesso a sheoulghuls, e os anjos de batalha eram os que mais necessitavam. — Estou lhe dizendo que ela se tornou má. Ela está do lado dos bandidos, você se lembra deles, os demônios? Mesmo agora que ela está tramando trazer Pestilence de volta.

— E como, exatamente, ela pretende fazer isso? — Perguntou Modran, o ceticismo escorrendo de sua voz profunda. — Pestilence está morto.

Reaver estremeceu... — Não exatamente. Thanatos usou o punhal errado. Reseph foi enviado para Sheoul-gra com Pestilence bloqueado embora dentro dele.

Murmúrios ressoaram no meio da multidão e Darnella falou. — Isso é inesperado, mas uma boa notícia. Defendemos uma melhor chance de ganhar o futuro do apocalipse bíblico com um Cavaleiro adicional do nosso lado. Foram calculadas as chances de sucesso sem ele, e que eram, infelizmente, não eram encorajadoras.

— Não eram encorajadoras? — Reaver ficava sempre espantado com a capacidade de seus irmãos para eufemismo. — Vocês estão cientes da teoria que a morte de Reseph poderia desvendar a história? Durante a noite, qualquer referência aos quatro Cavaleiros seriam apagadas, incluindo os da Bíblia, e tudo Reseph já afetou de alguma forma tomaria um novo rumo. Se ele tivesse morrido, todos nós poderíamos ter acordado para um mundo muito diferente.

Era algo que tinha acontecido antes, quando os Cavaleiros, antes de suas maldições, tinham começado uma guerra. Anjos entraram e mudaram a história humana e memórias com pouca importância. Mas Reseph tem em torno de cinco mil anos e afetou inúmeras vidas e eventos.

Darnella sorriu friamente. — Especulação. E irrelevante, uma vez que não está morto. Esperemos que ele esteja sofrendo por um milhão de mortes agora.

Todo mundo concordou com a cabeça e Reaver se preparou para uma esfolação que poderia ser física, bem como verbal.

— Ele não está em Sheoul-gra — Disse ele abruptamente. Rasgando o curativo fora rapidamente e tudo isso. — Limpei a memória e o enviei para o reino humano.

Silêncio atordoado. E então ruge furioso e alguns guinchos de: — Você fez o quê? — Solicitação para que suas asas fossem cortadas vieram a seguir, juntamente com muitas ofertas para fazer isso agora.

Reaver levantou a mão, mas a cacofonia só acalmou um pouco. — Fica pior. Sim, isso mesmo, deixa seus insultos e exigências para a minha expulsão do Céu para mais tarde. — Ele olhou para a multidão furiosa e se perguntou quanto tempo demoraria para o seu dever Vigilante ser tirado dele. Ou pior. — Gethel sabe que Reseph estava livre, o que provavelmente significa que cada jogador-chave na Sheoul sabe também. Como eu disse, ela está tentando trazer de volta Pestilence, e se ela encontrá-lo poderia submetê-lo para o mal de novo.

— Como você sabe disso? — Modran perguntou com os dentes cerrados.

— Harvester me disse.

— Harvester? — O cara vestido com joias praticamente gritou seu nome. — Você confia na palavra de um anjo caído?

— Não normalmente — Disse Reaver. — Mas ela tem motivos para falar a verdade sobre isso. E seu Conselho Vigilante tem conhecimento sobre a Libertação de Reseph de Sheoul-gra por meses, graças a demônios de lábios soltos. Agora que vocês sabem, podem confirmar tudo

que já disse. — Ele pulou do palco, deixando um poof de distância. — Tenho um anjo para caçar. Sugiro que vocês coloquem as rodas em movimento para que outros possam estar à procura de Gethel.

— Você vai ser punido por aquilo que você fez — Modran jurou, como se ele não tivesse certeza em tudo sobre isso.

Reaver ignorou Modran e caminhou em direção à saída. Faria tudo ao seu alcance para encontrar Gethel, mas primeiro tinha que verificar os Cavaleiros.

E dado que perdeu um nascimento, um casamento e quem sabe o que mais, tinha a sensação de que justificar a sua ausência a eles seria muito mais difícil do que explicá-lo aos anjos.

CAPÍTULO 09

Jillian acordou com o cheiro de panquecas queimadas e bacon carbonizado. Ela sentou-se, piscando, o olhar difuso e ainda atordoada com os acontecimentos de ontem à noite. Caiu dura na cama novamente. Lembrou-se de acordar em um momento no meio da noite e, embora não conseguisse se lembrar de porque acordou, sabia que Reseph estava a segurando e seu peito estava molhado com suas lágrimas.

Ele não disse uma palavra. Apenas a cobriu com lençol e a manteve perto, seus braços fortes envolveram ao redor dela. E agora, parecia que estava tentando incendiar sua casa.

Ela fez uma rápida visita ao banheiro e vestiu o roupão antes de correr para a cozinha, onde Reseph, vestindo apenas calças jeans, estava apagando um incêndio. Fumaça erguia na pia, ondulando-se em torno de um fluxo de água corrente. — Oh, ui... Oi. — Reseph atirou um tímido

sorriso por cima do ombro. — Tentei preparar o café da manhã.

— Posso ver. — Ela olhou para a pia, onde os restos de toalhas de papel e panquecas eram um pirão de cinza. — Acho que no futuro, você deve deixar a cozinha para mim.

Ele franziu o cenho para a bagunça. — É como se nunca tivesse cozinhado em minha vida. Como poderia não ter cozinhado?

— Talvez você só comia fora?

— Talvez seja rico e tenha servos — Sugeriu. — Isso seria legal.

Ela desligou o fogão a gás que estava aquecendo o ferro fundido da frigideira vazia. — Não acho que eu gostaria de ser rica.

Ele girou e apoiou o quadril em cima do balcão, dando-lhe uma visão tentadora de seu peito esculpido. — Portanto, não há nada que você gostaria de mudar por aqui? Para onde você gostaria de viajar?

A ilha mágica cheia de homens como Reseph veio à mente. —

Talvez comprasse um caminhão novo, expandisse o celeiro e férias tropicais seria bom, mas não, gosto da minha vida do jeito que está.

— Hum. — Ele mexeu seus ossos do ombro, essa manhã ela mal podia tirar os olhos longe para abrir a geladeira. — Como você está se sentindo?

— Estou melhor — Ela disse, enquanto foi buscar a cesta onde guardava seus ovos frescos.

— Você quer falar sobre isso?

— Não... — Não achava que queria falar sobre a morte de seus vizinhos ou o fato do que a assustou ontem à noite. — Mas obrigada. E obrigada por ascender a lareira.

— Eu também alimentei os animais e raspei o celeiro.

— Você não tem que fazer isso.

Ele deu de ombros. — Não consegui dormir. Espero que esteja tudo bem, mas passei algum tempo na internet.

Uma pontada de ansiedade disparou através dela. — Será que você encontrou alguma coisa? Sobre si mesmo?

— Não, mas fiz a varredura sobre a minha tatuagem de cavalo e entrei num fórum de arte da pele para ver se alguém reconhece o trabalho. Nada até agora. Também busquei o que aconteceu durante o último ano. Despertou minha memória em um monte de coisas. Lembro-me de quem é o presidente agora. — Ele passou a mão pelos cabelos, e seus dedos coçaram para fazer isso por ele. — É estranho, embora, porque juro que realmente me lembrei de Washington. — Ele balançou a cabeça. — Mas a coisa realmente fodida é que tenho pedaços de memória e conhecimento, até por volta da época que tudo começou. Então, nada depois disso.

Colocando a tigela ao lado da pia, ela pensou sobre o seu próprio mês em coma. Quando acordou em uma cama de hospital, confusa e sozinha, não se lembrava de quem a levou ali. Foi apenas algumas semanas depois que tudo voltou, e em muitas maneiras desejou que não tivesse.

— Talvez você esteve ferido. Em um coma ou algo assim.

Sua expressão ficou perturbada. — Talvez. Mas isso ainda não explica como cheguei a sua propriedade, nu e semi-congelado. E se a

explicação de por que não tenho nenhuma memória é algo pior do que um acidente ou coma?

— Como o quê? Como se algo terrível aconteceu e você está bloqueando isso? Algum tipo de transtorno de estresse pós-traumático?

— Não sei. — Ele empurrou fora do balcão e começou a andar. — É como se houvesse uma parede no meu cérebro que envolve o meu passado, e se eu pudesse romper, conseguiria lembrar. Está ali... Quase posso tocá-lo. — Ele balançou a cabeça. — Mas, então, acho que que talvez não queira.

— Entendo isso — Ela murmurou. — Eu passei por isso.

— O que aconteceu? — Reseph trouxe suas mãos em seus ombros e suspirou. Era tão cuidadoso, tão gentil com a sua força. — Você chorou durante o sono na noite passada.

Ela conteve um gemido. — Estava chateado com os Wilsons.

— Mentira. — A palavra dura foi dita em voz baixa. — Foi um pesadelo e você tem muito deles.

— Você não pode saber disso — Ela falou também defensivamente.

Reseph deixou cair às mãos, mas não se afastou. — Quando dormi no sofá, eu ouvi.

Não podia fugir mais da sua acusação, mas podia ficar longe dele, então atravessou para o outro lado da cozinha e se ocupou com a limpeza do balcão. — Todo mundo tem pesadelos.

— Mas você não tem que acordar com eles sozinha.

A maneira como ele disse isso, tão ponderado com emoção, enrolado em seu coração. A tensão estranha brotou entre eles, como se ambos estivessem desconfortáveis com a forma como o seu relacionamento estava progredindo. O que era muito rápido, para ela pelo menos. Não queria um relacionamento, mas não podia negar como ela se sentia, também. E quanto mais tempo passava com Reseph, mais gostava dele. Quanto mais se encontrava o desejo do jeito que ele a fazia sentir.

Recomponha-se. Rápido. Colocou as mãos nos quadris e revirou

os olhos em desgosto simulado. — Vai transformar qualquer coisa em uma oportunidade de ir para a cama, não é?

Um sorriso lento se espalhou sobre o rosto. — Jilly, você me conhece tão bem.

Estremeceu. Ninguém a chamava de Jilly desde que usava fraldas. Pegou a frigideira do fogão. — Chama-me Jilly novamente, e vou pregá-lo com isso.

— Parece pesado.

Ela levantou mais alto. — Ferro fundido.

— Realmente não iria me bater... Jilly?

Ela falou com os dentes cerrados. — Sim.

Reseph passeou e seu coração batia mais rápido a cada passo. Parou quando eles estavam quase se tocando e se inclinou tão perto que seus lábios roçaram sua orelha. — Sabe que amo uma mulher que pode lidar com uma arma.

— Sim? Sabe o que você pode fazer com o cabo?

Rindo, ele levantou as mãos em derrota e recuou. — Vou dar uma olhada nos animais.

— Você já não os alimentou?

— Sim, mas há algo lá fora.

O lembrete pôs um amortecedor sobre o humor leve. — Tenha cuidado.

— Sim. Se tivesse um nome do meio, cuidado seria um. — Balançou as sobrancelhas. — Eu acho.

— De alguma forma, duvido disso.

Ele deu de ombros, fazendo com que todos os músculos exuberantes jogassem debaixo de sua pele. — Você provavelmente está certa.

Reseph puxou uma camiseta e saiu para o frio, grato pela brisa gelada. Por uma vez, não foi o jogo sexy que o fez suar. Foi à conversa dos pesadelos de Jillian. Não estava exatamente... Próximo. Sim, ela gemeu em seu sono, clamou às vezes, jogou e virou como se fosse um grão de milho de pipoca em uma panela.

Mas o fez.

Esta manhã, o que o levantou da cama foi um pesadelo que via como filme cada vez que fechava os olhos.

Via monstros... Criaturas horríveis de todos os tamanhos e formas. Os piores foram os animais que, à primeira vista, pareciam humano, mas que depois se transformou em coisas que atacavam os seres humanos reais e... Faziam mal a eles. Havia também pragas que afetaram tantas pessoas.

O pior de tudo era que nos pesadelos sentiu como se desfrutasse dos horrores. O sangue. A morte. Talvez não devesse ter passado tanto tempo pesquisando a merda que aconteceu ao longo do último ano. Assistiu notícias, leu sobre as declarações oficiais divulgadas pelos governos em todo o mundo, viu imagens tão perturbadoras que teve náuseas.

Tudo foi tão familiar.

Precisava saber o porquê. Precisava de respostas, respostas que a Internet não poderia fornecer.

Olhando para trás por cima do ombro viu Jillian ainda na casa e começou a descer à calçada. Ele se arrastou para a estrada principal e virou à esquerda, subindo a montanha na direção que assumiu que os Bjornsens viveram. Não tinha certeza quanto tempo andou, mas soube quando encontrou o caminho certo.

Mesmo que a sombria e sinistra vibração não o agarrasse, a visão do pneu-mastigado calçada teria. Ali, no meio do nada havia uma grande quantidade de tráfego que revirou o cascalho bruto.

Cautelosamente, seguiu as marcas de pneus, os olhos e os ouvidos em alerta para o perigo. Seguiu torcendo por uma boa meia milha. Quando arredondado uma curva para cima, viu um trailer enferrujado cercado por fita da polícia. Não havia carros, salvo o antigo Jeep vagão estacionado em frente à garagem.

A sensação de mal se tornou mais concentrada quando se abaixou sob a fita da polícia e, com isso, seu pulso chutou em alta engrenagem. Mais uma vez, a familiaridade estava batendo no interior do seu crânio. Sua mão tremia quando estendeu a mão para a maçaneta da porta.

A porta destravou abrindo, e o fedor da morte bateu nele. O

odor de sangue e entranhas também foi acompanhado por uma defumação estranha, como uma combinação de ácido e enxofre.

Enxofre? Por que sabia como cheirava enxofre? Inferno, como sabia como a morte cheirava?

Foda-se. Isso não poderia ser bom.

Entrou, cuidado para evitar estragar qualquer das marcas de provas da polícia, etiquetas e fotos que foram fixadas em todo o lugar. Sangue seco criou a arte horrível nas paredes e móveis, e poças de sangue ainda úmida como gel enlameada o chão de linóleo e o tapete felpudo laranja.

Suas botas rangiam em cacos de vidro na cozinha, restos de tigelas quebradas e uma janela. Agachado, estudou as marcas de garras que arregaçaram os armários. Eram profundas, algumas perfuraram completamente o aglomerado frágil. Pegadas de sangue cobriam o lugar... Algumas de humanos, e algumas... Não.

Pairou a palma da mão sobre um dos passos. A impressão era maior do que a sua mão, e mais ampla, muito parecido com a que viu na neve perto da trilha do puma.

Isto definitivamente não era um puma, e se a polícia suspeitava de um urso, eram idiotas. Pelo menos eles foram inteligentes o suficiente para recorrer a especialistas.

Sou responsável por isso.

A ideia veio do nada, uma facada no cérebro que embalou em seus calcanhares. Não poderia ser o responsável. Estava congelado na neve.

A não ser que tenha os matado e depois vagou pela floresta até que entrou em colapso.

A respiração estremeceu fora dele. Estava tão doente de duvidar de si mesmo. Quase à toa, arrastou seu dedo através de uma dispersão de sal de uma coqueteleira quebrada. Alguns website à prova de demônios aconselhavam circular a sua casa com sal, assim certas criaturas sobrenaturais

não poderiam atravessar. Soava estúpido, mas inferno valia a pena tentar se isso mantivesse Jillian segura.

O som de um motor o fez deixar para trás a ideia sobre roubo

de caminhão de sal da estrada. Pôs-se de pé e saiu por uma porta traseira. Não seria bom a polícia pegá-lo aqui. Especialmente se a policial fosse Stacey, que já queria amarrá-lo por suas bolas. Merda.

Esquivando-se para baixo, olhou pela janela da cozinha para espiar, e seu coração parou. Não era a polícia. Era Jillian numa motoneve.

Duas vezes merda. Quase preferia que fosse Stacey. Vestida com calças pretas de esqui, botas de neve, e um casaco verde, ela desligou a máquina, olhando suas pegadas enquanto ela caminhava em direção à porta, onde se encontrou com ela.

E ela. Estava. Irritada.

Expressão definida em fúria apertou as mãos enluvadas em seus lados. — Que diabos você está fazendo? Esta é uma cena de crime. Por que você não me disse que estava vindo? O que foi uma burrice mover... — Ela parou de falar, seu olhar colado à cena atrás dele.

O fogo que tinha estalado em seus olhos apagou e sua pele perdeu tanta cor que se preparou para pegá-la, se ela desmaiasse.

Antes que pudesse sair e fechar a porta, ela arrastou seu caminho passando por ele.

— Jillian — Disse ele, tomando-lhe o braço — Você não deveria ver isso.

— Oh, mas está tudo bem para você ver isso? — Ela empurrou para fora de seu controle. — Não sou uma criança.

— Você foi a apontou que esta é uma cena de crime.

Ela o encarou. Pelo menos não estava carregando uma frigideira.

No momento em que entrou na cozinha e viu as marcas de garras nos armários ficou ainda mais pálida.

— Não sei muito sobre o procedimento de polícia, — Reseph disse — Mas parece estranho às fotos das vítimas e as provas na cena do crime.

Engoliu seco algumas vezes. — Não acho que é um procedimento padrão para cenas normais de crime. Um tempo atrás, Stacey mencionou que quando especialistas paranormais são

chamados, eles exigem que a polícia deixe fotos das vítimas e as provas uma vez que os especialistas não trabalham em estreita colaboração com a polícia.

Engoliu mais duro, ela olhou para uma das fotos e Reseph prendeu a respiração. De todas as fotos, era a mais grave, revelando um padrão de marcas de garras no torso de uma mulher.

A foto era de apenas seu tronco, já que suas pernas, braços e cabeça estavam faltando.

Jillian bateu a mão sobre sua boca e correu para a porta. Ele a seguiu e a encontrou do outro em todo o lado da casa, ao lado da pilha de lenha, tentando desesperadamente não vomitar.

Desamparo fez um nó em seu intestino, por isso fez a única coisa que podia. Esfregou as costas, pequenos círculos suaves sobre seu casaco.

— Sinto muito. Você conhecia essas pessoas também?

Ela balançou a cabeça. — Eles estão aqui apenas há alguns meses. Honestamente, eram idiotas. Ele atirou em uma das minhas cabras por vagar em sua propriedade, e sua esposa não se importou em tudo. Mas não queria... Isto sobre eles. — Estremeceu. — Isso não foi um selvagem

animal, Reseph. Nós dois sabemos disso.

Seu coração quase parou, e mesmo com este frio suas mãos começaram a suar. — Você sabe o que foi?

— Sim. — Seus olhos verdes encontrou o dele. Com as mãos trêmulas, ela abriu seu casaco e levantou a camisa.

Em sua barriga tinham cicatrizes. Cicatrizes riscando sua pele no mesmo padrão exato das marcas de garras na mulher morta.

CAPÍTULO 10

— O que aconteceu? — A voz de Reseph era baixa, mortal, e desta vez, ela sabia que não sairia sem explicação ou teria que lhe dizer que não queria falar sobre isso.

— Vou te contar tudo. — Ela olhou ao redor e estremeceu. — Mas quero ir para casa primeiro. Este lugar me dá arrepios.

Reseph deu um aceno decisivo e se dirigiu para o snowmobile. — Vou dirigir. Parece que você está prestes a desmaiar.

— Você sabe como operar um desses?

— Estranhamente, sim. Posso dirigir um carro, também. Tenho certeza que sou bom em charrete puxada por cavalo. — Ele pulou em e estendeu a mão, que ela tomou e acomodou-se para que seu corpo estivesse encostado no dele, envolvendo os braços firmes em torno de sua cintura. — Abaixo.

— O quê?

— Mova suas mãos para baixo.

Inalando o calor e cheiro de terra de seu cabelo sedoso, obedeceu, e depois lhe deu um soco no ombro. — Você e sua mente sacana.

— Não pode culpar um cara por tentar. — Ligou o motor, o barulho cortando qualquer esperança de um retorno rápido. Que foi, sem dúvida, a razão para o seu timing conveniente.

Acelerou, dirigindo em torno de uma curva. Quando eles começaram a descer a longa e sinuosa rodovia, faróis piscaram entre as árvores, chegando a eles. Reseph parou a máquina.

— Quem são?

Ela apertou os braços ao redor dele. — Poderia ser a polícia. Ou os investigadores especiais.

— Quem são eles, afinal?

— Caçadores de demônios. — Nunca viu nenhum, mas falavam deles em todos os noticiários.

Reseph ficou tenso, os músculos de suas costas cimentando

contra o peito dela.

— Existe outro caminho de volta para a sua casa?

— Por quê?

— Não sei. Só tenho um mau pressentimento.

— Sobre eles?

— Não, — Ele disse asperamente. — Sobre mim. — Seu corpo inteiro ficou ainda mais duro quando o veículo se aproximava. — Eu não posso explicar. Nós apenas precisamos ir.

Desconforto a percorreu, mas Reseph não tinha guiado errado ainda. Apontou para um agrupamento de árvores finas. — Esse caminho. Há um prado nós podemos cortar.

Reseph não perdeu tempo. Acelerou e rasgou através da floresta. Jillian pensou em sua vida, embora tivesse que admitir que ele dirigia a motoneve como se tivesse feito isso profissionalmente há anos.

— Você é bom — Ela gritou em seu ouvido.

— Eu sei.

— Idiota arrogante — Ela murmurou e jurou que ele riu.

Ele arrancou pelo campo, mantendo-se perto da linha das árvores, como se não quisesse ser pego em campo aberto. À frente, um veado pastava ao longo das árvores, virando-se para olhá-los quando se apressaram através da neve. Reseph saudou a criatura e virou à máquina para dentro da floresta no rastro que gesticulava a direção.

Eles chegaram a sua casa tão rápido que quase parecia um milagre. Reseph dirigia bem, mas dirigia como um louco.

Assim que estavam lá dentro, ele tirou a camisa e as meias, deixando-o apenas em jeans.

Pode pensar que seu ódio por roupas era estranho, mas certamente não se importava em olhar para o seu corpo nu.

— Agora — Ele disse, cruzando os braços sobre esse magnífico peito. — O que aconteceu?

— Nem sequer tive a chance de relaxar? — Ela se dirigiu para o quarto, e ele a seguiu.

— Você teve tempo para relaxar no caminho para cá.

Lançou-lhe um olhar sujo. — Se você acha que sentar na parte

de trás de uma motoneve com você é relaxante, você está louco.

— É altamente provável. — Ele se apoiou na porta. — Então.

—Então. — As memórias sombrias de seu passado se levantaram. *Atrase.* Precisava atrasar mesmo que por apenas um minuto. — Por que você primeiro não me diz porque os investigadores de demônio te deixou nervoso?

— Não sei — Ele murmurou. Ela mediu-lhe a verdade, estudando sua linguagem corporal direito até a contração em sua mandíbula reta e forte, o brilho em seus olhos, mas lhe ocorreu que era um desperdício de tempo. Estava golpeando a zero quando o assunto era julgar os homens. — Acho que tenho uma aversão a caça às bruxas. Você sabe como eles são fanáticos para ver o que eles querem ver? E se dão uma olhada em minha situação e decidem que deveriam me queimar na fogueira? Olha o que aconteceu durante os julgamentos das bruxas de Salem. Ninguém pôde julgar que eram realmente bruxas. Uma delas era um demônio, mas não bruxa. — Ele fez uma pausa. — Como eu sei disso?

— Talvez você leu quando estava online. Mas sim, posso entender como estar perto de tipos policiais de demônio poderia ser um pouco inquietante — Ela admitiu.

— Exatamente. Agora — Ele disse, com uma voz profunda que escorria com o comando — Diga-me o que aconteceu com você.

Caramba. Ele definitivamente não estava deixando isso pra lá, mas não podia culpá-lo. Ela convidou a discussão no momento em que lhe mostrou as cicatrizes. Deus, não tinha certeza de que poderia fazer isso. Nem mesmo deixou Stacey vê-las.

— Foi o que aconteceu há um ano. — Afundou-se na cama e puxou um travesseiro no colo. — Estava saindo do trabalho na torre de controle de tráfego aéreo em Orlando após uma troca de turno, por isso era quase meia-noite. O estacionamento estava bem iluminado, mas, de repente, as luzes esmaeceram.

— Um ano atrás. Isso é sobre quando todo o assunto demônio aconteceu, certo?

— Mais ou menos. Aparentemente, vinha acontecendo há alguns meses, mas o público em geral não sabia até então. Isso é

quando a merda bateu no ventilador e estava ficando cada vez pior. — Até três meses atrás, quando tudo... Parou. — Então, sim, há rumores e outras coisas, e estava ficando assustador, mas os líderes mundiais estavam tentando minimizar tudo. — Um tremor a sacudiu. — Não fui tão cautelosa como deveria ter sido, mas deveria encontrar meu noivo no estacionamento...

— Noivo? — De alguma forma, a voz de Reseph foi ainda mais profunda.

— Sim, mas quero dizer... Acabou. Nós não estamos mais juntos. Obviamente. Ou eu não estaria aqui. — Meu Deus, poderia ter balbuciou mais? E por que sentia a necessidade de explicar? — De qualquer forma, estava no estacionamento quando as luzes se apagaram, deveria ter corrido de volta para dentro do prédio. Em vez disso, como uma idiota fui para o meu carro.

— Você não poderia saber, — Ele disse. — E você não estava em um aeroporto? A torre de controle não é segura?

— Sim, provavelmente foi por isso que tive uma falsa sensação de segurança. — Inalou, preparando-se para o resto. — Quando estava quase no meu carro vi sangue. Um monte vazando para fora sob o caminhão estacionado ao meu lado. Na época, pensei que era do petróleo.

— Como estava escuro.

— Exatamente. — Ela fez uma careta. — Mas me lembro do cheiro. Deveria saber. Fui tão estúpida. — Ela não lhe deu a chance de oferecer consolo, palavras inúteis. — Andava pela parte de trás do meu carro, e foi aí que vi Sandy. Ela era a técnica em eletrônica que monitorava os instrumentos do tempo no campo. Estava sendo... Atacada... Por algum tipo de monstros. — As coisas tinham abusado sexualmente dela, mesmo quando rasgaram em seu corpo com seus dentes enormes. — Ela estava morta... Deus, espero que ela estivesse morta.

— O que você fez?

— Corri. Tentei correr, de qualquer maneira. Um deles me jogou no chão antes que eu pudesse dar dez passos. — Olhou para

Reseph, que estava olhando para ela com preocupação, mas, felizmente, não piedade. — A coisa mais estranha é que não me lembro da dor. Sei que fui

cortada com suas garras e estava apavorada, mas não me lembro das feridas. — Do medo que... Ela nunca se esqueceria.

— O que mais você se lembra?

— A sua respiração. — Ela estremeceu novamente, desta vez com força suficiente para abalar a cama. — Era como ovos e carne em decomposição misturado com fezes. — Ela percebeu que estava esfregando sua barriga, passando a palma da mão sobre as cicatrizes, e puxou a mão de volta. — E, em seguida, lá estava o homem.

Reseph se empurrou para fora da moldura da porta em um movimento lento e sinuoso. — Homem?

Ela assentiu com a cabeça. — Nas sombras. Não o vi, mas eu... Senti. Era como se fosse um grande forno, só que ao invés de aquecer ele estava irradiando o mal. — Ela deu uma risada nervosa. — Parece loucura, não é?

— Estamos falando de demônios — Reseph disse, enquanto se movia na frente dela. — Portanto, nada parece loucura. Ou talvez tudo isso seja.

— Acho que tudo seja.

Ele se ajoelhou a seus pés e colocou as mãos sobre a dela. — Então o que?

— Não sei. — Era uma mentira, mas não estava pronta para reviver os detalhes. Duvidava que um dia estivesse pronta. — Eu me lembro do som de asas batendo, no entanto. Era tão estranho. Havia todos esses rosnados e grunhidos... E, através deles, ouvi o sussurro suave de asas. — Alguns segundos se passaram em silêncio, e quando falou de novo, seus lábios estavam dormentes de pressioná-los. — Acordei no hospital um mês depois. O médico disse que a polícia do aeroporto me encontrou durante uma patrulha de rotina. Não me lembrei de nada por algumas semanas, e quando eu lembrei tive alta do hospital. Não podia voltar a trabalhar, assim saí do meu emprego e vim para cá.

— E o seu noivo...? — A última palavra de Reseph saiu como

um rosnado baixo.

— Nunca mais o vi.

Um sorriso cruel curvou a boca de Reseph. — Será que os demônios o comeram?

— Eu desejo — Ela murmurou. — Um dia depois que acordei no hospital, tive minha primeira visita, sua esposa. — Aparentemente, Jason confessou tudo para a esposa, dizendo que tinha a intenção de deixá-la, mas as circunstâncias ao redor do mundo o fizeram ver a luz, blá, blá. Foi por isso que não foi encontrá-la no estacionamento como deveria. Ele mudou de ideia sobre ela e seu casamento. Sua esposa foi a única a ir ao hospital e dizer que o relacionamento estava acabado.

— Você estava envolvido com um homem casado?

Humilhação se espalhou como fogo sobre suas bochechas. — Não sabia que era casado. Ele me disse que era divorciado.

— Bastardo — Reseph estalou.

— Não é possível argumentar.

Reseph a estudou, e mais uma vez ela teve a impressão de que ele era muito, muito mais velho do que aparece. — Stacey sabe o que aconteceu, não é?

— Sim. Ela é a única. Até você. — Ela apertou suas mãos, grata por sua presença. — Estava indo muito bem, e agora... Merda. — Ela fechou os olhos, mas não afastou o que tinha visto no trailer dos vizinhos. — O mesmo tipo de demônio massacrou os meus vizinhos, não é? Deus, e se for por minha causa? Se está aqui para terminar o que começou? Reseph, e se está vindo atrás de mim agora?

— Então vou matá-lo — Ele disse, com os olhos brilhando. — Eu te juro Jillian, nenhum monstro nunca vai tocar em você de novo.

Um monte de homens fez um monte de promessas para ela em sua vida, e aprendeu a não acreditar neles. Mas acreditava em Reseph. Ela não sabia o porquê, mas acreditava. Agora, só tinha a esperança de que quando finalmente se lembrasse de quem ele era, não se esqueceria as coisas que prometeu.

Kynan Morgan saiu do seu SUV alugado, as botas esmagando a neve rasgada por veículos, incluindo pelo menos uma motoneve.

Tinha visto um flash de metal vermelho por entre as árvores quando vinha, mas quem quer que esteve aqui já foi embora, o novo rastro levava para dentro da floresta.

— Quem você acha que foi? — Arik Wagner, sócio de Kynan e parente pelo casamento, olhou para longe.

Kynan tirou seus óculos de sol. — Um local, talvez?

— Quer seguir as trilhas?

— Sinta-se livre, se você tiver raquetes de neve em seu bolso.

Arik bufou. — Burro. — Foi em direção a casa, parando na porta.

Nenhum deles gostava de ir a cenas como esta, e aquela da que tinha acabado de chegar descendo a montanha foi suficientemente horrível na mente de Kynan, ainda voltava para ele. Sem mencionar o fato de que às vezes os demônios se escondem perto das cenas de seus ataques, revivendo a matança, alimentando-se do horror e o medo dos humanos que visitam o local. Ele pelo menos, não tem nada a temer, graças à Heofon, o amuleto no pescoço, e o encanto que veio com ele, era imune a dano de qualquer coisa, mas não de anjos caídos.

— Vai, cara.

Arik abriu a porta. Os odores comuns a cenas de morte por demônio deram um tapa no seu rosto, e só poderia ser grato que fosse inverno no norte assim a casa não foi cozida no calor do verão úmido em Louisiana ou algo assim.

— Foda-se — Arik murmurou. — Odeio demônios. — Ele não quis dizer isso... Não sobre todos os demônios, já que sua irmã era um lobisomem acoplado a um demônio e ele mesmo Arik era casado com uma dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse.

Então, novamente, Arik passou um mês no inferno, literalmente, sendo torturado. Assim, praticamente despreza qualquer demônio com quem não esteja relacionado ou tenha relações sexuais.

Kynan vasculhou a casa, tomando nota das pegadas, as marcas de garras, e as lesões nas vítimas. — Soulshredder. Assim como a última cena.

— Então, isso faz duas famílias na área, além de um par de

caçadores. — Arik levou as mãos pelos cabelos. — De quantos demônios você acha que estamos falando?

Kynan soltou um suspiro. — Definitivamente, apenas um em cada cena, mas isso não significa que não temos um par ou até mesmo todo um bando pendurado na área. O estranho nisso é como eles estão matando.

Soulshredders não costumavam matar todo mundo em uma cena. Eles gostavam de deixar uma pessoa viva para que pudessem torturá-las mais tempo, voltando para a pessoa de vez em quando durante anos, levando-os à loucura, assombrando-os.

— E por que está aqui?

— O demônio ou demônios devem ter vindo aqui por algum motivo. Talvez por uma pessoa.

— Então nós temos que encontrar a pessoa. — Arik amaldiçoou. — Estava realmente esperando uma rápida entrada e saída neste caso.

Kynan levantou uma sobrancelha. — Limus o mantém ocupado?

— Você não tem ideia.

— Oh, eu tenho uma ideia. Gem quer outro bebê e quando elas decidem que querem um...

— Não pensam em outra coisa. — Arik assentiu. — Sim, eu sei. E Limus é... Insistente.

Kynan riu. Sim, Limus ia definitivamente conseguir o que queria, quando queria. E depois de cinco mil anos de celibato, tinha um monte do que se recuperar. Não que Arik reclamasse muito. Mas o menino estava sempre arrastando a bunda. Claro, arrastado a bunda com um sorriso, mas ainda assim.

— Ok, então vamos traçar todas as mortes e ver se podemos obter uma pérola sobre a semelhanças. Seja quem for que atraiu o Soulshredder, provavelmente está dentro do círculo das mortes.

Arik suspirou. — Não posso acreditar que já fomos reduzidos para sobrenatural CSIs.

— Alguém tem de fazê-lo.

— Costumava ser trabalho do Aegis — Arik murmurou.

Amargura revestiu a língua de Kynan. O Aegis foi e ainda era, a força mais antiga e mais importante anti-demônio no mundo, e Arik e Kynan fizeram parte dela. Inferno, eles os executaram. Mas a organização despedaçou há três meses, e Kynan, junto com Val, Arik, Decker, Tayla e, Regan, e alguns outros, foram forçados a sair.

Agora Kynan e o resto dos proscritos estavam trabalhando para construir uma agência que operava sobre os princípios que eles adquiriram, ter sido chutado para fora não foi fácil. A maioria dos membros Aegis preferia as "velhas formas", que praticamente matava todos os envolvidos com demônios, vampiros e lobisomens à vista. O Aegis não acreditava em "bons" demônios.

Mas o novo ramo, o Equipe Responsável por Atividades Demoníacas, liderado por Kynan e os outros membros que tinha recrutado foram suficiente para formar duas bases, uma em Nova York e uma em Madrid. Eles estavam planejando outro escritório DART⁽⁶⁾ em Los Angeles. Infelizmente, o Aegis não estava sendo um bom esportista, e estavam causando problemas onde podiam, quando podiam.

Kynan arrancou um pedaço de garra quebrada de um armário. Por vezes, o DNA pode ser usado para localizar o seu dono. — O Aegis nunca realmente trabalhou assim, apesar de tudo.

Não, o Aegis foi uma agência supersecreta que operava principalmente com seu ouvido no chão, cuidando de problemas quando ouviam sobre eles através da polícia, relatórios de notícias e rumores. Agora que estavam fora do armário e estavam tão ocupados detendo rebeliões demoníacas ao redor do mundo que não tinham tempo para as pequenas questões locais como esta.

E foi onde DART entrou, preenchendo um vazio que precisava ser preenchido. Eles se deram a conhecer e se colocaram disponíveis as agências de aplicação da lei, e assim tem se mantido ocupado. A maioria dos demônios voltaram a Sheoul quando Pestilence foi destruído, mas alguns tinham ficado para trás, preferindo o domínio humano e honestamente, não podia culpá-los. Sheoul os sugava.

— E se estamos lidando com um Summoner, — Perguntou Arik.

— Se alguém invocou esse demônio, temos que matá-lo, também.

— E se é um Summoner não intencional?

Kynan rangeu os dentes. Este era o lugar onde o trabalho ficava difícil. Um Summoner não intencional era alguém que foi marcado por um demônio por alguma razão... Para ser utilizado como um imã ou como alimento ou para atrair energia. Em qualquer caso, a pessoa seria imã para todos os demônios dessa espécie, o que significava que matar um único demônio não iria resolver o problema.

— Nós fazemos o que sempre fazemos, — disse Ky. — Nós atiramos.

CAPÍTULO 11

Reseph raramente se zangava. Pode não se lembrar de quem ele era, mas sabia sobre si mesmo. E sabia que o tipo de fúria que sentia agora era incomum. Algo feriu Jillian, quase a matou, e ainda assim, ela sobreviveu, voltando forte de uma maneira que duvidava que muitas pessoas fizessem. E agora estava com medo de novo.

Algo estava lá fora, caçando seus vizinhos e matando animais silvestres. Pensou que estava vendo coisas, mas agora sabia que um demônio esteve dentro da cabana de Jillian. Nem que fosse a última coisa que fizesse, ia levá-lo para fora e bater sua cabeça no poste até que chamasse os outros. *Não foda com a minha mulher.*

Sua mulher? E merda, de onde tirou a ideia de que seria uma boa ideia bater a cabeça de demônio em um poste? Qualquer que seja. Faria isso se fosse manter Jillian segura. Quanto a ela ser sua mulher, bem, provavelmente seria melhor obter sua memória de volta antes de tudo, *você é minha.*

Especialmente desde que a sensação incômoda de que não era um escoteiro estava ficando mais forte a cada hora que passa. Tinha também muitos pensamentos estranhos, sabia muitas coisas fodidas.

Talvez fosse um caçador de demônios, como as pessoas que investigavam o assassinato dos Bjornsen e Wilson. Isso pode não ser tão ruim.

Pode ser bem legal, na verdade. Caçar o demônio a espreita aqui nas montanhas, e então rastrear os que feriram Jillian no aeroporto e fazê-los sentir tudo o que fizeram para ela. Logo depois, o ex-noivo idiota iria se arrepender.

Outra explosão de raiva fez seu sangue chiar. Nada iria machucá-la novamente. Nada.

— Reseph?

Ele piscou os olhos, percebeu que estava perdido em sua própria mente como uma espécie de louco. — Sim?

— Você estava rosnando. — Ela estava olhando para ele como

se achasse que fosse algum tipo de louco, também.

— Merda. — Ele levou uma das mãos à boca e deu um beijo na pele sedosa. — Sinto muito. Eu me sinto tão malditamente impotente. Quero matar a coisa que te atacou, e quero protegê-la de tudo o mais, mas o que se... — Ele parou, não querendo expressar seus medos mais obscuros.

— E se... O quê? — Ela enganchou um dedo sob o queixo e forçou seu olhar dela. — Reseph? Não se feche em mim. Apenas compartilhei com você. Sua vez.

Sim, não era justo não derramar suas coisas entranhas depois que ela tinha feito, mas havia uma grande diferença aqui. O que ela lhe disse o fez se sentir ainda mais por ela, arrancando cada gene protetor que tinha. Mas o que ele pensava poderia apenas fazer o oposto com ela.

— E se sou eu de quem você tem que se proteger?

— Não tenho medo de você, Reseph. — Seu olhar nivelado era inabalável.

— Mas você não sabe quem eu sou.

— Sei que você é arrogante e engraçado. É protetor e doce. Você não tem medo do trabalho duro. É forte, mas suave. Você não pode cozinhar o que é uma merda.

— Acho que estou ofendido.

— Mas você *realmente* não pode cozinhar — Ela resmungou.

— Estava falando sobre a parte 'doce'.

Seus lábios se curvaram em um sorriso travesso. — Doce.

Isso não estava indo bem, e não quando ela não estava levando a sério suas preocupações. — Jillian, talvez isso seja quem sou agora. Mas se descobrirmos que sou um bastardo doente. E se...

— Pare. — Quando teria argumentado, ela o puxou para cima da cama com ela para que ambos estivessem ocupando todo o colchão.

Seu cabelo escuro emoldurou seu rosto em mechas bagunçadas, suavizando a luz teimosa em seus olhos. — Olha, não vou mentir e dizer que não estou preocupada com quem você era antes. Já namorei um monte de caras que acabaram sendo totais idiotas, e Jason foi a cereja no topo

o bolo. É difícil para eu confiar em um cara para não rodar em mim.

— Quem eram os caras?

— O quê? — Ela apoiou-se num cotovelo, para que pudesse olhar para ele. — Você quer saber sobre dos idiotas?

— Sim. Incluindo endereços. O que eles fizeram com você? — Deus, isso foi possessivo, o lado assassino dele não poderia ser bom.

— Vamos ver... Bem, um me traiu, um tinha um problema de jogo, outro era um contador que não conseguiu me dizer que ele usava droga. — Ela suspirou. — E já lhe disse sobre Jason.

— Eu acho que — Ele rosnou — devo ter sido um assassino antes de perder minha memória, porque realmente quero caçar os caras e colocar uma flecha entre os olhos. — Ele nem sequer se incomodou que faria isso e não sentiria um pinga de remorso.

Ela tomou tantos golpes em sua vida, e ainda assim, ainda estava de pé. Era tão forte, e sua admiração por ela cresceu.

— Não tenho certeza se deveria estar lisonjeada ou extremamente assustada.

— Vá com lisonjeada. — Ele se levantou em um braço para que pudesse enfrentá-la. Assim, podia sentir seu calor se misturando com o dela. — Se você não tem medo de mim, então por que você me deixou na cidade?

Ele odiava a vergonha que se instalou em sua expressão, a pequena carranca que queria beijar até que ela sorrisse de novo. — Porque não confio em mim mesma.

— Não confia em si mesma para quê? — Ele estendeu a mão e passou um dedo ao longo de sua mandíbula. — Em não evitar que eu te deixe nua e lamba cada centímetro do seu corpo?

A mancha de rosa delicada propagou através de sua bochecha. — Como... Interessante... Isso soa, não. Não confio em meu julgamento, e não confio em mim mesma para não me apegar.

Estava na ponta da língua para dizer: "Então, não faça", porque parecia a solução óbvia, mas então seria um hipócrita, porque ele definitivamente estava desenvolvendo sentimentos por ela que não tinha certeza de como lidar. Era quase como se agora fosse o momento que devesse correr para as colinas. Fez isso antes? Por quê? Amava

como se sentia quando estava com Jillian, então por que ele não iria querer isso antes?

Tantas perguntas, e a única coisa que sabia era que estava crescendo perto de Jillian, e não iria lutar contra isso. Ela, obviamente, iria. E, francamente, quanto mais pensava sobre isso, mais furioso ficava, mesmo que entendesse sua relutância. Ele não tinha passado, e, por isso, um futuro duvidoso. Então entendeu, mas não gostou.

Picado por sua rejeição, ele se inclinou a frente, forçando-a de volta. — Então não se apegue. Porque vamos enfrentá-lo. Queria fodê-la desde o momento em que acordei em sua cama, cercado por seu perfume. — Seus olhos flamejaram com surpresa, e ele apertou o problema, ficando bem no seu rosto. — E sei malditamente como bem se sentiria se não me tivesse levado para estação do xerife, se estivéssemos sozinhos. Então vamos transar por aí, sem compromisso emocional. Dessa forma, nós dois estaremos protegendo os nossos delicados coraçõezinhos se descobirmos que fui algum tipo de babaca idiota no passado.

Huh. Acho que eles não precisam esperar para saber se ele era um idiota. Tinha acabado de tomar a rampa de acesso.

Os lábios de Jillian se separaram em choque antes de apertá-los e seus olhos endureceram com uma fria determinação interior. — Tudo bem. Você está certo. — Ela apalpou o peito. — Quer fazer sexo? — Ela arrastou a mão pelo seu abdômen para sua cintura, e ele quase

parou de respirar, mas seu pau pulou, tudo, inferno, sim.

Em seguida, ele surpreendeu o inferno fora de si mesmo quando ele agarrou sua mão e parou de desabotoar sua calça jeans. — Você tem certeza? — Que porra é essa. Por que não estava tomando o que ela estava oferecendo, sem perguntas? Isso foi tão... Estranho. Como se nunca em sua vida questionou ou rejeitou sexo.

— Depois de toda a sua perseguição, agora você está recuando? — Ela mordeu os dedos com força suficiente para fazê-lo deixar ir e deixou cair à mão de volta em sua braguilha. — Sim, tenho

certeza. Costumava gostar de sexo. Sinto falta. Sexo sem compromisso, você diz? Claro. Por que não? Meu pequeno coração delicado vai ficar bem. — Seus olhos encontraram os dela brilhando com determinação que sugou a respiração direto de seus pulmões. — Então, você vai manter a sua oferta, ou tenho que tomar um banho frio?

A palma da mão dela em concha através de seu jeans, massageando, apertando, e sua decisão foi tomada. Chegando, emaranhou os dedos pelos cabelos e trouxe os lábios nos dele. Beijando-a, ele a puxou para cima dele, amando o peso de seu corpo. O que não gostava era como isso estava indo. Talvez, no passado, o sexo sem sentido teria sido bom. Mas

com Jillian queria mais. Estúpido, sem dúvida, mas claramente, não era um homem que operava na lógica. Ele era tudo sobre instinto e impulso, e agora, ambos foram levando-os a Jillian.

Jillian não podia acreditar que estava fazendo isso. Sexo sem compromisso? Nunca tinha tentado isso, sempre foi em relacionamentos pensando que iria levar a algum lugar. Sim, tinha sido aventureira e ousada na cama... Mas só depois que deu a si mesma permissão a amar o homem com quem estava.

E não funcionou? Nem um pouco.

Talvez Reseph estivesse certo. Obviamente, foi uma idiota antes, então ei, por que não tentar algo novo? Sexo sem emoção em anexo. Podia fazer isso. Podia. Tinha que fazer.

Ele estava tão quente debaixo dela, os duros planos de seu corpo moldaram perfeitamente ao seu. Ela o beijou enquanto corria as mãos através de seu cabelo, deleitando-se com a textura sedosa. Ele tinha o tipo de cabelo que as mulheres matariam.

Acariciando suas costas, ele mudou para sua coxa que surgiu entre as dela e sua excitação cutucou seu quadril. Ele deslizou suas mãos sobre suas costelas, pelas costas, com a curva de seu traseiro e a apertou contra ele mexia sua a pélvis. A ondulação lenta praticamente a derreteu ali mesmo.

Afastando-se, ela beijou uma trilha ao longo do ângulo agudo de sua mandíbula, parando de vez em quando para raspar os dentes

sobre sua suave pele. Cada vez que ela fez isso, ele gemia, e cada vez que ele gemia, ela sentiu um puxão agradável em sua pélvis. Amava os sons ele fazia, desde os pequenos percalços em sua respiração, para o suave burburinho no peito.

Suas mãos deslizaram sob sua camiseta e em um único segundo, desabotoou o sutiã. — Eu preciso te ver — Disse ele, sua voz rouca e baixa. — Deixe-me olhar para você.

Ela nunca foi autoconsciente... Até o ataque. Ela hesitou, borboletas voando ao redor do sistema nervoso em seu intestino. Por um breve momento considerou saltar para fora da cama e correr... Para onde? O meio do nada? Morava ali. Já estava tão longe do lugar onde foi atacada como poderia fugir.

Não se deixaria ser conquistada novamente. Tomando uma respiração profunda, firmando, ela se levantou sobre seus joelhos e deixe-o tirar. Seu olhar faminto caiu imediatamente para a barriga e as marcas brancas feias. Ele estendeu a mão e arrastou um dedo sobre a cicatriz maior, aquela que passava de entre os seus seios para o osso do quadril.

— Isso é desconfortável para você?

— Deixar vocês vê-las? — Quando ele assentiu, ela mordeu o lábio. — Elas são horríveis.

Seu olhar abocanhou dela. — Errado. — Agarrando sua cintura, levantou-a facilmente e virou por cima dela e beijando sua barriga. — Você é uma guerreira, Jillian. Suas cicatrizes são tão bonitas quanto você.

Aturdida, não tinha ideia do que dizer... Não que pudesse falar se quisesse. Sua língua saiu para lambar a longa cicatriz, começando onde desapareceu sob sua cintura e todo o caminho para cima. Quando chegou à crista irregular, ele a beijou lá, os lábios persistente, quente, perfeito.

Suas mãos foram até seus seios enquanto arrastava a boca para um mamilo, sua respiração em uma onda de sensação em sua pele.

Ela arqueou para ele, pedindo mais e quando ele chupou seu seio suavemente ondulado, o mamilo inchou entre seus lábios.

— Mais — Ela suspirou, alcançando embaixo para empurrar

seu jeans fora. Ele riu e correu para fora da cama, e em dois segundos despojou de suas calças, mas ele a deixou em sua calcinha. Então, em movimento lento e tortuoso, ele abriu a braguilha, liberando sua ereção. Ela saltou livre, uma longa e espessa coluna de pele marrom escura e, veias pulsantes escuras que entrelaçava da base até a espessa cabeça de ameixa suave.

Teve um punhado de parceiros sexuais, mas nunca ficou tão encantada com a visão de um homem completamente excitado, e não tinha certeza se sentiu a necessidade ardente que a fez tremer de antecipação.

Reseph parecia saber, e dirigiu um sorriso torto para ela quando empurrou para baixo sua calça jeans e saiu delas. Completamente nu, ele era um trabalho delicioso de arte, um tom beleza que poderia adorar todo o dia e a longas noites.

Nunca olhou para longe dele, ela abriu a gaveta da mesa de cabeceira e se atrapalhou ao redor para a caixa de preservativos que Stacey comprou como uma brincadeira e uma dica. Quando ela se jogou sobre a mesa, Reseph mal lhes deu um olhar.

Inclinando-se para frente, ele agarrou seus tornozelos, usando os polegares para esfregar círculos sobre a carne sensível logo abaixo do tornozelo. Seus lábios desceram em sua coxa, e se perguntou onde ele estava indo com isso. Não que ia impedi-lo de fazer tudo o que ele queria, mas estava aprendendo rapidamente que, com ele, havia muito pouca chance de manter um passo à frente dele.

Ele acariciou sua coxa, trabalhando o seu caminho até as pernas com as mãos. A massagem sensual fazia se contorcer de prazer, e as coisas que ele fez com a boca, mesmo que apenas em sua coxa a fez gemer.

Ela colocou as mãos em seu cabelo enquanto ele a beijava e lambia, massageava e acariciava. E quando sentiu o toque mais leve contra o material de algodão cobrindo seu centro, ela deixou escapar um murmúrio apreciativo de aprovação.

— Você gosta disso, — Ele murmurou, seus lábios fazendo cócegas no vinco entre a perna e o seu sexo. — Você gosta de onde estou indo, não gosta?

Cravou as unhas em seu couro cabeludo. — Pergunta idiota, Reseph.

Ela sentiu o sorriso dele, então sentiu a boca aberta sobre o seu núcleo. Ah... Nada. Ele lambeu-a através do tecido, usando sua língua para empurrar, provocá-la através da barreira. O atrito com o material úmido enviou um chiar de sensação erótica todo o caminho até seus seios.

Ele deslizou as mãos sob os quadris e a ergueu a sua boca, forçando suas pernas a se espalhando e a expondo ao seu ataque. Ele soprou em seu núcleo e o ar frio repentino em sua carne aquecida a fez gemer de necessidade. Antes que pudesse descer a cobriu com sua boca de novo, lambendo e mordendo como se a calcinha não estivesse ali. Deus, ninguém tinha feito isso, e só poderia se perguntar por que não. Era uma espécie surpreendente de provocação, de modo eficaz e ainda, tão enlouquecedor.

Ele alimentou sua excitação com tanta facilidade, levando-a mais com cada curso especializado da língua. — Você está me deixando louca — Ela murmurou.

— Então, estamos quites. — Ele enfiou a língua sob o elástico, e ela gritou quando a lambeu fundo. — Porra, você tem um gosto bom.

Foi para ela com ainda mais entusiasmo, nunca removendo a calcinha... Em vez disso, ele a colocou de lado, beijou e lambeu em torno dela, sobre ela, sob ela. A combinação de lá e quase lá quase trouxe lágrimas aos seus olhos, lágrimas de êxtase e de impaciência.

Sua língua molhada acariciou, mergulhando em seu núcleo e, em seguida, deslizando até o nó sensível que ansiava por mais atenção.

Finalmente... Deus, enfim... Ele rosnou e rasgou a calcinha fora. Mergulhou para ela como se estivesse morrendo de fome, e não podia negar nada. Fechando os olhos deixou as ondas de choque do prazer sobre ela chegarem quando ele trancou o clitóris e chupou duro, enquanto cantarolava na parte de trás de sua garganta.

Ela veio com um grito, resistindo e se debatendo quando trabalhou até que se tornou muito sensível, mesmo para o mais leve

movimento de sua língua.

— Você é bom nisso — Ela murmurou sem fôlego. — Eu acho que... Acho que você teve muita prática.

— Acho que você está certa. — Sua voz era gutural, um rosnado de ressonância que vibrou até sua medula. Ele vagava por seu corpo, os músculos dos ombros e braços grossos ajuntando e flexionando, seu olhar brilhante e predatório. — Mas isto parece a primeira vez.

Ele a beijou quando pegou um preservativo e se estabeleceu entre as coxas. Sua boca agredindo, sua língua rodando e seus dentes beliscando fortemente. As pequenas picadas de prazer e dor riscaram todo o caminho até seu sexo. Ele fez uma pausa para embainhar-se com uma leve maldição e um murmurou — Merda, é como se nunca fiz isso na minha vida.

Estava pronta, tão pronta quando sentiu a cabeça em sua entrada. Mas então ele congelou. Seus músculos bloquearam e ele ergueu a cabeça para olhar para ela.

— O que foi? — Ela emoldurou seu rosto com as palmas das mãos e acariciou suas bochechas com seus polegares, escovando o cabelo fora de seu rosto. Seus lábios, entreabertos, brilhava com seus beijos. — Você está bem?

— Oh, sim, — Ele murmurou. — Há tantas coisas que quero fazer com você. Tantos caminhos que quero levá-la. É como se tivesse uma enciclopédia de sexo na minha cabeça. Mas me sinto como um virgem condenado, e quero que este primeiro momento seja mais do que impulsos e vários concursos orgasmo.

Ela engoliu em seco. — Impulsos e múltiplos orgasmos não parecem tão ruins.

Seu sorriso foi de derreter calcinhas. Ou seria se já não tivesse derretido. — Oh, nós vamos chegar a isso. Há tempo para foder sobre o capô de seu caminhão ou ir para baixo com você enquanto se inclinou sobre o deck da varanda ou dedilhar você até o clímax sob a mesa em um restaurante. Mas agora, só quero fazer isso durar.

Santo... Oh, meu. Capô do caminhão, deck da varanda e mesas

de restaurante. E tudo sem compromisso. Não tinha ideia de por que esse último pensamento a tingiu com amargura, mas quando Reseph abalou seu eixo através de suas dobras, a sensação vertiginosa sacudiu direita

de volta para a luxúria.

— Sim, — Ela engasgou.

— Para quê?

— Tudo isso.

Ele estava tão livre com seus sorrisos, e a enfeitou como nenhum outro quando entrou nela com incrementos dolorosamente lentos. E quando o prazer começou a construir de novo, perguntou quanto tempo essa coisa entre eles podia durar, porque se a experiência em seu namoro

lhe ensinou alguma coisa, era que os homens gostam de ser apreciados.

Não mantidos.

CAPÍTULO 12

Reseph estava no céu. A suavidade de Jillian, suas respirações ofegantes quando deslizou para dentro dela aos sons mais eróticos que já ouviu falar, e ele ainda podia sentir a sua paixão em sua língua, misturado com o aroma de sua pele. Com seu núcleo quente preso ao seu redor, foi como se

estivesse se afogando em sexo, perdendo-se em uma fantasia.

Ele se forçou a ir devagar, para deleitar-se com a magia do corpo de Jillian. Era estranho como tinha todo esse conhecimento, e ainda, isso era tudo tão novo para ele. O sexo não era novo... Era do jeito que estava acontecendo que era tão estranho. Não achava que já tinha feito lentamente, e com tanto... Atendimento. E reverência. E emoção... O que não deve estar se sentindo.

Jillian ondulava debaixo dele, os olhos fechados, o lábio inferior preso entre os dentes. O rubor sexy tingiu sua pele, trazendo um brilho do sol para suas bochechas. Ela levou as mãos para segurar seus ombros, suas unhas curtas, fortes cravando com a quantidade perfeita de pressão erótica.

Apertada... Estava tão fodidamente apertada enquanto se movia dentro dela. Rezando para o controle, obrigou-se a tomar o seu tempo com cada estocada, puxando para trás até que estava quase saindo dela, e, em seguida, avançando para frente novamente até suas bolas esfregar contra ela. Sua lisa passagem ondulou e contraiu, apertando seu comprimento a cada estocada.

Manteve-se acima dela com os braços estendidos para poder ver sua expressão, ver seu corpo se mover e ter uma visão de sua aderência. Cada vez que olhava para baixo para ver sua fenda feminina engolindo seu pênis, sua libertação cutucava mais perto. A visão o fez queimar e acelerou mais do que pensou que podia ser possível.

— Jillian, — Ele murmurou. — Ah... Nada. Estou perto. Tão perto. Muito... Perto.

Abrandou, revirando os quadris, em vez de empurrar. Sua mão subiu para massagear a parte de trás do seu pescoço antes de deslizar em seu cabelo. Com um rosnado baixo, guiou a cabeça para baixo até que sua boca encontrou a dela. Era tão doce, e não apenas o gosto dela, mas ela. Havia algo tão puro sobre ela que o fez sentir limpo, como a neve lá fora. Supôs que tinha um novo começo, e ela fazia parte dele, tanto quanto a sua perda de memória. De certa forma, talvez sua amnésia fosse uma coisa boa, porque algo lhe disse que o homem que foi antes não merecia uma mulher como Jillian.

— Reseph, — Ela respirou contra seus lábios. — Mais rápido. — Ela levantou os quadris, levando-o mais profundo e seu controle estalou. Pulou, batendo nela com tanta força que ela chegou para trás e apoiou as mãos na cabeceira da cama.

— Sim, — Ela gemeu. — Oh, sim... Sim... Reseph!

Suas lisas paredes aveludadas contraíram ao redor dele. Arqueou, pressionando seus seios fartos em seu peito e apertando as coxas dura em torno de seus quadris quando ela gozou. Sua própria libertação rolou por ele em uma onda escaldante de prazer, e antes de terminar, outra explodiu por ele, e depois outra, até que ficou seco, tremendo, e não conseguia segurar seu próprio peso.

Caiu em cima de Jillian e enterrou o rosto em seu cabelo. — Santa... Porra, — Ele respirou.

— O que disse. — Seus dedos arrastaram levemente para cima e para baixo de suas costas, e um pé coçou a panturrilha. — Você teve mais de um?

— Humm-hum.

— Não acho que os homens poderiam fazer isso.

Não foi estranho para ele, mas ainda tinha certeza que foi o melhor sexo de sempre. — Talvez seja um efeito colateral qualquer do que causou a minha amnésia. Impressionante.

Rolou para o lado, odiando a sair de seu calor, mas estava a espremendo. Arrancou para tirar as pernas para fora da cama, dirigiu-se ao banheiro para se limpar. Quando jogou o preservativo, perguntou se Jillian notou seu constrangimento quando colocou a coisa. Sabia que não era um estranho para sexo, conhecia preservativo

e o que fazer com ele, mas usando um sentiui totalmente errado. Talvez tenha usado muito. Ou era estéril. Ou talvez fosse um grande idiota que não dava a mínima.

Não gostou de nenhum desses pensamentos. E espera... Por que estava incomodado com a ideia de que pode ser estéril? O pequenino sentido de que a paternidade era algo que nunca quis experimentar o fez estremecer. Por que não queria ser pai em sua vida antiga? Porque mesmo quando confuso como agora, ainda poderia imaginar uma vida boa com Jillian, que incluía crianças.

Er... Um pouco prematuro não acha, dada a forma como ela não quer se apegar?

Sim. Idiota.

Com uma mudança mental de pensamento, pulou de volta para a cama com Jillian.

Sua bocejo delicado o fez sorrir enquanto ela rolava para ele, sua testa apoiando contra seu ombro. Com a mudança de lado, ele traçou a linha forte de sua mandíbula enquanto ela estava deitada ao lado dele, tendo imenso prazer na textura suave de sua pele. Ela fechou os olhos e, sua respiração se desenvolveu em um ritmo lento, ele pensou sobre suas cicatrizes, perguntando-se se as que não podia ver eram tão ruins como as visíveis em sua barriga e coxas. Eram ainda pior?

E quão ruim seria as cicatrizes dele quando, e se, tivesse sua memória de volta?

Era altamente incomum para Jillian tirar cochilos, mas Reseph a desgastou. Ele se cansou também, se o seu ronco fosse qualquer indicação.

Cochilou por uma hora e, em seguida, tomou um banho, sua mente repetindo uma e outra vez o que tinha feito. Ele era um bom amante. Suspeitava que fosse ótimo na cama, mas foi além de ótimo e direto para fora-deste-mundo, fenomenal. O que não esperava, ou queria, era a ligação que sentia entre eles. Não tinha dúvida de que ele poderia se manter emocionalmente... Não foi ele que disse que não havia necessidade de namoro? *Ei, só sexo! Ferre a porcaria*

relacionamento!

Viu como ele estava inquieto, quantas vezes precisou sair da casa, não era a toa que achou ruim a ideia de ser amarrado. Sim, tinha que ficar forte. Tinha que manter seu coração trancado e protegido. Qualquer dia poderia ter sua memória de volta e decolar para a vida que tinha antes. Tinha que estar pronta.

No momento em que terminou de se vestir, Reseph levantou, olhando para fora da janela do quarto. Nu, é claro.

Virou-se para ela, e ela se perguntou se alguma vez deixaria de estar fascinada com a maneira fácil que se movia, o jogo de músculos sob sua pele bronzeada, a varredura de seu cabelo espesso ao redor de seus ombros. — Estava esperando pegá-la no chuveiro.

— De alguma forma, não acho que nós teríamos terminado um banho — Disse ela ironicamente.

Caminhou até ela, seu olhar ardente de fazer seu coração vibrar. — Não é verdade — Disse ele, quando deu um beijo em seu pescoço. — Há todos os tipos de coisas divertidas que podemos fazer com sabão.

— Sem dúvida. — Ela olhou para ele. — Vou pegar um par de calças de moletom do meu pai para você. Ficar em apenas calça jeans... Ou nu... Não pode ser tão confortável.

— Nu é muito confortável.

— Talvez, mas é também muito perturbador.

Ele sorriu. — Eu a distraio?

— Não vou responder a isso. Seu ego não tem necessidade de mais carícias. — Arqueou uma sobrancelha para ele. — E não me diga que você tem algo mais que posso afagar. Estive em torno de homens o suficiente para ter ouvido de tudo.

Um som baixo bombeou para fora do peito dele. — Não sou como os outros homens.

— Não me diga, — Ela murmurou, enquanto se dirigia para a adega.

Reseph, naturalmente, a seguiu. Felizmente, pegou o jeans pela primeira vez. — O que é tudo isso? — Perguntou ele, quando bateu fundo o passo.

— Pertences dos meus pais, principalmente. E algumas coisas do colégio.

Ele passou a mão sobre uma caixa empoeirada rotulada *tapetes*. — Por que você mantenha tudo isso?

Ela encolheu os ombros. — Não sei.

Quando ele pegou uma caixa de joias, por si só em uma prateleira, arrancou-a de sua mão antes que ele pudesse abri-la. — Isso é nada.

— Nada, — Ele olhou para a caixa. — Está muito preocupada com nada.

Ela deu de ombros e voltou para a prateleira. Desta vez, quando Reseph pegou, ela não protestou. Abriu-a e respirou fundo.

— É um anel de noivado.

Era um símbolo de sua estupidez. — Muito astuto.

Ele levantou uma sobrancelha. — Seu?

— Sim.

— Do bastardo casado?

— Sim.

— Então por que conserva o anel? Ele te machucou. Deveria ter empurrado no rabo dele poderia usá-lo como recheio.

Essa imagem fez rir, mesmo que tivesse certeza de que Reseph não estava brincando. — Talvez ainda esteja esperando para fazer isso.

Ele a estudou, seus olhos azuis penetrantes tão profundos, sentiu um calafrio. — Não. Está conservando porque não pode deixar as coisas irem. É por isso que não quer se apegar, não é? Porque segura tão apertado.

Maldito. Como poderia saber isso? Sua observação a deixou fora de equilíbrio, balançando em seu eixo mental, e teve que direcionar a reserva de calma que se orgulhava de cultivar de seu trabalho de controladora de tráfego aéreo.

— Acho — Ela disse, mas não havia nenhuma suposição sobre isso. Nunca foi capaz de deixar ir às coisas que lembrava laços fortes, ao ponto que segurá-las poderia ser paralisante.

Levou um ano para finalmente chorar por seus pais, porque

sentiu que enquanto tivesse suas coisas, não teria que deixá-los ir.

Reseph colocou a caixa de volta na prateleira. — Parece estranho para mim. Quando as coisas se vão, elas se vão.

— Isso inclui as pessoas? — Sabia a resposta antes que ele dissesse isso, e seu estômago se apertou.

— Sim. — Ele olhou para as escadas como se de repente tivesse desconfortável com a conversa. — Provavelmente deva tomar banho. — Como se seus pés estivessem em chamas, ele subiu os degraus, levando-os três de uma vez.

Ok. Por isso, era fácil para ele cortar alguém, mas não gosta de falar sobre isso. Ou, provavelmente, encarar isso. Perguntou-se se ele era um daqueles caras que rompia com suas namoradas em mensagens de texto.

Filho da puta. Tinha que se envolver com alguém assim.

Não, não está envolvida. Eles *não* estão envolvidos.

Sim, porque se repetir duas vezes torna realidade. *Idiota*.

O som de um motor cortou suas reflexões sombrias. Não estava esperando nenhuma entrega, mas Stacey às vezes... Tudo bem, muitas vezes aparecia sem avisar. Subiu as escadas e chegou à porta da frente, assim quando a campainha tocou.

Por uma fração de segundo hesitou, a cena que testemunhou na casa dos vizinhos apareceu em seu cérebro. Duvidava, porém, que o monstro que os massacraram tocava a sua campainha. Ainda assim, o pulso acelerou um pouco quando abriu a porta.

Dois homens estavam em sua varanda, ambos altos e de cabelos escuros, mas o de olhos azuis parecia que tinha a garganta mastigada por um jacaré. Quando ele falou, sua voz grave dobrou sua suspeita de jacaré.

— Srta. Cardiff? Meu nome é Kynan Morgan, e este — Apontou com o polegar para o homem à sua direita, — é Arik Wagner. Somos investigadores especiais e nós gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas. — Ele sorriu, mas não ficou nada tranquila. — Podemos entrar?

Investigadores especiais. Seu primeiro pensamento foi que eles pudessem estar aqui por Reseph. Sim, sabia que, mais provavelmente,

a polícia seria a única a aparecer com alguma novidade sobre quem ele era, mas de repente tinha um mau pressentimento, como se estes não fossem pessoas que quisesse dar muita informação.

— Me desculpe, mas não tenho o hábito de trazer estranhos em minha casa. — *Só se os encontrassem em pilhas de neve.* — Tenho certeza de que você entende. — Saiu e fechou a porta atrás dela. O chamado Arik franziu a testa e tentou espreitar dentro, mas arrastou a porta até clicar.

— É claro — Kynan disse educadamente. — Você está sozinha?

Ela sorriu tão educadamente e fez questão de não responder sua pergunta. — Em que posso ajudá-lo?

Kynan tirou as luvas, com movimentos bruscos propositais. — Suponho que você está ciente de que seus vizinhos de ambos os lados foram mortos, bem como um par de caçadores locais.

— Estou bem ciente.

— Nós gostaríamos de saber se você viu ou ouviu algo. — Ele colocou ambas as luvas em um bolso e descansou sua mão direita casualmente dentro de outro bolso. *Uma arma. Apostava que ele tem uma arma lá dentro.*

— Nada.

Kynan a estudou como se estivesse tentando ver através dela, e era irritante como o inferno.

— Você já viu um demônio, Jillian?

— Srta. Cardiff. E não.

Ele deu um sorriso tolerante e Jillian teve o mesmo choque instantâneo de oh-merda que costumava ter quando dois aviões estavam em um rota de colisão. De alguma forma, Kynan sabia que ela estava mentindo.

— Você já foi atacada por um demônio, Srta. Cardiff?

Ok, agora estava ficando irritada. Especialmente porque o outro cara, Arik, estava vagando em torno de sua varanda, secretamente espreitando pela janela.

— Se tivesse sido atacada por um demônio, então teria visto um, não é mesmo?

— Não necessariamente — Disse Kynan. — Alguns são invisíveis.

Sorriu com força. — Por que você não me diz qual a unidade de investigação especial que você é.

— Nós trabalhamos para a Equipe Responsável de Atividades Demoníacas.

DART. Tinha lido sobre eles na Internet. — Vou assumir que você já esteve em contato com a polícia local?

— Tanto o escritório do xerife do condado e a polícia estadual.

— Então, se você quiser algo mais de mim, sugiro que traga um dos oficiais com você, porque estou farta das suas perguntas. — Empurrou o queixo para o SUV na garagem. — Agora saia da minha propriedade antes que exerça meus direitos como proprietária e lide como invasores.

Kynan levantou uma sobancelha enquanto ela se virava e entrava. Fechou a porta atrás dela, trancando e caiu de costas contra a madeira, com o coração batendo loucamente. Permitiu-se duas respirações calmantes, e então pegou o telefone e discou Stacey.

— Ei, Stacey. — Nem sequer lhe deu tempo para dizer Olá amiga. — Preciso saber o que esses caras do DART sabem sobre mim.

Stacey tomou um gole de alguma coisa, provavelmente café, do outro lado da linha. — O que você está falando?

— Eles estavam aqui, me fazendo perguntas sobre os demônios.

— Bem, eles estão investigando os ataques, e você é a vizinha mais próxima. Faz sentido.

— Mas o que eles sabem sobre o meu ataque?

— Bem, certamente não lhes disse. Eles chegaram ontem à noite e nós lhes informamos sobre a situação, e então eles se dirigiam às cenas. Eles não voltaram.

— Você lhes disse sobre Reseph?

— Não. Por quê? Está tudo bem?

— Está tudo bem. — Ouviu o caminhão saindo. — Olha, tenho que ir. Ligo mais tarde.

— Jill...

Jillian desligou quando Reseph saiu do quarto, vestido como sempre de jeans e nada mais. Seu olhar focado como um laser sobre a janela. — Quem são eles? — Enquanto ele observava, todo o seu comportamento mudou, passando de despreocupado e solto para... Bem, só poderia descrevê-lo como mortal. E, no entanto, ainda parecia estar relaxado. Mas havia uma nova intensidade em sua expressão e um sutil aperto de seus músculos.

— Eles são os investigadores de demônios.

Sua voz foi baixa. — Eles nos seguiram aqui?

— Não penso assim. Eles só queriam saber se tinha visto algo estranho. — Confusão cruzou sua expressão. — Reseph? Você está bem? Você os reconheceu?

Quando o carro foi embora o clima letal irradiando dele se acalmou, mas sua mandíbula ainda estava apertada, as mãos ainda cerradas.

— Não. Mas havia algo... Merda, não sei. É como se sentisse que deveria conhecê-los, mas se fizesse, eles iriam querer me matar.

— Matá-lo? — Desligou o telefone, esperando que não percebesse que sua mão estava tremendo. — Acho que é um pouco exagerado. Eles lidam com demônios. Não seres humanos.

— Sim, você está certa. — Ele sorriu, mas não corresponde à preocupação que viu em seus olhos. — Tenho certeza de que você está certa.

CAPÍTULO 13

A primeira parada de Reaver depois de tentar convencer seus irmãos celestiais da traição de Gethel foi a mansão de Ares. De alguma forma, não estava surpreso ao encontrar todos os Cavaleiros, salvo Reseph, na praia. Ares e Thanatos estavam manipulando churrasqueira enquanto

Cara e Regan brincavam com Rath, Cara e Ares adotaram o demônio Ramreel ainda criança. Limus estava segurando um bebê, que Reaver soube imediatamente que era Logan, o filho de Than e Regan. Circulando a seus pés estava um de cão infernal do tamanho de um Labrador retriever que mantinha o olho no bebê. Não precisa ser um gênio para perceber que o filhote ligou-se ao bebê e seria para sempre um guarda-costas fiel.

Reaver tirou os sapatos e caminhou de pés descalços em direção ao grupo.

Limus o viu primeiro, mas então, ela sempre via. Seu sorriso era ofuscante, e sabia que se não estivesse segurando Logan, teria se jogado em seus braços, mais uma vez, como sempre fazia.

O restante do grupo foi mais comedido com suas saudações e Reaver se preparou. Thanatos, com sua parte superior do corpo nu envolto em camadas de tatuagens, cruzou para Limus e pegou o bebê, e com Regan ao seu lado, eles o esperaram ir até eles.

— Ele é lindo, — Reaver disse, sua voz mais frágil do que esperava. Gostava de bebês, mas este era especial, e não era só porque o seu nascimento salvou o mundo. Esta era a primeira prole dos Cavaleiros, e se sentiu como um tio orgulhoso.

— Sim — Than disse friamente, — Ele é. Você perdeu o seu nascimento.

E... Começou. — Estava lutando Gethel.

— Durante três meses?

— Sinto muito, Thanatos. — Ele acenou para Regan. — Se pudesse ter vindo mais cedo, viria.

Ares se aproximou, o cabelo castanho-avermelhado brilhando a luz do sol, mas Cara ficou para trás com Rath. O pequeno demônio correu para surfar, se jogando nas ondas, com os cascos de pés levantando a espuma de marfim.

— O que aconteceu? Onde está Gethel?

— Então você não tem a visto, então? — Droga. Reaver estava esperando que ela tivesse mostrado seu rosto traidor... Não porque queria ela brincando com os seus Cavaleiros, mas porque nada aponta um sinal dela.

As tranças loiras nas têmporas de Thanatos bateram seu rosto quando balançou a cabeça. — Última vez que a vi foi com você.

Ele olhou por Reaver, e um formigamento na sua nuca disse que Harvester tinha chegado. Excelente, porque realmente precisava de outra complicação.

Ela chegou-se ao lado dele e quase gemeu quando viu o que ela estava usando. Ou, mais precisamente, o que não estava usando.

Seu longo cabelo preto pendurado ao ombro, em cascata sobre os seios mal cobertos por um top maiô malha acanhado. Suspeitava que a parte inferior do biquíni amarelo combinasse e fosse uma tanga, mas pelo menos havia um lenço preto amarrado encobrendo em torno de sua cintura.

Não que a danada fizesse algo para esconder um corpo feito para o pecado. Literalmente. E ele que sempre apreciou uma fêmea que se vestia provocativamente, teve que rasgar o olhar antes que seu corpo começasse a reagir a Harvester da forma que fez quando se beijaram em Sheoul-gra.

— Como estão os meus adoráveis Cavaleiros hoje? — Saldou a todos ao sol e arco-íris. Alguma coisa estava acontecendo. Ela nunca foi uma mulher feliz.

— Estamos à espera de Reaver nos dizer o que aconteceu com Gethel — Than disse.

Desta vez, quando conteve um gemido foi porque estava esperando Harvester derramasse o feijão, e não estava pronto para lhes dizer o que fez com Reseph. Se pudesse destruir Gethel antes que ela encontrasse Reseph, poderia ser capaz de salvar alguns dos seus

planos para manter a segurança do Cavaleiros no reino humano, enquanto sua mente curava. Claro que, se Gethel não tivesse contando a alguém, Reseph estava livre, o plano pode ser um tiro para o inferno.

— Gethel e eu lutamos, mas a câmara encheu de demônios e ela escapou.

— E onde você esteve desde então? — Than perguntou, não foi um desafio. Havia muita ferida em seu tom.

— Estava preso em Sheoul — Disse Reaver. Não era uma mentira, mas não era a verdade completa.

— Como? — Os olhos violeta de Limus brilharam.

Merda, agora tinha que mentir ou exercer a sua autoridade e lhes dizer que não tinha nenhuma obrigação de responder, de acordo com a Lei dos Vigilante. Mas sim, iria passar por cima como um balão de chumbo.

— Foi minha culpa — Desabafou Harvester, atordoando a merda fora dele. — Estava chateada que a minha equipe teve os seus traseiros chutados, então o tranquei no quarto de Pestilence por um tempo. — Ela encolheu os ombros. — Quebrei outra regra Vigilante. O que quer que seja. Valeu a pena.

Limus rosnou. — Você é uma vadia.

— Ei — Reaver disse em uma tentativa de desviar a conversa de mentiras inexplicáveis e insultos imerecidos. Harvester poder ser uma cadela, mas, neste caso, não era verdade. — Esta é uma festa? Porque ninguém me ofereceu um cachorro-quente ainda. — Ele olhou para o pequeno loiro contorcendo. — E ninguém me apresentou a esse garoto adorável, no entanto, também.

Com o ato de Harvester esquecido, Limus se afastou para a caixa de gelo, enquanto Ares voltou para a churrasqueira. Than e Regan sorriram como os pais orgulhosos que eram, segurou o bebê. — Reaver, este é Logan Thanatos.

Muito gentilmente, Reaver alisou com um dedo sobre a bochecha aveludada do bebê. — Prazer em conhecê-lo, Logan.

— Você pode segurá-lo, — Than disse, mas Reaver recuou.

Pegou um monte de crianças, até trocou algumas quando trabalhou no Underworld General, mas por alguma razão, a ideia de pegar essa criança em particular em seus braços enviando ansiedade tropeçou por meio dele.

— Eu não devo...

— É claro que deve. — Regan pegou o bebê de Than e colocou-o cuidadosamente contra o peito de Reaver, deixando-o sem escolha a não ser pegar Logan em seus braços.

No momento em que o bebê fixou os olhos nos dele, Reaver se derreteu, e o calor dançou em seu coração. Abruptamente, sabia de onde a relutância em segurar Logan vinha. O bebê era um lembrete do que estava faltando um grande pedaço de sua vida... Um pedaço que pode conter crianças. Será que ele teria alguma? Teria sido suas memórias limpas da alguma forma? Nunca sido concedida uma audiência com os Arcanjos para perguntar, mas talvez fosse a hora de parar de pedir e começar a exigir.

— Posso sentir o anjo dentro dele — Disse ele em voz baixa. — É poderoso, quase tão intenso como se fosse metade anjo em vez de apenas uma parte.

— A Força é forte com ele — Thanatos disse em uma voz malditamente impressionante de Darth Vader e ele teve que segurar mesmo antes de seu queixo cair. Thanatos nunca foi descontraído e brincalhão, e este novo lado dele era bom de ver.

— Sim, é. — Os dedinhos de Logan em volta do polegar da Reaver. — Expôs poderes de anjo de batalha enquanto ainda estava no útero, o que é raro para qualquer criança que não fosse totalmente anjo, mas agora seus poderes estão ainda mais fortes. — Reaver olhou para o filhote de cão infernal que estava babando na ponta dos pés. — Qual é seu nome?

— Cujo — Disse Regan.

Reaver arqueou uma sobrancelha. — Você nomeou o animal de estimação de seu filho com o nome de um monstro cão raivoso?

— Não — Thanatos rosou. — Wraith fez. O bastardo ensinou o filhote responder a Cujo, e nós não conseguimos levá-lo a responder

a outra coisa depois disso.

Reaver riu. Soava exatamente como algo que o demônio Seminus faria.

Harvester chegou mais perto, a mera sugestão de um sorriso nos lábios quando olhou para Logan. — Posso segurá-lo?

— Sem chance — disse Thanatos.

— Mas Reaver, que nem sequer quer ter um bebê, chega a segurá-lo? — A devastação na expressão de Harvester chutou direito no intestino de Reaver.

— Então — Ele disse suavemente, — Não acho que isso iria prejudicá-lo deixá-la pegá-lo por apenas um minuto.

Olhos amarelos pálidos de Thanatos brilharam com raiva. — Ela estava jogando com a equipe que queria meu filho morto. Não a quero perto dele.

— Juro que não queria que Logan morresse. — A voz de Harvester estava tão perto de um apelo como nunca a ouviu falar. — Nunca. Havia outras formas de Pestilence conseguir o que queria.

— Eu disse que não. — Thanatos cuidadosamente tirou Logan de seus braços como se estivesse preocupado que Harvester pudesse arrebatar o filho.

— Reaver, estou feliz por você estar de volta. Fique o tempo que quiser.

O Cavaleiros atirou em Harvester um olhar que dizia que ela não era bem-vinda antes que ele e Regan voltassem para o grupo com Cujo em seus calcanhares até que passou a churrasqueira. Em seguida, o vira-lata fez um desvio para pegar os cachorros-quentes fora do refrigerador. Ares correu, mas quando Hal se juntou, os cachorros-quentes foram perdidos entre duas mandíbulas estalando de cão infernais.

Harvester girou suas asas caídas. — Ainda bem que não queria ficar de qualquer maneira.

— Espere. — Reaver a agarrou pelo pulso e ela virou as costas para ele. — Não sei por que você mentiu por mim, mas obrigado.

Harvester bufou. — Não fiz isso por você. Fiz isso porque tenho uma reputação a defender. E certamente não queria segurar o

pirralho.

— Então por que você pediu?

Ela encolheu os ombros. — Queria ver o que Thanatos diria.

Estava mentindo, mas por quê? Seu comportamento recentemente era completamente desconcertante. Mesmo agora, estava roubando olhares em Logan, e com cada olhar encoberto, sua expressão se suavizava.

Definitivamente desconcertante.

— Você está... Bem?

A cabeça de Harvester rebateu de forma tão violenta que poderia muito bem ter dado um soco nela. — Claro que estou, sua aureola tolo. — Ela abriu as asas, apagando o sol e lançando uma sombra enorme. — Olhe para mim. Meu sangue corre com o poder. Pareço fraca ou patética de alguma forma?

— Não importa, — Ele murmurou. Sua defesa tornava tão difícil lidar com ela às vezes. — Falei com meus supervisores sobre Gethel. Nenhum deles sabe onde ela está. Você já teve a oportunidade de conversar com os seus colegas?

— Falar? — Seu lábio enrolado. — Nós não falamos. Eles ditam. Digo a eles que se fodem.

Ela. Era. Impossível. — Ok, então. Será que eles ditaram a você antes de você lhes dizer para foder a si mesmos?

— Sim. Eles disseram para deixá-la sozinha. Estou supondo que eles sabem mais sobre Gethel do que estão dizendo, mas não vão me dizer qualquer coisa. — Ela conseguiu, finalmente, as suas asas de distância. — Você está pronto para me dizer onde Reseph está?

— Não.

— Você tem certeza? Talvez pudesse dar prazer em troca da informação.

— Sim — Ele trincou por entre os dentes cerrado — Tenho certeza.

— Tudo bem, tudo bem. Não precisa ser todo espinhoso. — Deslizou um olhar para onde os Cavaleiros estavam reunidos em torno de uma bacia de bebidas geladas, suas risadas espalhando sobre a brisa do mar. — Tenho uma coisa para Logan. Acha que Thanatos e

Regan iriam
aceitá-lo?

Isso só foi ficando mais estranho. — Provavelmente depende do que seja.

— Não é uma víbora venenosa ou um monte de arame farpado — Ela retrucou. — Vá para o inferno, Reaver. Oh, espere, eu só o resgatei de lá. Volte para o inferno.

Ela brilhou ao longo da praia, deixando Reaver olhando para o ar vazio e se sentindo como se tivesse sido girado como um pião. Harvester sempre foi volátil, mas essas mudanças de humor eram extremas, mesmo para ela.

— Reavie-weavie! — Limus o chamou para do lado da mesa de piquenique. — Comida!

Comida. Um churrasco. A praia, crianças e animais de estimação. Tudo tão normal quando apenas três meses atrás, o mundo estava a ponto do apocalipse e esta família estava envolvida em uma guerra infernal que poderia ter colocado os Cavaleiros do lado errado da batalha.

Reaver estava feliz por eles. Mesmo Reseph parecia estar em paz. Mas Reaver não conseguia afastar a sensação de que as coisas não estavam como pareciam.

O perigo para o mundo poderia ter sido evitado, mas o problema estava apenas começando.

Harvester se materializou dentro de sua residência e ficou instantaneamente agradecida por seu escravo lobisomem, Whine, não estar lá para cumprimentá-la. Não queria que ninguém, nem mesmo seu escravo, a visse assim.

Lágrimas derramavam de seus olhos, ardor, coceira. Isso a irritou, porque nunca chorou. Jamais. Há muito tempo permitiu o mal encerrar seu coração em uma concha de diamante-duro, uma necessidade caso quisesse sobreviver Sheoul.

Mas os Cavaleiros sempre foi a sua fraqueza e nunca foi capaz de separar completamente a si mesma deles emocionalmente. Tentou, oh, como tentou. E agora que o Apocalipse acabou, baixou a guarda

ainda mais, na esperança de que eles fizessem o mesmo.

O tempo estava esgotando para ela, e tudo o que queria era segurar Logan antes que o relógio tiquetaqueasse em sua cabeça, a iminente sensação de morte que tornava-se uma realidade. E talvez fosse convidada a ficar para a reunião. Mas não podia culpar Thanatos por sua atitude em relação a ela, e esse era o problema. Até agora, Harvester fez suas escolhas. Desde sua queda do Céu.

Mas agora se viu desejando que... O quê? Que pudesse voltar no tempo e não cair? Não, isso tinha que acontecer. O que foi feito foi feito.

Amaldiçoando-se por sua fraqueza, limpou as lágrimas com as costas da mão. E percebeu algo estava terrivelmente errado.

O cheiro de sangue tingiu o ar, e sua pele arrepiou com uma súbita sensação de malevolência. Virou-se e rosnou para o pé masculino em sua porta da sala de estar, os lábios molhados de sangue.

— Lúcifer — Ela sussurrou. — Como se atreve a entrar sem permissão.

Os olhos morto de ébano brilhavam, e sua língua fez uma lenta varredura, insultos sobre seu lábio inferior. — Fiz mais do que entrar.

Agora entendia por que Whine não a cumprimentou. Lúcifer fez alguma coisa para ele, mas agora não era o momento para mostrar preocupação ou medo. E, no entanto, ambos a fizeram tremer por dentro.

— Saia. — Ela acendeu as suas asas e ele retribuiu o gesto desafiador, suas asas negras de couro raspavam seu teto. — A menos que você está aqui para dar alguma grande honra para mim, dar o fora da minha casa.

— Grande honra? — Sua risada sacudiu a arte demoníaca que enfeitava suas paredes. As pinturas sensuais que retratam os rituais românticos de dezenas de espécies de demônios sempre lembravam a ela que o amor era uma fraqueza, mesmo para o mais humilde dos demônios. — Por sua causa perdemos nossa proposta para um Apocalipse.

Seu intestino torceu e seus pulmões apreenderam. Quanta culpa ele e Satanás estavam colocando a seus pés? O relógio em sua cabeça pegou o seu ritmo.

— Qual é o problema, Harvester? — Sua voz era baixa, suave e cheia de veneno. — Você parece um pouco assustada.

Ela zombou, embora ele a atingisse em cheio. — Não tenho nada a temer. Como Vigilante, meu trabalho não era para ajudar a nossa equipe. Era para manter um olho sobre os Cavaleiros e distribuir informações que me fossem dadas.

— Oh, — Lúcifer disse suavemente, — Acho que você fez muito mais do que isso.

— Se é sobre alguma regra Vigilante quebrada, me puna já. Ou deixe-me em paz.

O sorriso aberto de Lúcifer enviou um arrepio lhe deslizando a espinha. — Regras Vigilantes quebradas são a menor das suas preocupações, *Fallen*.

— Veja Lúcifer, os jogos não são o seu estilo. — Esperava que o tremor subjacente em sua voz fosse audível apenas para ela. — Por que não colocar essa língua bifurcada para uma boa utilização e me diga em torno de que você está dançando?

— Pergunte ao seu lobisomem. — Com isso, Lúcifer brilhou para fora de lá.

Merda. As pernas trêmulas mal a suportaram enquanto cambaleou em direção a seu quarto, onde o cheiro de sangue era mais forte. Assim que entrou, viu o porquê. Pobre Whine estava enrolado em seu catre no chão, seu o corpo era uma massa de contusões e cortes. No momento em que ele abriu seu único olho funcionando e a viu, tentou se levantar. — Whine, não.

Harvester se ajoelhou ao lado dele e o empurrou para baixo. — Fique quieto.

O lobisomem estremeceu e fechou os olhos. — Desculpa... Ama.

— Psiu. — Mentalmente amaldiçoando Lúcifer, acariciou o cabelo de Whine. Ganhou a propriedade do Whine trinta anos atrás quando matou seu dono cruel e, desde então, jurou protegê-lo. Com

certeza, não foi particularmente gentil com ele, mas o manteve seguro. Bondade em Sheoul te mata.

— O que Lúcifer quer? — Ela perguntou e Whine estremeceu novamente.

— Ele exigiu a... Malador.

A respiração atirou para fora de seus pulmões. — Disse-lhe onde está? — *Por favor, diga não.* O pequeno artigo era seu um ás, a única carta que tinha para salvar a si mesma. Ou para salvar alguém.

— Não — Respondeu asperamente Whine. — Nunca. Mas

— Mas o quê?

— Ele... Ele me disse você ia sofrer a morte de um traidor.

Suas mãos congelaram, medo a golpeou. A morte de um traidor. A parte da morte era enganosa, porque em Sheoul traidores eram mantidos vivos, em agonia para a eternidade. Muitas vezes, depois de séculos de tortura, eles eram ... Descascados... E envolto em cera para sofrer eternamente em exposição como arte no corpo morto.

Então, o que Lúcifer suspeitava dela? E de onde estava recebendo essa informação? Não que isso importasse. Não ia humildemente à câmara de tortura de ninguém. Podia correr, e se acontecesse do pior, iria encontrar um anjo para matá-la...

— Ele também disse... — Whine inalou uma respiração irregular. — Se você tentar escapar vai destruir todo mundo que você gosta.

Maldito. Foi tão cuidadosa em não demonstrar afeto a alguém por esta exata razão.

Fechando os olhos, ela se sentou no chão ao lado de Whine. Em sua cabeça o relógio tiquetaqueando acelerou ainda mais, se movendo tão rápido, que os sons individuais mal foram distinguíveis. Muito em breve, o alarme estava indo para fora, e tempo Harvester acabaria.

CAPÍTULO 14

Reseph demorou um total de 48 horas para sentir algo errado fora de seu intestino. Algo provocou seu alarme interno quando viu os investigadores de demônio, e ainda não sabia o porquê. Só que tem a nítida impressão de que eles eram um perigo para ele. Mas por que diabos seria de todo o interesse para eles?

A sensação de perigo estava crescendo e de alguma forma estava vindo de dentro de si mesmo. Era como se ele fosse perigoso, uma bomba fundida à espera de uma faísca, e estava com medo de que Jillian fosse a única a tomar estilhaços.

Ele e Jillian passaram dois dias saltando entre a cidade, onde vasculharam a biblioteca e a Internet, tentando descobrir quem ele era, e sua fazenda, onde ele fez a merda que Jillian precisava fazer. Reparou um buraco no tapume de seu celeiro, amarrou arame farpado ao longo de uma seção de cerca caída, limpou as baias e o galinheiro, e ele mesmo lavou e dobrou as roupas.

Dobrar a roupa foi o pior. Combinando as meias era como uma espécie de tortura monótona. Dê-lhe o trabalho pesado em qualquer dia.

Mas Jillian fez tudo valer a pena, com sua culinária, seu chocolate quente, e o melhor de tudo, sua resistência na cama.

Sorrindo com a lembrança do que tinha feito no chuveiro e, em seguida, novamente na cama, rolou no colchão e a colocou contra ele de costas. Ela roncava delicadamente, e enquanto a ereção sondava seu traseiro, fez tentador acordá-la, mas a deixou dormir. Ela trabalhou tão duro durante o dia, e ele a manteve bem ocupada na noite, então sim, ela precisava descansar.

Era estranho, porém, como ele realmente não precisava dormir. Um par de horas de fechar de olhos, e estava pronto para ir. Às vezes se levantava e espreitava a propriedade como uma espécie de animal de vigiando seu território, ou teclava o computador para ver se poderia descobrir mais sobre si mesmo, mas outras vezes, como agora,

estava deitado na cama com Jillian, só para estar com ela.

Perguntou-se se era tão sentimental antes.

Ele mesmo, durante as noites, quando ficava do lado de fora, no silêncio, moldava-lhe um presente. Não era muito, e não tinha mesmo certeza de onde tinha conseguido o talento para trabalhar a madeira, mas cada descoberta sobre si mesmo era uma pista.

E era incrível quando a descoberta não era algo horrível, como descobrir que não sabia como usar um preservativo ou poderia reconhecer sangue humano por seu odor.

Fechando os olhos, enterrou o rosto no cabelo de Jillian, tendo o aroma fresco de seu shampoo, que nunca parecia lavar o cheiro subjacente de ar fresco da montanha. Ela sempre cheirava ao ar livre, como córregos e árvores verdes. Gostava muito mais que o perfume inebriante das mulheres na loja de departamentos tinham. Além disso, de alguma forma sabia que o perfume tinha gosto ruim na pele. A pele de Jillian tinha gosto de limpeza, com um cheiro de tempero, quando ela estava excitada.

Seu pênis se sacudiu, apreciando a direção de seus pensamentos. Sim, ele precisava sair da cama e ficar longe de Jillian antes que fizesse o que ele jurou não fazer e a acordasse com a boca entre suas pernas.

Gemendo em silêncio, rolou de costas e começou a balançar as pernas para o lado do colchão, mas em um flash de movimento, Jillian capotou e pegou seu pênis na mão.

— Onde você pensa que vai? — Sua voz era rouca, sonolenta e sexy para caralho, malditamente chegou perto na palma da mão ali mesmo.

Caiu para trás no travesseiro e assobiou com pulsar lento de seu punho. — Você é insaciável.

— Você é o único com o tesão.

Ele deslizou a mão entre as coxas a e espalhou. — Você é a única que está molhada. — Enviou o dedo dentro dela, testando sua prontidão, porque estava tão pronto para montá-la. Ela estava sedosa e quente, e sim, estava pronta.

Mudando para lhe dar mais acesso, ela baixou a mão para suas

bolas. Seus dedos trabalharam nele de forma agressiva, massageando, beliscando. Amava como às vezes ela era sensual e terna na cama, mas em outros momentos gostava de áspero e rude.

Agora era áspera e rude, e não hesitou em dar o que ela queria.

Mergulhou outro dedo dentro dela e bombeou com força e rápido. — O que você acha? Outro meia e nove? — Ele roçou o polegar sobre o clitóris inchado, e ela resistiu. — Não, nós fizemos isso antes. Você em cima, de costas para mim? Eu amei isso. — Ele arqueou-se e lambeu seu mamilo, apreciando como a fez ofegar. — Não, vou levar você por trás dessa vez. Em primeiro lugar, enquanto você está em suas mãos e joelhos, vou lambe-la lá, enchê-la com a minha língua e os dedos. Então vou te foder tão duro que não vai se sentar em uma sela por uma semana.

— Sim, — Ela suspirou, empurrando contra sua mão.

— Mas não vai gozar desse jeito. — Alcançando-a, ele entrelaçou os dedos em seus cabelos e trouxe sua boca para a dele, mas não a beijou. Brincou com a língua e os dentes, mordendo e lambendo.

— Vou colocar você em sua barriga e fixar as pernas apertadas juntas, enquanto estou dentro de você. Já fez isso? Fazendo meus impulsos superficiais, apenas provocando a sua entrada. Só a cabeça do meu pau vai fodê-la, e estará implorando por mais, não é mesmo?

Estava ofegante agora, na borda, e verdade seja dita ele também. As imagens e palavras destinadas a trabalhar a imaginação dela tomaram seus efeitos sobre ele, e estava perto de derramar na sua mão.

Tempo para a ação. Rolou a agarrou e a virou para as mãos e joelhos. Usou seu próprio joelho para cutucar suas pernas mais ou menos distante, abrindo-a completamente para ele. Estava brilhante e inchada, e ia mergulhar nisso. Não perdeu tempo com provocação ou sendo sutil. Apalpou a bunda com as duas mãos e usou os polegares para espalhar. Deu água na boca, e estava prestes a começar quando algo arrancou em suas entranhas.

Ele estremeceu, seu corpo teve um momento difícil para

mudar de desejo abrangente para foco, afiado com o perigo.

— Reseph? — A voz excitada e encharcada de Jillian zumbia em seus ouvidos junto com o balido repentino de suas cabras.

Depois vieram os gritos do cavalo e do guincho de dor dos porcos. Atirou-se para fora da cama e arrastou a calça jeans no chão.

— Fique aqui — Ele não esperou pela resposta de Jillian. Apressadamente vestiu a calça jeans e rasgou fora de casa. Ar gelado picando seu rosto e cortou a crosta de neve em seus pés enquanto corria em direção aos sons dos animais aterrorizados.

Uma cabra tropeçou fora da porta do celeiro aberto, seu pêlo emaranhado de sangue. Incapaz de parar, Reseph saltou sobre ela e pousou no limiar de entrada. Coração batendo forte, acendeu a luz.

E ficou cara a cara com um pesadelo sob pernas.

A coisa em pé na frente dele, de os olhos carmesins nivelado com os dele quando ficou sobre duas patas grossas de preto-veado, deixou escapar um rugido como um urso e baixou o corpo da cabra que estava rasgando com suas garras serrilhadas.

Por vários segundos tensos, o demônio olhou para ele, não fazendo movimentos agressivos. Parecia quase como se estivesse esperando algo dele. O que, não tinha ideia. Um bate-papo? Oração? Um Encontro?

Ele ia matá-lo.

Mestre?

A palavra era um sussurro rouco no cérebro de Reseph. A memória? Ou foi a coisa falando? *Mestre.*

Que porra...

Mestre. Mestre. Mestre! Segurando sua cabeça, Reseph tropeçou para trás, como se ele pudesse escapar da voz em sua cabeça.

— Você me conhece? — Ele gritou. — Você me conhece, filho da puta?

Mestre.

Demônios encheram da visão dele, mesmo por trás das pálpebras fechadas. Eles cercaram Reseph, entregando-lhe oferendas de partes de corpos se contorcendo, criaturas sofrendo. Lá no fundo, houve um ronronar de prazer, como se fosse dividido em dois e

apenas uma parte

dele ficou horrorizado com a cena jogada fora em sua cabeça.

Frenético para parar a terrível memória que parecia estar balançando-se, Reseph virou, pegou o tridente de contra a parede atrás dele, e o enterrou no peito esquelético do demônio antes que ele mesmo tivesse a chance de recuar. A coisa rosnou quando tropeçou para trás, segurando a maçaneta. Reseph caiu e chutou a perna, pegando o demônio por trás de seu joelho, o enviou no chão.

Guinchando, o demônio arrancou o tridente de seu peito e o atirou de lado, por pouco não acertando o crânio dele. Saltou a seus pés e virou para ele com aquelas garras enorme. Reseph abaixou e bateu para fora, socando a coisa no focinho. Houve um aperto de satisfação em sua cabeça que virou para trás e o sangue jorrou de sua boca e nariz.

O demônio se recuperou rapidamente com uma estocada ultrarrápido. Reseph saltou fora do caminho, forçando, lutando e bifucando o filho da puta de novo. O demônio jogou seu corpo de lado, pegando-o no ombro. Bateu em uma das baias, sua espinha recebeu o peso doloroso do impacto. O cavalo ficou louco, mas não podia se dar ao luxo de acalmar o animal. O demônio veio de novo, suas mandíbulas escancaradas e pingando saliva.

Assim, quando a coisa mergulhou em sua garganta, um tiro ecoou. O sangue e osso pulverizaram em um rasgo do lado. Ele gritou e se moveu, claro, caminhando para Jillian, que estava na porta, com uma pistola levantada, uma mecha fina de fumaça saindo do cano.

Reseph abordou a criatura levando-o do chão e enfiando as pontas do tridente mais profundo em seu corpo. O cabo de madeira quebrou, lançando para o ar. Ele pegou e em um movimento suave o enfiando entre os olhos da criatura.

O demônio resmungou e estremeceu, debatendo-se como um peixe quando desceu sobre ele, pegando o facão pendurado na parede. Quando se virou, a coisa parecia ter morrido, mas não quis correr nenhum risco.

Aqui está o seu mestre, horroroso pedaço de merda.

Trouxe a lâmina para baixo em seu pescoço, cortando sua

cabeça.

Caramba, isso foi bom. Também se sentiu familiarizado, como se tivesse feito isso antes. Um monte.

Olhou para Jillian, que estava olhando para o corpo. — Isso... — Engoliu em seco. — Essa é a coisa que me atacou. Ele parecia com isso.

Reseph deu um pontapé vicioso no cadáver. — Deveria tê-lo feito o sofrer.

Seu olhar assustado levantou ao dele. Por um momento, pensou que ela estava indo castigá-lo, mas depois da surpresa inicial, ela assentiu.

— Você deveria ter feito. — Com cuidado, ela virou a segurança na pistola e o colocou em um dos barris antes de ficar cócoras ao lado de um porco morto. — Esse monstro. — Se moveu para o bode que foi estripado. — Definitivamente devia tê-lo feito sofrer.

A imagem de si mesmo cercado por demônios passou pela sua cabeça novamente, trazendo consigo um traço de dor em suas têmporas. Impiedosamente, empurrou-o para longe, esperando como o inferno que não fosse verdadeiramente uma memória. Talvez fosse um remanescente de um pesadelo que teve.

Continue dizendo isso a si mesmo, imbecil.

Jillian estava olhando para ele como se estivesse tentando entendê-lo, provavelmente porque ele estava ali como uma delicada princesa. Foda-se. Precisava pôr a cabeça fora de sua bunda.

— Enquanto você verifica os animais aqui vou ver se consigo encontrar a cabra que correu para fora. — Agarrou o facão apertado e se dirigiu para fora. Ele iria verificar a cabra, mas também estava indo para patrulhar a área atrás de mais babacas.

Encontrou a cabra uma dúzia de metros de distância, tremendo na neve atrás de uma árvore. Realizou um rápido exame, verificando ossos quebrados e sangramento, mas todo o sangue sobre o animal parecia ter vindo de seus amigos da fazenda.

A cabra não resistiu quando a levantou em seus braços e a levou de volta para o celeiro, onde Jillian estava fazendo o seu melhor

para acalmar os animais sobreviventes com mimos e carícias suaves.

— Este parece bem. — Colocou a pequena cabra em uma das baias vazias e saiu a tempo de ver o demônio morto no piso dobrar sobre si mesmo e desaparecer diante de seus olhos. — O demônio se foi.

Jillian apareceu, sua cabeça de dentro da tenda de Sam. — Se foi?

— Desintegrou-se. Acho que isso explica porque a população em geral não sabia que demônios existiam até um ano atrás.

— Não há cadáveres para estudar. — Ela escorregou para fora da tenda do cavalo e se juntou a ele, envolvendo seu braço em volta de sua cintura. Ele absorveu seu peso, puxando-a contra ele. Manteria-a assim durante toda a noite, se ela quisesse. Inferno, iria fazê-lo de qualquer maneira. O confronto com o demônio sacudiu-lhe os ossos. — Estou feliz que estivesse aqui, Reseph. Não acho que poderia ter lidado com essa... Coisa... Por mim mesma.

— Besteira. — Ele passou a palma para cima e para baixo do braço, notando o leve tremor em sua pele. — Você é foda com essa arma. Não hesitou.

— Porque estava atacando você. Se você não estivesse aqui...

— Ei... — Ele agarrou seus ombros e virou para encará-lo. — Você foi incrível e corajosa. Se eu não estivesse aqui você teria feito o que tinha que fazer para proteger os seus animais e a si mesma. Uma dessas coisas pode ter atacado você, mas definitivamente não a destruiu.

Seu sorriso foi instável. — O que não te mata te faz mais forte, né?

— Certo.

Só que era uma mentira, não era? Muitas vezes, o que não mata você volta para terminar o trabalho. Não tinha ideia de como sabia disso, e honestamente, não queria saber. Todo esse tempo que teve saudades de suas memórias, vasculhando a internet, procurando em seu cérebro, inferno, gritou para o ar vazio para obter ajuda.

Agora, estava com medo que tivesse exatamente o que estava procurando.

— Sua vadia. — Reaver encarou Gethel de dentro do *quantanum*, o plano de existência invisível para os seres humanos, mas permitia alguns seres, como os anjos, viajar em velocidades aceleradas. Estava caçando Gethel, seguindo o sinal de sua assinatura que podia sentir quando ela canalizava o poder Celestial. Oh, ela foi esperta sobre isso, usando-o apenas em rajadas curtas e doses fracas, mas era paciente, sabendo que ela, eventualmente, usaria um pouco para distância longas demais.

Hoje, enquanto ela confabulava com dois Soulshredders e um anjo caído careca perto de Hellgate dentro do Vulcão Masaya na Nicarágua, cometeu o erro que estava esperando.

Ela se virou, lançando simultaneamente uma bola maciça de raio. A esfera crepitante encheu o túnel, dando a ele espaço para correr. Se corresse iria perdê-la.

Ergueu um escudo elementar que pegou das propriedades da área em torno dele. A rocha vulcânica circundante absorveu o impacto do raio, mas a força o levou a dúzia de metros para baixo do túnel. Bateu em um pilar de pedra e caiu no chão.

Caramba, isso dói.

O cacarejo de Gethel ecoou pelas paredes. — Você não pode esperar me derrotar por si próprio, Reaver.

Reaver empurrou-se a seus pés. — Não tenho que derrotá-la. Ainda não. Só tenho que impedi-la de encontrar Reseph.

Seu sorriso foi frio. — O tempo está do meu lado. Pelo que ouvi, vai levar décadas, provavelmente séculos, para sua mente curar.

— Se você tem todo esse tempo, por que você e Lúcifer estão golpeando agora?

— Por favor — Disse ela. — Você não é tão denso, não é?

Aparentemente, ele era.

— Humilhação. — Uma bola de raio em miniatura saiu de sua mão e saltou entre os dedos. — Satanás está extremamente envergonhado por sua derrota. Ordenou que todos desempenhassem seus papéis se envolvendo na restauração de Pestilence e neutralizando os outros Cavaleiros ou seriam destruídos.

Pena Gethel não estar na categoria a ser destruída. Reaver caminhou em direção a ela, mantendo sua potência ao longo dos pés e a superfície de sua pele, pronto para ir a uma fração de segundo. — O que aconteceu com você, Gethel?

— Eu disse a você. Os Cavaleiros...

— Sim, sim, eles não poderiam encontrá-la em seus corações para dizer adeus quando o seu dever de Vigilantes foi tirado. Grande coisa. Você é um grande bebê chorão ou há mais nessa história. — Tinha certeza de que havia alguma instabilidade mental escrita entre as linhas dessa história também.

Atrás dela, os Soulshredders vaiaram e rosnaram a cada passo que ele tomou. O anjo caído apenas observou, seus olhos mortos de tubarão colado nele.

— Quem é você? — Reaver chamou o anjo caído, que parecia ser um grande fã de couro preto.

O homem mostrou os dentes. — Você vai descobrir em breve.

— Ah, enigmático. Isso é tão original. — Reaver arredondado em Gethel. — Então, qual é? Grande bebê chorão ou mais para a história?

— Foda-se Reaver — Ela cuspiu. — Você não sabe nada. Eu os amava.

— Eu sei, mas... Oh, espere. — Reaver estava quase cego pela lâmpada que explodiu em seu cérebro. — Você não apenas os amava. Você os *amava*. — Ele sorriu. — Qual, Gethel? Ares? Thanatos. — Ele levantou uma sobranceira. — Limus?

Ela jogou a bola de fogo e ele facilmente afastou. — Será que atingi um nervo? — Com um estalar de seus dedos, enviou uma boomerang da bola de fogo para ela, apontando para a cabeça dela, mas quando ela mergulhou de lado e apenas raspou o ombro, não ficou surpreso. Ela não ia apenas para rolar e morrer, depois de tudo. — Vamos ver se posso descobrir isso — Ele pensou, quando ela sacudiu as chamas em sua roupa. — Você não parece estar causando muita dificuldade para Ares. Pelo menos, não que eu saiba. Mas Limus, você enviou khnives atrás de seu marido.

Xingando, lançou-se sobre ele. Encontraram-se no túnel e a

colisão retumbou a própria montanha.

— Você acha que sabe tudo, não é? — Ela gritou quando bateu com o punho em sua mandíbula. Foi como ser atingido por uma marreta e ele grunhiu, piscando ao som de pássaros dos desenhos animados que circulam ao redor de sua cabeça. — Você acha que é tão superior.

Ele bateu com o punho em seu peito, um rápido duplo toque antes de devolvê-lo em seu rosto tão forte que ela caiu do ar e aterrissou desajeitadamente em seu pescoço e ombro.

— Eu sou superior, — Ele rosnou.

Ela virou-se de pé e explodiu com sua arma favorita, uma tempestade de faíscas que escavou a carne viva. Ele saltou para o teto da caverna, evitando a maioria delas, mas teve um punhado de corte em sua perna, e agonia o perfurou na forma de buracos de fino calibre.

— Você não sabe nada! Tenho segredos que você não pode sequer tocar, verme.

— Tão amarga, — Ele grunhiu. — Apenas quando isso aconteceu?

— Quando? — Ela acenou para os Soulshredders e os arrastou com ela. — Quando a prostituta Aegi tomou a virgindade de Thanatos. — Ódio em brasa saía de cada um dos poros dela. — Era para eu ser a única a quebrar o seu selo.

Que puta. — Isso deve ter te matado quando seu selo não quebrou e Regan ficou grávida. — Respirou fundo. Claro. Foi por isso ela estava tão ansiosa para ver Logan morto. Não era tanto para iniciar o Apocalipse, mas foi para destruir o prova física de que Regan tomou o que ela queria.

O inferno, não tem fúria como a de um anjo ciumento com instabilidade emocional e defeito mental.

— Pegue-o — Gethel rosnou.

Os Soulshredders saltaram ao mesmo em que ela o recheou com lanças de lava. Fogo queimou sua pele e as garras dos Soulshredder rasgaram seus músculos. Podia vencer esta batalha com os demônios, mas quando ele mesmo convocou uma tesoura-chicote,

ela e o anjo caído desapareceram.

Droga.

Cortou os demônios para baixo, cortando horizontalmente em uma metade, e então piscou para fora de lá. Apesar de suas queimaduras e várias lesões, e o fato de que não tinha capturado ou mortado Gethel, estava muito satisfeito com o encontro.

Quando se materializou dentro de sua residência Celestial, seus dedos encontraram o tesouro em seu bolso que tirou Gethel.

Abriu a palma da mão, espantado que a pequena pedra carmesim pudesse canalizar tanto poder nas profundezas do inferno.

Fechou o punho ao redor do *sheoulghul* e sorriu. Não tem uso para isso ainda, mas não tinha nenhuma dúvida de que, um dia, viria muito, muito útil.

Jillian e Reseph passaram às duas horas seguintes no celeiro, limpando a bagunça. Observou com admiração como Reseph dispôs a ajudar, trabalhando incansavelmente, mesmo quando ela começou a enfraquecer. Ele foi incrível, fazendo com que tudo o que fez parecesse tão fácil. Mesmo a maneira que tinha matado o demônio, de forma tão eficiente, como se soubesse exatamente o que estava fazendo, foi incrível. Não demonstrou nenhum medo, sem pânico. Ele se movia como um fantasma, tão rápido que tinha certeza que estava vendo coisas às vezes.

De uma coisa estava certa, sabia como lutar e como matar. Talvez, dado o quão confortável se sentiu lutando contra o demônio, parecia com as pessoas que vieram à tona recentemente como antigos guerreiros matadores de demônio matando. *Aegis*, pensou como eram chamados.

Seja qual for a formação que lhe deu as habilidades para derrubar um demônio tão facilmente, estava era grata por isso. Foi honesta quando disse que não achava que ela poderia lidar com isso por conta própria. Vendo a coisa, idêntico aos demônios que a atacaram, estava congelada solidamente no lugar. Reseph não devia saber que estava na porta, paralisada de medo, por que pareciam horas antes de finalmente disparar a pistola.

Não, não era foda ou corajosa. Mudou-se da Flórida pensando que sua decisão de viver no meio do nada por ela mesma fosse destemida, jogada ousada, mas e se fosse o contrário? E se estava tentando fugir de seus medos?

Falha épica. Fugia disso. E a apreendeu como um motor superaquecido. Vergonha a alimentou enquanto puxava a palha suja de sangue fora do celeiro e Reseph reparava a porta, e então eles se lavaram juntos, mas nenhum deles tinha um espírito sexual. Ele a lavou com o maior cuidado, tomando seu tempo para massagear a tensão dos ombros e costas. Quando o sol da manhã veio à tona, ele a colocou na cama

e deitou com ela até que caiu em um sono inquieto.

Pesadelos a atormentavam. Pesadelos de demônios e animais mortos, do ataque no estacionamento e, pior, de Reseph deixando-a.

Qualquer dia iria descobrir quem ele era e partiria.

Irritada com a sua obsessão com a provável saída de Reseph, Jillian fechou a tampa do barril de grãos quando a porta do celeiro abriu e ele entrou vestindo jeans e pulôver azul que combinava com seus olhos. Em sua mão estava uma caneca fumegante.

— Trouxe algo para aquecê-la. — Ele deu um sorriso torto. — Não sei cozinhar, mas posso fazer uma xícara média de chocolate quente.

— Não é preciso muito para ferver a água e abrir um pacote. — No momento que as palavras caíram de seus lábios, lamentou, e Deus, chutou-se duro no lampejo de mágoa em seus olhos. — Sinto muito, Reseph. Não quis dizer isso. — Não, o que ela queria dizer era “pare

de ser tão maravilhoso, porque estou apaixonada por você, e vou ficar arrasada quando sua memória volta e você decolar.

Ele deu de ombros e lhe entregou o copo, o que a fez se sentir ainda pior. — É verdade.

O rico aroma de chocolate encheu seus pulmões e acalmou o seu humor. — Você estava sendo bom, e eu fui uma puta ingrata.

— Será que isto vai ajudar? — Ele enfiou a mão no bolso. — Fiz isso para você. — Muito gentilmente, ele pegou a mão dela e

colocou uma escultura de madeira na palma da mão.

Jillian olhou para o pequeno pássaro, seus traços finos perfeitamente gravados em suas graciosas linhas e curvas. As asas, desdobradas em voo, eram tão finas e delicadas que estavam com medo de fechar a mão.

— Reseph, isso é incrível. Quanto tempo levou?

Um grande encolher de ombros casual. — Poucos dias. Ah... Você pode querer amolar a sua agradável faca.

— Acho que posso lidar com isso. — Ela acariciou seu dedo com o bico liso. — Por que um pássaro?

Outro encolher de ombros. — Eles são livres, você sabe? Podem ir a qualquer lugar que quiserem, quando quiserem. Podem simplesmente espalhar suas asas e ir embora.

Naturalmente, Reseph iria gravitar em torno de um animal que não estivesse amarrado. Perguntou-se se ele se sentia em tudo enjaulado aqui. Não, não tinha que saber. Sabia. Ele era como uma pantera em um jardim zoológico, sempre andando na linha da cerca.

Ele se sentou no barril e esticou suas longas pernas para frente dele, cruzando as botas na altura dos tornozelos.

— O que há de errado?

Ela hesitou, equilibrando cuidadosamente o passarinho sobre uma grade e tomando um gole do chocolate para comprar algum tempo. Não sabia como explicar, em parte porque nem sabia por que se sentia assim.

— O chocolate está bom, — Ela murmurou. — Obrigado.

— Você está grata. E está enrolando.

Deixe-o chamá-la para fora. Ainda assim, tomou um gole de novo, talvez um pouco desafiador. Acha que ainda estava se sentindo mal-humorada.

Finalmente, segurou a caneca em suas mãos frias e olhou para a espuma em turbilhão. — Estou com medo, Reseph. — Aí. Ela disse. — Odeio ter medo. Isso vai contra tudo o que já vivi. Meus pais me ensinaram a ser forte e crescer foi difícil. Praticava esportes e consegui emprego em fazendas em vez de trabalhar em redes de fast-food, como meus amigos. Quando fui embora para faculdade, tive a certeza

de que era a melhor em todas as minhas aulas. Nunca deixei o medo ficar no caminho. — Engoliu em seco. — Mas agora estou com medo e não sei como lidar com isso.

— Você não tem, — Ele disse suavemente. — Estou aqui. Não vou deixar outro demônio chegar perto de você. Estive pesquisando maneiras de construir um perímetro à prova de demônio, e juro, você estará segura.

Doce Jesus, ele era bom demais para ser verdade. — Não é isso. Não são os demônios. Quero dizer, eles são assustadores, mas... — Ela parou, o chocolate quente gelou em sua barriga.

— Mas o quê?

— É você, — Ela sussurrou. — Sei que precisa descobrir quem você é, mas uma pequena parte de mim está com medo de você. Sei que é egoísta da minha parte, mas gosto que você como está agora.

— Ainda vou ser o mesmo homem, Jillian. Ainda vou ser eu. — Ele se levantou e começou a rondar o celeiro, e teve a sensação de que ele estava trabalhando fora a energia frustrada. — E você nunca sabe... Talvez nunca me lembre do meu passado.

Ela o viu endireitar as rédeas e arreios pendurados nas paredes, como se precisasse de algo para fazer.

— Pode não conseguir a sua memória de volta, mas mesmo só descobrir quem você é, pode mudar as coisas. E se algo que não sabe o aguarda?

Ele virou-se para encará-la. — Você disse que não acreditava que eu fosse um serial killer ou algo assim.

— Ainda não acredito nisso. Mas e se tem uma família? Disse que tem certeza de que não tem uma esposa, mas o que se está errado? Ou se é um político ou um grande magnata da mídia? Ou talvez você seja o rei da terra dos Oompa-Loompa. Basta saber onde você pertence vai mudar as coisas. E você vai ter que ir.

— Terra dos Oompa-Loompa? — Ele balançou a cabeça. — De jeito nenhum. Laranja Pessoas laranjas me dão arrepios. Nem sequer gosto de bronzeamento falso. Nunca seria seu rei.

Ela riu, mas acalmou rapidamente. Seu humor era uma das coisas que temia perder depois que descobrisse quem ele era. Deus,

seu peito já estava ferido.

Os tufos dispersos de palha no chão de concreto rangeram sob suas botas enquanto ele caminhou em sua direção. Ele pegou a caneca de sua mão e a colocou sobre uma prateleira, e quando virou de volta ao redor dela, pegou suas mãos. Não pôde deixar de notar como suas mãos eram pequenas nas dele.

— Não posso prometer que vai gostar do que eu era antes de me encontrar. Mas posso prometer que meus sentimentos por você não vão mudar. — Ele apalpou seu rosto, seu toque suave e, nesse momento, poderia muito bem ter alcançado dentro dela e lhe acariciado o coração em vez de sua pele. — Sei que nós concordamos com nenhum apego emocional, mas não pude evitar, estou apaixonado por você, Jillian. Está assustando a merda fora de mim, porque me sinto tão condenado de novo. — Enquanto ela olhava em silêncio atordoada, ele olhou para o teto. — É

estranho, com algumas coisas me sinto familiarizados, como sexo e usar um computador. E matar o demônio. É como quando você assiste a um filme e há um ator que você reconhece, mas não pode nomear. Você sabe que já o vi antes, mas não consegue lembrar-se de onde. — Ele voltou seu olhar para ela, seus olhos brilhavam com intensidade. — Mas o que sinto por você é tão diferente. É como se nunca tivesse visto o ator antes. Inferno, nem sequer ouvi falar do maldito filme.

Cada palavra era uma picada no coração. Estava apaixonado por ela? Deveria estar feliz, porque querendo ou não, estava caindo por ele também. Mas isso ia acabar mal. Nunca foi pessimista, mas dançou essa dança antes. Não com um cara com amnésia, mas com qualquer outro cara que esteve.

— Você não pode prometer que seu sentimento não vai mudar — Ela murmurou. — Você pode amar alguém.

— Isso é o que estou tentando dizer. Eu não amo. Sei que não amo. O que sinto por você é muito estranho. Saber se tivesse sentido isso antes.

Queria acreditar, mas simplesmente não era suficiente para continuar. Ele não se lembrava de seu passado, talvez por isso não se lembre das emoções, também.

— Jillian, se pudesse garantir que meu sentimento não mudaria e que ficaria aqui, não importa o quê, isso seria uma boa coisa?

— Você não pode... — O dedo caiu sobre sua boca, fechando-a.

— Hipoteticamente.

Ela colocou sua mão em torno dele e puxou-o para longe. — Hipoteticamente, sim. Seria uma coisa boa. Estou apaixonada por você, também.

Em uma onda suave, ele a apoiou contra uma baia e a beijou. Beijou-a com força. — Jillian, — Ele murmurou contra sua boca.

Sua voz era triste, urgente, e sabia exatamente como ele se sentia.

— Psiu. Não quero ouvir promessas que não pode cumprir ou garantias ocas que tudo vai ficar bem. Vamos apenas fazer melhor o tempo que temos. — Precisava de uma distração. Um áspero divertimento. E Reseph poderia dar isso a ela. — Lembre-se do que me disse há poucos dias, a primeira vez que fizemos sexo? Que haveria tempo para foder no capô do meu carro ou outras... coisas?

— Oh, sim. Eu me lembro.

— Bom. — Ela arrastou a mão no peito para a braguilha, atrás da qual uma protuberância acentuada já indicava que ele estava no jogo. — Acho que é o momento.

— Sim? — Um sorriso perverso arrepiou sua boca quando se inclinou para ela e colocou os lábios em sua orelha. — Quanto tempo se passou desde que você veio tão quente, tão furiosa, tão intensa foda, que você esqueceu seu próprio nome?

Oh, Deus. Só esqueceu. — Nunca, — Ela sussurrou. — Você?

— Não me lembro, — Ele murmurou com voz rouca, — Mas me pergunte em poucos minutos e vou ter uma resposta. — Ele a puxou contra ele e a beijou. Seus lábios eram firmes, mas suaves quando se fundiram com os dela. Abriu para ele imediatamente, mas brincava com ela, tendo

o lábio inferior entre os dentes em uma mostra suave de dominância. Um arrepio de prazer patinou sobre sua pele. Era uma combinação

explosiva de brincalhão, mas agressivo, sensível, mas forte, imponente, mas cuidadoso... E muito, muito macho.

Alcançando, ela segurou seu queixo, saboreando a sensação de sua pele quente sob a palma da mão enquanto beijava o seu caminho até o pescoço.

Ele acariciou sua garganta, e com um gemido, ela balançou a cabeça para o lado, lhe concedendo mais acesso para sua boca talentosa.

Uma de suas mãos permaneceu mansamente em torno de sua cintura, segurando-a contra ele, mas a outra deslizou debaixo de sua camisa. Quando seus dedos entraram em contato com a barriga vazia, ela sussurrou de prazer.

— Eu amo os sons que você faz. — Sua voz era uma voz arrastada enfumaçada. — Vou torcê-la até que esteja fora do ar.

Seu coração batia tão forte que doía, como se estivesse tentando pegar a sua mão, que foi deslizando lentamente tortuosamente até sua caixa torácica.

Ele mordeu seu ombro, enquanto as pontas dos dedos roçaram a parte inferior de seu peito, criando um chiar, um tiro elétrico de sua boca para a mão dele. A sensação percorreu por ela, roubando seus pensamentos, sua respiração, a umidade em sua boca.

Com outro gemido, ela apalpou sua coxa, cavando seus dedos em seus músculos rígidos para se firmar. Houve o menor percalço em sua respiração com o contato. Ele aliviou a mão até seu seio, e ambos gemeram.

— Você é tão bonita. — Sua voz foi abafada contra seu ombro. — Quero sentir mais de você.

Oh, sim. Se ele queria mais, poderia tê-la.

CAPÍTULO 15

Para Jillian era um sonho tornado realidade. Clichê, talvez, mas clichês existia por uma razão, e Jillian era um excelente exemplo. Massageou-o através de suas calças, e estava pronto para ela em cerca de dois segundos. Inferno, estava sempre pronto para ela.

Seus dedos brincaram, e com um movimento ágil de seu pulso abriu a braguilha e seu pênis estava em sua mão. Ele sussurrou no prazer e depois assobiou em surpresa quando ela caiu de joelhos e puxou as calças até o meio da coxa. Suas mãos agarraram suas pernas, que se contraiu sob as palmas quentes enquanto ela massageava seu caminho para cima.

— Você tem a incrível marca de nascença aqui. — Ela apertou os lábios para sua parte interna da coxa, e ele sugou o ar através cerrando dentes. — Olha só como a asa de um anjo. — Sua língua alisou sobre a superfície da marca, e inferno santo, o fogo erótico atirou a sua boca em seu pau. Grande zona erógena.

— Nós não podemos falar sobre os anjos, enquanto nós estamos... — Ele parou com um grito estrangulado quando ela o levou em sua boca. Acariciou-o com uma mão e agarrou seu quadril com a outra, suas unhas cavando em sua pele.

— Droga — Ele disse com voz rouca. — Você está falando sério.

— Humm-hmm. — A vibração zumbindo em torno de seu eixo quase o fez vir direto lá. Ele sabia o que ela estava fazendo, usando o sexo para limpar as emoções e apagar a realidade por um tempo. Isso estava bom para ele, especialmente quando a língua jogou sobre a cabeça sensível quando ela moveu os lábios para cima e para baixo, engolindo em seco quando estava profundo.

O prazer foi uma onda quente que caiu sobre ele com todas as mordidelas, sugadadas, e lambidas a em seu pênis. Precisando tocá-la, levou suas mãos em seu cabelo exuberante e viu como seu eixo desaparecer em sua boca ávida.

— Ah... Maldita — Ele sussurrou. — Santo... Sim. — Ele gemeu, contraiu quando ela deixou cair uma mão segurando suas bolas.

Cara, ela era boa nisso. Muito boa e ele não ia durar mais de dez segundos.

Aproveitando sua libido, arrastou Jillian de seus pés, puxando sua calça jeans e as empurrando em torno de suas botas. Não precisava dela completamente livre para se movimentar. Às vezes, um pouco de bondage era uma coisa boa.

Ele se endireitou, soltou um rosnado baixo quando chegou ao ápice de suas coxas, e lhe deu uma profunda e lenta lambida no caminho. Seus olhos escureceram, as pupilas engolindo o verde latente de sua íris, e os lábios se contraíram em um sorriso travesso.

Ele a girou, pegando-a pela cintura para que seu eixo ficasse embalado pela emenda macia da bunda dela, e a segurou assim quando a beijou e mordeu sua orelha e pescoço. Ela empurrou de volta contra ele, mas não, este era o seu show. Ela começa, mas ele termina.

— Não vou dar o que você quer ainda, minha menina, — Disse ele asperamente e, em seguida, a empurrou a frente e a inclinou sobre a sela envolta de cavalete nas proximidades.

Ele caiu sobre os calcanhares para trás e usou seus polegares para espalhar sua carne suculenta. O emaranhado de jeans ao redor dos tornozelos manteve acesso a um mínimo, mas isso era ideal para arrelhar.

E Reseph adorava provocar. Sua respiração tornou-se irregular, quando ele passou a língua ao redor da borda da abertura. Ela tinha gosto de água um mineral com gás, primavera e sua própria rica essência, e ele ia definitivamente beber o seu preenchimento mais tarde.

Ela mexeu a bunda, sua impaciência cada vez mais clara, a atrevida gananciosa. Ele apreciou o quão exigente ela era, tão absolutamente desinibida. Deu o que ela queria, empurrando dentro dela e empurrando, fodendo seu núcleo com a língua.

— Sim — Ela respirava. — Ah... Sim.

Seu clímax estava chegando, mas ele a negou, em vez disso, abrandou as coisas, dando várias lentas, lambidas rasas antes de mergulhar profundo novamente, lambe, chupar e bombeamento até que ela gritou gozando. Ele não a deixou lentamente, do jeito que normalmente fez. Em vez disso, ficou de pé, enfiou a mão no bolso para um preservativo, e embainhou a si mesmo.

— Você não é escoteiro, — Ela murmurou.

— Quero estar pronto para levá-la a qualquer hora, em qualquer lugar, — Ele disse em uma respiração superficial, e entrou nela em um impulso suave.

Os jeans em torno de seus tornozelos não permitiram a penetração profunda, mas esta posição entregou sensações diferentes, mais pele em pele e um ajuste mais apertado. Ele bateu nela, seus quadris mexendo para frente e para trás em um ritmo incessante.

— É isso que você queria?

— Sim. — Ela gemeu, empurrando para trás contra ele, encontrando cada estocada. Ela ainda estava tentando assumir o controle. Não vai acontecer.

Ele puxou para fora, e ela gemeu em decepção. Caindo para os calcanhares novamente, ele arrancou uma de suas botas e a puxou fora junto com o jeans. Ele lhe deu outra lambida entre as pernas no caminho de volta, e então a ergueu sobre a sela estendida sobre o cavalete, forçando-a a escarranchar para trás. A sela com a alça que ela fez, especialmente para permitir fácil montagem e desmontagem, enquanto Sam estava transportando insumos agrícolas, apresentava uma patilha de sela quase inexistente e com alças, que provaria útil para que ele estava planejando.

— O que você está fazendo? — Ela o olhou com curiosidade, o olhar de pálpebras pesadas e embaçadas.

Ele não respondeu. Grosso modo, montou o cavalete, mantendo os pés firmemente plantados no chão, agarrou Jillian pelos joelhos e os forçou para que ela não alavancasse enquanto recostava na sela. Em movimento para frente, entrou nela novamente.

Ela agarrou seus ombros e apertou sua cintura entre os joelhos enquanto ele dirigia para dentro dela. A posição era difícil e instável,

forçando-o a se inclinar para frente e dar golpes superficiais, mas ele aproveitou a única sensação, e se os seus gritos suaves eram alguma indicação de que ela estava adorando, também.

Prazer tomou conta dele, a euforia que inflamou todo o seu corpo. Não durou muito, e no momento que ela gritou em seu auge, ele foi com ela, tiros de êxtase agonizante através de suas bolas e eixo, gozando, gozando, e quando o primeiro orgasmo diminuiu outro iniciava. Jillian gozou com ele novamente em seu terceiro, o nome dele quebrou de seus lábios.

Aos poucos, a tempestade sexual passou e ele caiu à frente, os braços e as pernas tremendo para se apoiar no cavalete. A boca de Jillian encontrou a sua, e seu beijo lento e suave o fez tremer por uma razão diferente.

Não estava mentindo quando disse que estava se apaixonando por ela. A cada dia que passa, ela se tornava cada vez mais o ar que respirava. Quando ela não estava por perto, ele se sentia vazio, inquieto. Quando estava lá, ele se acalmava e encontrou uma sensação de paz que estava apenas... Certa. E agora que o demônio estava morto, poderia dizer que a visão e a voz sussurrada em sua cabeça foi imaginação.

— Obrigada — Ela disse contra seus lábios.

Ele se afastou um pouco. — Você está louca? Eu deveria estar agradecendo.

— Você sabe como pode me agradecer?

— Como? — Lambe-la até que ela gritar? Acariciar cada centímetro de seu corpo até que ela pedisse para parar?

— Você pode escavar a segunda motoneve para fora da garagem e ligá-la.

Ele piscou. Podia lambê-la em uma motoneve, supôs. — Você tem planos?

— Nós vamos nos divertir. Pilotar e cozinhar na motoneve. — Ele deve ter parecido confuso como o inferno, porque ela riu e disse: — Você coloca carne e vegetais em uma embalagem de alumínio e coloca sob o capô do trenó ao lado do tubo de escape. Quando você ficar cansado de andar, você para e seu alimento está cozido.

— Baby você continua me surpreendendo. — Ele a olhou com um novo apreço por seu senso de aventura. — Vamos lá.

Lance McKinney sentou-se com outros dois Elders em sua mesa na sede da Aegis, na Escócia. Juan e Delia tinham cuidado das xícaras de café frio, que tinha mais a ver com o fato de que o castelo estava sempre frio que qualquer outra coisa.

— Os postos avançados na Austrália e no Japão já foram restabelecidos?

Ele olhou para Delia, seu mais novo Elder. A robusta mulher de cabelo escuro foi um Aegis por vinte anos e regente em uma das células de Barcelona antes quase todos os que trabalhassem sob seu comando fossem morto por assecclas de Pestilence.

Ela assentiu com a cabeça. — Nós só temos Guardiões suficientes para uma célula no Japão. — Entregou-lhe um relatório do Regent Tóquio. — Nós estamos apenas a meio mastro na célula Sydney, mas isso vai mudar à medida que mais pessoas que evacuarem o seu caminho de volta.

Foda-se, havia um monte de reconstruções a ser feitas. O quase apocalipse acabou por destruir vários países e matou milhões de pessoas. Agora, três meses depois, a doença e a fome arruinam algumas das áreas mais atingidas. Os tolos no DART insistem que as infecções e fome foram um resultado natural de um desastre, mas o Aegis não estava convencido.

Havia rumores que Pestilence foi morto, mas e se ele ainda estava matando pessoas através de suas doenças? E depois havia a fome, ou Limus, como seus simpatizantes a chamavam. Ela poderia estar causando a fome em massa.

Homem, porra odiava os Cavaleiros. Odiava ainda mais que os seres humanos precisassem deles. O mal Apocalipse, o que colocaria os Cavaleiros do lado da luta dos demônios, foi evitado, mas ainda havia um apocalipse bíblico no futuro da humanidade. Desta vez, quando seus selos quebrar os Cavaleiros deveriam aliar-se com os seres humanos e combater os demônios direito ao lado dos Aegis.

Só que os Cavaleiros odiavam os Aegis, e Lance não tinha

dúvida de que, se esses bastardos soubessem a localização de Sede Aegis, Aegi se tornaria uma espécie extinta.

Houve uma batida na porta, e Omar, um dos doze originais Elders, entrou, com uma expressão sombria. — Você não vai gostar disto. — Ele flexionou suas mãos em seus lados. — Aaron está acompanhando os relatórios de possível atividade demoníaca nas Montanhas Rochosas América. Nada excessivamente incomum, mas DART assumiu a investigação.

Lance bocejou. — E? Esses bichanos provavelmente irão capturar o demônio e tentar reabilitá-lo ou algo assim. Por que nos importa?

— Isso é o que pensava no início. Então ontem Aaron notou um aumento usual em pesquisas na Internet relacionadas aos demônios que vêm de uma cidade chamada Bardsley. O interessante é que muitas das pesquisas têm a ver com o nome Reseph.

Lance se sentou um pouco mais reto. — Reseph é o nome humano de Pestilence.

— Sim, mas o nome também está ligado a lugares históricos e deuses, então Aaron deu o sinal amarelo para manter um olho para fora, mas o nome não foi para bandeira vermelha. — A boca de Omar diluiu em uma barra de desaprovação. — Até hoje.

Juan virou-se em sua cadeira. — O que aconteceu?

— Aaron tem em mãos um relatório policial. Por volta da mesma época dos ataques do demônio começou em Bardsley, um estranho apareceu na cidade. Ele alega não ter memória, exceto do seu nome. Diz que é Reseph.

O estômago de Lance virou, derramando ácido em sua corrente sanguínea. — Descrição?

— Seis nove. Cabelo louro platinado. Tatuagem de cavalo em seu antebraço direito.

— Jesus Cristo, — Lance respirava. Juan e Delia ficaram pálidos. — É ele, não é?

— Isso seria o meu palpite. — Omar esfregou a palma da mão sobre o rosto. — Também poderia ser porque DART está lá.

Delia franziu a testa. — Espera... Pestilence foi destruído.

Então, como poderia ser ele?

— Pense nisso, — Disse Lance. — Nós não vimos ninguém destruí-lo. Temos um fodido telefonema de Kynan. — Um rude telefonema cheio de ameaças e mentiras. Kynan tentou convencer Lance que o anjo que estava ajudando eles, Gethel, era do mal. Se isso fosse verdade, não teria passado o último mês ajudando o Aegis desenvolver uma arma de contenção potencial contra os Cavaleiros. — E se ele estivesse errado, ou se isso é algum tipo de engane o Cavaleiro?

A caneca nas mãos de Delia balançou, derramando café sobre a borda. — Então você acha DART está em Bardsley para neutralizar Reseph? Ou Pestilence? Oh meu Deus, e se o Cavaleiro ainda é o mau?

— Não há *ainda* sobre isso, — Disse Lance. — Os Cavaleiros são metade demônio, e demônio é sempre o mal. Quando selo de Pestilence quebrou, ele simplesmente foi mais mau.

— Precisamos chegar a Bardsley. De jeito nenhum vamos deixar aqueles babaca novatos assumirem o controle da situação.

— Então, nós vamos testar a nossa nova arma?

— Sim, — Lance disse lentamente. — Nós vamos. E se tudo der certo, nós vamos finalmente ter uma maneira de bloquear os Cavaleiros e mantê-los até a que profecia bíblica exija a sua presença.

— E quanto a suas famílias?

— Nós prendemos aqueles que não podem nos prejudicar e matamos o resto.

— E o filho de Thanatos, — Perguntou Delia. — Matando-o não quebra o selo do Cavaleiro?

Sim, isso era um pouco desagradável nos negócios. O Aegis foi levado a acreditar que matar a criança iria salvar o mundo, mas em verdade, era o oposto. Por causa disso foda em dobro. O Aegis tinha feito inimigos além dos Cavaleiros, razão pela qual era tão importante neutralizá-los. De acordo com Gethel, os Cavaleiros estavam planejando assassinar cada Guardiã no planeta.

— Kynan disse nada que possamos fazer vai quebrar seus selos agora. Gethel não confirmou ou negou, e não a temos visto em um mês. Então, tomamos o garoto. Criamos-o. Torná-lo fiel a nós. Poderia

ser a nossa maior arma na luta contra demônios, e nossa melhor proteção contra os Cavaleiros se eles conseguirem escapar de nosso cativeiro.

— Então, nós estamos fazendo isso?

Lance sorriu. — Roupas para o inverno. Nós vamos pegar um Cavaleiro.

CAPÍTULO 16

Kynan e Arik não encontraram uma maldita coisa. Eles estudaram a área, questionaram com quem foram falar e conduziram a investigação. E ainda deram em nada.

Era hora de trazer os policiais locais porque seus instintos diziam que tinha algo sobre Srta. Cardif. Ela sabia mais do que estava dizendo, e se tivesse que levar um policial local para fazê-la falar, isso é o que fariam.

Pelo menos, é o que fariam como um primeiro passo. Jogaria limpo... Por agora.

Kynan olhou para Arik enquanto subiam para fora de seu SUV e começou a atravessar o estacionamento para a entrada da estação de xerife.

— Como Reaver parecia para você quando você o viu?

Uma explosão ártica chutou neve ao redor deles, e Arik tinha que falar com os dentes batendo. — Eu só vi por um segundo. Estava chegando à festa na praia quando ele estava saindo. Parecia bem, porém, para um cara de quem passou três meses no inferno. — A própria passagem de Arik em Sheoul havia lhe dado uma perspectiva única sobre os horrores que podem ser encontrados no reino do demônio. — Limus disse que Harvester admitiu prendê-lo lá, mas depois Reaver defendeu Harvester para Thanatos e Regan.

Destravando a porta da estação, Kynan olhou para o amigo. — Você está brincando, certo? Sua esposa estava bêbada?

— Não. Limus descartou o álcool. Ela quer estar toda saudável, enquanto nós estamos tentando ter um bebê. — Arik pisou suas botas no tapete de boas-vindas. — Nunca vou entender anjos.

Nem Kynan, e ainda tinha um anjo em sua árvore genealógica.

O ar quente os acolheu enquanto caminhavam na estação e foram recebidos por um policial que se apresentou como Dennis Waltham.

— Estarei com vocês, pessoal — Disse Waltham. Ele pegou

alguns papéis e desapareceu em uma sala no final do corredor.

Kynan olhou atrás dele. — Cara amo cidades pequenas.

— Kynan? — A voz de Arik saiu estrangulada. — Oh, santa foda. Puta merda.

Kynan virou para Arik, que estava olhando para o quadro de avisos. — O quê? — Arik ficou ali, com o rosto da cor de giz. — Jesus, você está assustando a merda fora de mim. — Ele andou a passos largos para o seu parceiro. — O que você está... — Ele parou de falar, sua garganta

fechou como se seu pescoço fosse pego em uma armadilha de arame.

Não podia ser. No quadro na parede não poderia ser Pestilence. Mesmo que o cérebro de Kynan mexia para uma explicação, com os olhos bloqueados na informação rabiscada abaixo da fotografia.

Nome: Reseph. Sobrenome: Desconhecido. Foi trazido por Jillian Cardiff há uma semana. Ele sofria de amnésia aparente total.

Jesus.

Waltham voltou, tanto Kynan quanto Arik correram para ele tão rápido que quase tropeçaram um no outro.

— Aquele homem na parede, — Arik desabafou. — Onde ele está?

— Por quê? — O policial olhou para Arik e Kynan como se tivessem perdido suas mentes.

— Que história é essa?

Arik bateu com o punho no balcão. — Diga-me, porra!

Waltham olhou. — Você pode ser algum tipo de especialistas demônios, mas não respondo a você, então por que você não tenta ser um pouco mais agradável?

— Desculpe-nos, policial. — Kynan moderou sua voz para combater a agitação de Arik, mas por dentro estava gritando. Por fora, ele era suando cubos de gelo. — Mas isso é importante. Você tem um arquivo com esse cara?

— Nós não temos muito. — Waltham levou o seu tempo doce cavando um arquivo de uma gaveta e atirou-o para Kynan. — Nós não fomos capazes de descobrir nada sobre ele. O que está nesse arquivo é

tudo que temos. Jillian está em apuros? Preciso ir até ela?

Então esse cara estava com a Sra. Cardiff. Uau, isso não é um choque. — Não — Ky disse calmamente. — Exagerei. Não é o cara que estamos procurando. Obrigado mesmo assim.

O policial atirou um olhar duvidoso, mas Kynan não lhe deu a oportunidade de ser intrometido. Kynan e Arik se arrastaram para fora de lá a uma velocidade vertiginosa. No SUV, Arik parou, todo o seu corpo era um caldeirão de agitação e ódio. Kynan nunca viu Arik assim antes. Era geralmente equilibrado. Muito pouco podia o chacoalhar.

Agora, Arik estava chacoalhando como um brinquedo de criança.

— Era o fodido Pestilence. Como diabos ele está aqui? Ele deveria estar morto, Kynan eu estava lá. Vi isso acontecer. E se ele ainda é o mau? Não pode iniciar um apocalipse, mas ainda seria como um leão em um curral de ovelhas. Poderia matar milhões de pessoas com uma única praga... Puta merda... Como diabos é que vamos derrotá-lo? — Arik fez uma pausa em seu discurso para tomar um fôlego e bateu com o soco no capô do veículo, amassando o metal frio. — Nós vamos invadir Aegis HQ e pegar alguns *qeres*...

— Arik...

— Não vou deixar aquele filho da puta perto Limus...

— Arik. — Kynan agarrou outro homem pelos ombros e sacudiu-o com força. — Ouça-me. Se for realmente Reseph, temos que ser espertos sobre isso.

— Se? Eu reconheceria o filho da puta se estivesse usando um traje espacial e coberto por uma burka, porra. Ele chantageou minha esposa, quase me partiu ao meio, e me obrigou a beber o seu sangue. Ele é dono da minha alma, Kynan. Ele é dono da minha maldita alma.

Sim, Kynan não estaria excessivamente calmo agora se fosse Arik, também. Liberando seu amigo, Kynan cavou seu telefone celular do bolso e rapidamente discou para Ares.

— O que foi homem? — Disse Ares.

Kynan manteve um olhar atento sobre Arik, porque o cara parecia pronto para o lançamento em órbita. — Preciso de você em

sua casa. Arik e eu vamos estar lá em meia hora. — Ele desligou antes que o Cavaleiro pode fazer perguntas. Este lugar era muito público, e Arik estava muito... Bem, fodido.

— Vamos lá, cara, — Disse Kynan. — Vamos bater o Harrowgate. Seus cunhados vão saber o que fazer.

— E se eles não saberem? Esse filho da puta não pode estar vagando pela Terra, Kynan, nós pensamos que ele foi embora. Nós estávamos movendo com nossas vidas. E agora?

Kynan desejou como o inferno que pudesse responder a isso.

Reaver entrou na mansão grega de Ares e não estava nem um pouco surpreso ao descobrir Limus misturando margaritas atrás do bar. Agora que o Apocalipse foi evitado, cada dia era uma festa para ela. O que estava surpreso foi que ela entregou as bebidas para todos, inclusive Reaver, mas não tomou uma para si mesma.

Então, novamente, ela estava ocupada ultimamente, atraída pelas epidemias de fome em todo o mundo. Ela sempre disse que quando outros estavam passando fome, ela não poderia se alimentar.

— Ei, Reaver. — Ares, que estava preso ao sofá por um jovem cão infernal deitado em seu colo, bebendo sua bebida e enxugou a boca com as costas da mão. — Não acho que você sabe do que se trata.

— O que... Sobre o que?

Thanatos, sentado no braço da cadeira onde Regan estava empoleirada, olhou por cima do o berço que estava balançando com um pé.

— Kynan chamou. Disse para reunir todos aqui.

— Parece que eu tenho bom timing. — Reaver foi até o berço, onde Logan estava dormindo e Cujo estava sentado, um ombro encostado na armação. — Espero que o Aegis não esteja causando problemas. O que ele e Arik estão trabalhando?

— Alguns demônios desonestos rasgando uma cidade em algum lugar, — Disse Limus em um tom aborrecido. Não, um único demônio não faria mesmo piscar Cavaleiro. Em cinco mil anos de idade, eles aprenderam a separar os grandes problemas dos pequenos,

e levava muito para que eles considerem qualquer coisa um grande problema.

— Como está tudo?

Ares acariciou o cão preto no colo atrás da orelha, e a coisa fez um som gutural, e só podia esperar que fosse um ruído feliz. — Não tenho certeza. Houve alguns rumores estranhos fluando em Sheoul, rumores sobre velhos amigos de Pestilence se reagrupando. E Cara está preocupada com os cães do inferno. Um grupo desapareceu e mais desaparecem todos os dias. Ela não deixa Hal fora de sua vista.

Estranho. Só alguém muito poderoso iria mexer com cães infernais. Reaver fez uma nota mental de verificar com o Eidolon, chefe de Underworld General Hospital, para ver se ele está ciente de algum vírus de raiva fatal de cão infernal agindo.

Kynan e Arik irromperam pela porta da frente. Arik passou imediatamente sem palavras a Limus e a puxou contra ele.

— Arik. — Sua voz foi abafada contra seu peito. — O que está errado com você?

— Deixe-me ir direto ao assunto. — Kynan tirou sua jaqueta de couro e jogou-o sobre as costas de uma das cadeiras. — Seu irmão está de volta.

Os pulmões de Reaver apreenderam e adrenalina brilhou como fogo em suas veias. Seu segredo estava prestes a tornar-se não secreto, e não da maneira que queria.

Ares ficou de pé, jogando o cão do inferno no chão. — Isso não pode ser. Ele foi destruído. Nós vimos.

— Como você pode ter certeza? — Than perguntou a Kynan e Reaver não perdeu como ele tinha se inclinado mais perto do berço, como se esperasse que Pestilence estourasse fora do ar e pegasse seu filho.

Arik manteve o braço em torno de Limus. — Estávamos à procura de um Soulshredder no Colorado. Nós encontramos o que acreditamos ser o epicentro dos ataques, uma mulher vivendo em uma cabana no meio do nada. Em seguida, descobrimos que um estranho de nome Reseph apareceu quando os ataques começaram. Nós vimos a

sua imagem. É ele.

Kynan assentiu. — Nós acreditamos que ele está com uma mulher.

Limus engoliu doente. — Ficando ou a segurando como refém? Ele é Pestilence, ou ele é Reseph?

— Nós não sabemos, — Arik disse, — Mas o fato de que há um Soulshredder matando pessoas ao seu redor não parece bom para ser Reseph.

— Soulshredders foram os demônios favoritos que Pestilence usou para aterrorizar os seres humanos, — Limus respirava. — Oh, Deus. Se ele é Pestilence...

— Ele é Reseph, — Reaver murmurou, e todos os olhos se voltaram contra ele.

— Você sabia disso? — Perguntou Ares, sua voz vai baixa. — Você sabia que ele estava vivo e andando por aí com os seres humanos e você não nos diz? Há quanto tempo você sabe?

Reaver odiava que a existência de Reseph fosse revelada desta forma, mas não tinha ninguém para culpar além de si mesmo. — Eu sei desde o dia que Thanatos esfaqueou o coração com Deliverance. Eu o tirei de Sheoul-gra.

Rostos atordoados olharam para ele. Finalmente, Arik quebrou o silêncio. — Espero que antes de foder você, tenha uma boa explicação para isso, porque anjo ou não, quero chutar o seu traseiro agora.

— Você está fora de linha, humano, — Reaver disse, talvez um pouco defensivamente. — Não faço nada sem uma boa razão. — Ele só esperava que seu motivo fosse bom o suficiente. — Eu fui para Sheoul-gra ter certeza que a alma de Reseph estava segura. Ele ainda tem um papel a desempenhar quando os últimos dias virão. A profecia do Demonica pode ter falhado, mas ainda há mais uma para jogar fora.

— Nós sabemos — Disse Thanatos. — Chegue na parte onde você o soltou.

— Paciência, — Reaver estalou. — Não sou um de seus servos. — Ele calmamente arregaçou as mangas, dando a si mesmo uma chance de encontrar as palavras certas. — Fui para Sheoul-gra. Mas

não esperava encontrar Reseph do jeito que ele estava. Ele não era... uma alma. Ele era ele mesmo.

— Ele mesmo — Perguntou Ares. — Como quem? Pestilence ou Reseph?

— Reseph. Mas ele estava quebrado.

Limus afastou Arik. — O que você quer dizer, quebrado?

— Ele era Reseph. Mas se lembrava de tudo que fez como Pestilence.

— Oh, Deus, — Limus sussurrou. — Como é horrível.

Kynan amaldiçoado. — Não entendo qual é o problema. Então, ele tem que assumir a responsabilidade pelo assassinato de milhões de pessoas. Por que é isso é um problema?

— Estou me perguntando a mesma coisa — Disse Arik. — Então, o que ele se lembra de o que ele?

—Você não conhece Reseph — Disse Limus. — Nenhum de vocês fez. Você o conhecia apenas como um monstro. Mas antes de seu selo quebrar ele era divertido, feliz, e ele nunca fez mal a ninguém intencionalmente. Se sabe de todas as coisas que aconteceram em sua mão, isso vai matá-lo.

— E isso é o que ele estava fazendo, — Disse Reaver. — Ele estava prejudicando a si mesmo. Nunca vi essa autotortura na minha vida. — Bem, o que ele conseguia se lembrar de sua vida, de qualquer maneira. — Sua mente estava fraturada.

— Eu não me importo. — Arik estalou. — O filho da puta merece cada gota de sofrimento que ele experimentar.

— Pestilence sim, — disse Reaver. — Reseph não. Mas não foi por isso que eu fiz o que fiz.

— O que, exatamente, — Ares aterrou fora — que você fez?

— Eu apaguei sua memória e o mandei para o mundo humano.

— Por quê?

— Para lhe dar tempo para se curar. Precisamos dele, quando o Apocalipse bíblico começar. Mesmo que isso não aconteça por outros mil anos, precisamos de todo o tempo que pode chegar a curá-

lo. Precisa reintegrar o seu lado bom, porque Pestilence ainda está lá dentro. Sua potência foi diminuída e ele não pode trazer o fim dos dias mais, mas ainda pode causar estragos na Terra e em Sheoul.

Regan empurrou-se para seus pés. — Coloque-o de volta no Sheoul-gra.

Reaver fechou os olhos. — Regan, entendendo sua preocupação com Logan...

— Respeitosamente, Reaver, não acho que você entende — Disse Regan. — Pestilence quer Logan morto. Tentou nos matar, então não acho que você entenda. Você não tem filhos, então você não pode entender.

Thanatos atirou o braço por cima do ombro e puxou-a contra si. — Estou com Regan. Quero que ele levado de volta.

— Então você quer seu irmão, que você amou por milhares de anos, sofra uma dor inimaginável?

Ares, que raramente deixava que as emoções interferissem com o seu sábio pensamento de batalha, não fez uma exceção agora. — A dor é lamentável, mas é o que é melhor para todos.

— Eu enfiei uma lâmina em seu coração, — Thanatos disse, sem rodeios. — Ele está morto para mim. — Então fez uma careta, batendo na testa em baixo de seus olhos amarelos. — E espere, por que Deliverance não o destruiu?

Reaver se preparou para esta próxima parte. — Deliverance não era a lâmina que você precisava para matar Pestilence.

O súbito silêncio na sala foi quebrado apenas pelo rosnado baixo de Than. — Reaver...

As almas daqueles que Thanatos havia matado, aqueles que foram sugados em sua armadura, começaram a formar ondas ao redor de seus pés, sinal que ele estava montado na raiva.

Regan colocou uma mão reconfortante em seu braço, e embora as almas abrandassem o turbilhão frenético, o fato de que ainda estavam lá não era bom.

— O que está acontecendo? — A flor de laranja brilhante no cabelo de ébano de Limus murchou, quando sentiu seu humor. — O que você não está nos dizendo?

— Lembre-se de como Pestilence estava tentando encontrar Wormwood?

Kynan assentiu. — Ele rasgou sede Aegis e matou dezenas de pessoas pelo o punhal.

— Bem, ele conseguiu. Ele sabia que Wormwood era o punhal que iria matá-lo. — Reaver olhou nos olhos de Than. — Você procurou uma maneira de reparar o selo de Reseph, mas o que você não sabia era que a Deliverance era a resposta. Você tinha tudo junto.

— *A lâmina de sua libertação* — Than murmurou. — Ok, então essa parte da minha profecia era sobre como salvar Reseph. Mas o que com *Doom Star virá se o grito de falhar*? Nós pensamos que a Doom Star fosse o cometa de Halley.

Reaver balançou a cabeça. — A Doom Star era a Wormwood. Gethel e Pestilence descobriram.

— Então, se nós não esfaqueássemos Pestilence com Deliverance no momento do primeiro choro do Logan, poderia ter matado Pestilence a qualquer momento, com Wormwood?

— Exatamente.

Maldição furiosa de Thanatos fez os cães infernais da sala saltando para os pés e procurando uma ameaça. — Eu poderia tê-lo matado. Poderia ter terminado isso e você não me contou? Todo esse tempo nós estávamos vivendo com um falsa sensação de segurança? Meu filho ainda poderia estar em perigo e você pensou que era melhor não nos dizer?

O olhar de acusação nos olhares de todos na sala murchou coração de Reaver. Havia muito poucas pessoas com quem se preocupava em decepcionar e aqueles que aqui estavam eram esse pouco. — Não sabia sobre Wormwood até pouco antes do nascimento de Logan. Só tive alguns momentos para fazer uma escolha sobre dar a você, e eu escolhi a vida de Reseph. Ele não é uma ameaça para você. Sua memória foi embora.

— Maldito seja, Reaver, — Thanatos resmungou, a rara emoção em seu interior rasgando a voz de Reaver. Ele odiava ver qualquer um dos guerreiros feridos, e sabendo que ele era, pelo menos em parte, responsável apenas fez pior. — Dane-se.

Ares jurou em desgosto. — Leve-o de volta para Sheoul-gra.

Reaver entendeu a raiva de Ares, mas caramba, ele tinha tomado uma decisão, e tinha que ficar com o que acreditava ser melhor. — Um, você não manda em seu Vigilante, ou qualquer anjo, ao redor. Dois precisamos dele inteiro. Ele não vai se curar se eu mandá-lo de volta.

Limus lançou um olhar preocupado para Arik. — O que isso significa para a alma de Arik? Nós pensamos que com Pestilence morto, tinha revertido para Arik. Reseph pode devolvê-la?

— Não. — Tinha sido um longo tempo desde que Reaver tinha voluntariamente tomado um gole de algo mais forte do que o vinho, mas agora podia usar um galão cheio de tequila. — Só Pestilence pode libertar sua alma, e se ele a toma mais uma vez, ele poderia liberá-lo para Sheoul por maldade.

— Como assim? — Arik parecia um pouco verde em torno das brânquias.

— Significa que quando você morrer, você está condenado a Sheoul.

— Ah, que bom, — Disse Arik. — Porque não fui torturado o suficiente da primeira vez.

— Isto é tão fodido, — Thanatos rosnou. — Temos de avançar nisso. Nós não podemos simplesmente sentar e esperar que Reseph consiga mais mil anos.

Arik limpou a garganta. — Hum... Você precisa fazer alguma coisa. — Ele estava olhando para o celular. — Acabei de receber uma mensagem de

Decker. Ele tem um espião dentro da Aegis, e parece que eles estão em nós. Eles estão enviando uma equipe para Bardsley.

— Merda. — Limus arremessou um limão espremido no lixo com tanta força que saltou para fora. — Isso só pode acabar mal.

Arik colocou o telefone no bolso da calça. — Temos que chegar a Reseph antes que eles façam.

—Um dia típico com os Cavaleiros. — Kynan esfregou as mãos sobre o rosto. — As coisas com vocês só vão de mal a pior.

— Não, — Reaver disse suavemente. — Eu não acho que nós comecemos a ver o pior ainda. Nem perto disso.

— O que significa isso? — Perguntou Limus.

Fechando os olhos, Reaver se preparou. Quando ergueu as pálpebras, olhos duros olharam para ele. — Gethel sabe que ele está livre. Ela tem o caçado com Soulshredders.

— E se ela encontrá-lo... — Arik solicitou.

— Se ela encontrá-lo pode trazer para fora Pestilence — Disse Reaver. — E se você acha que ele estava irritado antes, imaginar o quão chateado ele vai ser desta vez.

CAPÍTULO 17

— Jillian Cardiff. Há muito tempo que você está naquela cabana sozinha.

Ela olhou para cima e quase gemeu ao ver o homem de cabelos escuros ao lado de sua cadeira. Imaginou que, de todos os bares de música country em Bardsley, ela e Reseph viria Trey Yates e seus capangas nesse.

— É bom ver você, Trey. Tem sido muito tempo. — Não por muito tempo. Ele esteve com Stacey por um par de meses e, em seguida, a despejou por uma recém-solteira na espreita. — Ainda vendo Charlene?

A banda ao vivo mantinha a pista de dança se movendo com uma música de Garth Brooks enquanto Trey bebia sua cerveja. — Não. Ela estava querendo um novo pai para seus pirralhos.

Bem, sim. Um homem cego poderia ter visto isso vindo. — Como está o negócio da pecuária? — Ela perguntou, mas apenas para ser educada. Principalmente, manteve o olho em Reseph, que foi até o bar pegar um par de cervejas. Parecia que havia uma corrida repentina

de mulheres que apenas precisaram de bebidas frescas também. — Pelo que sei, você estava se aventurando em bisões.

Ele arrotou. Não se desculpou. — Não deu certo. Estou de volta ao rebanho.

Sem dúvida, ovelhas eram mais fáceis para ele intimidar. Era um burro total no ensino médio, e de acordo com Stacey, não mudou muito. Por que Stacey saiu com ele durante o tempo que saiu, não fazia ideia. Então, novamente, ele, aparentemente, colocou sua boa e a melhor aparências por um tempo. Não até pouco antes que ele terminou com ela suas verdadeiras cores começaram a aparecer.

Trey empurrou o queixo em direção ao palco. — O que você acha da banda?

— Eles são bons. Por quê?

Seu sorriso era tão malditamente presunçoso que queria bater nele. Engraçado quando Reseph ficava convencido, funcionava. Em Trey isso só parecia triste e patético.

— Eu ensaio com eles, — Disse Trey. — Canto uma música uma hora ou outra. Você deve ficar por aqui, e talvez vá cantar alguma coisa só para você.

Mesmo velho fanfarrão que sempre foi. Algumas coisas nunca mudam. — Duvido que vamos ficar aqui muito tempo, mas obrigada.

Trey nunca se deu bem com rejeição, e sua boca torceu quando ele derrubou a garrafa em direção Reseph. — Ouvi dizer que ele é novo na cidade. Tem algum tipo de problema mental. Por que você acolheu alguém assim?

Ela lhe deu um sorriso apertado. — Isso não é da sua conta.

Seu ronco beligerante lhe disse o que ele achava de sua resposta. — Ele é seu namorado?

— Sim, — Respondeu a voz profunda e retumbante por trás dela, e Jesus, como se afastou do bar tão rápido? — Eu sou dela. — O tom de Reseph, as suas palavras, fez tudo dentro dela tremer.

Trey fez questão de rastrear Reseph, arrastando o olhar de seu rosto para os pés e vice-versa. — Sou Trey. E você é...?

— Intolerante com idiotas que fodem com a minha mulher.

Trey estava no meio de sua cerveja, e agora levava lentamente a garrafa de sua boca. — Não acho que você sabe com quem está falando, garoto amnésia.

Oh, merda. Jillian empurrou para seus pés e se colocou entre os dois homens. Trey parecia prestes a dar um soco, mas Reseph apenas parecia estar se divertindo.

— Chega — Ela disse. — Trey, volte para seus amigos.

Trey apontou um dedo para Reseph. — É melhor tomar cuidado, idiota. Cidade pequena como esta, rumores começam por aí, e nós sabemos como abater o rebanho. — Ele olhou para Jillian. — Ensine seu vadio boas maneiras.

O quê. Uma. Merda. Chateada, começou a ir para Trey, mas Reseph puxou de volta. — Ele não vale a pena, — Disse Reseph. — Deixe-me adivinhar, sua família tem dinheiro ou algo assim?

— Exatamente. — Ela atirou a Trey um último olhar antes de voltar para Reseph. — Sua família é dona de metade da cidade. Ele tem uma fazenda de ovelhas ao norte da cidade, mas estaria se debatendo se não fosse pelo seu dinheiro de família e todas as suas conexões.

— Bem, — Ele disse, colocando a boca para o ouvido. — Vamos dar-lhe a atenção que ele merece.

— Qual é?

— Nenhuma. — Ele tinha um brilho muito travesso nos olhos. — Na verdade, vamos tirar tudo dele.

Ela bufou. — Sei que você não está pensando em fazer algo escandaloso. Certo?

— Eu?

Ela cutucou-o no peito com um dedo. — Você. Estou indo para o banheiro das mulheres. Seja bom enquanto estiver fora.

O sorriso de Reseph era charme e inocência, o que o fez imediatamente suspeito. — Vou ser tão bom que você não vai saber o que a atingiu.

— Reseph... — Ela estreitou os olhos para ele. — O que você está fazendo?

— Apenas pensei em uma maneira de agradecer por me trazer aqui e comprar as bebidas à noite. — Ergueu a mão em seu cabelo e escovou-o até que a colocou em sua bochecha. — Não sei muito sobre mim, mas tenho certeza que não mereço você.

Engraçado, pensou a mesma coisa sobre si mesma. Que não o merecia. Ou pelo menos, que podia não acreditar na sorte, porque, na verdade, se tivesse feito um desejo a um gênio de um homem perfeito, Reseph seria o cara que apareceria em sua porta.

Ou em um monte de neve.

— Pare com isso, — Disse ela, inclinando-se para roubar um beijo. — Você totalmente me merece. Basta considerar o pagamento de bebidas por toda a sua ajuda na casa.

Ele fazia muito, por isso, esta tarde, depois que o levou para a biblioteca para mais pesquisas, trouxe-o aqui para uma noite fora. Ele estava tão distraído na biblioteca, indiferente a sua pesquisa, e

esperava para animá-lo.

Ele balançou a cabeça. — Preciso arrumar um emprego ou algo assim. Não posso manter a vadiagem em cima de você.

A permanência implícita do que acabara de dizer levantaram as suas esperanças e a perturbou. Gostava de como as coisas estavam agora, e enquanto que o lado lógico sabia que não poderia ficar assim para sempre, não estava pronta para começar a falar sobre ele sair, conseguir um emprego, encontrar um lugar próprio.

— Nós vamos fazer isso. Assim que descobrir quem você é, tudo vai ficar no lugar. — Ela esperava. Deus, esperava. Correu para o banheiro com medo de ficar longe dele por muito tempo. O brilho malicioso em seus olhos era a coisa mais previsível sobre ele. Sempre sinalizou que ele iria fazer algo totalmente imprevisível.

Com certeza, antes mesmo que voltasse para a mesa, sabia que algo estava acontecendo. O fato de que Reseph não estava lá foi a primeira pista. A segunda foi que não havia nenhuma música tocando. A terceira que todos no bar estavam olhando para o palco, incluindo Trey, cuja expressão era puro ódio com o rosto vermelho.

Quase com medo de olhar, Jillian girou em seu assento e engasgou quando viu Reseph pé atrás do microfone, seu olhar brilhante queimou um buraco através dela. Seu sorriso parou seu coração. E então a banda começou a tocar. Não... Ele não estava... Estava?

Reseph trouxe o microfone para os lábios, e George Strait “I Cross My Heart” de repente tornou-se a sua canção favorita. Reseph... Podia cantar. E cantou para ela, seu olhar nunca deixou seu rosto.

Quando terminou, o bar inteiro irrompeu em aplausos que só cessou quando Reseph passou para Alan Jackson “It’s Five O’clock somewhere.” Isso levou pessoas para a pista de dança, e eles olhavam para Reseph e sua incrível profunda interpretação de Big e Rich “Savea Horse, Ride a Cowboy.”

Quando a última nota tocou, a multidão no bar mais uma vez explodiu em aplausos. Jillian, também estava sem fôlego e ficou tão hipnotizada pelo desempenho de Reseph que não se lembrava de ficar de pé. E quando o olhar de Reseph bloqueou o dela quando ele saltou

graciosamente para fora do palco, moveu-se para encontrá-lo. As pessoas na pista de dança se separaram para deixá-lo passar, seus ombros rolando a sua intenção predatória clara.

Ela prendeu a respiração quando ele se aproximou, e quando estava a centímetros de distância, o calor queimou sua pele, ele a agarrou pela cintura, puxou-a contra seu corpo duro, e inclinou a cabeça para seu ouvido.

— Como foi isso para tirar a atenção de Trey?

— Quem é Trey — Ela respirou. — Deus, você foi incrível lá em cima. — Nunca na sua vida foi o tipo de mulher a desmaiar por músicos, mas acabou de se tornar uma tiete de Reseph. — Montar um cowboy? Baby, eu monto.

Seus dentes roçaram sua orelha. — Casa, — Disse ele asperamente. — Preciso fazê-la minha. Agora.

Estremeceu com suas palavras, no tom erótico. E na posse pura, crua. Poderia lhe dizer que já era dele, mas não estava prestes a arruinar diversão dele. Ou a dela.

— Você acha que podemos esperar até em casa? — Disse ela, assim mais ou menos. — Meu caminhão tem um grande capô sabe.

Jurou que chamadas deflagraram em seus olhos, mas foram rapidamente apagadas. — Outra hora. Vou fazer isso direito.

Ok, então. Não perdeu tempo de pegar o casaco e pagar a conta. Reseph esperou na porta, mas seus olhos nunca a deixaram, e enquanto caminhava em direção a ele, seu olhar ficou mais aquecido com cada passo. Para se divertir, abrandou quando se aproximou dele, e até mesmo de vários metros de distância e com a música aos berros, ouviu o grunhido impaciente.

Suor floresceu em sua pele e seu sangue corria em suas veias, e isso foi provocação suficiente. Nunca esteve mais preparada para ir para cama em sua vida. Quando chegou, ele com muito cuidado a empurrou contra a parede e beijou-a, uma punição, o beijo sensual que provavelmente não duraria mais do que cinco segundos, mas a deixou tonta, carente, e ainda assim diante de dez graus da noite não se sentia frio o suficiente quando fogo saía dele.

Serio, por que ela estacionar tão longe?

Olhou para Reseph enquanto caminhava ao lado dela, que foi um enorme erro. O jeito que ele estava olhando para ela a fez quer cair na neve e deixá-lo seguir seu caminho com ela ali mesmo no estacionamento.

— Ei, idiota!

Jillian gemeu ao grito de Trey, e quando eles se viraram, Trey e cinco de seus lacaios formaram um semicírculo ao redor deles.

— Você exibicionista podre — Disse Trey. — Você acha que pode entrar em minha cidade e me fazer parecer um idiota?

— Você não precisa de mim para parecer um idiota, — Reseph disse. — Você está fazendo um excelente trabalho por em si mesmo.

O rosto de Trey manchou com raiva. — Vou te foder, garoto amnésia. Talvez isso seja algo que você se lembre.

— Olha cara. — A voz de Reseph estava calma, o controle sobre a mão firme de Jillian, mas suave. — Você quer recuar. Você e seus amigos precisam se virar e voltar lá para dentro. Você pode dizer a todos que me bateu e eu fugi chorando. Não vou dizer nada diferente. Mas confie em mim no momento... Você quer recuar.

— O que, um bichano. — O amigo de Trey, cujo nome pensava que era Darren, riu. — O bichano quer fugir com o rabo entre as suas pernas.

— Cale a boca Darren. — Jillian puxou a mão de Reseph, na esperança de bater o inferno fora de lá antes que as coisas se deteriorassem. Não duvidava da capacidade de Reseph para lutar, não depois do que o viu fazer com o demônio em seu celeiro, mas eles estavam em desvantagem. — Vamos lá.

Trey e dois de seus amigos se moveram para bloqueá-los. — Não vai a lugar nenhum.

— Última oportunidade — Disse Reseph. — Volte para dentro do bar.

— Foda-se.

Reseph suspirou. — Ok, então. — Ele empurrou Jillian atrás dele. — Volte.

—Mas...

— Vá. Volte. — Ameaça mortal vazou de seus poros e de

repente, revisou seu pensamento de antes. Reseph não estava em desvantagem. Trey e seus amigos estavam.

— Reseph...

Olhou para ela de cima de seu ombro e baixou a voz. — Você precisa ficar fora de seu alcance, porque se um deles tocar em você, eu vou matá-lo.

Jesus. Estava falando sério. O jeito que disse isso, como se fosse apenas levar o lixo para fora em mais uma noite... *Jesus*.

Voltou para os idiotas apenas a tempo para Darren dar um soco.

Ele nunca conseguiu. Reseph bloqueou o soco de Darren e devolveu um poderoso gancho de direita antes de girar em torno e acertar Trey no intestino com um chute que enviou o idiota pelos ares. Trey bateu na traseira de seu próprio carro. Antes que ele ainda batesse no chão, Reseph derrubou mais dois amigos de Trey de costas, um com um braço claramente quebrado.

Um cara grande ruivo correu para Reseph. Quase como se Reseph estivesse entediado, ele enfiou o punho no rosto do ruivo, quebrando o nariz com um som audível. Sangue pulverizou quando o ruivo gritou de dor e cambaleou em direção à porta de trás do bar.

Os homens que restaram recuaram com as mãos para cima.

Prezado Senhor, Reseph bateu em cinco homens e não estava nem respirando com dificuldade. Os caras no chão se mexiam desajeitadamente para fora do seu caminho quando ele caminhou até Trey, que estava segurando suas costelas e lutando para se levantar sob seus pés. Reseph agarrou-o pelo pescoço e levantou-o do chão como se Trey não pesasse mais que um jarro de leite.

Com um rosnado desagradável que ela poderia apenas descrever como desumano, Reseph bateu Trey na porta do lado do motorista, o impacto amassou o metal.

— Eu te avisei, — Reseph disse, sua voz tão desprovida de emoção que ela estremeceu. — E agora estou avisando novamente. Você fode comigo ou Jillian, sequer olha para qualquer um de nós, com nada menos do que respeito ou admiração e vou desmontar você. Se sobreviver, prometo que vai passar o resto de sua vida mijando

toda vez que ouvir o nome de Jillian. Você me entende?

Ao aceno frenético de Trey, Reseph sorriu friamente e olhou para baixo. — Parece que você tem uma vantagem sobre a coisa mijar. — Deixou Trey cair e se virou para Jillian. — Está pronta para ir?

Tudo o que pôde fazer foi acenar a cabeça em resposta quando Trey e seus amigos foram mancando e arrastando em seu caminho de volta para dentro do bar. Reseph pegou a mão dela e a guiou em direção ao caminhão. — Você está bem?

Além da adrenalina percorrendo suas veias como Drano, sim, estava. Uma enorme sensação de alívio estava viajando através dela.

Algo lhe dizia que Reseph tinha se contido com esses caras. E muito. Foi equilibrado, eficiente e contido.

Foi uma espécie de... Aquecimento.

— Estou bem. — Entrelaçou os dedos nos dele. — E você?

— Estou queimando. — Ele a puxou para uma parada apenas tímida no caminhão e puxou-a contra si. Mesmo nas sombras do estacionamento, seus olhos brilhavam com uma necessidade primitiva, elementar que chamou uma parte dela que não entendia. Tudo que sabia era que seu corpo se sentiu tão eletricamente carregado e flexível como borracha e desejo líquido floresceu entre as coxas. — Não posso explicar isso, mas preciso estar dentro de você mais do que nunca.

Sua respiração gaguejou. — Sim, — Ela sussurrou.

Normalmente, agora seria quando Reseph lhe dava um daqueles sorrisos arrogantes, mas não desta vez. Desta vez, estava com um único pensamento predador, trancado no alvo, e ela estava em sua mira. Deus, amava esse lado dele. Nunca em um milhão de anos pensou que seria o tipo de mulher que gosta do tipo homem das cavernas, mas Reseph conseguiu não oprimir. A coisa que não podia esperar para sentir era ele libertar o seu interior Neanderthal sobre ela.

Sua mão mergulhou no bolso do casaco dela e retirou as chaves. Antes que pudesse protestar, ele abriu o caminhão e porta do lado do passageiro.

— Vou dirigir, — Disse ela, mas ele a ergueu no assento.

— Tenho que dirigir Jillian.

— Por quê?

Seu grunhido baixo, gutural desencadeou outra onda de umidade. — Porque, se minhas mãos não estiverem no volante vão estar em você.

Ela esteve perto de gemer. — E isso é uma coisa ruim?

— É quando você está dirigindo. — Ele puxou o cinto de segurança em toda ela, e quando travou, ele pressionou um beijo quente e suave a sua garganta.

— Posso encostar — Ela chiou.

Suas narinas, jurou que viu chamas em seus olhos. — Estou no limite agora. — Sua voz pulsava com luxúria. — Quero você em mim. Quero reclamar você, ficar sozinho em cima de você. E tanto quanto gostaria de montar aqui mesmo em público, agora, e acho que no meu passado teria, nunca quero que ninguém a veja assim, apenas eu.

Oh, maldito. Seu coração estava batendo fora do seu peito. Ela queria isso agora, e sem se importar com quem visse ou ouvisse. — Vou estacionar em algum lugar escuro. — Ela ergueu sua camiseta, nem mesmo envergonhada por seu desespero. — Fora do caminho...

— Tentador... Tão... Porra... Tentador. — Ele gentilmente retirou a mão, bateu a porta e entrou no lado do motorista.

Então se virou para ela, os planos agressivos de seu rosto nas sombras criando uma expressão selvagem que levou a língua para o céu da boca. — Preciso de você na cama hoje à noite, Jillian. Preciso de mais do que uma transa. Preciso fazer amor com você até que nenhum de nós possa nos mover, porque depois de hoje à noite, não quero que haja a mínima dúvida de que você é minha.

CAPÍTULO 18

Deus, Reseph estava iluminado. Aceso como uma tocha, queimando tão quente que estava com medo de derreter o volante quando trocou de lugar com Jillian na picape. A direção foi silenciosa, tensa, o ar na cabine tão carregado de sexo que sentia em sua pele, como se um simples toque poderia colocá-lo sobre a borda.

Se o aroma picante do Jillian fosse qualquer indicação, ela se sentiu da mesma maneira. Sua excitação era poderosa o suficiente para que por duas vezes quisesse estacionar o caminhão e fazer exatamente o que disse que não faria.

Graças a Deus, eles estavam em sua casa. Estacionou na garagem e foi para fora em um flash. Antes que Jillian pudesse sair totalmente de seu assento a tinha em seus braços e estava a levando através da porta da frente. Ele a beijou enquanto chutava a porta, o seu coração ficando louco de desejo. Precisava dela como precisava de ar, e até que a tivesse sob ele, com os braços e as pernas segurando apertado, sentia que poderia sufocar.

Ele a deitou na cama, muito menos perto do que poderia ter, se isso tivesse sido qualquer outra noite. Mas experimentou uma mudança hoje, o ímpeto da realidade e emoção. Enfrentou o fato de que não ia descobrir quem ele era, e o garoto amnésia idiota que ela levou para sua casa. Era hora de parar de se preocupar com o passado e fazer novas memórias.

Com Jillian.

Jillian, que lhe salvou a vida, cuidou dele, fez rir, deu-lhe uma âncora quando deveria ter posto a deriva.

Reseph tirou a camisa e se juntou a ela na cama, e quando se sentou ao seu encontro, ele a empurrou de volta para baixo e cobriu o corpo dela com o seu. Seus olhares se encontraram, e seu pulso trovejou em seus ouvidos. Quando a palma da mão de Jillian chegou até a peito, o calor de seu toque espalhou através dele, chiando sobre sua pele.

Abaixando a boca para a dela, beijou-a, de alguma forma levou lento e vagaroso, como se eles não estivessem prontos para entrar em órbita. Despiu-a, quebrando o beijo só, quando tirou a blusa e empurrou para baixo sua calça jeans. Quando ambos estavam nus, pele contra pele, manteve as mãos na parte com de cima do corpo dela, acariciando seus ombros, o pescoço, os braços.

Ela não jogaria assim. Não, as unhas de Jillian marcaram suas costas antes de cair para sua bunda, onde enterrou os dedos em suas nádegas enquanto se balançava contra ele, moendo seu monte contra sua ereção. Ambos gemeram com isso, mas não estava pronto ainda.

Bem, ele estava pronto fisicamente, mas não mentalmente. Precisava ser profundo, atencioso, possessivo.

Jillian era dele, e ia saber quando ele terminasse.

Enredando os dedos em seus cabelos, ele deixou a outra mão deslizar em sua costela. Acariciou a curva de seu peito, sentindo-a apertar a pele sob a palma da mão. Seu polegar circulou seu mamilo, e o gemido apaixonado quebrando na garganta, dizendo que ela gostou.

— Preciso que você acredite em mim, — Ele murmurou contra seus lábios, — Confie em mim quando eu digo que nunca fiz amor com uma mulher. Não como isto. — O conhecimento estava profundo na alma, nem mesmo uma pergunta, e precisava que ela entendesse.

— Acredito em você. E nunca tive um homem que me fez sentir tão especial. — Arqueou debaixo dele, enganchando um tornozelo sobre a perna e esfregando o pé sedutoramente ao longo de sua panturrilha.

Olhou nos olhos dela, determinado a se certificar de que ela entendeu o que estava prestes a dizer. — Você é mais do que especial. Eu te amo, Jillian. Eu te amo e quero que este seja o começo de algo novo.

Seu pé ficou imóvel em sua perna. — O que você quer dizer?

— Quero dizer que eu não me importo com quem ou o que eu era no passado. — A visão que teve no celeiro onde havia enterrado em sua mente, mas bateu impiedosamente de volta em seu buraco negro. Tudo o que foi antes não tinha lugar na sua nova vida. — Não quero mais saber. Vou parar de procurar.

Ambas as mãos vieram para enquadrar seu rosto. — Oh, Reseph, não posso lhe pedir para fazer isso.

— Você não pediu. — Ele esfregou sua bochecha contra a palma da mão, pensando que nunca tinha sentido nada tão suave como sua pele. — Estou fazendo isso. Eu amo essa vida, eu te amo, e quero começar nossa vida juntos agora.

— Você está... Sério.

— Você pode lidar com não saber quem eu fui? — Ele beliscou a pele sensível entre o polegar e o indicador, antes lavar com a língua. — Pode lidar com o homem que sou agora?

— Sim, — Ela sussurrou em uma voz rouca. — Oh, sim.

— Bom — Ele disse, abaixando a boca para a garganta. — Porque o homem que sou agora é quem eu quero ser. Para sempre.

Na admissão do Reseph, o coração de Jillian trovejou contra o que restou do muro que cercava. Desde o dia Reseph chegou, o muro rachou, e cada dia que passou viu as fissuras se aprofundar. Agora, este homem maravilhoso se comprometeu a ela, deixando para trás seu passado e fazendo dela o seu futuro. Nenhum homem jamais abandonou qualquer coisa por ela, e quando seu batimento cardíaco derrubou o último fragmento de barreira que se interpunha entre ela e entrega, agradeceu boa sorte.

Antes de Reseph, a mulher independente nela teria protestado contra qualquer homem que dissesse que ela era dele, mas com ele parecia natural, respeitoso.

E oh, tão sexy.

E por falar em sexy, os beijos concentrados dele em sua garganta, cada um movendo uma fração de uma polegada menor, com os lábios após sua jugular para a base de seu pescoço. Desejo espalhou através dela, cada vez mais fora de controle quando os segundos passavam. No entanto ele ainda não estava tocando onde precisava ser tocada.

O homem era um sádico. Um mestre da tortura. Sua ereção se sentou pesadamente contra seu sexo, mas não importa o quanto se contorcia, ele não fez um movimento para entrar nela. Doía-lhe,

queimado, queria.

— Tão impaciente, — ele murmurou contra sua clavícula.

— Não sou impaciente. — Ela colocou as mãos em seu cabelo lindo, sedoso para orientar sua pequena boca, o que totalmente fazia dela uma mentirosa.

— Você está me provocando desde o bar. Estou pronta.

Sua risada rouca acompanhou a mão mergulhando entre as pernas e encontrando sua umidade escorregadia. — Oh, sim, você está pronta.

Seus lábios se arrastaram sobre a curva de seu peito, e sua língua saiu para provar seu mamilo. — Adoro a forma como você reage a mim. Apenas a mim. — Essa última parte saiu como um grunhido carnal, e uma onda de luxúria líquida umedeceu seu núcleo. Ele rosnou de novo, deslizando dois dedos dentro dela.

Perdeu para o prazer, jogou a cabeça para trás e concentrou na respiração, enquanto seus dedos trabalhavam sua magia. Ele cobriu o seio com a boca, puxando contra seu mamilo, sua língua quente girando e acariciando. A combinação dos dedos enfiando dentro dela e sua boca sugando seu seio foram inebriantes. Sentia-se embriagada com a sensação, quase esmagadora, porque tudo isso era muito mais do que física.

Reseph estava derramou emoção em cada carícia lenta, cada beijo ardente, toda meloso, carinho reverente, ele sussurrou contra sua pele. *Linda. Incrível. Minha.* Havia até mesmo algumas palavras misturadas que não conhecia, mas entendia de qualquer maneira. Estava levando-a. Marcando-a. Mesmo que, depois, não tivesse um único arranhão, mordida, ou dor, ele deixou sua marca indelével em sua mente e coração.

Seus dedos bombeando mais rápido, levando-a mais alto. — É isso aí, — ele murmurou contra seu peito. — Deus, eu amo a maneira como você se move.

Deslizou o polegar sobre o clitóris, apenas roçando a crista. Gritou com prazer e frustração. Fez isso novamente, desta vez com mais pressão e seu grito foi mais alto.

— Por favor, — Ela suspirou. — Agora.

Um ronronar irrompeu de seu peito enquanto ele passou a cutucar suas coxas largas com as pernas. Ele olhou para baixo, observando sua mão trabalhando, e ronronou mais profunda. Ele torceu os dedos e acariciou seu polegar através de sua fenda, pressionando levemente seu nó de nervos... Pressionando, sem se mover, e oh, Deus, sim...

Gritou em total abandono, resistindo ao seu toque, montando o clímax que ele persuadia fora dela com toques provocantes, quente, e falando promessas de doces. O orgasmo parecia ir por diante, e até mesmo antes do incêndio latejante diminuir completamente, ele estava de joelhos entre as pernas dela, sua ereção se curvando em seu abdômen quando pegou um preservativo. Seus dedos ainda acariciava o sexo, mas com traços delicados, indiretos.

Seu olhar ardia, nunca deixando seu rosto. Ele rasgou a embalagem de camisinha com os dentes, e em uma façanha suave embalou com destreza, tirando a camisinha e rolando sobre seu comprimento sem esforço. Seus músculos flexionados enquanto rolava a frente sobre seu corpo, cobrindo-a, colocando a ponta do seu pênis em sua entrada.

Ainda mantendo contato com os olhos, deslizou dentro dela.
— Eu te amo, — disse ele em um gemido.

— Eu também te amo, — ela sussurrou.

Um sorriso arrepiou sua boca e então fechou os olhos e empurrou seus quadris lentamente.

Então entrou lentamente. Como ele tem esse controle? Ela já tinha gozado uma vez, tendo a borda fora, mas ainda trabalhava o suficiente para querer fazer as coisas em movimento.

Puxando para cima as pernas dela, embrulhou-as em torno de sua cintura, agarrando-se ferozmente. Seu ritmo pegou, a fricção quente, faíscas aparafusando o êxtase profundo dentro dela.

Apertou em torno dele e ele gemeu, movendo-se mais rápido. Todo o seu corpo ondulou sobre ela, todos os músculos tensos e ondulando, os tendões do pescoço destacando-se nitidamente.

Estava quase lá, seu corpo desejando outro pico. Arfava no impulso

para cima, o calor entre eles cru, luxúria animal. Seu coração batia violentamente, e sua respiração vinha em rajadas curtas agitadas.

—Jillian, — ele suspirou. — Você se sente... Tão... Bom... — Ele jogou a cabeça para trás, arreganhando os dentes, batendo nela. — Eu sinto que você... Chegando.

Ela passou por cima da borda com ele, seu grito misturando-se com os dela. A tempestade de prazer queimou de dentro para fora.

— Meu Deus... — ele gemeu, seus quadris ainda bombeamento em convulsões espasmódicas. Seus olhos eram meras fendas quando ele caiu em cima dela, enterrando o rosto em seu pescoço. Sua respiração era áspera contra sua pele, mas suas mãos eram gentis enquanto acariciava seu rosto, seu cabelo, seus ombros.

Cada músculo em seu corpo se transformou em Jell-O, mas ela segurou-o com força, batendo com força a partir de alguma reserva escondida.

— Obrigada, — disse ela em seu cabelo. — Você me deu tanto.

Com um grunhido, ele rolou de cima dela, mas não saiu da cama. Ele a colocou contra si, entrelaçando as pernas dele com a dela. — Não tenho dado o suficiente. — Ele beijou sua testa. — Mas vou começar a trabalhar nisso.

Seu peito se encheu de felicidade. — E amanhã... Eu acho que hoje, na verdade, vamos ter uma árvore de Natal. Não comemoro um bom feriado desde que meus pais morreram. Então, vamos começar nossa nova vida com o Natal.

Ele sorriu. — Vai ser mais ou menos como o meu primeiro.

— O meu também, ela sussurrou. — O meu também.

CAPÍTULO 19

Reseph acordou ao som de um grito. Ele saltou de pé, estendendo a mão para Jillian, mas seu lado da cama estava vazio. Esperando Deus tivesse sonhado, subiu para fora da cama e puxou a calça jeans. E então... Outro grito. O grito de Jillian.

Instantaneamente terror congelou seus ossos e pânico rasgou através dele. Descalço, correu pela casa e rasgou a frente porta com tanta força que quebrou as dobradiças.

Jillian estava em pé na varanda, o rosto pálido, os olhos arregalados. A poucos metros de distância, Ares, Thanatos, e Limus estavam alinhados, blindados e montados em seus cavalos.

— Meus irmãos! — Sorrindo como um tolo, seu coração saltando com excitação súbita, foi para eles. — Limus!

— Reseph? — A voz de Jillian foi abalada.

— Está tudo bem, — Disse ele, dando-lhe uma massagem no braço enquanto passava. — É a minha família. Não posso esperar para que você possa conhecê-los. Vamos.

— Você... Você se lembra?

— Sim. — Estranho, mas sim, foi tudo voltando para ele.

Ele desceu os degraus em dois passos, mas quando bateu no chão de neve abaixo, percebeu que algo estava errado. Não pareciam feliz em vê-lo. Na verdade, suas expressões variaram de desconfiança cautelosa, a odiar francamente, no caso de Thanatos. O que o inferno...

A memória golpeou como uma das frigideiras de Jillian... Thanatos, segurando-o para baixo, enfiando Deliverance em seu peito quando nas proximidades, um bebê chorava. Mas por quê...?

Mais memórias vieram com ele, fogo rápido, como balas de uma arma automática. Sua cabeça se voltou como um muro de horror de surpresa. Ele tropeçou, seu equilíbrio jogado fora pelo peso das lembranças repentinas.

Sangue. Gritos. Ódio... Tanto ódio. O mundo girou, o chão

cedeu debaixo dele, e ele caiu de joelhos, segurando sua cabeça. Mãos desceram em suas costas... De Jillian. Ela estava falando, perguntando se ele estava bem. Perguntando o que estava errado, mas não podia falar. Mais gritos... Os gritos daqueles que ele tinha machucado. Um número incontável deles. Oh... Deus.

—Não, — Ele murmurou. — Ah... por favor, não.

Seu estômago virou, e deu uma guinada, meio engatinhou, meio tropeçou longe dela e para a árvore mais próxima, jogando tudo o que ele tinha comido na última semana, mês, talvez anos, veio à tona. Perdeu. Perdeu tudo. Incluindo, eventualmente, a sua mente.

O que estava acontecendo?

Jillian estava na neve, incapaz de processar nada disso. Os estranhos, pessoas blindadas em seus cavalos assistiram Reseph passar por ela, curiosamente isolada. Até que ele gritou e jogou-se contra a árvore, batendo a cabeça no tronco mais e mais.

— Reseph! — Ela correu em direção a ele, mas antes que desse cinco passos, braços veio em torno dela e foi mantida firme pelo enorme homem com tranças loiras nas têmporas e olhos amarelos de falcão. — Deixe-me ir! — Ela chutou e socou, mas poderia muito bem estar batendo em um elefante. — Solte-me, seu bastardo!

Um rugido terrível sacudiu o ar, e Reseph girou seu rosto escorrendo sangue, os dentes à mostra. Fúria brilhou em seus olhos carmesins quando eles fecharam para o homem que a segurava.

Ele voltou, mas em um borrão que ela não podia compreender até que começou, o cara

com armadura de couro estava fora de seu cavalo e combatendo Reseph. O homem de couro atolou algo que parecia um EpiPen em sua garganta e Reseph ficou completamente, totalmente imóvel.

— O que você fez? — Ela gritou. — Reseph!

— Ele está bem, fêmea — O homem que a segurava apalpou a testa. — Vou fazer isso tudo ir embora.

— Não! — A mulher de cabelos negros correu em direção a eles, sua armadura samurai na aparência, recolhendo neve nas articulações, quando ela correu. — Thanatos, não. Você não pode ir

longe demais. Deixe que ela se lembre disso. — O samurai homem chamado Thanatos puxou Jillian ainda mais perto, até que ela pudesse sentir o frio saindo de sua armadura branca. De que era feita, afinal? Ossos?

— Podemos reorganizar isso, Limus, — Disse Thanatos. — Fazê-la acreditar Reseph a abandonou.

A mulher chamada Limus balançou a cabeça. — Prometi a Arik que não iria mexer com as memórias de alguém novamente.

Memórias? Estas pessoas poderiam mexer com as memórias? Apagar as coisas? O que estava acontecendo?

Thanatos revirou os olhos. — As coisas que você faz por esses seres humanos.

Atrás de Limus, o grande homem na armadura de couro falou, e o garanhão que ele estava montando desapareceu em fumaça e disparou em seu antebraço.

Jillian estava vendo coisas. Nada disso era real. Não podia ser. Mas parecia muito real quando o homem jogou Reseph sobre seu ombro, deu um par de passos e desapareceu no ar.

—Não — Sussurrou Jillian. — Não. Traga-o de volta. — Ela lutou inutilmente contra o domínio de seu captor. — Traga-o de volta, seu filho da puta!

— Deixe-a ir, Than, — Disse a mulher. — Vai ajudar Ares com Reseph. Vou cuidar disso.

Cuidar disso? Terror avançou dentro dela. A mulher que vai matá-la?

Thanatos a soltou, e a súbita falta de apoio à fez estatelar na neve. — Desculpe fêmea, — Ele disse rispidamente e ofereceu sua mão.

Como se fosse aceitar. Afastou-se em um emaranhado de passos descoordenados até que ficou seus próprios pés. Ficou ali, ofegante e pirando, quando Thanatos murmurou alguma coisa e seu cavalo... Oh, Jesus, realmente? Seu cavalo dissolveu em fumaça como o primeiro e atirou em seu antebraço.

Balançou e girou a cabeça, o coração batendo forte incrivelmente rápido. *Não desmaie.* Não na frente dessas pessoas.

Estendeu a mão e agarrou o corrimão tão duro quanto podia, rezando duro para ficar consciente.

Thanatos deu um passo e desapareceu tão rapidamente quanto o outro homem fez, deixando-a sozinha com a mulher e seu garanhão preto. Pelo menos, Jillian pensou que poderia ser um cavalo. Mas nunca tinha visto um cavalo com dentes afiados, olhos vermelhos, e os cascos que criavam vapor na neve.

Terror foi um punho frio em torno de seu coração, apertando tão forte e rápido que seu sangue parecia que ia explodir de suas veias. Isto era um pesadelo. Estava presa em um pesadelo horrível e a realidade estava deslizando bem debaixo de seus pés. Devia falar seus pensamentos em voz alta, porque a outra mulher sacudiu a cabeça.

— Isto não é um pesadelo. É tudo real. Meu nome é Limus. Qual é o seu?

Jillian ingerido. — J-Jillian. Quem... É você?

— Eu sou a irmã de Reseph. Thanatos e Ares são seus irmãos. — Limus olhou ao redor, seus olhos afiados, ametista parecendo tomar em tudo. — Lugar agradável. Olha, Reseph está desaparecido há alguns meses. Nós nem sequer sabíamos que ele estava vivo até a última noite. Onde você o encontrou?

— Em uma pilha de neve, — Disse ela com voz rouca. — Ele... Ele não se lembrava de nada, apenas o nome.

Limus assentiu. — Sim, isso é o que nos foi dito. Parece que você cuidou muito bem dele. Obrigada.

Obrigado? Algo sobre a gratidão de Limus atingiu Jillian, uma vez que tinham nocauteado Reseph e, em seguida, raptaram. Raiva súbita substituiu o medo dela, e ela se lançou para estar cara a cara com Limus.

— Onde seus irmãos o levaram? Por que ele surtou assim? Que diabos está acontecendo?

— Eles o levaram para casa. — A voz de Limus estava calma, apesar do fato de que Jillian estar praticamente gritando agora. — Quanto ao resto... Não é importante. Nós vamos cuidar dele. — Ela girou ao redor. — Você não deve ter mais problemas com demônios,

também. Obrigada
de novo.

— Espera...

— Confie em mim, — Limus disse suavemente. — Este é o
melhor.

Limus e seu cavalo desapareceram, deixando Jillian
aterrorizada, confusa, e tão só que doía.

CAPÍTULO 20

Reaver estava preparado para ver Reseph em estado de choque, mas quando Ares o trouxe de volta à Grécia, pendurado no ombro, Reaver não estava preparado para todo o sangue.

— O que aconteceu? Será que ele lutou com você?

— Não. — A voz de Ares era rouca enquanto ele caminhava em direção ao quarto que tinha preparado. — Ele lutou um par de rounds com uma árvore. A árvore ganhou.

— Droga, — Reaver sussurrou. Reseph fez a mesma coisa em Sheoul... Se jogado contra uma parede e outra, como se pudesse vencer o demônio de si mesmo.

— Pareceu se lembrar de tudo, uma vez que nos viu. Usei o último dos *qeres* sobre ele — Disse Ares. — Quando isso desaparecer, não teremos maneira de neutralizá-lo.

Reaver seguiu Ares para um quarto de hóspedes, onde colocou Reseph na cama. — Invoque Harvester, — disse Reaver. — Ela tem um talento especial quando se trata de restrições. — Reaver sabia em primeira mão, e a lembrança fez seus ossos doerem.

— Nada pode nos deter, — Disse Ares, quando ele pegou uma toalha do banheiro conectado. — Você sabe disso.

— Restrições de Harvester são feitas de ossos da própria vítima, correntes crescem para fora da pele e se anexam como parte do corpo. Ele pode se libertar, mas isso seria tão insuportável que vai pensar duas vezes. Ele pode ficar parado apenas para evitar a agonia.

Então, novamente, Reseph pode acolher a miséria.

— Interessante. — Ares enxugou o rosto de Reseph mais suavemente do que Reaver teria esperado. — Parece que você sabe alguma coisa sobre isso.

— Muito bem. — Ele considerou Reseph, dor palpitante incomodou o estômago ao ver o antes feliz, despreocupado agora um homem torturado, mesmo quando inconsciente. — Como é que se parecia antes de se lembrar?

— Ele estava feliz, — Ares murmurou. — Parecia seu antigo eu.

— Talvez vai ser capaz de se lembrar do resto.

— Espero que você esteja certo. — Ares assobiou e um cão do inferno veio do nada.

Reaver mudou de lado, dando a besta muito espaço. Eles podem ser cães de colo de Ares e Cara, mas eram os mesmos viciosos, demônios que se alimentam de pessoas como eram todos os outros e eles especialmente odiavam anjos. Na verdade, a criatura do tamanho de búfalo rosou para Reaver quando passou, e levou uma enorme quantidade de contenção para não riscar a coisa com uma arma celeste.

Cara mataria Reaver por isso, e o olhar que Ares deu a ele dizia que sabia exatamente o que estava pensando.

— Estou me comportando, — Reaver murmurou. — Enquanto Rin Tin Tin mede seus costumes, nós vamos ficar bem.

— O nome dele é Eddie.

Reaver revirou os olhos. — Não posso acreditar que você os nomeia. — Ele fez um gesto para a coisa, que estava de olho Reseph como se quisesse desmembrá-lo. Compreensível, dada à forma como Pestilence tinha colocado uma recompensa por suas cabeças. — Pestilence era imune a veneno de cão infernal. Reseph pode ser também.

— Eu sei. Mas Eddie pode nos avisar quando Reseph acordar.

Reaver não tinha tanta certeza de deixar um cão do inferno puto vigiando um inimigo indefeso fosse uma boa ideia, mas Ares não tinha a mesma preocupação, e saiu do quarto sem dizer uma palavra. Reaver suspirou e o acompanhou para a sala grande, onde Cara claramente preocupada estava segurando uma criança demônio Ramreel se contorcendo.

— Eu não gosto de ter ele aqui, Ares — Disse ela.

— Nós discutimos isso. — A voz de Ares suavizou quando a puxou contra ele. — Nós não podemos levá-lo para o castelo de Than por causa do bebê, e não o queremos na casa dos Limus em tal proximidade a Arik. Até que saibamos que ele não tem nada de

Pestilence nele, não podemos arriscar ele estar em qualquer lugar, menos aqui.

Se Harvester não tivesse esmagado a caverna na montanha de Reseph em retaliação à violência de Pestilence contra ela no ano passado, seria um lugar perfeito para mantê-lo. Ela os ferrou com suas ações raivosas, mas Reaver não podia culpá-la.

— Onde estão Limus e Thanatos?

Ares acariciou as costas peludas do bebê Ramreel. — Eu não sei. Deixei-os com a fêmea humana.

— Seu nome é Jillian, — Disse Reaver.

A cabeça de Ares virou. — Você a conhece? Outro segredo que você estava escondendo de nós?

— Não tenho nenhuma obrigação a não ser comigo mesmo, Ares, já expliquei. Nós já passamos por isso. Ela sofreu um ataque de demônio. Pensei que eles poderiam curar um ao outro.

— Perdoe-me se eu não o quero que curado — Cara retrucou, afastando-se de Ares. — Quero vê-lo morto. — Ela saiu da casa com o pequeno demônio e Reaver não poderia culpá-la.

Ares amaldiçoou e foi atrás dela, abrindo a porta, assim quando Harvester entrou, parecia uma maldita prostituta de alta classe. Ela estava vestida de couro, incluindo um top acanhado. Pelo menos esse era longo. Talvez ela devesse abotoá-lo, apesar de tudo.

Seus lábios, pintados de preto, como sua roupa, se curvaram em um sorriso malicioso. — Olá, amor.

— Eu não sou o seu amante, — Ele grunhiu.

— Ainda não. — Cada passo de pernas longas ressaltava a minissaia de couro nos quadris no estilo de supermodelo exagerado. De salto alto, botas altas nas coxas arranhando o chão de mármore. Carne nua tonificada, flexionando entre a parte superior da bota e a parte inferior da
obscenamente saia curta, e Reaver amaldiçoou a onda lenta de luxúria que agitou suas entranhas. — Mas vai ser.

— Você tem alguma ideia do quanto eu quero te estrangular?

Ela virou seu longo cabelo sobre o ombro. — Você gostar de jogar com asfixia? Bom. — Ela empurrou o polegar em direção à

porta.— Por que Ares me chamou?

Vozes soaram, Thanatos e Limous tinham chegado e pareciam estar tentando acalmar Cara. Reaver lhes desejou sorte.

— Temos Reseph — Disse a Harvester.

No mesmo instante, todo o seu comportamento mudou, sua postura enrijeceu, seus olhos gelaram. — Onde?

— Em um dos quartos. Estávamos esperando que você pudesse usar a sua divertida cadeia óssea para contê-lo.

— Com prazer.

Ele estava prestes a lhe dizer para resfriá-la, que era Reseph, não Pestilence, quando ouviu um grito seguido de grito um horripilante e uma série de barulhos.

Ele e Harvester correram para o quarto de Reseph, onde foram recebidos pela visão de móveis destruídos. O cão do inferno estava ileso, de pé no canto com sua aparência levantada, mostrando os dentes a Reseph, que claramente se atirou ao redor da sala. Agora, estava sentado no chão, de costa para a parede, e se balançando, suas palmas das mãos em seus olhos.

De vez em quando ele jogou a cabeça para trás contra a parede com força suficiente para colocar rachaduras no reboco e, provavelmente, seu crânio.

Ao lado de Reaver, Harvester começou a tremer, sua raiva ondulando dela em uma nuvem que queimou sua pele. Reseph, como se sentindo sua presença, lentamente levantou a cabeça. Por um longo momento, ele olhou confuso, e, em seguida, horror inundou sua expressão.

—Harvester... Oh, Jesus, eu... Sinto muito, oh, merda oh merda oh merda...

Em uma onda de movimento de asas ela estava em cima de Reseph, gritando, seus punhos batendo seu rosto. Reseph não fez nada para se proteger.

— Você filho da puta! Seu pedaço de merda, filho da puta! — Suas palavras caíram como armas, afiada, sem parar, assim como os punhos. Sangue pulverizando nas paredes, seu rosto, e escorria das mãos.

— Harvester — Reaver a puxou fora de Reseph, chutando e gritando.

— Deixe-me ir! Eu vou matá-lo. — Rosnando, mordeu a mão de Reaver, e quase escorregou de suas mãos antes que ele fosse capaz de arrastá-la para fora da sala.

— O que está acontecendo? — Thanatos e Limus correram em direção a eles, espadas em mãos.

— Nada. — Reaver sacudiu a cabeça para trás para evitar um golpe de punho de Harvester. — Verifique Reseph.

Os dois Cavaleiros correram para o quarto, enquanto Reaver lutava para tirar Harvester para fora de casa. Uma vez que eles estavam fora, ele a soltou, esperando que ela corresse para dentro. Em vez disso, caiu de joelhos e gritou, um soar tão cheio de dor que Reaver sentiu como uma manifestação física, como se suas asas estavam molhadas e pesando. Pior, ele não tinha ideia do que fazer.

Se fosse qualquer outra pessoa, ele a reunia em seus braços e simplesmente a abraçava. Mas essa era Harvester, e ela não era bem-vinda com o conforto. Ainda assim, se aproximou. Não importava que ela estivesse mal e que ele a odiava. Pestilence tinha abusado dela, e enquanto Reaver não tinha certeza de tudo o que aconteceu, ele poderia adivinhar.

— Eu o odeio. — Lágrimas escorriam pelo seu rosto, deixando rastros no sangue espalhado em seu rosto. — Eu o odeio tanto.

Cautelosamente, Reaver agachou tão perto quanto ele pensou que poderia arriscar antes que ela pudesse atacar em defesa, seja fisicamente ou verbalmente. Ela não tolera bem a bondade.

— Este é Reseph, — Disse ele a lembrando. — Não Pestilence.

— Não me importo, — Ela gritou. — Quero ele pendurado em ganchos e descascado. Quero que ele castrado, estuprado e torturado pelo o próximo século.

— Ouça-me, Harvester. — Ele manteve sua voz baixa e suave, embora não parecesse estar fazendo muito bem. — Você é seu Vigilante. Pode odiá-lo, mas não pode providenciar para que ele seja prejudicado. Se prejudicá-lo vai ser retirada do dever. É que o que você quer?

— Não é isso que você quer? — Ela estalou. — Que bom para você se livrar de mim.

— Você pode não ser a minha pessoa favorita no mundo, mas prefiro lidar com você a um substituto. — Uma substituição que poderia ser pior.

— Melhor o inimigo que você conhece né? — Harvester sorriu. Só um pouco, mas era melhor do que os rosnados.

— Certo.

Ela encontrou seu olhar, e ele respirou fundo, bateu desequilibrado pela emoção nua em seus olhos. Viu a vulnerabilidade nela antes, principalmente quando a encontrou sendo torturado por Gethel, e agora, quando estava chorando. Mas isso foi diferente. Isto não era dor. Era... gratidão? Carinho? Que diabos era isso?

Uma agitação desconfortável patinou em torno de dentro do peito quando eles trancaram olhares e a ilha ao redor deles caiu. No fundo, ele ouviu as ondas quebrando na praia, mas se sentiu como se estivessem batendo nele. Ele estava sendo fustigado pelos sentimentos mais estranhos de ternura.

Ele limpou a garganta de sua secura repentina. — Olha, ah, se você não pode ajudar com Reseph agora, todo mundo vai entender.

Harvester explodiu a seus pés. A ira voltou para a sua expressão, só que desta vez foi direcionada a Reaver. Isso era por ele ser gentil com um anjo caído escuro de coração, ele supôs.

— Entendeu? Não preciso entendimento de gente como você. Como você me toma? A vítima fraca? Foda-se você e sua corrente de ar. — Com isso, ela atacou de volta para dentro da mansão, deixando Reaver tentando se recuperar da chicotada.

O que não achou que isso arrancaria os sentimentos que ela acendeu nele. Oh, não havia se apaixonado por ela ou alguma porcaria. O que sentia parecia mais como um eco, como se ele e Harvester tivessem compartilhado um momento de carinho antes.

Vasculhou em sua memória, se perguntando se o tempo que passou como prisioneiro, seu cérebro embebido em vinho medula viciante, tinha a ver com o déjà vu. Nada específico veio à mente, mas, em seguida, foi mais delirante tempo.

Ainda assim, tinha que ser isso. Porque não havia nenhuma maneira de que já tenha gostado dela. E mesmo se tivesse, não teria importância. Porque um dia, de alguma forma, ele iria matá-la.

CAPÍTULO 21

Inferno, a dor era interminável. Era uma névoa da cor de sangue. Um conjunto de garras afiadas que rasgava o cérebro e desfiava a carne como um porco. Com cada escavação das garras vinha uma nova memória e a cada nova memória, Reseph gritava.

Às vezes, as garras paravam de cavar, em vez disso as memórias recicladas que já recordou, apenas voltavam suculentas suficientes para reviver mais e mais, trazendo arrependimento sem parar e a dor que vinha com isso.

As coisas que ele fez como Pestilence soavam de dentro de seu crânio enlouquecidamente, gritou alto, enchendo sua visão tão completamente que só raramente via em seu entorno ou seus irmãos quando eles chegaram. Reseph não tinha certeza por que eles vieram. Limus tentou limpá-lo com panos quentes e Ares tentou levá-lo para comer, mas Reseph não merecia nada disso.

Ele, no entanto, merecia o nocaute que obteve de Arik antes que Limus arrastasse o homem para longe.

Também não entendia por que ele estava aqui. Thanatos o havia matado, então como foi que ele estava vivo?

Em seguida, houve as outras memórias, aquelas que ele não tinha certeza se eram reais.

Jillian.

Ele piscou os olhos, lentamente se tornando consciente de que estava deitado em posição fetal no chão. Nunca sabia onde iria estar quando acordasse ou quão quebrado seu corpo estaria. E não tinha certeza se os períodos de lucidez eram melhores do que os períodos de lembranças que o levava para fora da atual condução. Pelo menos quando estava sendo torturado pelas memórias do que fez, não tinha que ficar cara a cara com as pessoas que ele machucou.

Tentou pedir desculpas a eles, mas depois da surra de Harvester e o soco de Arik no rosto, para não falar de Thanatos com seu escaldante olhar de puro ódio, tinha desistido. “Sinto muito” era

além de coxo, um insulto, ainda, dada a gravidade dos seus pecados. E Jillian... Teve aqueles dias passados com ela, fazendo amor e estando em paz, foi uma invenção da sua imaginação? Um sonho que fez os pesadelos parecessem ainda piores? Talvez sua consciência estivesse brincando com ele, porque os dias com Jillian poderia muito bem ser um sonho, mas era real.

— Me mate — Ele sussurrou através de uma garganta que estava crua de seus gritos. —Alguém... Me mate.

Mas não havia ninguém por perto para ouvir. Mesmo Harvester, que se deliciava em sua agonia, tinha deixado após a instalação das restrições.

Ele não se importou com as algemas. Ele não ia a lugar nenhum mesmo. Além disso, às vezes que a puxou só sentir uma profunda agonia esfaqueando a alma e atravessando seus ossos. Quanto tempo desde que ela o acorrentou, afinal? Lembrou-se de algumas noites, um par de auroras.

Sofre seu bastardo. Sofre como ninguém sofreu antes, ela sussurrou, antes de lambar um rastro de sangue que corria de sua face à sua orelha. Se se preocupa em tudo, deve saber que não está livre de Peste. Apenas um pedaço de mal poderia transformá-lo de volta nele. Oh, não em um sentido apocalíptico, mas pode voltar para a criatura repugnante que estava nas garras do mal, a metade demônio que foi despertado quando o selo se quebrou. Você acha que é miserável agora? Volte a ser Pestilence e assista seus irmãos e irmãs caçá-lo como um cão.

As palavras de Harvester tocaram em seus ouvidos mais e mais quando caiu no poço de memórias, de modo embebido em horror.

— Acabem comigo — Ele sussurrou.

Mas ninguém ouviu.

CAPÍTULO 22

Limus ficou na grande sala de Ares pelo o sexto dia consecutivo, mordendo as unhas de cor limão e olhando pelo corredor em direção ao quarto de Reseph, onde seus gritos tinham crescido mais alto na última hora. Eles devem atingir o pico em breve, e então ele ia cair em um

período de gemidos suaves enquanto se balançava para trás e para frente, olhando fixamente para o espaço.

— Ele não está ficando melhor. — Ela virou-se para seus irmãos, marido e Kynan. — Nós não podemos deixá-lo sofrer assim.

Ares fechou os olhos por um segundo, o rosto inclinado para o teto. — Ninguém quer Reseph sofrendo, Limus.

— Sério? Você poderia ter me enganado. Thanatos olha o punhal cada vez que entrar na sala.

Than, que andava a extensão da grande sala, parou. — Não é que eu quero que ele sofra. É que não consigo tirar da minha cabeça o que ele fez.

— Mas lá não é Pestilence — Limus insistiu. — É Reseph. Precisamos fazer alguma coisa para ajudá-lo.

— O que você sugere? — Perguntou Ares. — Ele não vai ouvir qualquer um de nós. Não vai comer, não vai beber, e quando tentava arrastá-lo no chuveiro hoje ele só caiu para os azulejos e gritou. Como se não merecesse estar limpos. Vi um monte de trauma em minha vida, mas isso está além de qualquer coisa que possa lidar.

Arik olhou para cima brincando de cabo de guerra com Hal. — E o que você fez por mim? Quando estava de fora, depois de escapar de Sheoul.

Limus pensou nisso por um segundo. — Estimulado você.

Arik piscou. — E você fez um maldito bom trabalho.

— Cristo — Kynan murmurou. — Arranjem um quarto.

Ares encolheu os ombros. — Não custa nada tentar algo novo. Limus, a mulher que estava com Reseph... Ele está chamando por ela.

Você acha que tinha algo acontecendo?

A devastação da Jillian era definitivamente real. — Não falei com ela por muito tempo, mas se tivesse que adivinhar, diria que eles tiveram algum tipo de relacionamento. Que, para Reseph, seria a primeira vez.

— Traga-a aqui. — Ares falou como se fosse um general dando as ordens ao soldado, mas pela primeira vez, Limus não atentou para isso ou levou como pessoal. No fundo, ele estava tão preocupado com Reseph como ela. — A ser humana pode ser a única pessoa que pode ajudá-lo agora.

— Estou nisso. — Só esperava que Jillian gostaria de vir. Descobrir que o homem que você estava dormindo não era apenas metade demônio, mas que quase provocou o fim dos dias não seria um bom ponto para vender.

— Você pode querer se apressar. — A voz de Reaver veio do nada. Limus girou para onde ele estava perto da lareira, seus olhos de safira com brilhante preocupação.

— Por quê? O que é isso?

— Acabei de vir do Conselho Vigilante. O medo que Pestilence retorne é urgente.

Ares avançou, uma mecha de seu cabelo castanho-avermelhado caindo sobre os olhos. — Você disse que a exposição ao mal poderia fazer isso. Estamos o mantendo isolado.

— Isso é bom, mas no estado em que se encontra, sua mente está enfraquecendo. A mesma coisa teria acontecido se eu o tivesse deixado em Sheoul-gra. — Reaver soou um pouco aliviado por ter feito o que realmente foi a escolha certa. — Sua mente está cheia de rachaduras que Pestilence poderia passar. Precisa se curar e isso precisa acontecer agora. Mesmo assim, vai gastar toda a sua vida lutando para manter Pestilence na baía.

Thanatos amaldiçoou. — Então, estamos ferrados. Reseph sempre foi um que fugia quando as coisas ficam difíceis.

— Temos que deixá-lo tentar — Limus disse ferozmente. — Vou pegar Jillian. Talvez ela lhe dê uma razão para lutar.

— E se não lhe dá uma razão para manter Pestilence bloqueado? — perguntou Ares.

— Então te dou Wormwood. — Reaver falou em um tom sério baixo. — E você coloca tanto Reseph e Pestilence fora de sua miséria.

Fazia quase uma semana desde Reseph se foi. Seis dias que Jillian passou em uma busca desesperada para encontrá-lo. Ou, pelo menos, descobrir o que, exatamente, aconteceu. Como diabos três pessoas aparecem e desaparecem no ar? Bem, quatro, contando Reseph.

Jillian passou o primeiro dia chorando, enrolada nos lençóis que ainda cheiravam a ele, pensando que talvez estivesse louca. Mas, então, lembrou a si mesma que tinha visto os demônios com seus próprios olhos, então as coisas que se pensava impossível agora eram muito, muito reais.

Passou os próximos dois dias vasculhando a Internet, pesquisando entre as milhões de pessoas aquelas que poderiam fazer o que tinha visto. Infelizmente, não havia muita informação para percorrer. Aliens. Anjos. Demônios. Super-heróis.

Tinha, pelo menos, conseguido sucesso quando ela digitou os nomes Reseph, Ares, Limus e Thanatos. Individualmente, ela teve um monte de referências míticas. Mas juntos, teve um retorno muito, muito interessante.

Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse.

Nesse ponto, estava muito cansada para continuar a fazer qualquer coisa, mas olhou para a tela do computador, até que adormecesse no teclado. Precisava de respostas sólidas que fizessem sentido, então chamou uma agência que parecia estar em toda parte.

O Aegis.

Eles bateram em sua porta no dia seguinte. Cinco minutos depois, lamentou a chamada.

Dois homens haviam se apresentado como Lance e Juan, os representantes da Aegis, e eles tinham um monte de perguntas sobre Reseph e seu paradeiro.

Onde você o encontrou? A neve. Ele disse que seu nome era

Reseph? Sim. *Ele te disse quem ele era?* Ele não sabia quem ele era. Ele tinha amnésia.

Em seguida, vieram às perguntas mais invasivas, e Jillian ficou irritada. *Você era íntima com ele?* Não é da sua conta. *Ele falou sobre seus irmãos e irmãs?* Perdeu a parte sobre a amnésia? *Onde ele está agora?* Eu não sei. *Como é possível você não sabe?* Porque ele desapareceu no ar, seu idiota.

Ela tentou fazer a suas próprias perguntas, como por que eles estavam interessados em Reseph e quem ele realmente era, mas eles se recusaram a responder. No momento em que eles foram embora, a cabeça ficou uma confusão e estava chateada. Poderia usar um amigo para conversar... Não que ela sabia o que dizer, mas Stacey foi por uma semana para o casamento de seu irmão no Arizona e não estaria de volta até amanhã.

Droga. Segurou o passarinho que Reseph esculpiu, olhando para isso como se pudesse se transformar em um pombo-correio e estar um Reseph. Talvez pudesse levá-lo a uma vidente para ver se a psíquica podia recolher qualquer informação de vibrações de Reseph.

Meu Deus estava perdida, não estava? Estava tão desesperada para encontrá-lo que estava realmente pensando em ir para a psíquica. Inferno tinha mesmo folheado o livro de velho livro de telefone, mas parecia que médiuns não anunciam em Páginas Amarelas de sua cidade.

Uma batida na porta quase a fez saltar para fora de sua pele, e rezou para que não fossem os caras do Aegis novamente. Rapidamente, pegou o telefone e espiou pela janela. *Sem veículo.*

Coração batendo forte com o pensamento de que poderia ser Reseph, você sabe, depois de aterrissar em sua varanda, abriu a porta e respirou duro. A mulher que ajudou a levar Reseph para longe estava ali, olhando com sua roupa amarela e verde brilhante.

Jillian não se incomodou com Olá. — Onde está Reseph? O que você fez com ele?

— Relaxa. É por isso que estou aqui. — Limus entrou como se fosse a dona do lugar, os saltos altos batendo no chão de madeira.

— Sim, por favor, — Jillian murmurou. — Entre.

— Obrigada, — Limus disse brilhantemente. Considerou a sala por um momento antes de se virar para Jillian. — Lugar pequeno. Parece maior do lado de fora.

— Crítica não solicitada de lado, o que você está fazendo aqui?

Limus olhou para suas unhas brilhantes. — Você e Reseph tiveram um relacionamento?

Pergunta estranha. — Ah... Sim.

— Era apenas sexo?

— Desculpe-me? Isso não é da sua conta. — O que tinha com as pessoas que querem saber como ela e Reseph foram íntimas?

As sobrancelhas escuras de Limus arquearam, como se ela se surpreendesse ao ser desafiada. — Isso meio que é. Quero dizer, não quero saber os detalhes, crus, brutos. Mas precisamos da sua ajuda, então preciso saber como você estava envolvida. Será que se apaixonou por ele?

— Olha, eu realmente não estou confortável com isso...

— Vou tomar isso como um sim. A verdadeira questão é quão ligada a você que ele estava.

Eu te amo, Jillian. Eu te amo, e quero que este seja o começo de algo novo. Dor fresca apertou seu coração. Ela perdeu Reseph. Como as coisas poderiam ter ido de tão perfeito para ser tão horrível em questão de horas?

— Jillian? — A voz de Limus estava suave, como se ela soubesse o quão difícil isso é.

— Ele disse que me amava — Jillian murmurou.

— Ele o quê?

Jillian cruzou os braços sobre o peito, de repente se sentindo defensiva, e talvez um pouco tola. — É tão difícil de acreditar?

— Deixe-me colocar desta forma — Disse Limus. — Em cinco mil anos, ele nunca se apaixonou por uma mulher.

Ela ficou boquiaberta com Limus em descrença. — Cinco mil anos. Você quer que eu acredite que ele tem cinco mil anos.

— Sim. — Limus voltou a estudar as unhas. — Acho que não te contei. Prepare-se. Meus irmãos e eu somos os Os Quatro Cavaleiros

do Apocalipse. Você provavelmente já ouviu falar sobre nós na escola dominical.

— Fui expulsa da escola dominical antes de chegar nessa história, — Disse ela com uma calma que não sentia. — Mas sim, estou familiarizada com os Quatro Cavaleiros. Você está dizendo que Reseph, o homem que salvei de uma tempestade de neve, é um monstro bíblico.

— Bem, não. Quero dizer, a profecia bíblica é apenas uma das duas. Nós não somos todo o mal e assustador como você vê na TV e no cinema. — Ela franziu a testa. — Principalmente, nós não somos maus. De qualquer forma você realmente não salvou Reseph de uma nevasca. Ele é imortal. Ele teria sobrevivido.

Ela pensou na sua recuperação milagrosa depois de ser congelado quase sólido. — Ok, então vamos dizer que acredito em você. Será que a hipotermia afeta sua memória? Foi por isso que teve amnésia?

Limus estremeceu. — Aqui é onde fica complicado.

Como se o resto fosse tudo normal e fácil? — Estou ouvindo.

Limus estendeu sua camisa e puxou uma corrente de ouro com um pingente circular. — Este é um Selo. Enquanto estiver inteiro meus irmãos e eu somos nem bons nem maus. Sempre houve duas profecias sobre os Cavaleiros... Uma humana, uma demoníaca. A profecia humana diz que se nosso Selo quebrar, vai nos colocar para lutar ao lado dos humanos. A demoníaca diz que poderia nos transformar no mal.

Realmente não gostava de onde isso iria chegar. — E a parte mais complicada?

— A profecia demônio foi lançada há pouco mais de um ano atrás. O Selo de Reseph quebrou.

Demorou alguns instantes para o cérebro de Jillian trabalhar com o que Limus tinha dito, e quando tudo veio junto, o peito contraiu.

— Então... Espere. Toda a agitação que a Terra passou, os demônios, as pragas... Tudo... Isso aconteceu por causa de Reseph, não é?

— Sim. Ele se transformou em um canalha mal chamado Pestilence. Ele passou um ano tentando quebrar nossos selos. — Ela mordeu o fundo o lábio por um segundo. — Não há tempo para os mínimos detalhes. Agora preciso pedir a você para nos ajudar.

Jillian deveria estar muito mais horrorizada do que estava, mas suspeitava de que tudo o que acabou de saber era muito grande para processar. Sem dúvida, ela ia surtar mais tarde.

— Você não respondeu à minha pergunta sobre a memória do Reseph.

— Paramos Pestilence. Thanatos apunhalou seu coração e o matou. Mais ou menos. Ele tirou o seu poder, de qualquer maneira, e ele parou o Apocalipse. É por isso que, de repente, tudo voltou ao normal. Reseph foi para um lugar chamado Sheoul-gra. É uma espécie de um tanque de armazenamento de almas demoníacas. O problema era que, como Reseph, ele se lembrava de tudo

Pestilence fez. E isso era ruim. Muito ruim. Reseph foi à loucura e nosso Vigilante, um anjo chamado Reaver, eletrocutou sua memória e mandou aqui para se curar.

Ok, agora que estava começando a processar, e Jillian afundou no sofá, com as pernas incapazes de suportar não só o corpo, mas o peso de tudo o que tinha acabado de ouvir. — Isso é inacreditável.

— Sim, bem, acredite. — Limus sentou-se à mesa de café na frente dela. — Parece que tudo estava indo bem até o nome de Reseph acertar os canais errados. Tivemos que chegar até ele antes que alguém que o quer mal novamente o encontrasse, ou antes, que O Aegis aparecesse.

— O Aegis, — Jillian murmurou, sua voz soando estranha para seus próprios ouvidos. — Eles estiveram aqui.

— Tenho certeza de que estiveram. Eles querem prendê-lo.

— Por quê?

— Porque eles são idiotas extremistas, — Limus estalou. — Eles não escutam a razão, e qualquer coisa que não entendem, eles preferem destruir.

Ela quase pulou da cadeira, como se pudesse de alguma forma atacar quem estava ameaçando Reseph. — Eles podem destruí-lo?

— Não, mas eles pensam que se eles podem prendê-lo, ou, provavelmente, qualquer um de nós, eles podem evitar a morte, destruição e todo o lixo.

— Isso é verdade?

Limus hesitou e pulso de Jillian bateu em seus ouvidos. — Talvez, no caso de Reseph. Pestilence poderia ser extremamente perigoso se ele retornar. É por isso que estou aqui. Agora que a memória de Reseph está de volta, ele se lembra de toda a merda que fez. Ele está louco. Ferindo a si mesmo. Isso o deixa vulnerável a Pestilence. Precisamos trazê-lo de volta, mas não estamos conseguimos chegar a ele. Esperávamos que pudesse ajudar.

Esmagada pelo enorme alcance das informações que foi apenas dada, colocou os braços em volta de si, como se abraçar o corpo iria contê-la e ajudá-la a fazer sentido de tudo isso.

— Não sei o que posso fazer. Sou apenas uma... Humana. — Um ser humano aterrorizado que havia se apaixonado por uma lenda bíblica. O pensamento quase a fez hiperventilar.

— Fale com ele. Esteja com ele. Não sei. Nenhum de nós sabe. Este é um território inexplorado. Mas quando meu marido foi preso depois de ter sido torturado no inferno, eu conseguir chegar dentro sua cabeça ele me deixou entrar para curá-lo.

— O seu marido foi torturado...? No inferno? O inferno real?

— Chamamos isso de Sheoul, mas sim. Arik ficou lá por um mês. E isso o balançou.

Limus sorriu, feroz orgulho de si mesma estabeleceu em sua expressão. — Você o conheceu quando ele esteve aqui com Kynan.

Ambos os homens pareceram tão confiantes, eficientes, e um pouco... assustadores. Agora, perguntou-se o quão assustador Arik verdadeiramente era por ter sobrevivido há um mês no inferno.

Fechando os olhos, Jillian respirou fundo, esperando por algum tempo para deixar tudo isso se resolver. Mas se Reseph estava com dor, não havia tempo. Tinha que ajudar.

— Você está bem?

Ergueu as pálpebras. — Não. — Nem um pouco. Sentia-se como se estivesse oscilando à beira da histeria, e tudo que seria

necessário era mais uma revelação de Limus e iria tombar. Olhou para o Cavaleiro fêmea, precisando de uma âncora para a realidade, mas até mesmo seu penteado parecia inconsistente. Como quando estava montada em seu garanhão, uma coisa armada e blindada como o de um guerreiro... Bem, lendário. — Por que você tem uma flor em seu cabelo?

— Não é o que esperava de um Cavaleiro?

— Não é o que eu esperava, não.

Limus bufou. — É uma íris cuspe veneno que dissolve a carne em contato.

Jillian afiou para trás. — Sério?

— Não. — Limus sorriu. — Eu só gosto de flores bonitas. Poderia retirar sua carne eu mesma. Sou muito boa com uma lâmina.

Remoção de carne? Oh, Deus. A realidade da situação estava começando a afundar agora.

— E isso... — Jillian engoliu doente. — É assim que você me convence a ir com você?

— Sinto muito. Provavelmente precisarei trabalhar no meu discurso de vendas. — Limus apoiou os cotovelos sobre os joelhos e inclinou-se para Jillian, toda negócio. — Então... Vai ajudar?

— Onde... — Jillian soltou um suspiro em uma corrida. — Para onde vamos? Hum... O inferno?

— Grécia. Confie em mim, nenhum de nós vive em lugares assustadores. Bem, Reseph acostumava, mas sua caverna foi destruída.

Caverna? Ele se sentiu confinado em sua cabana e vivia em uma caverna? — Ok, Vou fazer isso. Leve-me para ele. Irradie-me, ou seja, lá o que é que você faz.

Limus ficou de pé. — Você está lidando com isso muito bem. Deve ter visto como a esposa de Ares reagiu quando ela foi introduzida ao nosso mundo e quem somos.

Sim, bem, teve uma introdução dolorosa no mundo sobrenatural quando os demônios a atacaram no estacionamento do aeroporto. Reseph pode ser um Cavaleiro, mas em comparação, ele era um gatinho. De repente, ela lembrou a briga no bar e a batalha com o demônio no celeiro, e ela revisou esse último pensamento. Gatinho,

não. Leão, sim. Ela seguiu Limus fora. — Ares é casado com uma ser humana?

Limus balançou a cabeça. — Cara. Ela é uma espécie de encantadora de cão do inferno.

Parou tão de repente, escorregou na varanda gelada e teria caído se Limus não tivesse agarrado tão rápido a mantendo em seus pés.

— Cão do inferno? — Jillian asperamente. — D-demônios?

— Ah... Sim. — Limus pegou o braço de Jillian e a arrastou para fora da varanda. —Vamos lá. Harrowgate está esperando.

Viajar através das coisas que Limus chamava Harrowgate foi uma experiência enervante, especialmente quando Limus disse que os Cavaleiros eram os únicos seres que poderiam levar um ser humano consciente através de um portal sem o ser humano sair do outro lado... Morto.

Saiu com Limus, dentro de um círculo marcado por pequenas bandeiras de fora de uma enorme mansão em estilo grego. Oliveiras subiram entre os grandes pilares em estilo grego e estátuas de neve branca de deuses gregos.

— Acho que essa é a Grécia? — Oh, Jillian, você é um cientista, você é.

— Sim.

— Por que há pequenas bandeiras em torno de nós?

— É o desembarque designado de Harrowgate. Nas nossas casas nós as mantemos marcadas para que as pessoas não saibam como entrar. Quando uma porta abre, corta qualquer coisa viva que toca.

Jillian perdeu um passo. Em seguida, perdeu outro, Deus, Limus deve pensar que estava bêbada, quando percebeu que havia um monte de pessoas e... Não seres humanos... Reunidos ao redor da mansão.

— Um...

Limus acenou com a mão em cumprimento e começou a caminhar em direção à multidão.

— Não se preocupe com as fêmeas. Elas estão aqui para Reseph.

Mulheres? Todas essas coisas eram do sexo feminino? Alguns eram difíceis dizer. — O que... o que são eles? — Por favor, não diga que são demônios, por favor, não diga demônios...

— Demônios.

Garganta de Jillian fechou com tanta força que realmente chegou até a soltar a corda que parecia estar em torno dela. Demônios. Santa merda, demônios.

— Ei. — A voz de Limus cortou o pânico que zumbiam nos seus ouvidos. — Eles não vão te machucar. Prometo. Jillian? Fique comigo. Reseph precisa de você.

Apertou os olhos fechados. Como se o mundo calasse além de suas pálpebras, podia imaginar o sorriso de Reseph, o rígido som de sua mandíbula quando faziam amor, e podia ouvi-lo lhe dizer o quão forte ela era. Ele a trouxe de volta para o mundo do qual ela estava se escondendo e lhe dera um presente precioso. Ela lhe daria o mesmo. De alguma forma ela sobreviveu, e ia ajudá-lo.

Abriu os olhos, mas os manteve colados a Limus. — Estou bem. Vamos.

A multidão abriu caminho para Limus e Jillian a seguiu até uma das criaturas, que parecia ser humano, exceto pela pele e cabelos cinza, chifres pretos e pés com garras, bloqueando seu caminho.

— Por que você está levando essa... Ser humana... Quando temos que esperar aqui fora?

Jillian não tinha sequer tempo de piscar antes que Limus tinha o demônio pelo pescoço, levantando a coisa do chão. — Você não questiona um Cavaleiro do apocalipse. Fale assim de novo, e vai ter sorte se eu apenas tirar a sua língua.

O demônio nos braços de Limus assentiu, tanto quanto podia e todos os demônios ao seu redor alargaram o círculo.

Jillian se perguntou como Limus poderia ter sido com ela em sua casa, com ela tinha sido nada, apenas perguntas.

Limus soltou o demônio que caiu no chão e ficou lá, ofegando

por ar.

— Alguém mais quer me irritar? — Quando ninguém veio a frente, Limus sorriu. — Bom. Vamos, Jilly.

Sim, Jillian precisaria de uma passagem. Meu Deus, ela ameaçou um Cavaleiro do Apocalipse com uma frigideira. Reseph poderia tê-la esmagado com seu polegar.

Em vez disso, ele fez coisas incríveis, maravilhosas com aquele polegar. O pensamento de ter feito amor com um dos Cavaleiros do Apocalipse a deixou tonta.

— Por que todas essas, hum, mulheres, aqui? Será que elas pensam que podem ajudar Reseph?

— Elas ouviram que ele está de volta, mas não sabem de sua condição. Elas só querem fazer sexo.

Abruptamente, Jillian sentiu-se mal. — Estas são suas... Namoradas?

Limus bufou. — Dificilmente. Eram apenas sua foda e amigas de festas. — Ela fechou a boca com uma careta. — Ah, desculpe. Olha, você deve saber... Ele é um pouco, bem, ele era um playboy. Nunca se ligou a uma mulher, mas acho que é diferente com você. É por isso que você está aqui.

— Você acha que é diferente — Ela murmurou, seu coração dolorido quando olhou para todas as mulheres reunidas ao redor.

Tinha que haver uma centena, e elas eram todas até mesmo atraentes de alguma forma. Algumas eram francamente lindas, a tal ponto que doía olhar para elas.

Simpatia escorria de voz das Limus. — Tenha em mente, — Disse ela suavemente, — Que Reseph tem cinco mil anos, e demônios são de longa duração, se não forem imortais. Isso é um monte de tempo para construir uma pilha de corpos.

Jillian lutou para manter suas esperanças. Supôs que o que Limus disse fosse verdade, mas isso não ajuda muito. Aplicar a lógica numa situação dolorosa raramente funcionava até que houvesse certa distância e Jillian duvidava que tivesse distância por um longo tempo. Não quando a forma como se sentia sobre Reseph era diferente e mais poderosa do que qualquer coisa que sentiu por um homem antes.

Será que essas mulheres se sentem da mesma maneira sobre ele? O pensamento a fez mal.

— Vamos, — Ela murmurou.

Elas entraram na mansão, que se abriu em uma enorme sala onde Thanatos e Ares estavam falando com uma mulher de cabelos castanhos e Arik. Arik balançou a cabeça em saudação, a mulher sorriu, Thanatos e Ares apenas a olharam.

— Oh, pelo amor de Deus meninos — Disse a mulher. — Ela não é um inimigo. Parem de encarar. — Ela caminhou à frente, e com ela veio um cão preto, uma criatura do tamanho de um touro. — Sou Cara, a esposa de Ares. Posso lhe arranjar alguma coisa? Algo para beber, talvez?

Poderia usar uma garrafa de vodka e um Xanax. O cão coisa arreganhou os dentes de tubarão. *Precisaria de uma dúzia de Xanax.* — Obrigada. Estou bem. — Não tinha certeza do que esperar, mas, não uma família doméstica relativamente normal.

Thanatos fez um gesto para ela. — Vamos lá. Esse é o caminho para Reseph.

Jillian olhou para Limus, que lhe deu um aceno tranquilizador. — Thanatos não morde. — Ela lançou um olhar para Thanatos. — Não morda.

— Ha. Ha. — Ele caminhou até o final do corredor, deixando-a escolher ou não o seguir. Quando chegaram a uma porta, ele parou. — Será que Limus explicou a situação para você?

— Você quer dizer que o seu selo quebrou e ele virou mau e quase provocou o fim do mundo? Sim, eu tenho manual.

Thanatos arqueou uma sobrancelha castanha. — Nesse caso, obrigado por fazer isso, humana. Duvido que muitos fariam. Mas estava falando da sua condição.

— Ela disse que ele estava prejudicando a si mesmo.

— Algo como isso. — Sua boca formou uma linha sombria. — Não sei como ele vai reagir a você, mas não espere o homem que uma vez conheceu. — Ele abriu a porta. — Grite se você precisar de alguma coisa.

Gritar. Grande. Isso não soa reconfortante em tudo. Ainda

assim, conhecia Reseph. Não deixaria essas pessoas assustá-la. Era forte. Não iria desmoronar. Entrou no quarto.

E imediatamente se desfez.

CAPÍTULO 23

— Oh, Reseph, — Jillian sussurrou. — O que eles fizeram com você? — Thanatos e Lumus tinham avisado, mas isto foi além qualquer coisa que poderia ter imaginado.

Reseph se sentou com as costas contra a parede, o corpo em uma massa de feridas em diferentes fases de cicatrização. Seus braços estavam envoltos em torno de seus joelhos dobrados, a cabeça pendia sobre seus ombros, o cabelo obscurecia rosto. Vestindo nada além de bermudas, balançava para trás e para frente, gemidos suaves quebrando de seu peito.

Em seus tornozelos, parecendo vir diretamente de sua pele, grossas algemas de marfim ao lado da parede como um sistema radicular.

Elas eram longas dando-lhe a liberdade para se movimentar no quarto e banheiro, mas não o suficiente para passar pela porta.

— Reseph? — Toda a sua apreensão fugiu, e correu para ele, caiu de joelhos ao seu lado.

— Ei, sou eu. Jillian.

Quando não respondeu, apenas continuou balançando, ela muito lentamente estendeu a mão para escovar o cabelo para trás. Lutou contra um suspiro ao ver seus olhos enegrecidos e bochechas feridas. Querido Deus, parecia que ele tinha machucado a si mesmo.

— Reseph. — Desta vez, ela falou mais alto, com mais força e ele estremeceu.

Em uma série de movimentos agitados, Reseph levantou a cabeça e fixou o olhar vítreo no dela. Por alguns instantes de agonia, não tinha certeza de que a reconheceu.

— Jillian? — Sua voz era rouca e crua. — Você parece minha Jillian.

Minha Jillian. As palavras trouxeram emoção suave a superfície, e teve que engolir antes que pudesse falar. — Sou eu. Estou

aqui.

Sua mão tremia quando ele a estendeu para ela, mas a uma polegada de seu rosto, ele parou.

— Vá em frente, — Ela sussurrou. — Eu sou real.

Seu dedo roçou sua bochecha, e depois a palma da mão, e depois, então, de repente ela engasgou, ele jogou os braços em torno dela e puxou contra ele.

— Não posso acreditar — Ele murmurou em seu ouvido. — Não é possível. Oh, foda-se. Quanto tempo? Jillian, quanto tempo faz?

— Há alguns dias.

— Não, não pode ser. Meses, tem sido meses.

Que horrível deve ter sido seu tormento para fazê-lo pensar que esteve preso neste quarto por meses? — Isso não importa. Estou aqui agora.

Ele se afastou apenas o suficiente para beijá-la, e sim, ele sentiu como meses. — Senti sua falta. Eu fui... Eu fui...

— Eu sei. — Ela traçou seu lábio inferior com a ponta do seu dedo, deslizando suavemente sobre o corte recém-curado. — Quando foi a última vez você comeu?

Ele franziu a testa. — Jantar. Aquela noite com você.

— Você não come há mais de uma semana? Merda. Ok espere. — Ela começou a se levantar, mas ele agarrou seu pulso.

— Não... Não me deixe. — Seu apelo a esfolou viva.

— Não vou estar fora de sua vista.

Ele não parecia convencido, mas balançou a cabeça. Ela correu para a porta e gritou para Limus, que veio correndo.

— Você está bem?

— Preciso de comida e algo para beber. Acho que posso fazê-lo comer.

As Sobrancelhas negras de Limus dispararam. — Sério? É isso aí. Um segundo.

Jillian voltou para Reseph, que lhe tomou a mão no momento em que estava ao seu alcance. — Sinto muito que você tem que me ver assim. — Ele olhou para si mesmo. — Deveria tomar banho.

— Deixe-me ajudá-lo.

Pela primeira vez, não fez uma piada com algo sugestivo, que apenas enfatizou o quão grave essa situação.

— Você não tem que ajudar. — Lentamente ele se empurrou a seus pés. — Mas... Você poderia ficar no banheiro comigo?

— Claro. Mas não vou a lugar nenhum, ok?

Ele balançou a cabeça e se moveu para o banheiro, vacilante no início, mas a sua força voltou com cada passo. Seu corpo foi terrivelmente abusado, mas a sua graça e poder de maneira nenhuma diminuiu. Ela se sentou no vaso sanitário, enquanto ele tomava banho e escovava os

dentes, as algemas infernais tintilavam com cada movimento.

Soou um leve toque na porta. — Isso é a comida. Eu vou buscá-la. — Quando abriu a porta, Ares estava ali com uma bandeja. Havia três sanduíches recheados de carne e queijo, duas tigelas de bolo, e duas garrafas de água.

— Vê se você pode levá-lo a beber toda a água. Há um sedativo nele. Não vai fazê-lo dormir, mas deve ajudá-lo relaxar.

— Obrigada.

— Além disso, um aviso justo. O sedativo pode ter um efeito afrodisíaco suave.

— Afrodisíaco?

— Graças ao lado da nossa mãe, quando temos os efeitos colaterais, eles são geralmente de natureza sexual.

Huh. Bem, se alguém disser que o um efeito colateral de uma medicação, fosse excitação seria melhor do que a boca seca, náuseas, derrame ou ataque cardíaco.

Ela agradeceu Ares novamente, mas quando ocorreu a ela de perguntar por que o lado de sua mãe iria influenciar efeitos colaterais médicos, ele se afastou. Bem, poderia perguntar depois. Quando se virou, Reseph estava sentado no canto, nu, de costas para a parede.

— Agora percebi que você deve ter cortado meu cabelo quando me encontrou. — Seu olhar estava abatido, com o rosto parcialmente escondido pelo dito cabelo.

— Estava muito enrolado para escovar — Explicou ela, esperando que não estivesse chateado por ter usado uma tesoura com

sua longa juba antes de descongelar de seu calvário de neve. — Eu sinto muito.

Ele olhou para cima, sorrindo um pouco. — Eu gosto dele. É um corte diferente do tipo... Que eu era.

Ufa. — Nós não precisamos sentar no chão — Ela disse. — Há uma cama perfeitamente boa.

Ele olhou para ela com tristeza. — Não pertenço aqui. — Seu olhar caiu no chão novamente. — Pertenço no inferno, Jillian.

— Não diga isso. — Ela atravessou a sala e caiu de joelhos ao lado dele. — Pelo que entendo você não é responsável pelas coisas que aconteceram.

— Pestilence é parte de mim — Ele murmurou. — Até agora, posso sentir a sua feiura. Senti em sua fazenda, mas eu não sabia o que era. — Ele estremeceu, e ela pegou a mão dele, como se aquele gesto poderia consertar tudo. — É... É como um abscesso na minha alma.

Sua garganta apertou entupida com emoção. — Eu sinto muito. Não posso nem imaginar como deve sentir isso. — Ela puxou a bandeja perto. — Por favor, coma. Isso não pode ajudar a sua alma, mas vai ajudar o seu estômago.

Ele olhou para a comida como se fosse veneno. — Eu não posso.

— Se o seu estômago está tenso, tente um pouco de água.

— Não posso, Jillian.

— Você acha que não merece, não é? — Seu coração se partiu. — Não puna a si mesmo assim. Por favor, Reseph. Faça isso por mim. — Quando ele não fez nenhum movimento para a bandeja, tirou a tampa de uma das garrafas e colocou em seus lábios. — Por favor.

Odeio ver você assim.

Fechando os olhos, ele sussurrou: — Por você, amor. Por você.

Jillian mudou sua a vida de Reseph. Primeiro, ela lhe deu seu santuário e lhe mostrou que não era necessário preencher todos os momentos com as pessoas e festas. Pela primeira vez em cinco mil

anos, esteve inteiro. Feliz. E agora estava lhe dando uma distração da prisão dentro de sua cabeça. Ele não merecia. Não merecia nada dessa de água, comida, um quarto na casa de Ares, bondade, e não depois de todas as coisas que fez.

Inferno, seus irmãos e suas companheiras deveriam amarrá-lo e torturá-lo, porra, incessantemente por anos a fio, ele merece. Certamente não iria combatê-los. Em vez disso, estavam tentando ajudá-lo. Não podia acreditar que eles ainda trouxeram Jillian.

Jillian, que não pertence ao mundo dele. Mas era apenas egoísta o suficiente para estar feliz que ela estava aqui, persuadindo-o a comer e falando com ele em voz baixa e suave quando ela lhe contou sobre as coisas em sua casa. Quando sua mente de repente saltava de volta para seus atos horríveis, ela sabia, e tocava sua bochecha e o forçava de volta ao presente.

— Você comeu o primeiro sanduíche. Mais rápido do que eu esperava.

Ele olhou para as migalhas na tigela. — Não é o seu pimentão, — Disse ele, — Mas isso não é ruim. Ares sempre teve bons cozinheiros na equipe.

— Você está dizendo que sentiu falta do meu pimentão — Brincou ela.

— Sim. — Sentiu falta do seu pimentão, da sua casa... Sentia falta *dela*. Puta merda, ele era patético, não era? Ele tinha caído por ela tão duro. Seus irmãos e irmãs devem estar morrendo de rir dele depois de todo o seu barulho sobre como ele nunca se apaixonaria ou mesmo limitar-se. Mas queria Jillian e só Jillian. Esse fato estava bem claro quando Than e Ares tentaram trazer algumas de suas companheiras de cama regulares para tentar seduzi-lo para fora do que eles tinham chamado o seu "delírio".

As o distraíram, certo, mas apenas tempo o suficiente para que ele as expulsasse. Seu toque realmente o enojava e o fez invocar o nome de Jillian como um enfermeira ou alguma merda. Sim, seus irmãos devem estar se engasgando com suas risadas.

— Como você está se sentindo? — Jillian olhou para ele como um médico pode olhar para um paciente, e se perguntou se parecia

como se sentia. Não tinha ideia. Tinha quebrado todos os espelhos do quarto e do banheiro dias atrás.

— Melhor, — Disse ele. — Mas acho que é mais por causa de você do que por causa da comida. — Ele fez uma pausa. — Obrigado por ter vindo. A maioria as pessoas não o faria.

— Então, a maioria das pessoas são idiotas. — Disse que com tanta força que ele sorriu.

— Não ousaria discutir com você quando está irritada.

— Muito sábio Cavaleiro. — Ela balançou a cabeça, fazendo-a cabelo escuro deslizar contra sua mandíbula. Tinha perdido a sensação de sua pele sedosa, e estendeu a mão para esfregar uma mecha entre o polegar e o indicador. — Ainda estou meio cambaleando sobre a coisa de Cavaleiro.

— Você está levando isso bem, — Ele disse, orgulho inchou o peito. Sua Jillian era forte, mas sabia disso. — Os seres humanos tendem a ter reações ruins. Normalmente, os moradores do reino humano também.

— Moradores reino humano?

Deu de ombros. — Os vampiros, lobisomens, alguns metamorfos. Qualquer pessoa que reside exclusivamente no mundo humano, em vez de Sheoul. Eles estão geralmente um pouco mais fundamentados no mundo humano do que um demônio.

— Vampiros e lobisomens são reais? — Ela piscou. — Acho que faz sentido se os demônios e Cavaleiros existem, mas uau. É louco descobrir que lendas são reais. Você disse que as pessoas no reino humano têm reações ruins para descobrir que Cavaleiros existem, mas o que dizer dos seres Sheoul?

— Os demônios são praticamente criados em histórias sobre nós. Você sabe, seja um bom demônio e come seus legumes e algum dia os Cavaleiros pode querer você ao seu lado durante o Apocalipse.

— Uau. — As mãos dela, tão habilidosas na fazenda, voaram desajeitadamente até o botão gola do pulôver. Deus odiava vê-la tão fora de seu elemento. — Então todas essas... Mulheres... Lá fora? Onde é que elas vêm?

— Existem mulheres lá fora?

— Um monte. Não contei, mas não seria um exagero dizer que é facilmente uma centena.

Oh, maldito. Daria qualquer coisa para Jillian não ter visto isso.

— Sim, — Ele resmungou. — No submundo, meus irmãos e eu somos como estrelas de cinema. Temos tietes. Elas ainda se classificam de acordo com qual Cavaleiro mais gostam. As de Ares são War Mongers. Than são Reapers. Limus nunca soube que fosse aberta a isso, no entanto, uma vez que era noiva de Satanás ninguém queria transar com ela. Literalmente.

— Satanás? — A voz de Jillian foi estrangulada. Teria sorrido se essa coisa toda não fosse tão ferrada.

— O próprio demônio.

— Estou feliz que estou sentada, — Ela murmurou. — E quanto a você? Como suas tietes de chamam?

Ah, merda, devia ter visto essa pergunta vindo, e a última coisa que queria era machucar Jillian.

— Ei. — Sua voz suave tão cheio de força, o humilhou. — Você pode me dizer. Pode me dizer qualquer coisa.

Como tinha a sorte de tê-la, ser a única a encontrá-la em um banco de neve? Ele lhe devia tanto, e que incluiu a verdade.

— Amazonas de Reseph, — Disse miseravelmente. — Minhas tietes são chamadas de Amazonas de Reseph. — Ele abaixou a cabeça, olhando para o seu colo, e de repente estava envergonhado de sua vida inteira. — Jillian, eu era um prostituto total.

— Quando o selo foi quebrado? — Ela parecia esperançosa, como se houvesse uma maneira de perdoar isso.

Ele riu, mas não era uma risada feliz. — Sim, em seguida, também. Só que era... diferente. — Estremeceu e tentou afastar-se dessas memórias doentes e torcida particulares.

— Reseph? Está tudo bem. Tome um fôlego.

Merda, ele estava ofegante.

— Ouça-me. — Ela pegou suas mãos e apertou com força. — Não importa como você era antes. Não conhecia você. Quem eu conheço não é o que parece para outras mulheres. — Ela lhe deu um

sorriso sensual. — E, além disso, depois de tudo o que temos feito, acho que posso me chamar de Amazona de Reseph, também.

Foi tão rápido para ela que não soube que ele tinha se movido até que estava em cima dela, beijando-a com tudo o que tinha. Ela o beijou de volta, envolvendo os braços em volta do pescoço e trazendo as pernas para cima para de seus quadris.

— Você é tão perfeita, — Disse ele, enquanto beijava uma trilha ao longo de sua mandíbula. — Como não a encontrei antes?

— Acho que você não estava procurando.

Não, não estava. — Prometo a você, Jillian, nunca vou procurar de novo.

CAPÍTULO 24

Jillian não devia estar excitada. Sabia, no entanto, o que o toque de Reseph fazia com ela, aquecendo-a tão facilmente. Mesmo agora, apesar do horror que sabia que ele infligiu a tantos, incluindo ele próprio, ela o queria. Aqui mesmo no chão de uma casa estranha, cheia de pessoas e criaturas estranhas.

Reseph tirou as roupas dela com uma urgência que beirava o desespero. Estava lá com ele, e quando entrou nela, era como se tudo estivesse certo com o mundo. Agarrou-se a seus ombros com desespero correspondente, quase com medo de que se não o tivesse, ele desapareceria de sua vida novamente.

Cumplicidade, ele empurrou nela com urgência, batendo como se sua vida dependesse da vinda do orgasmo. Agarrou-se com mais força, deixando-o tomar o que precisava. Não era muito sacrifício, não quando seu próprio fervia com todos os impulsos selvagens de seus quadris.

Reseph batia em cima dela, suas mãos se enredaram em seu cabelo, seus dentes fechando na curva entre o pescoço e o ombro.

Prazer vibrava furioso e rápido, e ela mordeu a mão para abafar seus gritos de felicidade suprema. Sentia-o inchar dentro dela, e então ele gozou em uma corrida frenética, seu fluxo quente enchendo-a, seu núcleo ordenhando tudo.

Quando eles vieram para baixo, ele estremeceu e afundou-se contra ela, mudando de lado para que não a esmagasse.

— Foda-se, — Ele respirou. — Sinto muito. Você está bem?

— Sobre do que. — E então chupou uma respiração afiada. — Oh, maldição. Preservativo.

Ele acariciou-lhe o ombro. — Ok. Não posso pegar ou transmitir a doença. E eu tomo uma erva para evitar a gravidez — Ele quebrou. — Espera... Parei de tomar quando meu selo quebrou... — Parou de novo, mas desta vez suspiro de ar abafado. — Jillian. Oh, Deus, Jillian. Eu... Eu...

— Psiu. — Ela empurrou-se em um cotovelo e acariciou sua bochecha com as costas de seus dedos, dedos que tremiam, porque caramba, e se acabara de deixá-la grávida? — Está tudo bem. Você precisa descansar um pouco.

Ele balançou a cabeça e se estendeu a seu lado, as pálpebras caindo. A água que Ares trouxe parecia finalmente estar funcionando. O sedativo, parte dele de qualquer maneira. O efeito colateral sexual parecia já ter passado.

— Jillian? — Sua voz estava grogue, quase inaudível.

— Sim?

— Eu te amo. Aconteça o que acontecer, lembre-se disso. — Roncos suaves derivaram para ela dentro de dois batimentos cardíacos, e se encostou contra ele, lutando uma batalha perdida com seu próprio cansaço. Tinha tantas perguntas e precisava de muitas respostas, mas agora precisava mais descansar.

Acima de tudo, precisava de Reseph.

Jillian acordou rígida e dolorida, em parte, de dormir no chão duro e em parte da vida amorosa com Reseph. Não que estivesse reclamando, mas tinha que tentar vestir-se calmamente enquanto estava murmurava das pontadas de dor. Suas costelas, ombros e ossos do quadril nunca se recuperaram totalmente do ataque demônio, e às vezes tinha que tomar ibuprofeno como doces. Hoje seria um daqueles dias.

Reseph estava dormindo pacificamente, então escapou do quarto e não ficou surpresa ao descobrir que a enorme sala de estar estava lotada. Além de Ares, Thanatos, Limus e Cara, havia também uma mulher segurando um bebê, que assumiu ser a esposa e filho de Thanatos, dada a forma como ele estava pairando. A seus pés havia uma versão menor do cão do inferno que estava no sofá sobre o colo de Cara.

E na entrada para a cozinha estava um enorme ser com chifres semelhante a um carneiro. O que no mundo é isso?

— Não é educado olhar — disse Limus.

Jillian saltou. — Sinto muito. Eu só...

Limus deu um soco no ombro, assustando-a novamente. — Estou brincando! Todo mundo olha para Ramreels. — Disse e Ramreel apontou o dedo e ela retribuiu o gesto. — Você me ama e você sabe disso — Ela disse a ele e o Ramreel bufou.

Sério, Jillian sentia como se estivesse na Twilight Zone⁽⁷⁾. Se tivesse sonhado um milhão de cenários sobre como achava que a vida de os Quatro Cavaleiros e demônios seria ... Essa não seria uma deles.

Ares foi até elas. — Como está Reseph?

— Estou curiosa para saber sobre isso também. — Uma mulher bonita de cabelos negros com asas correspondentes apareceu do nada, e Jillian deu um maldito gritou.

— Esta é Harvester, — Explicou Thanatos. — Anja caída.

— Realmente não estou mais no Kansas, — Jillian respirava.

— Bem? — Disse Harvester. — Meu tempo e minha paciência estão em falta.

A adrenalina ainda estava deslizando pelo seu corpo depois de estar meio assustada até a morte, e antes que pudesse pensar em como falar com um anjo caído, ela desabafou: — E a cortesia comum também em falta?

Limus soltou uma gargalhada. — Oh meu Deus, eu amo essa humana.

— Desculpe, — Disse Jillian, esperando que o anjo caído não jogasse um raio ou algo assim, — Mas Reseph está miserável, e meus nervos estão um pouco desgastados. Estou preocupada com ele. Fiz comer, beber e se limpar. Está dormindo agora, mas está apenas... Não está certo.

Um rugido repentino atravessou o ar e, instantaneamente, todos eles arrancaram para o quarto de Reseph. Jillian chegou lá primeiro. Reseph estava puxando seu cabelo, jogando-se contra a parede.

— Reseph! — Correu para ele, e embora se acalmasse no momento em que ela agarrou seu pulso, ele ainda bateu com a cabeça na parede. — Por favor, Reseph. Você tem que parar.

Ele a ignorou, e atrás dele havia rachaduras parede, juntando-se as já existentes. Gesso caiu em pequenos pedaços do revestimento,

tanto como pó branco.

— Faça alguma coisa! — Ela arrancou em torno dos Cavaleiros e da anja caída, desesperada para que isso pare. — Por favor. Tem que haver algo que vocês possam fazer.

— É por isso que te trouxemos, — disse Ares. — Nós estamos sem ideias.

— Você pode levá-lo de volta para Sheoul-gra, — Harvester sugeriu, com gosto o suficiente para que Jillian percebesse que o anja não era apaixonada por Reseph. — Isso não vai fazê-lo melhor, mas pelo menos você não tem que ver a sua miséria.

— Isso foi tão útil, — Thanatos disse secamente.

O sorriso frio de Harvester fez cair a temperatura na sala. — Eu vivo para servir.

— Você o odeia, — Disse Limus. — Por que você ainda está aqui?

— É o meu trabalho estar aqui.

Ares virou-se para a anja caída. — Sim, aqui está a coisa. Seu trabalho é cuidar de nós. Você não pode fazer isso de forma eficaz se odeia um de nós. Então, talvez vá para o seu chefe e peça para demiti-la.

Harvester assobiou, seus enormes dentes brilhando e Jillian se apertou mais a Reseph. — Você está me ameaçando?

— Não é uma ameaça. É uma promessa. — A voz de Ares estava calma, lembrando Jillian de Reseph quando ele lidou com os idiotas no estacionamento do bar. Se Ares era parecido com seu irmão, era melhor a anja caída ter cuidado. — Você me conhece bem o suficiente para

saber que faço o que tenho que fazer para ganhar a batalha. Esta é uma batalha. Reseph está lutando por sua sanidade. Se você não pode ajudar, pode ir.

— Você fez as mesmas exigências a Reaver, — perguntou Harvester. — Ajuda ou vá?

As mãos em punhos de Ares em seus lados, e Jillian se preparou para uma luta que, sem dúvida, fazia a luta no estacionamento uma paródia.

— Reaver tentou ajudar apagando a memória de Reseph.

— Então talvez ele possa fazê-lo novamente, — Disse Harvester com um tom arrogante.

— Não! —O coração de Jillian apertou dolorosamente com o pensamento de Reseph perdendo-se novamente. — Tem que haver algo que você possa fazer. Por favor. Farei qualquer coisa.

Por um longo tempo, Harvester olhou para ela. Finalmente, tinha um brilho malicioso nos olhos. — Há algo que eu posso fazer, mas vai exigir um sacrifício de você.

Thanatos fez uma careta. — Que tipo de sacrifício? E por que você não disse alguma coisa antes?

—Porque o que eu preciso não pode vir de qualquer um de vocês.

Jillian chegou a seus pés, esperança e medo passaram através dela. Reseph gemeu, mas pelo menos parou de bater a cabeça contra a parede. — O que é que você precisa?

— Sua mente. — Harvester sorriu. — Eu preciso de sua mente.

— Explique — Ares latiu, e Jillian saltou novamente. O cara tinha perdido sua vocação de sargento.

— Eu posso usar a mente de Jillian para reparar a de Reseph. Não vai ser uma solução total, mas posso essencialmente ter um pedaço da mente dela e dar a Reseph. Sua mente é organizada pelo tipo de horrores que fez. Essencialmente, ele vai ter a capacidade de não pensar em tudo que Pestilence fez se ele não quiser. Ele ainda vai ser capaz de acessar as memórias, mas pelo menos não vai ser um poço chorando de insanidade.

— E eu? — Jillian ingeriu. — Será que vou perder algumas das minhas memórias? Perder o ataque aeroporto pode não ser uma coisa ruim.

Como se soubesse que eles estavam falando sobre ele, Reseph se jogou contra a parede com um grito rouco. Antes que Jillian pudesse fazer algo, Thanatos abordou seu irmão, restringindo-lhe o melhor que podia, mas Reseph era forte, e ele só lutou mais duramente.

Enjoado, seu estômago revirou, e Jillian dirigiu-se a Harvester

impaciente. — E então?

— Você não vai perder nenhuma lembrança — disse Harvester.

Limus cruzou os braços sobre o peito e expressou o que ela estava pensando. — Então qual é o problema? Há sempre um problema.

— Claro que há. — As asas de Harvester ergueram e agitaram o ar. — Nada vem sem um preço.

— Especialmente quando você está comprando do mal, — Thanatos murmurou.

Harvester revirou os olhos. — Pestilence ainda está dentro Reseph, e está mexendo com as memórias de Reseph. Ele gosta de reviver toda a sua crueldade, e isso vai devastar o vínculo que vou usar para anexar a sua mente a de Reseph de. Portanto, o preço, Jillian, é que você e

Reseph estarão ligados por toda a vida. Pelo menos uma vez por ano, você deve restabelecer sua conexão.

Pelo o que deve ter sido a expressão confusa de Jillian, Harvester suspirou. — Sexo. Você vai ter que deixar seu pequeno cérebro para fora. Se não o fizer, suas memórias se tornarão suas seu, e você vai enlouquecer e morrer.

Jillian corou ferozmente com a menção de sexo na frente de todas essas pessoas. O calor queimou seu rosto, seguido de um súbito arrepio.

— Morrer?

Harvester olhou para Reseph e zombou. — Você vai ter que confiar nele para chegar até você uma vez por ano.

— Foda-se. — Ares esfregou a mão sobre o rosto. — Jillian, vamos jurar arrastá-lo para você, se necessário.

Arrastá-lo? Por que eles têm que arrastá-lo? — Eu não entendo.

— Ele não é a pessoa mais... Confiável... No planeta. — O olhar de Limus foi mais uma vez cheio de simpatia. — Não me entenda mal, ele era um bom rapaz antes de seu selo se quebrar. Mas ele não mantém horários ou se senta por mais de dois segundos, você

me entende?

Sim, Jillian entendia, e seu estômago se apertou. Viu os sinais em sua fazenda, do jeito que rondava como se estivesse enjaulado, a maneira como sentia a necessidade de sair dos limites da casa, sua atitude cavalheiresca sobre relacionamentos e sexo. Acreditava que ele poderia mudar, tinha se convencido disso, quando disse que queria uma vida com ela, que poderia colocar sua inquietação de lado. Mas poderia alguém mudar o que foi por cinco mil anos?

— Espere, — Disse ela, pensando em algo que Limus lhe dissera na casa. — Você disse que Reseph nunca se apaixonou antes de mim.

Limus assentiu. — É por isso que isso poderia funcionar. Were-leopardos pode mudar suas manchas.

Were-leopardos? Não pergunte. Jillian se voltou para Harvester. — O que vai acontecer com Reseph se eu morrer?

— Ele vai voltar para o que ele é agora. — Harvester levantou uma sobrancelha. — Você concorda?

Ela olhou para Reseph que estava deitado no chão, imóvel. Thanatos tinha o liberado, mas o grande Cavaleiro estava por perto, pronto para contê-lo novamente. Que existência horrível para todos eles. Quanto tempo eles poderiam continuar assim? Séculos, ela supôs.

Ela se virou para Harvester. — Vamos fazer isso.

— O ser humano me surpreende, às vezes, — Harvester murmurou. — Vá para ele.

— Não, Jillian. — A voz de Reseph soou como se estivesse sido arrastado direto para fora do inferno, tinha todos eles voltando-se para ele. — Não faça isso.

— Reseph...

Um rosnado gigantesco sacudiu o ar no quarto, e depois Reseph estava de pé, com os olhos brilhando com pequenas faíscas vermelhas. — Deixe-me mostrar o que você vá sacrificar.

CAPÍTULO 25

— Reseph? — Choque inundou o rosto de Jillian. O primeiro instinto dele foi levá-la em seus braços e acalmá-la, pedir desculpas, fazer tudo melhor.

Mas ia fazer exatamente o oposto. Não iria sacrificar qualquer coisa por ele.

Ela se moveu em direção a ele, mas ele recuou, sabendo que se ela o tocasse, seria fim de jogo. Ele não tem o tipo de força que ela tinha, e acabava cedendo a qualquer conforto que ela oferecesse.

— Eu posso ajudá-lo. — Ela estendeu a mão, e seus dedos se contraíram com o desejo de alcançá-la. — Quero ajudá-lo.

— Depois que você passou nas mãos dos demônios, não posso deixar você ajudar outro.

— Ajudar um demônio? — Ela fez uma careta. — Vou ajudá-lo.

— Ah... Desculpe Jillian, — Limus disse timidamente. — Esqueci-me de mencionar que o nosso pai é um anjo e nossa mãe é um demônio sexual. Sobre o último, é por isso que todos os nossos efeitos colaterais e merda são de natureza sexual. É uma longa história. Vou lhe emprestar o livro.

Os olhos de Jillian passaram longe. — Eu... Oh meu Deus, você é um... Demônio? — Suas mãos voaram para o ventre, e sabia que ela estava lembrando o ataque que tinha colocado as cicatrizes lá.

Lembrou-se de seu ataque também. Mas... Como? Sim, ela disse a ele sobre isso, mas agora que ele tinha a sua memória de volta, ele podia ver. Havia um estacionamento. Estava de pé nas sombras, o som dos motores a jato ao seu redor. Uma mulher estava gritando. Ele estava... Rindo. Rindo quando dois Soulshredders a torturavam. Ela era... Oh, meu Deus.

Jillian.

Ele piscou, esperando que as visões fossem embora, mas não o foram. Elas pioraram. Ele viu Jillian, gritando, nua, rasgada. Soulshredders estavam agredindo-a, brincando com ela. E ele estava

de pé nas sombras. Assistindo. Tocando a si mesmo.

Ele era a figura que ela percebeu quando estava sendo atacada. Ele era o fodido filho da puta mau que tinha mandado os demônios para ela, por nenhuma outra razão além do fato de que ela tropeçou nele e no que os demônios estavam fazendo para sua colega de trabalho.

Uma colega de trabalho que tinha um segundo trabalho, era uma guardiã Aegis e Pestilence tinha feito disso uma missão pessoal para matar cada um dos bastardos.

Os gritos de Jillian voltaram a ele. Ele estava lá, testemunhou seu ataque e riu. Riu porra. Um dos demônios olhou para ele, o sangue escorrendo de seus dentes. *Você gosta Mestre? Você quer que ela agora?*

Mestre. Oh, santa merda, o demônio no celeiro o havia chamado Mestre. Não tinha sido em sua cabeça. A coisa tinha falado com ele como se conhecesse... Porque conhecia.

Suor eclodiu sobre seu corpo. Os demônios tinham atacado Jillian mais pelo seu comando, para o seu entretenimento. Santo inferno foi diretamente responsável pelo ataque brutal de Jillian. Reaver tinha que saber, era muita coincidência que Reseph terminasse em seus cuidados.

Por que o anjo enviou Reseph para ser resgatado por sua própria vítima?

Os gritos viraram gemidos. Os de Jillian e os seus se juntaram.

— Reseph! Droga, o que há de errado com você? — Alguma coisa o atingiu seu rosto com força suficiente para jogar a cabeça para trás. Limus.

Ele a agarrou. — Leve Jillian fora daqui — Ele resmungou.

— Não vou embora. — Jillian cruzou os braços sobre o peito e os ombros, cavando em uma luta. Não ia acontecer.

Empurrando Limus de lado, ele agarrou duramente Jillian. — Eu estava lá quando foi atacada. — Sua voz estava rouca, e seu coração estava batendo contra suas costelas tão duro que os ossos se sentiram como se pudesse rachar. — Eu comandeí.

Ela balançou a cabeça. — Está confuso, Reseph. Você não teria...

— Eu era o homem que você viu em pé nas sombras.

Desta vez, ela balançou a cabeça violentamente. — Não. Olhos daquele homem eram vermelhos. A coisa que eu te falei está deixando memória confusa.

— Você não me contou sobre como um dos Soulshredders colocou a ponta de uma garra em seu olho esquerdo e deixou você pensar que ele iria cegá-la. Você pediu para não fazer. Lembra-se? Ele ia, mas Pestilence, eu lhe disse para fazer isso durar, porque se você ficasse cega, não podia ver as coisas que eles fariam com você.

Jillian perdeu toda a cor em seu rosto. — Não... Você está... Eu devo ter falado no meu sono.

Reseph continuou implacável. — Ele arrastou sua garra em seu rosto, tirando sangue por todo o caminho para o seu ouvido. Ele arrancou seu brinco e enfiou na boca.

— Pare, — Jillian sussurrou. — Harvester, precisamos nos apressar...

Caramba, ela ainda estava concordando com qualquer besteira que Harvester havia planejado.

Reseph engoliu seu desgosto. — Você quer que eu vá em frente? Quer que eu diga que se os demônios não tivessem sido interrompidos, eu ia assisti-los...

— Reseph! — A voz de Thanatos foi dura. — Isso é o suficiente.

— Eu não terminei. — Em um flash, ele girou em torno de Jillian e empurrou-a bruscamente contra a parede, cada célula de seu corpo murchou devastando sua expressão. — Teriam te fodido, então destruído, então fodido novamente. Você quer um visual sobre isso? — Ele preparou-se contra as lágrimas em seus olhos. — Porque posso detalhar tudo sobre como iria acontecer. Diga a ela, Harvester. Diga a ela o que eu fiz com você.

— Eu disse chega! — Um rugido furioso de Thanatos acompanhou um estrondo brutal de seu punho no ombro de Reseph. Dor merecida cortou pelo braço quando ele foi arrancado de Jillian e Harvester que saltaram fora do quarto. Ele não lutou. Tudo o que podia fazer era observar Jillian fugir, soluçando.

Jillian não conseguia respirar. Não conseguia pensar. Cegamente, tropeçou na grande sala, onde Harvester estava de pé desviando os olhos dela, seu corpo esbelto tremendo tão duro como o dela.

Cara segurou o braço de Jillian e a levou para o sofá, mas, embora os seus músculos parecessem borracha, suas articulações tinham congelado, e não podia se sentar. Não podia fazer nada, só estar ali e engasgar com suas próprias lágrimas. Essa pessoa lá dentro, não era Reseph. Aquele não era o homem que havia encontrado em um monte de neve e nutrido de volta à consciência.

Aquele não era o homem que fez rir, amar e se sentir segura.

Ela estava olhando para um estranho total.

— Meu Deus... — Ela inalou em um soluço irregular e, finalmente, seus joelhos ficaram líquidos e afundou no sofá. Cara sentou-se com ela e entregou-lhe um lenço de papel.

— Jillian? — Limus andou. — Você está bem?

Jillian esfregou os braços e tentou desesperadamente parar de chorar. — O homem que eu amo é quase tão mal quanto qualquer outro que já caminhou sobre a Terra.

— Nós lhes dissemos isso — Limus disse suavemente. Sim, eles tinham. Mas não escutou. Convenceu-se de que as coisas não era tão más como todos disseram. Ou pelo menos que Reseph-Pestilence era mais uma figura ou o homem atrás da ação de um participante ativo. Mas ele esteve lá na frente, liderando o ataque.

— Ele estava lá quando eu fui atacada. — Seus olhos... Meu Deus, seus olhos. Eles assombravam seus sonhos, sempre, cada vez mais brilhantes com o som de sua risada do mal. — Ele é a razão pela qual fui atacada.

— Não foi ele, Jillian.

Ela sabia disso, mas ouvi-lo descrever as coisas que tinham acontecido no estacionamento foi esmagador. Sabia que ele estava mal, mas só percebeu quando disse os detalhes terríveis enquanto não mostrava nenhuma emoção.

Jullian abraçou-se, porque se não o fizesse, ela iria quebrar.

— Você não parece convencida.

Limus afundou-se no braço do sofá quando se suas pernas caíram.

— Sim. Eu sei. Lá no fundo, eu sei que Reseph não era responsável pelo que Pestilence fez.

— Mas?

— Mas às vezes, quando olho para Reseph, não me lembro dele como o irmão que costumava me incomodar para ir ao cinema com ele ou que costumava fazer todos nós decorar para o Natal e vestir-se no Halloween. Eu olho para ele e vejo o filho da puta que me chantageou, arruinou o dia do meu casamento, sequestrou Cara, roubou a alma do meu marido, e tentou matar o meu sobrinho, um bebê.

Limus estava olhando para os pés, com os ombros caídos, e ocorreu a ela o que Limus e seus irmãos passaram foi muito pior do que qualquer coisa que ela tinha resistido.

— Eu sinto muito, — Ela sussurrou. — Deve ter sido difícil vê-lo mudar desse jeito.

Limus engoliu. — Foi como se eu tivesse perdido um membro. E isso causou uma série de problemas entre mim e meus irmãos. Thanatos e Ares estavam sempre brigando, e eu estava guardando segredos, e tudo o que nos rodeia, o mundo, estava quebrando. — Ela olhou para cima. — Você quer que eu tire as suas memórias? Eu não posso apagar todo o seu tempo com Reseph em sua cabana, mas posso livrar do seu tempo na Grécia.

A discussão entre Limus e Thanatos no dia em que levaram Reseph voltou para ela. — Pensei que disse a seu marido que não faria isso.

— Acho que ele entenderia.

Os dias e as noites que passou com Reseph passou como um filme em sua cabeça, fazendo com que tudo ficasse muito pior. Ficou apavorada ao descobrir quem ele era, com medo de que não fosse o homem por quem tinha se apaixonado. Descobriu que estava preocupada por uma maldita boa razão, porque quem Reseph foi não poderia ter sido pior.

Sentia-se tão vazia, como se o peito tivesse sido escavado e seu coração pisoteado. Era tão tentador aceitar o que Limus oferecia, para se livrar da dor de saber quem Reseph realmente era e o que tinha feito. Mas seria miserável sem saber, também.

O mistério de onde seus irmãos e irmã o levaram, a preocupação com ele, comeu-a viva.

— Obrigado, Limus, mas não — Jillian murmurou, perguntando-se se arrependeria desta decisão. — A coisa toda só... É uma merda.

— Ela é. — Limus levantou. — Deixe-me levá-la para casa.

— Não. — Jillian limpou as lágrimas de seus olhos e virou-se para o anjo caído.

— Harvester, vamos fazer o ritual.

Harvester piscou. — Depois do que ele fez, você ainda quer ajudá-lo? Por quê?

Jillian estava lavada com súbita raiva incandescente. Foi impotente no estacionamento, mas isso era algo que poderia fazer para lutar pelo que passou.

— Porque Pestilence é um monstro maldito, — Disse ela, — e se eu puder fazer algo para impedi-lo de voltar, vou fazê-lo.

Limus pegou Jillian pela mão e a puxou para seus pés. — Você é incrível.

— É verdade. — Harvester murmurou tão baixinho que não tinha certeza se falou de fato.

Elas caminharam em direção ao quarto, mas Jillian a puxou em uma parada súbita.

— Espere. — Ela olhou pela janela, para as dezenas de demônios perambulando. Demônios que dormiam com ele. Demônios que estavam esperando por ele para voltar. Foda-se isso. Jillian não ia ajudá-lo a conseguir a sua mente de volta apenas para que sair e ter uma orgia. — Posso te pedir um favor?

— Atira.

— Você pode se livrar de todos os demônios femininos lá fora? Limus sorriu. — É isso aí. Ferir-ferir-ferir

Querendo saber se Limus ia realmente feri-las, ela e Harvester

entraram no quarto, onde Reseph estava regredindo novamente e batendo-se contra a parede. E era Reseph. Temia que visse Pestilence, quando olhou para ele, mas esse definitivamente não era o mal do estacionamento.

Harvester gesticulou para Reseph com um aceno brusco de sua mão. — Toque-o.

Jillian se ajoelhou em frente a ele, tomando seu rosto entre as mãos. Ele se acalmou instantaneamente, embora seus olhos fossem selvagens e seus dentes apertados contra respirações ofegantes.

Com as palmas da mão de Jillian na testa de Reseph, Harvester começou a cantar gravemente em um idioma estranho. Calor em espiral a atravessou de onde Harvester a tocava, e sua pele se arrepiou. Uma vibração intensa seguiu, e Reseph caiu no chão, inconsciente.

— O que aconteceu? — Jillian recuou, mas Harvester a segurou.

— Está tudo bem, — Harvester assegurou. — Estamos quase terminando. — Ela marcou a palma da mão com a sua presa e enfiou a mão para o centro do peito de Jillian. A ardência, sensação de calor cavado em sua pele, quase como se estivesse sendo marcada.

— O que, — ela suspirou, — o que você está fazendo?

Harvester afastou. — Acabando. — Por alguma razão, Harvester sorriu, e foi quase um... Triste... Sorriso. Como se ela não estivesse feliz com o que fez, mas sabia que era o melhor. — Estará bem, — Ela murmurou. — Estará bem, e Seja... Perdoada.

Com isso, Harvester virou e saiu da sala, suas asas abriram como se ela não pudesse esperar para tomar o voo.

Ela, por sua vez, não poderia ter fugido, se quisesse. Seus músculos viraram gel, e antes que percebesse que estava no chão ao lado Reseph e sua consciência era... inexistente.

CAPÍTULO 26

Harvester não podia sair da casa de Ares rápido o suficiente. Quase correu pelo corredor, derrubou os servos de Ares, na grande sala e bateu em Reaver fora do caminho quando ela disparou pela porta da frente.

— Harvester — O vozeirão de Reaver a seguiu quando atingiu os degraus da varanda. — *Fallen!*

Fez uma pausa, quando a descarga elétrica necessária para sair de lá deslizou sobre sua pele. — O quê? — Ela rosnou. Nem sabia por que respondeu. Mas, pensou, talvez fosse porque esta seria a última vez que ela o via.

— O que está acontecendo lá dentro? — Reaver caminhou e ficou imperiosamente à sua frente.

— Só fiz certo Reseph e Jillian estarão cuidados.

— Cuidados?

— Foda-se Reaver, — Ela suspirou. — Estou cansado das suas alfinetadas constante. Apenas me dê sessenta segundos de paz. Você pode fazer isso?

— Minhas *alfinetadas*?

Uma brisa soprou, trazendo com ela o aroma fresco do mar, areia, oliveiras que salpicavam a ilha. Era cheiro de liberdade e vida. Ela inalou. Exalou. Inalou. Exalou. Queria lembrar para sempre.

— Harvester? — Reaver agarrou seus ombros e girou em torno dela. — O que está errado com você?

Ela libertou-se de seu alcance. — Nada. Deixe-me em paz. Não conhece uma dica? Ou, você sabe, um comando direto?

Reaver endureceu a sua referência não tão velada à sua incapacidade de seguir ordens, uma falha de caráter que tinha iniciado no céu há vários anos. — Alguma coisa está acontecendo. Será que tem a ver com os Cavaleiros?

— Não, não tem nada a ver com eles. — Ela inalou. — O que significa que você não tem nenhum direito de me questionar.

Os brilhos nos olhos de safira de Reaver endureceram em cacos de cristal. — Você já fez um monte de coisas para mim que não tinha o direito de fazer, então você pode não querer ir por esse caminho.

Abriu as asas, deixando a brisa desmancharem as pontas sensíveis. Esta seria a última vez que sentia o vento em sua pele, em seu cabelo. Esta seria a última vez que o sol tocava seu corpo. A vibração escura que sentiu em sua alma ao longo dos últimos dois dias ficava mais forte, mais urgente. Tinha que ir. Punição era sempre pior se alguém fosse enviado para arrastá-la de volta.

Ela inalou novamente, registrando todos os perfumes para a memória. Incluindo o tempero que era exclusivamente Reaver. Olhou para ele, perguntando se teria tempo de lucrar com o dia de prazer que ele lhe devia. Que maneira perfeita para sair, com um estrondo.

A vibração dentro dela ficou mais insistente, como se alguém tivesse pisado no pedal do acelerador e o motor fosse acelerando até a beira da combustão completa.

Tanto para dar adeus ao sexo.

— Cuida de eles Reaver. Mantenha seus filhos a salvo. — Ela desejou que pudesse ter pegado Logan apenas uma vez. Sim, seria estúpido da parte dela permitir que o sentimentalismo a amolecasse agora, quando precisava ser mais dura do que nunca, mas era tão injusto, o menino estava aqui por causa dela, e não conseguiu nem balançar a criança em seus braços por um momento.

Então, novamente, fez o que se propôs a fazer. Neste ponto, o que lançou estava em suas mãos. Ela provocou a energia que precisava para ir a Sheoul, mas na fração de segundo que demorou a abrir a conexão, Reaver a agarrou novamente.

— Pare! — Levantou-se em seu rosto, seu queixo definido em obstinada determinação. Ele sempre foi magnífico em sua raiva. — Você vai me dizer o que está acontecendo...

— O quê? Vai ajudar? — Ela o empurrou, talvez não com tanta força quanto pudesse, mas o suficiente para que ele tropeçasse para trás. — Como se você fosse acreditar. E mesmo com o que fiz, eu não preciso disso.

Reaver ergueu as mãos. — Eu desisto. Vai ser amarga em outro lugar. — Ele girou sobre os calcanhares e caminhou em direção à casa.

A brisa soprou de novo, e assim reuniu a vibração escura, desta vez para um nível paralisante. Não, oh... Não.

Ela se virou para enfrentar duas enormes anjos-góticos, anjos caídos que foram transformados em monstros esqueléticos. Em um tempo, eles foram como ela... Até que fizeram algo que foram punidos com a feiura eterna, escravidão e miséria.

Harvester teria a *sorte* se apenas partilhasse o mesmo destino. O dela ia ser muito pior.

— Estava indo, — Disse ela, mas não a permitiram se transportar. Um afundou suas mãos com garras em seu crânio, puxando-a como se fosse um peixe. Dor e sangue explodiram, e tudo o que podia ouvir eram os gritos dela e o golpe no osso.

E então ela foi levantada por sua cabeça e piscou para as profundezas escuras do inferno.

Direto para sala de Satanás.

Uma onda de terror indescritível rasgou suas entranhas quando o rei de todos os demônios se levantou lentamente de seu trono de ossos, suas asas enormes se estenderam por todo o caminho até o teto de trinta metros. Perfurando através de sua juba luxuosa de cabelo preto, dois chifres, como navalha afiada giravam como pequenos radares. Suas unhas em forma de garra raspavam o braço da cadeira, e uma nova onda de terror deslizou sobre a pele dela.

— Harvester. — Sua voz era fria, como um cadáver morto há muito tempo.

Tremendo tanto que seus dentes batiam, dobrou em uma profunda reverência. — Olá, Pai.

Os gritos de Harvester ainda estavam soando nos ouvidos de Reaver quando atacou o peito do outro anjo-gótico com uma corrente sobrecarregada de napalm que o atingiu. O bastardo explodiu em chamas e gritou alto o suficiente para fazer os tímpanos de Reaver doerem.

A criatura de alguma forma apagou as chamas e respondeu ao fogo, tirando uma longa corda em forma de chicote de eletricidade. Reaver saltou fora do caminho, batendo no chão com um rolar e um estalo em seus pés. Convocou uma espada elementar e balançou. A lâmina, capaz de utilizar os elementos naturais em torno dele, assumiu o poder do mar e bateu no mal com a força de um maremoto.

O corpo do anjo-gótico foi arremessado para trás e bateu em um pilar ornamental, quebrando a coisa em um milhão de pedaços e uma chuva de poeira.

O som de passos correndo juntou-se ao som dos gemidos do anjo-gótico, e, em seguida, Ares, Than, e Limus estavam lá.

— Que porra é essa? — Ares disse, mas Reaver não deu ao guerreiro a chance de fazer mais perguntas. Agarrou o anjo-gótico mau pelo pescoço e o bateu com força contra um pilar.

— O que você fez com Harvester?

A coisa sorriu, seus lábios podres com dentes escurecidos. — Ela... Vai... Sofrer.

— Explique. — Quando o ex-anjo não disse nada, bateu-o no pilar novamente. — Onde ela está?

O anjo-gótico estremeceu e, no punho de Reaver, transformou-se em cinzas. Uma onda de sensação deslizou sobre o pescoço e as costas de Reaver, e ele se virou para a fonte da vibração maléfica.

O enorme anjo-caído macho que viu com Gethel materializou-se vestido dos pés à cabeça em couro preto, sua cabeça careca cabeça brilhava ao sol. Suas asas pretas de couro foram abertas, com pontas de ossos pontiagudos nas extremidades. Incisivamente ignorando Reaver, caminhando em direção à mansão, suas botas cravadas batendo no pavimento de pedra.

Thanatos moveu para interceptar o recém-chegado. — Quem diabos é você?

— Olá, Cavaleiros. Sou Revenant. — Sorriso gelado do macho seria fluxo congelante para um ser humano. — Sou seu novo Vigilante.

CAPÍTULO 27

Reseph despertou em uma cama, e levou um minuto para perceber que não estava na casa de Jillian, acordando ao som de galos cantando e cabras balindo. Em vez disso, as ondas do mar quebrando em uma praia eram ruídos familiares.

O paraíso grego de Ares.

Franziu a testa. Tinha estado aqui por um tempo, não tinha? Mas estava louco, então por que estava se sentindo tão bem? Tão normal. O que estava acontecendo? E onde estava Jillian? Ela esteve aqui, ou teve alucinações?

Saiu da cama e tocou a cicatriz em forma de lua crescente em seu pescoço para blindar-se, uma vez que ele não conseguiu encontrar nenhuma roupa. Apesar do fato de que se adequou a sua armadura durante milhares de anos, desta vez se sentia estranho com o metal frio contra a sua pele depois de tanto tempo sem ele.

Ele saiu do quarto e encontrou seus irmãos e irmã do lado de fora com Reaver e um estranho anjo caído.

— Quem é este? — Todos, exceto o estranho assistiu-o com cautela, como se fosse uma granada.

— Aparentemente, — Ares disse: — Este é o substituto de Harvester. Revenant.

Oh, foda-se. — Será que ela desistiu? — Depois do que Pestilence fez com ela, ele não podia culpá-la.

O homem avançou. — Ela foi demitida.

— Por quê? — Reseph exigiu. — Quebrou as regras Vigilantes?

— Pior. Não espere vê-la novamente. — Revenant olhou Reseph de cima e abaixo. — Você parece bem por ter perdido sua pequena mente insignificante.

Reseph sorriu. — Você está bem para alguém que vai perder a cabeça em cerca de dois segundos.

Reaver deu um passo à frente, colocando-se entre Reseph e o

babaca. — Reseph, como você está se sentindo?

Todos os olhos se voltaram para ele, e sim, isso foi desconfortável. Tinha um monte de coisas para fazer agora que não estava ficando louco com memórias. E por que, afinal?

— Sinto-me... Quase inteiro. Por que não sou uma bagunça babando no chão?

Limus brincou com a flor em seu cabelo. — Harvester fez alguma coisa de vodu Sheoul e remendou sua mente com um pedaço da mente de Jillian Então agora...

— Ela o quê? — Peito de Reseph apertou. Tudo estava voltando agora. Tinha machucado Jillian, tanto como Pestilence, em seguida, aqui, quando disse a ela o que tinha feito. Estava determinado a evitar que ela sacrificasse alguma coisa por ele. — É permanente? Será que vai machucá-la?

— Sim, muito, se você não cumprir sua parte do trato, — Ares disse, sem senso, sem rodeios, suas palavras cortaram direto através Reseph.

— A minha parte do acordo? Eu não concordei com qualquer negócio. Reverta. — Cabeça de Reseph estalou frente e para trás entre os dois Vigilantes. — Faça isso ir embora, caramba. Não me importo se estarei de volta a ser um caso insano. Corrija isso!

— Não posso fazer Cavaleiro, — Disse Revenant. — Só Harvester pode revertê-lo, e ela ... Se foi.

Medo por Jillian pulsava e o temperamento de Reseph foram em órbita. — Busque-a — Reseph rosnou.

As pupilas de Revenant expandiram, tornando seus olhos negros oleosos. — Vejo que seus Vigilantes têm permitido a você muitas liberdades. — Ele o atacou com o punho, mas em vez de tomar um golpe físico, Reseph foi batido para trás por um estalo abrasador do poder.

Raiva quebrou o controle de Reseph, e ele se lançou ao mesmo tempo em que seus irmãos fizeram todos eles indo atrás do novo Vigilante, mas Revenant brilhou fora do caminho e se materializou atrás deles.

— Como você ousa atacar por tão pequena ofensa. — Asas de

Reaver abriram, um sinal de sua fúria. — E que arma você usou contra ele?

O sorriso de Revenant cheirava a autossatisfação. — Vigilante Atualizado, vômito celestial. Talvez se você verificar com os seus patrões, você saberá sobre isso. — Seu sorriso se alargou quando voltou para Reseph e seus irmãos, um por um. — Foi decidido que precisávamos de uma forma mais forte de punição para mantê-lo na linha. Isso foi apenas uma amostra. Se quisesse, poderia explodido-lo dentro daquela armadura e derramá-lo como um líquido. Você não irá prejudicar um de nós novamente.

Então era sobre Harvester. Reseph se sentiu mal. — Saia daqui, — Ele rosnou. — Saia da minha frente.

— Você não dá as ordens Cavaleiro. Parece que você ainda não aprendeu a lição. — Ele ergueu a mão, mas antes que ele pudesse atacar novamente, Reaver o atingiu como um trem, e os dois anjos se transformaram em um turbilhão de punhos, asas, e sangue.

Em seguida, os dois foram embora e Reseph ficou olhando para um espaço vazio.

— Foda-se, — Ele respirou.

— Odeio o cara novo, — Disse Limus. — Não gostava de Harvester, mas em comparação com Revenant, ela era incrível.

— É minha culpa. — Reseph virou-se para seus irmãos, pronto para acabar com isso. — O fato de ela estar sendo punida tem que ser por causa de Pestilence. — Ele tocou sua cicatriz armadura para remover sua proteção antes de lembrar que estava nu debaixo as placas de metal. Enquanto normalmente não dava a mínima que o vissem nu, não queria extrema vulnerabilidade agora. Não quando estava de frente para as pessoas que tinha feito tanto dano. — Olha, nem sei por onde começar.

— Então, talvez seja melhor que não comece — Disse Thanatos. — Não quero ouvir isso.

— Than! — Limus deixou cair à própria armadura e enfiou as mãos nos quadris do vestido drapeado. — Você foi o único durou insistindo que Reseph não era responsável pelas ações de Pestilence.

— Isso foi antes que Pestilence tentou matar minha esposa e

filho. — Nada que Than disse foi injusto, nem era inesperado. Em muitas maneiras, ser a Morte lhe cabia, pois, enquanto Than tendia a pendurar lealdade por um longo tempo, quando finalmente estava acabado com alguém, estava acabado. Reseph estava morto para Than. O vínculo fraterno entre eles foi cortado, e não sabe quanto tempo levaria para repará-lo, ou mesmo se podia ser reparado.

— Eu sinto muito. — Reseph olhou para as oliveiras, lembrando o quanto odiava o silêncio. Agora, dava tudo para caminhar entre as árvores retorcidas com Jillian, a única pessoa que já lhe deu um momento de paz. — Sei que isso não ajuda. Estava lá, dentro deste corpo, mas não fui forte o suficiente para derrotar Pestilence. Nunca vou me perdoar.

— Sei que você tentou. — Limus arrastou o dedão do pé na areia. — Você veio através dele algumas vezes. Pestilence saltou fora enquanto tentou me enganar, mas não foi ele? Foi você.

— Sim — Ele resmungou. Homem, ele tentou. Ele pediu a sua irmã para matá-lo, sequer lhe disse onde encontrar Deliverance. E quando Thanatos conduziu a lâmina em seu coração, agradeceu a seu irmão.

Ares avançou. — Nós sabemos que não foi você, mano. Mas Pestilence fodeu conosco duramente. Não preciso te dizer isso. E Reaver e Harvester tanto nos disse que ele poderia voltar.

A cabeça de Reseph balançou. Lembrou-se de Harvester dizendo algo sobre isso, mas estava tão fora de si que não tinha realmente registrado. — Como? Meu selo...

— Está inteiro. Não vai quebrar de novo. Não até o Apocalipse bíblico. Que, por sinal, deve ser iniciado com o nosso pai. Descobrimos evidências que sugerem que ele vai ser quem vai quebrar nossos selos da próxima vez.

Opa. Ok, não tinha visto essa. Teria que perguntar mais sobre isso mais tarde. Agora estava mais preocupado sobre sua metade demônio.

— Então, como ele poderia voltar? Você enfiou Deliverance através de seu coração.

Thanatos balançou a cabeça. — A Deliverance não era a

lâmina certa para matar Pestilence. Precisávamos de Wormwood.

Wormwood... Reseph amaldiçoou. Como poderia ter esquecido? Pestilence estava desesperado para colocar as mãos sobre a lâmina, passara na sede Aegis como um liquidificador, matando, torturando, mas saiu de mãos vazias.

— Eu, Pestilence, eventualmente, está com Gethel. Ela enganou o Aegis para darem a ela. Pestilence sabia que era a única lâmina que poderia matá-lo.

Than acenou. — Deliverance prendeu Pestilence, mas ele ainda é parte de você. Ele poderia ter sido banido, mas a barreira é mais fraca do que antes. Reaver disse que é como colar um vaso de cerâmica de volta juntos. O vaso pode ainda reter a água, mas nunca vai ser

tão forte como era, e que poderia vaziar. O recipiente está rachado, e Pestilence pode escoar através. — Thanatos esfregou a mão sobre o rosto. — Fica pior. Enquanto você estava se torturando sobre as paredes do quarto, o resto de nós fez um reconhecimento em Sheoul. Lúcifer, Gethel, Lilith, e cerca de uma dúzia de outros figurões estão planejando fazer o que for preciso para trazer de volta Pestilence, inclusive prejudicar nossas famílias. E de acordo com Arik e Kynan, Gethel vem trabalhando com o Aegis em alguma super-Arma Anti-Cavaleiros, ou algo assim. Achamos que o súbito desaparecimento de centenas de cães infernais pode ter algo a ver com isto.

Foda-se, isso era ruim. — Reaver deveria ter me deixado em Sheoul. Deveria ter me deixado para sofrer. — Fechando os olhos, procurou as memórias que o torturaram. Não era certo que não estivesse sofrendo. Oh, estava miserável sabendo que seu relacionamento com seus irmãos, irmã e suas famílias provavelmente fosse danificado além do reparo, e estava doente com conhecimento de que tinha feito para o mundo e seus habitantes.

Mas por alguma razão, sentia as memórias distantes, distorcidas, como se estivesse assistindo a um filme em vez de ser um participante ativo nelas.

Abrindo as pálpebras se virou para Limus. — Onde está Jillian?

— Ela estava inconsciente após o procedimento do elo mental. Eu a levei para casa e a coloquei na cama. Deixei um livro da nossa história e nossos números de telefone em cima da mesa de cabeceira, caso ela precise de alguma coisa.

— Estava inconsciente? Ela está bem? Tenho que ir para ela.

— Reseph espere...

Ele não quis ouvir. Tudo o que conseguia pensar era Jillian.

Jillian acordou com um grito, coração acelerado, pele úmida de suor. Demônios. Estava cercada por demônios. Reseph, seus olhos brilhantes, estava rindo enquanto garras cravavam em sua carne.

— Jillian!

Ela gritou novamente quando Reseph, totalmente blindado e incrivelmente enorme, irrompeu em seu quarto, uma espada na mão enluvada. Ele derrapou até parar perto da cama, mas ela subiu para trás no colchão até a coluna bateu na cabeceira da cama.

— Ei, — Ele disse suavemente. — Sou eu. Reseph... Não... Pestilence. — A espada em sua mão desapareceu, mas isso pouco importava, ele era uma arma.

Ela não tinha ideia do que dizer ou fazer. Tanta coisa aconteceu nas últimas horas e tantas emoções conflitantes percorreram seu corpo. A única coisa que tinha certeza era que Reseph ainda era o homem mais bonito que ela já viu, e na íntegra, com a armadura brilhante, era como um Cavaleiro de um conto de fadas.

Ou, como Pestilence, ele era o monstro da fábula.

Reseph avançou em sua direção. — Estava preocupado com você. Você está bem?

— Eu não sei. — Ela ficou de pé ao lado da cama oposta a Reseph. Precisava de uma barreira entre eles, mesmo que fosse algo tão ineficaz quanto um colchão.

Reseph não levantou os antigos e sábios olhos para ela. — Você não devia ter feito o que fez. Especialmente depois que disse a verdade sobre o seu ataque.

Raiva irracional provocou a sua total falta de gratidão. — Isso é um inferno de uma maneira de me agradecer.

— Droga Jillian. — Sua voz profunda foi ainda mais longe. — Deveria ter tido uma palavra sobre isso. Você levou a escolha longe de mim.

— Porque você teria escolhido sofrer, — Ela atirou de volta. — Isso é estúpido. E egoísta.

— Como isso é egoísta?

Reseph seguia enquanto ela passeava o comprimento da cama, fazendo o seu melhor para reunir seus pensamentos confusos. Três homens existiam nesse magnífico corpo: Pestilence, o Reseph que se apaixonou, e o Reseph que era um completo estranho. Neste ponto, ela não conhecia nenhum deles.

— É egoísta, porque todo mundo que te ama estava sofrendo com você. Sem mencionar o fato de que isso estava deixando a porta abrir para Pestilence.

Uma palavra gutural caiu dos lábios de Reseph. Ela não conhecia a língua, mas entendeu o sentimento. — Ainda não gosto. Estamos ligados para sempre agora. Você sabe disso, né?

— Claro que eu sei disso.

— Você sabia, e você ainda se acorrentou a mim em algum vínculo maldito misterioso? — Ele xingou, e desta vez entendeu a palavra muito bem. — Estamos falando de estarmos amarrados.

Ela se virou tão rápido que bateu o joelho no estrato. — Ai! Filho da puta. — A dor alimentou a raiva e mágoa construiu em seu peito. Estava lidando com o Reseph estranho, não era? — É por isso que você está chateado? Não quer estar amarrado? Oh meu Deus, isso vai matá-lo, aparecer uma vez por ano e ter que me foder, não é?

Talvez seus irmãos tivessem tido um ponto em suas advertências sobre Reseph. Que idiota ela foi.

Reseph vinha em sua direção quando bateu o joelho, mas agora ele parou. — O quê?

— Oh, ninguém disse os termos do acordo? — Ela caminhou até ele e o tocou no peito. Não que ele provavelmente a sentisse através da armadura. — Sim, isso é certo. Sexo. Uma vez por ano. Se isso não acontecer, eu assumo as suas memórias e morro, e você voltar a ser

um caso insano babando.

— Não — Ele murmurou. — Oh, não. — O horror em sua expressão foi como uma bala entre os olhos. Não só o homem que amava não quer estar vinculado a ela, mas não queria nem ter relações sexuais com ela uma vez por ano porra.

— Você... Você transa com demônios... Coisas com cascos, chifres e rabos, mas o pensamento de estar comigo é repulsivo para você? — Ela o empurrou em seu peitoral com tanta força que sentiu a dor. Ele não se moveu um centímetro. — Seu filho da puta!

— Não é isso. Deus, Jillian, não é isso. — Envolveu sua mão ao redor dela do jeito que fez tantas vezes, e seu coração sangrou com a lembrança. — Pestilence é a minha metade demônio, e ele ainda vive. Ainda podia voltar, e não vou colocá-la em risco.

— Estou achando besteira toda essa desculpa. — Ela se empurrou para fora de seu controle. — Você não acha que teria voltado quando aqueles caras nos atacaram fora do bar? Ou quando encontramos o demônio no celeiro?

— O demônio no celeiro estava lá por minha causa. — Ele bateu em seu peitoral e o barulho parecia tão oco. — Eu coloquei você em perigo. Você não entende?

— Não, eu não entendo — Ela retrucou. Seu Reseph estava aqui para matar os demônios. Não inventava desculpas esfarrapadas para ficar longe. — O que você vai fazer entre visitas anuais, Reseph? Vai simplesmente sair por si mesmo, porque tem medo de ferir alguém? Está seriamente fazendo um juramento de celibato?

Ele fechou os olhos, e ela bufou. — Você sabe o quê? Não responda a isso. — Ela saiu do quarto e foi frente da porta. — Saia. — Quando ele não se moveu, ela balançou a cabeça. — Você é o sortudo em tudo isso. Tem tantas namoradas que você não vai ter que explicar a ninguém porque uma vez por ano você tem que dormir com mais uma. Mas e eu? Estou pensando que ninguém com que eu esteja vai entender porque tenho que foder outro cara...

Reseph estava piscando os olhos que atiravam fogo azul e os dentes à mostra quando a empurrou contra o batente da porta. — Eu

vou matar qualquer homem que você toca.

— Sérico? — Sua voz era tão plana, tão tranquila. — Você espera que eu sente e espere por aqueles poucos minutos, uma vez por ano quando você aparecer? Se você aparecer? Vá para o inferno, Reseph. Volte para onde você veio.

Ele piscou os olhos, e a luz assassina apagou de seus olhos. Muito gentilmente, moveu-se para o lado para abrir a porta e, em seguida, sem uma palavra, ele saiu, desaparecendo no ar quando chegou ao fundo da varanda.

CAPÍTULO 28

Reseph aterrizou na praia de Ares, onde estava, com as mãos em punhos, olhando para o mar, enquanto tentava controlar suas emoções. Deixar Jillian solta foi à coisa mais difícil que já fez. A ideia de ela estar com outro homem o destruiu, mas ela estava certa... Como ele poderia esperar que ela passasse o resto de sua vida sem companhia enquanto o esperava para sua visita anual? E como ele iria sobreviver essas visitas?

Ele ouviu a aproximação de Ares, e foda-se, não estava no humor para falar, o que era estranho, dado como pré-Pestilence, nunca calava.

— O que aconteceu com Jillian? — A voz de Ares retumbou sobre o som das ondas batendo na praia.

— Está acabo.

— Ela não podia lidar com tudo isso?

— Na verdade, acho que talvez ela poderia, — Reseph murmurou. — Mas não quero que ela precise.

— Ah. — Ares pegou uma concha e jogou-a na arrebentação. — Então, como você está indo?

— Estou bem.

— E sou uma princesa de fadas — Ares demorou.

O velho Reseph teria atirado uma réplica espirituosa ao seu irmão, mas o Reseph despreocupado e raso varreu a merda debaixo do tapete. O homem que era agora nunca faria isso novamente.

— As coisas teriam sido melhor para todos se Deliverance tivesse me matado.

Ares soltou um longo suspiro. — Sim, elas teriam.

Sempre o comandante, Ares não media palavras ou tentava aplacar com falsos sentimentos. Falava o que via, algo que irritava o velho Reseph. Sim, o velho Reseph era tudo sobre como manter todos felizes e a festa.

— Tenho que consertar as coisas.

— Com quem? — Ares cruzou os braços sobre o peito. — Com Jillian? Com a gente? Com o mundo? Você não pode consertar o que Pestilence quebrou.

— Você está dizendo que o estrago que ele fez é irreparável?

O olhar de Ares perfurou Reseph como uma flecha. — Alguns deles. Provavelmente mais do mesmo.

Reseph fechou os olhos, tão envergonhado de tudo o que fez. — E sobre o dano à minha família? É irreparável?

— Nós sabemos que não foi você quem fez as coisas para nós.

Tomando um profundo e revigorante ar, Reseph conhecia Ares pelos olhos. — Mas?

Ares xingou, e sabia que não ia gostar da resposta. — Mas Pestilence poderia voltar e o que você vai fazer para pará-lo?

— Não vou deixar isso acontecer — Reseph disse ferozmente, mas a dúvida de Ares era tão forte quanto à dele.

— Sério? Você deixou isso acontecer antes. Você o deixou torturar, quase estuprar e matar Cara. Você trabalhou com Lilith, Lúcifer e os demônios mais poderosos Sheoul, a fim de destruir a todos nós. Onde você estava? Será que você ainda tentou impedi-lo? — Ares bateu a palma da mão no ombro de Reseph. — Você tentou?

Não poderia responder qualquer coisa que acabou de dizer. Tentou elevar-se e retomar a posse de seu corpo de Pestilence, mas ele era muito poderoso.

— Bem? — Ares gritou. Tudo ao redor, os cães infernais estavam se aproximando, sentindo raiva por Ares e se preparando para rasgá-lo em pedaços.

— Você honestamente acha que não estou a cada minuto a minha cabeça, tentando descobrir as rachaduras que deveria ter explorado? Que me pergunto o que mais poderia ter feito para impedi-lo? Eu tentei Ares.

— Você não se esforçou o suficiente!

Raiva da situação, de si mesmo, de Pestilence, e toda a confusão rosnou. — Eu sei disso! E me odeio por isso.

— Droga, Reseph. — Ares virou para ele. — Não é só isso. Você nunca lutou por nada. Ao primeiro sinal de conflito ou

compromisso ou emoção, você saía fora. Você sempre tomou o maldito caminho fácil, e isso me irrita.

— Fácil? Você acha que tudo isso é fácil? Eu mudei Ares.

— Sim? Você se apaixonou pela primeira vez em sua vida, e quando chegou a hora de lutar por Jillian, o que fez? Ou será que você tomou o caminho fácil e a deixou ir, porque não quer fazer a coisa dura e controlar Pestilence? — Ares ficou na sua cara de modo que seus narizes quase se tocaram. — Ou você a deixou ir, porque você está com medo de se comprometer? A vida é muito boa, com milhões de mulheres quentes lá fora, para foder, não é? Foi fácil se afastar de uma mulher que já te amou o suficiente para sacrificar um pedaço de sua maldita mente para que você possa virar e voltar a ser o puto egocêntrico que sempre foi? Você se importa com Jillian, afinal?

Com um rugido, Reseph bateu com o punho na mandíbula de Ares. Seu irmão rodou para trás, e antes que pudesse recuperar o seu equilíbrio, ele o atacou. Eles caíram em um emaranhado de socos e rosnados.

— Eu a amo! — Reseph gritou.

Ares tinha cerca de vinte quilos a mais que Reseph, e usou seu peso para fixá-lo no chão. — E eu amo Cara, não importa quando você tentou estuprá-la!

Oh... Deus. Reseph respirou duro e caiu cambaleante na areia. — Foda-se. Ah... Foda, Ares. Sinto muito.

Ares empurrou-se a seus pés e enfiou a mão pelo cabelo mais e mais, xingando constantemente. — Logicamente, todos nós sabemos que não era você. Mas as feridas são profundas. As temos. Nós te amamos. Mas não podemos confiar em você.

O estômago de Reseph despencou. — O que você está dizendo?

— Estou dizendo que nós vamos ajudá-lo o melhor que pudermos. Mas você precisa ir para outro lugar. Nós não podemos correr o risco de Pestilence voltar e prejudicar nossas famílias.

— Ele não vai. — Mas, mesmo quando as palavras saíram, Reseph sabia que elas estavam vazias. Queria acreditar que podia controlar Pestilence, mas a evidência disse o contrário. Não podia

culpar seus irmãos por isso, mas se perguntou se o velho Reseph faria. Agora que encontrou Jillian, entendeu o quão poderosa era a necessidade de proteger alguém. Mesmo que essa proteção era de si mesmo.

Ares estava errado sobre a merda do caminho fácil. Não era nada fácil ficar longe de Jillian. Ainda assim, a rejeição de Ares picou. Mal. Mesmo agora, a dor foi brotando, ameaçando transbordar e se transformar em algo que foi tão familiar quando o selo foi quebrado, raiva horrível.

No fundo, Pestilence se agitava. Foda-se.

— Reseph?

— O quê? — Sua voz era um inferno profundo e deformado. Tinha que sair daqui antes que provasse que Ares estava certo e deixasse Pestilence perto da superfície. Mas usaria essa raiva, e para o bem.

— É preciso nivelar, mano...

Reseph ignorou Ares e sorriu enquanto abria um Harrowgate, pois enquanto não pode ser capaz de reparar o dano que causou a sua família, poderia tomar alguma medida de vingança por eles.

Era hora de dar Pestilence um gosto de seu próprio remédio.

CAPÍTULO 29

Underworld General Hospital, composto por vampiros, were-criaturas, e demônios, chegou a um ponto insuportável quando Reseph entrou pelas portas do ER com um filhote de lobisomem em seus braços.

Provavelmente porque há três meses, Pestilence fez um tumulto dentro do hospital, massacrando centenas de pacientes e funcionários antes de pegar um funcionário ex-anjo e torturá-lo. Sua fúria era ainda evidente nas paredes rachadas, equipamentos quebrados e os móveis amassados.

Riso soou dentro do seu crânio, satisfação de Pestilence pelo que tinha feito. Reseph estava lutando contra o bastardo durante todo o dia, participando de uma luta interna para evitar que o demônio agarrasse o seu caminho muito perto da superfície. A maior parte do tempo,

manter o controle não era difícil... Os problemas vinham quando o seu temperamento vinha à tona. Pestilence forneceu uma dose extra de adrenalina, mais suco para alimentar a força, tanto física quanto mental. Coisas que nunca foi capaz de antes, como tortura, eram agora muito facilmente consideradas.

Mas, pela primeira vez, podia ver o recipiente mental que foi mantido quando Pestilence tinha o domínio. Agora Pestilence estava preso no interior, e a avaliação de Reaver foi precisa... O recipiente estava rachado, escorrendo a essência de Pestilence. Como diabos poderia repará-lo?

— Seu filho da puta. — Eidolon, médico-chefe e fundador da UG, parou o que estava fazendo e veio a ele como um touro, com os olhos brilhando com fúria vermelha.

— Como você ousa pisar no meu hospital.

Ondas de medo e ódio irradiavam de cada pessoa no departamento de emergência. Sentiu seus olhares como chicotadas em sua pele. Reconheceu algumas delas como vítimas sobreviventes da

peste, e não havia muito que contar.

— Não estou aqui para causar problemas, — Disse Reseph, embalando o bebê se contorcendo contra seu peito. — Este filhote precisa de médicos atenção.

— O que você fez com ele? — Eidolon rosnou.

— Eu o salvei de um comerciante de escravos. — E, caramba, se sentia bem. Havia passado por Sheoul como uma lâmina através de manteiga, matando dezenas de demônios que tinham servido Pestilence. Matando o comerciante de escravos, um Neethul que foi a mão direita de Pestilence, isso foi o mais gratificante. Até agora.

Desde que foi rebaixado de volta para Sheoul após o apocalipse ter sido evitado, o Neethul, Silth, voltou para o seu primeiro amor, ser mercador de escravo. Encontrou-o batendo um filhote de lobisomem que foi vendido como escravo por seus próprios pais.

Reseph, que nunca possuiu uma raia cruel, quase saudou a agitação fria de Pestilence lá no fundo, porque permitiu brincar com Silth por um tempo. Aproveitou para interrogá-lo sobre os planos para trazer de volta Pestilence, mas o demônio não sabia nada. Não se preocupou, porém, porque tinha várias pessoas para visitar.

— Será que ele tem uma família? — Eidolon falou com os dentes cerrados, com a voz distorcida de raiva.

— Sua família o vendeu para o traficante de escravos, em primeiro lugar.

Eidolon tomou o menino, pegando-o com cuidado, apesar da raiva do médico visivelmente tremendo. O demônio queria saudar a chance de lhe dar apenas um soco, se pudesse. Pode deixá-lo um dia.

— Nós vamos cuidar dele. — Eidolon gesticulou em direção Harrowgate do departamento de emergência. — Agora sai.

De bom grado. Reseph tirou a bunda indesejável de lá e foi para Sheoul, onde sua próxima missão automeada era esperada. Tinha chegado tão perto quanto poderia chegar ao seu destino sem entrar a pé, um monte de demônios restringia o uso de Harrowgates perto de suas casas. Ninguém queria um ataque surpresa.

— Conquest, para fora.

A tatuagem em seu braço se contorceu, virando a fumaça antes de se materializar como um cavalo branco ao lado dele. Não perdeu tempo saltando sobre o cavalo e cavalgando pelas planícies rochosas circundantes. Fumaça se levantou do chão, e uma variedade de criaturas deslizaram para fora do caminho dos cascos do cavalo de guerra quando Conquest galopava ao longo de uma trilha conhecida profundamente exclusiva na região de Fangorg.

Logo, a mansão negra maciça apareceu ameaçadoramente para fora do lado de uma colina escarpada, as árvores atadas em torno dela adicionando uma camada extra de segurança. Essas árvores eram carniveras, sua seiva corria com ácido que dissolvia a carne de alguém descuidado

o suficiente para tocar as folhas ou cascas. As videiras que se arrastavam, literalmente, nas paredes de pedra eram tão perigosas, e restos de suas vítimas infelizes estavam espalhadas no chão, cascas arejadas tocavam em torno de cascos de Conquest quando Reseph puxou o garanhão a uma parada na entrada. Recebeu um chute frenético das agitações de Pestilence, desta vez, o demônio não estava ansioso para matar.

Desta vez, o alvo significava algo para Pestilence.

Ah, Pestilence realmente se preocupava com alguém. Bom. Isso ia fazer a vingança muito doce.

Desmontou, alimentou Conquest com um cubo de açúcar, e acariciou no pescoço. — Pestilence não te dava isso, não é? Eu lhe devo o valor de um ano. — Conquest deu patadas no chão, sentindo raiva das palavras dele. Hora de jogar. — A mim. — Conquest dissolveu em fumaça e deslizou a Reseph se instalando em seu braço. Com o cavalo firme no lugar, entrou na residência. Os guardas não o impediram, porém todos tropeçaram em um confuso caos. Pestilence deveria estar morto.

Em poucos minutos, os guardas iam desejar que seu ídolo estivesse morto. Os salões, decorados das próprias pinturas e esboços do proprietário, estavam quietos, mas à frente, na sala do tamanho de uma academia de ginástica, os sons de tanto sofrimento e prazer ficaram mais altos a cada passo.

Empurrou as grandes portas duplas e entrou em um antro de luxúria. Pestilence jogou aqui muitas vezes, a boca de Reseph ficou tensa com a melancolia. Esse era um dos favoritos, e tinha a cruz de Santo André, onde algemava suas parceiras sexuais e usava uma variedade de brinquedos sexuais, e torturantes pendurados em cada centímetro de espaço da parede.

Alguns de suas parceiras estavam dispostas a deixá-lo fazer o que queria... Mesmo que isso significasse a morte. Mas, além da piscina cheia de sangue onde uma dúzia de pessoas estava atualmente envolvida em uma orgia, vítimas definhavam em gaiolas. Podiam ser adquiridas para uso, mas Pestilence haviam conseguido gratuitamente.

Sim, você deve estar apavorado. Mas também honrado que eu te escolhi para o meu prazer hoje. Há aqueles que pedem para sentir dor e prazer pelas minhas mãos e na ponta do meu pau. Então, grite, chore, implore por sua vida. Mas sei que muitos desses as pessoas vão olhar com inveja.

A memória da fala de Pestilence a uma das vítimas impulsionou a sua determinação. Não que tivesse hesitante sobre isso. Mas seria muito mais fácil agora.

Quando atravessou a sala, todos os olhares foram a ele. Mesmo aqueles que estavam à beira do clímax pararam para ver o que estava acontecendo. Eles saberiam em breve. Iria matar a todos.

Seu alvo não estava na sala, o que significa que ela provavelmente estava em seus aposentos privados. Segura por seus guardas, abriu a porta e lá estava ela, vestindo apenas sapatos de salto alto entre um Trillah fêmea e um macho Ramreel.

Sorrindo, ele sacou a espada. — Olá, mamãe. Sentiu minha falta?

CAPÍTULO 30

— Meu filho. — Lilith veio sem problemas, sedutoramente, a seus pés e Reseph sentiu Pestilence ronronar. Com um aceno de sua mão, dispensou os dois demônios, ambos deram a ele um amplo espaço à medida que escapuliam. — Havia rumores de que estava morto. Senti sua falta.

Não há dúvida de que sentiu. Pestilence lhe dava a notória atenção. — Cubra-se.

Ela estreitou seus olhos violeta, assim como Limus fazia. — Quem é você?

— Mãe, estou magoado. — Fingiu um biquinho. — Não reconhece o seu próprio filho?

Ela assobiou e deu um passo para trás tão rápido que cambaleou em seus sapatos de salto alto vermelho-sangue.

— Reseph. — Ela cuspiu o nome dele como se fosse veneno. — Onde está Pestilence? Eu posso senti-lo dentro de você.

Seguindo em frente, colocou pressão sobre ela, usando sua altura e tamanho para mantê-la na borda. Ao contrário de Ares e Than, ele tinha usado a sua estatura física para intimidar os outros apenas poucas vezes. Isto era o melhor de tudo e o saboreou

O desconforto de Lilith.

— Thanatos enfiou Deliverance através da porra do coração de Pestilence, — Disse ele. — Ele está preso, e não vai voltar.

— Então por que você está aqui? — Ela olhou para sua espada, e pela primeira vez ele viu um lampejo de medo em seus olhos.

— Quero saber quem é meu pai.

Ela olhou para ele como se fosse maluco. — Yenrieth. O nome está em todas as lendas.

— Eu sei quem — Ele grunhiu. — Mas não há nenhum Yenrieth no céu. Então está morto ou é caído e tem um novo nome. Qual é?

— Não tenho ideia. Por que deveria ter mantido o controle dele?

— Talvez porque ele te fodeu.

Ela bufou. — Então?

— Então, o que ele disse quando lhe disse que ia ser pai?

Era uma pergunta que nunca pensou em perguntar, porque, sinceramente, não tinha dado uma merda para o homem que o havia gerado. Dar uma merda significava buscar questões como esta, e Reseph era tudo sobre *não* buscar. Mas o seu tempo como Pestilence e seu relacionamento com Jillian lhe deu uma nova apreciação para a família.

— Quem se importa? Escondi todos vocês dele de qualquer maneira.

— Escondeu-nos? Você nos deu, — Ele rosnou.

— Exceto Limus. — Ela suspirou dramaticamente. — Que acabou por ser uma decepção.

Uma explosão de ódio passou por ele, mas se forçou para não ceder a ela. Ainda. — Então você não sabe nada do nosso pai.

— Por que isso importa? Se ele quisesse, teria vindo a frente, e se está morto, está morto...

— Nós não acreditamos que esteja está morto. Há evidências que sugerem que será ele quem vai quebrar nossos elos na versão bíblica do Apocalipse.

As sobrancelhas de Lilith dispararam. — Realmente. — Ela moveu-se para a pintura que ela mesma pintou, um retrato horrível de uma orgia, deslocou para o lado para revelar um recesso na parede. Enfiou a mão dentro e tirou um pergaminho. — Desenhei esta imagem de Yenrieth, então não me esqueci de um único detalhe. Era tão bonito. Um perfeito exemplar esboçado.

Ele o pegou e se esquivou quando ela tentou esfregar-se contra ele. Sua própria mãe. Nojento. Afastando-se, olhou para o desenho. Em um instante, todas as suas funções corporais pararam violentamente. Prendeu a respiração, seu coração apreendeu e seus neurônios pararam de funcionar. Santo inferno.

— Isso... Não é possível. — Sua voz era uma grossa trêmula.

Lilith arrancou um punhal de gume irregular da parede, o que ela usava para mutilações genitais. — Ele tem a mesma marca em forma de asa em sua parte interna da coxa que você tem. Verifique você mesmo se pode encontrá-lo.

Olhou para seu reflexo no espelho atrás da cama de Lilith. Jesus, as semelhanças estavam lá, claro como o dia. — Por que você nos deu? — Voltou seu olhar para sua mãe, ignorando a fome de Pestilence rosnando. — Por que me deixou com uma mulher que passou mais tempo escovando o cabelo do que comigo?

Era estúpido perguntar qualquer coisa a Lilith, e não tinha certeza por que estava incomodando. A merda foi cinco mil anos atrás, e nada disso importava agora.

— Eu te dei para garantir a sua sobrevivência. Sabia que ia ser poderoso um dia, não poderia ter previsto o quão poderoso.

Ela arrastou a lâmina através da palma de sua mão e estudou o traço vermelho molhado que floresceu. — Quanto ao que humano te criou? — Lilith deu de ombros. — Ela o manteve alimentado e vestido. Pare de choramingar, você é um pirralho ingrato.

— Alimentado e vestido? Porra, ela me abandonado por dias a fio, enquanto estava fora transando. Quase morri em um incêndio porque me deixou sozinho. Claramente, o seu processo de seleção para adoção precisa de alguns ajustes.

Riu um cacarejo, soltando o som de ranger os dentes. — Desprezo você, Reseph. Estou ansiosa para ver Pestilence novamente.

Reseph avançou, batendo-a contra a parede com o antebraço na garganta. — O que você sabe sobre os planos de Gethel para trazê-lo para fora?

— Nada.

Reseph aumentou a pressão em seu pescoço. — Mentira. Tente novamente.

A tosse estrangulada caiu de seus lábios exuberantes. — Sei que Harvester foi torturada por um item em sua posse. Gethel e Lúcifer querem te expor a ele. Eles estão certos de que vai trazer Pestilence.

— Será que eles o têm?

— Não sei. Juro.

Com um empurrão, Reseph afastou Lilith. Droga. Não ia ser fácil localizar Gethel ou Lúcifer.

Lilith pigarreou, reunindo a compostura antes que fazer um gesto para a porta com a ponta da faca. — Agora, seja um bom menino e busque uma das fêmeas nas gaiolas. Você pode transar com ela enquanto eu a faço gritar. Então vamos matá-la juntos. Vai ser como nos velhos tempos.

Pestilence contorceu animadamente dentro dele. Memórias nojentas ferveram, revirando seu estômago com essa conversa.

— Você. É. Vil. — Em um rápido movimento ele trouxe sua própria lâmina para baixo entre o pescoço e o ombro de Lilith.

Lilith gritou enquanto cortava seu corpo. Essa era a coisa sobre súcubos, eles tendem a ser mais frágeis do que outras espécies de demônios, e para ter certeza suficiente, terminou sua vida patética com outro golpe no pescoço.

A cadela infame estava morta.

Não parou com Lilith. Sua raiva assumiu vida própria, e transformou o covil do sexo em um banho de sangue. Sua armadura ficou mais forte quando absorveu sangue, bem alimentada, e quando terminou apenas os presos em gaiolas estavam vivos. Solto-os, em seguida, saiu lá.

Tinha um compromisso com o seu pai.

Reseph foi para a cabana de Jillian primeiro, sabendo que não deveria, sabendo que vê-la o transformava de dentro para fora. Mas tinha que se certificar de que ela estava bem depois do jeito que tinha deixado às coisas.

Reseph se envolveu em um feitiço Khote e caminhou na invisibilidade absoluta, para o celeiro. As luzes estavam acesas e animais estavam caminhando seu caminho enquanto o alimento estava por vir.

Jillian estava lá dentro, mas ao invés de alimentá-los ela estava sentada em um fardo de feno, lágrimas escorrendo pelo rosto. Sua pele encolheu em autoaversão.

— Eu sinto muito, baby, — Ele sussurrou.

Jillian fungou e olhou para cima. Olhou diretamente para ele. Filho da puta. Não podia vê-lo, mas é claro que podia senti-lo. Permaneceu imóvel, como se isso o tornasse ainda mais invisível. Idiota.

Pelo menos Pestilence não estava causando nenhum problema. O demônio estava atualmente em tanta agonia pela perda de Lilith que podia senti-lo em pulsos maçante em seu intestino.

Bom. O desgraçado merecia sofrer.

Eventualmente, Jillian limpou as lágrimas com a manga do casaco e começou a trabalhar com os animais. Movia-se mais lentamente do que o habitual, e parecia que tinha um déficit de uma semana de sono. Desejou que pudesse fazer algo por ela, mas tinha certeza de que era a última pessoa que ela queria ver agora.

Relutantemente, saiu do celeiro e abriu um portal para a casa de Ares, mas de acordo com um dos servos Ramreel, ele, Cara, e Rath foram para casa de Limus. Foi para lá, e ótimo, como se ver Jillian não fosse uma tortura suficiente, sentiu-se um instante ferido ao sentir o cheiro de carne grelhada e o som de Maroon 5 tocando no sistema de som. Aparentemente, todo mundo se reuniu para uma festa, e ele não foi convidado.

Não importava que entendesse a relutância em abraçá-lo como se nada tivesse acontecido. Isso ainda machucava.

Encontrou seus irmãos e suas famílias do lado de fora, na frente da casa e eles não estavam sozinhos. Parecia que metade do Undreeworld General estava lá também. As crianças estavam por toda parte, brincando na praia com um casal de cães infernais correndo com eles e Limus estava correndo ao bar portátil. Um dos cães, um preto, Hal, o viu e mostrou os dentes afiados. Merda. Não Podia arriscar uma batalha com a coisa, não quando precisava provar que não era um canalha mal.

Pestilence matou cães infernais o suficiente. Jogou um portal, mas antes que pudesse percorrer, o comando de Cara Hal parou sua trilha.

Ainda assim, o cão rosnou, seus olhos brilharam vermelhos, e

um dos outros cães começou um rastreamento lento em direção a ele.

Cara chamou os dois de volta. Relutantemente, eles obedeceram, embora se colocaram entre Reseph, Cara e as crianças.

Limus colocou a margarita liquidificador, e de repente a música parou e tudo ficou em silêncio.

— Bem, isso é estranho. — Reseph atravessou o trecho de praia que tinha passado tantas horas felizes no passado. — Não quero dizer invadir a festa.

— Não é o que parece — Disse Limus e não perdeu seus irmãos se aproximando de suas esposas. Arik casualmente pousou a bebida e colocou sua mão em seu quadril, onde estava, sem dúvida, escondendo uma arma. O ódio nos olhos do homem poderia queimar um furo através de titânio.

— Você não tem de explicar — Reseph disse, odiando-se pelo tremor em sua voz.

Ares falou. — Nós estávamos pensando em ficar juntos para encontrar um lugar para você viver, desde que Harvester destruiu sua caverna. E Regan então sugeriu convidar todo o pessoal do UG como uma forma de agradecê-los por tudo o que eles fizeram durante o inferno do Apocalipse que caiu sobre nós.

— Foi um improviso de confraternização — Explicou Limus.

— Pare. — Reseph levantou a mão. — Vocês não me devem uma explicação. — Ele se aproximou, fingindo não notar o quão tenso as pessoas tornavam-se a cada passo que dava. — Tenho notícia. Lilith está morta.

— O quê? — Thanatos soou estrangulado. — Como você sabe?

— Porque sou a pessoa quem a matou.

— Oh meu Deus. — Limus agarrou o jarro de margarita e bebeu diretamente dele. Quando ela acabou, limpou a boca com as costas da mão. — Sabe o que você fez? Ela estava no conselho de Satanás. Lúcifer conta com ela para a informação dos demônios que ela ferrou. Jesus, Reseph. Vai haver retaliação. Grande retaliação.

— Bom. Vou ter mais pessoas para matar. — Reseph caminhou em direção a Reaver, que estava encostado a um tronco de árvore, com as pernas cruzadas à altura os tornozelos. — Onde está Revenant?

— Curando suas feridas. Por quê?

Reseph moveu num piscar de olhos, agarrando Reaver pelo pescoço e batendo-o na árvore. — Porque achei o nosso pai — Ele mordeu fora. — E eu quero saber o quanto nossos Vigilantes sabiam.

Limus estava lá em um instante, Ares e Thanatos fornecendo apoio. Ela colocou a mão no braço dele e apertou.

— Você o encontrou? Como?

— Lilith fez um desenho do anjo que a engravidou, e ela teve a gentileza de me dar.

Pegou o anjo, ficando cara a cara. — Diga-lhes, Reaver.

— Não sei o que você quer que eu diga — Reaver rosnou.

— Mentira. Por que você escondeu isso de nós? Thanatos passou séculos tentando encontrar nosso pai, então por que diabos você não lhe disse a verdade?

A voz de Reaver foi profunda e baixa, levando uma calma que era perigosa. — E que verdade é essa?

Reseph soltou Reaver e empurrou o pergaminho em suas mãos. — Que você é nosso pai.

CAPÍTULO 31

Reaver olhou para o esboço na mão, com a cabeça girando. Ouviu vozes ao seu redor, mas tudo estava misturado e não podia colher qualquer coisa específica. Finalmente, olhou para cima. Reseph estava olhando para ele com raiva, e os outros em confusão.

— Por que você não nos contou? — Reseph exigiu. — Você tem sido nosso Vigilante por o que? Três anos, e nenhuma vez fez disse, “Ei, eu fui o doador de seu esperma.” Onde diabos você esteve por cinco mil anos? Você deixou Lilith nos abandonar, e você a deixou corromper o inferno fora de Limus.

Reaver olhou para baixo, para o desenho. — Isso tem que ser um erro.

— Pode negar que é você?

Reaver ergueu os olhos do pergaminho e todos os outros se aglomeraram ao redor. — Obviamente, o desenho é meu. — Ele limpou a garganta. — Mas eu não... Eu não acho que teria dormido com Lilith.

— O que quer dizer que você não acha que teria? — Perguntou Limus. — Isso não é algo que você sabe?

Reaver soltou um longo suspiro. Havia coisas que ele "sabia", mas isso não era uma delas. — Eu disse que minha memória foi tomada de mim há quase trinta anos. Ninguém mais se lembra de mim, também. Duvido que Lilith teria lembrado se não tivesse desenhado uma foto.

— Então, você poderia ter dormido com ela, então.

— Não. Impossível. — A garganta de Reaver fechou, o protesto soou oco. Não podia imaginar ficar íntimo com alguém tão vil como Lilith, mas também sabia que ele tinha algo de rebelde, e se alguém tivesse dito para não ir para a cama com um súcubo, pode ter feito por despeito.

— Eu posso provar isso. — O tom de Reseph suavizou agora que percebeu que Reaver não tinha mantido esse enorme segredo. —

Tenho uma marca de nascença sob a forma de uma simples asa no interior da coxa esquerda. Lilith disse que nosso pai, o anjo que o desenhou, tem uma correspondente.

Reaver congelou. Trancando-se com tanta força que não podia sequer hiperventilar.

— Bem? — Antecipação irradiou de Ares, que raramente a liberava sobre qualquer coisa. — Você tem esta marca, Reaver?

Uma mistura de terror e alegria tropeçou através dele enquanto olhava cada Cavaleiro no olho. E então concordou. Agora sabia por que sentiu como uma estreita ligação com estes quatro. Porque arriscou passar a eternidade preso em Sheoul-gra quando tirou Reseph de lá. E por que, agora, seus olhos ardiam.

— Sim. Tenho... — Limpou a garganta de sua rouquidão. — Parece que eu sou... O seu pai.

Limus se atirou para ele, envolvendo-se em torno dele e apertando com tanta força que mal podia respirar. — Eu sabia, — Ela sussurrou. — Eu sabia que havia uma razão que te amei desde o início.

— Droga Reaver, — disse Eidolon. — Você é cheio de surpresas.

Shade, um dos irmãos de Eidolon, bufou. — A única maneira de superar isso é nos dizer que você é um Anjo das Sombras.

Foi a vez Reaver bufar. Um Anjo das Sombras, um ser que tem acesso a tanto Sheoul como o Céu e poderia utilizar os poderes de ambos, que existia neste determinado momento, e não havia nenhum vivo em séculos.

Wraith, o irmão loiro de Shade e Eidolon, bateu Reaver na parte de trás. — Seja feliz que você perdeu a fase de treinamento trivial. — Ele gesticulou para os Cavaleiros. — Aposto que esses idiotas poderiam explodir fraldas feitas de Kevlar.

Thanatos jogou um grão de milho em Wraith. Thanatos... *Filho* de Reaver.

Reaver era um pai.

Mas como? E quem no céu sabia? Quem o deu o dever de

Vigilante estava ciente de que os Cavaleiros eram sua prole?

Reaver de repente tinha um monte de perguntas... E uma sensação desconfortável de que não ia gostar das respostas.

CAPÍTULO 32

Reseph estava tão fora de lá. Na praia que praticamente liga a casa, senti-se como um estranho.

Inferno, o povo do Underworld General era mais uma parte das famílias dos seus irmãos do que ele.

Ninguém para culpar além de si mesmo, idiota.

Bem, Pestilence poderia arcar com um monte de culpa, também.

Xingando, caminhou até a praia para encontrar um lugar seguro para lançar um Harrowgate.

— Reseph, espere! — Limus prendeu a ele e pegando-o pelo cotovelo. — Você está bem?

Ele deu de ombros, colocando em sua melhor velha cara-Reseph. — Sim. Só estou indo arranjar um lugar para viver e, em seguida, talvez foder uma que quer um dos Quatro Cavaleiros. — Mentira. Porra mentira enorme.

Sim, precisava de um lugar para viver, mas nunca ia pisar novamente no botequim do submundo onde passou incontáveis horas transando com inúmeras mulheres. Só queria Jillian, por isso mais que o provável fosse que ela estava saindo de seu celeiro, como algum tipo de olhar assustador invisível.

— Não me venha com essa, — Limus disse suavemente. — Conheço você muito bem. Você sente falta de Jillian, não é?

Claro que sua voz iria quebrar como a de um adolescente na puberdade, apenas balançou a cabeça.

— Então a pegue de volta. — Limus olhou para a areia por um momento, como se reunindo seus pensamentos. — Se você está preocupado com Pestilence, talvez você deva considerar a maneira que saiu do seu tormento quando ela estava por perto. Talvez ela possa ajudar

mantê-lo nivelado e no controle.

Ele balançou a cabeça. — Mesmo que isso fosse verdade, ela

nunca vai me perdoar pelo que aconteceu com ela.

Limus bateu o pé. — Besteira. A humana deu a você sua maldita mente, a fim de ajudá-lo, e fez isso depois de saber que Pestilence a machucou. Ela te ama.

Jurou que ouviu Pestilence rir, e a memória de seu ataque começou a se espalhar pelo seu cérebro como hidromel derramado. Onde estava Reseph? Por que não lutou para impedir o que aconteceu com Jillian? Reseph era tão responsável quanto Pestilence.

— Eu sei o que você está pensando, mas *Pestilence* a machucou, — Disse Limus. — Não você. E percebo que soou como uma hipócrita, mas você tem que lembrar que Pestilence nos atormentou quase diariamente durante um ano. — Ela olhou de volta para o grupo, onde praticamente todo mundo os observava. — Ele matou Torrent, que Ares amava como um filho. Pendurou o meu pessoal nas árvores. Roubou a alma de Arik. Pior de tudo, tentou matar Logan. Estas não são coisas que vamos esquecer facilmente, mesmo se sabemos que não foi você quem fez.

Fechou os olhos, lutando para tirar da memória a preparação do abate do recém-nascido a distância, mas o que não conseguia parar foi a náusea. Em uma corrida desajeitada tropeçou para as ondas e vomitou. Tremores acumularam seu corpo tão violentamente que não podia mais se segurar e caiu de joelhos.

Não soube quanto tempo ficou assim, de cabeça baixa, a água batendo em suas pernas, quando um braço veio ao seu redor e o ergueu a seus pés. Reaver. Reaver estava segurando-o na posição vertical.

— Sinto muito, Reaver, — Ele começou, e então fez uma pausa, porque deveria chamá-lo de pai agora? — O que eu fiz para você no covil de Harvester...

— Pare. — Reaver agarrou seus ombros firmes e lhe deu uma pequena sacudida. — Nenhum de nós precisa de desculpas. Precisamos de você para se colocar de volta inteiro.

Mais fácil dizer do que fazer. Atormentando sua família e matando milhões de pessoas não era uma coisa fácil de colocar atrás de você. Embora tenha que admitir o "vodu Sheoul" de Harvester,

como Limus chama, fez um longo caminho para fazer isso acontecer. Mas por que ela fez isso? Ela o odiava, e com razão.

— Reaver... Você sabe por que Harvester foi demitida como nossa Vigilante?

— Não, mas talvez você possa lançar alguma luz sobre isso. Ela ajudou Pestilence de alguma forma?

Ele acenou com a cabeça. — Foi ideia dela enganar o Aegis para tomar a virgindade de Thanatos para seu selo quebrar. Ela escreveu o documento que os fez pensar que um bebê era a chave para evitar o Apocalipse.

Acabou que o bebê era a chave. Também era a chave para quebrar o selo Than e iniciar o Apocalipse.

Logan veio ao mundo com um monte de peso em seus pequenos ombros.

Reaver franziu a testa. — Você sabia que Regan pode sentir emoção quando toca a tinta a pele ou pergaminho?

— Não, por quê?

— Porque ela confirmou que quem escreveu a nota acreditava em cada palavra que escreveu. Portanto, se o que você está dizendo é verdade, Harvester sabia o tempo todo que a virgindade de Than não era o seu *agimortus*.

Reseph respirou duro. — Então, ela sabia que o bebê era. — Esfregou as têmporas, tentando obter um controle sobre essa nova informação. Se ela sabia, por que não disse a Pestilence? Ele não percebeu isso até mais tarde. Algo não estava somando.

— Se sabia ou não, é claro que estava ajudando Pestilence, é uma regra Vigilante quebrada — Disse Reaver.

— Talvez seja por isso que ela foi tirada do dever Vigilante e substituída pelo babaca.

Reaver parecia perturbado. — Talvez. Mas parece um exagero tê-la arrastado para o inferno por causa do castigo.

— Ela está sendo torturada — Ele disse. — Lilith disse que Lúcifer quer algo dela. Algo com o poder de extrair Pestilence. Você sabe o que poderia ser?

A carranca de Reaver se aprofundou. — Não faço ideia.

A música na festa começou de novo, sugerindo a Reseph para sair de lá. Um ano atrás, teria ficado e começado um jogo de vôlei ou algum tipo de desafio de bebida. Agora queria participar, mas queria Jillian com ele. Ele a levaria nas ondas para surfar, e talvez mexer com ela um pouco debaixo d'água, onde ninguém, mas só ela sabia o que suas mãos estavam fazendo. Mais tarde, quando todo mundo fosse embora, faria amor com ela na praia com toda a reverência que merecia.

Uma pontada de solidão e perda rasgou através dele. — Obrigado — Ele disse a Reaver. — Obrigado por me dar Jillian por um pouco de tempo. — Considerava-o seu pai, desejou que tivesse sabido a verdade mais cedo. Como quando era uma criança, teria sido bom. — Foi você, não foi? Na noite em que foi atacada, ela disse que ouviu asas. Você estava lá.

— Sim. — Ele tocou o cabelo de Reseph com carinho surpreendente. — Era difícil manter o controle de Pestilence, uma vez que ele foi tantas vezes em Sheoul. Mas essa noite...

— Naquela noite, ele estava caçando Aegi — Reseph disse, lembrando as dezenas de Guardiões que perderam suas vidas ao longo de um par de horas.

Reaver assentiu. — Finalmente fui capaz de alcançá-lo. Sou a razão que Pestilence foi interrompido naquela noite. Sussurrei no ouvido de um policial que ele deveria fazer uma patrulha de rotina no estacionamento.

Pestilence e os demônios caíam fora uma vez que torturava suas vítimas praticamente as usava de qualquer maneira. O bastardo doente.

— Deixe de lado a culpa sobre o que aconteceu naquela noite, — Disse Reaver. — Não foi você. Você e Jillian precisam um do outro para curar o que Pestilence fez.

— Eu preciso dela. Ela não precisa de mim.

— Você está errado — Reaver murmurou.

Não pensava assim, mas não tinha vontade de discutir. Tinha que encontrar um lugar para viver, matar um pouco mais de babacas amigos de Pestilence, e passar um tempo no celeiro de Jillian como

um perdedor.

Sim, sua agenda estava cheia.

Malditamente cheia.

Jillian não atendeu ao telefone por dois dias. Nunca ignorava os apelos de Stacey antes, mas como iria explicar o que aconteceu com Reseph? A situação não era exatamente um rompimento típico.

Então... Meu namorado matou um monte de gente.

Não, isso não era apropriado.

Acontece que meu amante assassinado milhões de pessoas.

Melhor, mas ainda não chegou a atingir esse fator de horror de cair o queixo.

Antes de encontrá-lo congelado em um monte de neve, meu amante meio-demônio torturou e abateu homens, mulheres e crianças aos milhões.

Perfeito. E, então o velho Bronco de Stacey estacionou até a casa, Jillian se preparou para o *eu-te-avisei*. Mas primeiro ela tinha que ouvir o discurso *por-que-diabos-você-não-atende-ao-telefone*.

No segundo que Jillian abriu a porta, Stacey estava dentro. — Por que diabos você não atende ao telefone? Você sabe o quão preocupada eu estive? Tinha certeza de que estava morta na floresta em algum lugar! — Stacey fez uma pausa para respirar, olhando Jillian cima e para baixo. — E quando foi a última vez que o seu penteou cabelo ou tomou banho ou se vestiu?

— É bom ver você também, Stace. — Jillian ficou para trás para deixar a sua amiga entrar.

Stacey saiu de sua parka quando Jillian fechou a porta. — Então. O que está acontecendo? — Stacey tirou suas botas e olhou em volta. — Onde está Reseph?

Um pedaço de emoção entupiu a garganta de Jillian, e ela teve que engolir algumas vezes antes que pudesse falar. — Ele não está aqui.

— Bom. — Stacey começou em direção à cozinha. — Queria falar com você a sós. — Ela serviu-se de um Sprite da geladeira.

— Por que isso?

Virando-se para Jillian, Stacey abriu aba do refrigerante. — Precisava pedir desculpas. Fui um pouco dura com você e Reseph. Você teve um momento difícil e se precisa dele em sua vida, não tenho o direito de interferir.

— Você estava apenas olhando por mim — Disse Jillian miseravelmente. — Se tivesse tomado em um completo estranho, sem história de fundo, teria feito a mesma coisa. — Acabou que Stacey tinha razão para se preocupar o que a fez ainda pior.

Stacey correu o dedo ao longo da borda da lata, evitando seu olhar. — Talvez. Mas acho que estava um pouco ciumenta, também. A maneira como ele estava olhando para você... Tipo que me fez me sentir inútil, sabe?

— Oh, Stacey. — Sua voz era brinde, suas palavras saindo como um murmúrio. — Você nunca pode ser inútil. — Ela correu para a melhor amiga e lhe deu um grande abraço, nem mesmo percebeu até aquele momento o quanto ela mesma precisava de um.

Stacey soube, no entanto, e quando recuou, Stacey endureceu. — O que há de errado?

— Você provavelmente deve se sentar.

— Droga, Jillian, você está me assustando.

Assustando você? Amiga, você não viu medo ainda. Sentou-se à mesa e fez um gesto para Stacey para se sentar. — Reseph teve sua memória de volta.

Stacey respirou duro quando puxou uma cadeira. — Oh, uau. É por isso que não está aqui? Onde ele está? O que o fez lembrar?

— É ruim, — Disse Jillian. — Realmente inacreditável.

Os dedos de Stacey apertaram a lata. — Não me diga que eu estava certa. Que ele é um traficante de drogas ou serial killer ou algo assim.

— Pior ainda, — Ela murmurou.

— Como é que pode ser pior do que um serial killer? — Stacey balançou a cabeça. — A menos que ele seja um ditador genocida ou algo assim.

Seu estômago se virou, e ela pegou o refrigerante de sua amiga, bebeu a metade dele antes que pudesse falar novamente. —

Você está ficando mais perto.

Stacey olhou. — Isto não é algum tipo de piada de mau gosto, não é? Pessoas com câmeras não vão sair do seu armário, certo?

— Basta pensar sobre o ano passado. Sobre os demônios. Países inteiros invadidos por eles.

— E então?

— E alguém estava por trás disso. Tudo isso. — Tinha aprendido todos os porquês nos últimos dois dias, graças a um livro dos Cavaleiros deixado em sua mesa de cabeceira. Foi uma leitura fascinante, completamente inacreditável, se não tivesse experienciado os Cavaleiros e seu mundo.

Por um longo momento, Stacey apenas ficou lá. — Sei que você não está dizendo Reseph é esse alguém, — Disse ela lentamente.

Um frio a enrolou na verdade, frio vindo dos lábios de sua amiga. Só parecia tão real, tão pior quando Stacey disse.

— Isso é o que estou dizendo. Seus irmãos e irmã apareceram, e ele se lembrou de tudo. Isso vai parecer loucura, mas... Ele é um dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse.

Silêncio mortal caiu na casa. Tinha certeza de que Stacey parou de respirar. E então se levantou tão rápido que sua cadeira inclinou.

— Pare com isso — Stacey estalou. — Se isso é uma piada, não é engraçada. E se isso não é uma piada, eu vou matar aquele bastardo por brincar com a sua cabeça assim. Que porra é essa? Sério? Ele a fez acreditar que ele é um pouco de lenda bíblica? — Ela chupou uma

respiração afiada e agarrou a mão de Jillian. — Oh meu Deus, ele te viciou em drogas?

Jillian se afastou. — Não, e sei que isso parece loucura, mas eu vi tudo com os meus próprios olhos. Ele se lembrou, e enlouqueceu. Acontece que o selo dele quebrou e ele tornou-se mal. Acho que um de seus irmãos o matou, e depois um anjo o resgatou do inferno, apagou sua memória, e o enviou aqui para que eu pudesse cuidar dele para restabelecer sua saúde.

Muito calmamente, Stacey endireitou na cadeira e sentou-se

novamente. — Querida, eu acho que talvez devêssemos ir para o hospital.

Então, isso não estava indo muito bem. — Não preciso de um hospital. Preciso que você acredite em mim.

Fechando os olhos, Stacey esfregou as pálpebras, parecendo de repente muito cansada. — Ok, vamos dizer que eu acredito em você. — Ela abriu os olhos, considerando com preocupação. — Onde está Reseph agora?

— A Grécia, talvez. É onde a irmã de Reseph, Limus, me levou.

— Você... Esteve na Grécia. — A voz de Stacey pingava com descrença.

Jillian assentiu. — Nós viajamos por algum tipo de portal que lhes permite estar em qualquer lugar em segundos. Fomos a casa de Ares, irmão de Limus e Reseph. Reseph estava em má forma. As lembranças do que ele fez o assombra.

— Espero que sim, já que ele é responsável pela morte de milhões de pessoas. — Stacey tossiu um pouco. — Você sabe, se for verdade.

— É verdade. Mas não era ele. Era sua metade má, um demônio chamado Pestilence.

— Ceeerto. — Stacey olhou para Jillian como se a estivesse avaliando para uma camisa de força. — Talvez você devesse vir ficar comigo por um pouco. Vamos encontrar alguém para cuidar dos animais, e você pode descansar um pouco.

— Não preciso de descanso.

— Ok, e se Reseph voltar? — Claramente, Stacey viu Reseph como uma ameaça, mas provavelmente porque achava que ele feito uma lavagem cerebral nela ou a tornado uma louca viciada em drogas.

— Eu não sei. — E esse era o problema. Não sabia como se sentia sobre tudo o que tinha acontecido. Tudo que sabia era que amava Reseph, o que tornava o que ele fez como Pestilence mais difícil de lidar.

— Então está dizendo que você pode perdoar tudo o que seu alter ego fez? Sabe como qualquer cara que você já namorou acabou

por ser quem você pensou que fossem? Bem, se fosse uma competição, Reseph ganharia medalha de campeão do mundo com triplo-ouro. — Stacey

deu a Jillian um olhar que acrescentava *Se o que você está dizendo é verdade*.

A campainha tocou, fazendo com que tanto Jillian e Stacey quase pulassem para fora de sua pele. Stacey alcançou automaticamente o seu coldre antes de xingar sua ausência.

— Roupas civis, — Ela murmurou. — Deixe-me abrir a porta.

— Não seja boba. Não sou uma inválida. — Ela abriu a porta e silenciosamente amaldiçoou.

— É bom vê-la novamente, — Disse o cara Aegis, Lance. Ele olhou por cima do ombro de Jillian e deu um breve aceno de cabeça. — Policial Markham.

— Quem é você, — Perguntou Stacey, movendo-se ao lado de Jillian. — Como você sabe o meu nome?

— Nós sabemos mais do que você pode imaginar. — O sorriso condescendente de Lance era tão irritante quanto a sua resposta.

— Lance e Juan são da Aegis, — Jillian se moveu fora, sem tirar os olhos de Lance. — A organização que caça demônio.

Stacey olhou para os homens e seu caminhão, sua expressão cautelosa. — Você está aqui sobre os assassinatos locais? Já houve uma equipe do DART aqui para investigar.

Ah, certo. Jillian tinha se esquecido de mencionar que os caras DART também estavam envolvidos com os Cavaleiros. Um deles tinha mesmo casado com um. Isso teria sido o prego no caixão do ceticismo Stacey.

— Nós não estamos aqui por causa disso, — Disse Juan. — Nós estávamos pensando se Jillian tinha visto Reseph recentemente.

Jillian realmente não gostou da vibração que tem com esses caras. — Eu já lhe disse tudo o que você precisa saber.

— Então você não vai se importar se revistarmos a sua propriedade e manter um olho nela — Disse Juan, e não era uma pergunta.

— Sim, eu me importo.

Stacey empurrou passando Jillian. — O que é isso? Se Jillian está em perigo...

— Estamos todos em perigo, — Lance interrompeu. — Cada dia que um Cavaleiro e sua família estão soltos coloca o mundo em risco. — Ele olhou para Jillian. — Ou talvez você não se lembre de toda a cobertura das notícias das pragas e massacres. Talvez não se lembre das hordas de desova do mal que pularam como gafanhotos todos os continentes. — Seus lábios abertos de volta um sorriso de escárnio. — Talvez não se lembre de que foi atacada por demônios, Srta. Cardiff? Abrigando um dos Cavaleiros do Apocalipse não é um delito menor. É um crime contra a humanidade, você vai ganhar um lugar no lado errado da lâmina de um carrasco. Lembre-se disso. Se vê-lo de novo, vamos esperar uma chamada.

Lance e Juan voltaram para seu caminhão, deixando-a cuspiendo louca. Como ele descobriu sobre o ataque? Revirando registros hospitalares, provavelmente, não era difíceis se aposar de um, mas isso significava que eles estavam cavando em seu passado. E como se atrevem ameaçá-la?

— Que idiota, — Ela murmurou quando bateu a porta. Ela virou-se para Stacey, que parecia como se tivesse visto um fantasma. — Stace?

Stacey piscou os olhos vidrados. — Oh meu Deus. É real. — Ela lambeu os lábios secos. — Não acreditava em você, mas a menos que um especialista em demônio tomou a mesma droga que você... Oh, puta merda. Você estava... Você estava dormindo com um dos Quatro Cavaleiros do porra Apocalipse.

— Hum... Sim.

Em seguida, Stacey, que nunca desmaiou em sua vida, caiu.

CAPÍTULO 33

Limus não conseguia parar de sorrir. Sorriu por todo o resto da festa na praia, e durante a limpeza, e agora que todo mundo tinha ido embora, ela e Arik estavam sozinhos em sua casa, ela ainda estava sorrindo como uma idiota.

— Estou feliz que você conseguiu um papai como final feliz — Disse ele, quando ela saiu do banheiro principal. — Ainda não consigo acreditar Reaver é seu pai.

— Acho que ele ainda está em estado de choque, também. — Ela abriu a porta de vidro entre o quarto e o deck, pisou fora na brisa da noite quente. — Você viu como ele olhou para Logan depois que descobriu que o bebê era seu neto?

Arik a seguiu para fora, vindo por trás dela, abraçando-a contra a grade enquanto olhavam para o oceano. — Sim. Ele não conseguia parar de olhar. — Esfregou a parte de trás do pescoço dela, e arrepios agradáveis deslizaram sobre sua pele. Adorava quando ele fazia isso. — É estranho pensar nele como um vovô, no entanto. Ele parece que está na casa dos trinta. Trinta e cinco no máximo. Não posso acreditar que ele é tão antigo. Dinossauro antigo. Como a Era pré-roda.

— Engraçado, Arik. Muito engraçado. — Ela se mexeu para se emparelhar ao ombro dele. — Poderíamos ser tão velhos como a sujeira, mas isso significa apenas somos muito mais sábios do que você.

Ele sorriu, e a tinha toda fraca, do jeito que ela sempre ficava quando ele sorria. — Tudo o que você diz senhora.

— Oh, por isso você não vai ganhar nada essa noite.

— Sim?

— Sim. — Foi totalmente uma ameaça vazia e ele sabia disso, até riu quando ela se abaixou debaixo de seus braços e pisou para o quarto. Estava definitivamente indo na cama, especialmente desde que ele passou o dia inteiro aprontando com ela em todas as

oportunidades sussurrando coisas eróticas em seu ouvido. Disse a ela o que ia fazer quando eles estivessem sozinhos, como ia fazer, em que parte do corpo iria fazer... Tudo nos mínimos detalhes. Ela tinha segurado por tanto tempo que mal podia esperar para correr para dentro da casa, arrastando-o atrás.

Então, ele recebeu um telefonema de Decker, que a permitiu esfriar, mas só um pouco. Ligou o ventilador de teto e despojou de seu biquíni, lentamente, para que Arik fosse torturado por tanto tempo quanto possível. Adorava a maneira como seus olhos escureciam e todo o seu corpo ficava tenso, e quando saiu do biquíni, um baixo grunhido retumbou em seu peito. Com um sacudir petulante de seu cabelo sobre o ombro, caminhou de volta para o banheiro e fechou a porta.

— Disse que você não estava ganhando nada — Ela gritou.

Ela ouviu o som inconfundível de um zíper, e então — Estou conseguindo um pouco agora. — Sua voz era baixa e áspera, o calor construído entre as pernas para a imagem conjurada dele acariciando a si mesmo.

Ok chega de provocação. Precisava dele em seu sexo. Boca ou pênis, não se importava.

Ela começou a girar a maçaneta da porta e, em seguida, dê, lembrou-se da razão pela qual voltou para o banheiro em primeiro lugar. Virou-se para o banheiro... E parou de respirar.

— Arik, — ela resmungou.

Ele entrou pela porta, sua expressão cheia de preocupação. — O quê? O que é isso?

Com a mão trêmula, ela pegou o pauzinho branco na parte de trás do vaso sanitário. — É... Nós. — Olhou para ele, seu inteiro corpo tremendo agora com alegria. — Nós vamos ser pais. Estou grávida. Finalmente estou grávida!

Arik a agarrou em um enorme abraço de urso e a levantou do chão, o seu grito com um toque de riso em seu ouvido. Este era o final perfeito para um dia perfeito. Conheceu quem é seu pai, um homem que já amava como um pai, e agora o homem que amava como um marido iria ser pai.

E finalmente teve tudo o que sempre quis. Cinco mil anos de espera definitivamente valeram a pena.

Reseph estava no pequeno túmulo na ilha de Steara em Sheoul. Costumava visitar anualmente, mas havia um longo tempo desde que esteve aqui. Culpa e tristeza em volta do seu coração como arame farpado, cavando mais a cada batida.

Reseph era tão fraco, maldito. Por cinco mil anos acreditou que era insensível à dor e ao embaraço emocional. Manteve as fêmeas longes, e fez o seu melhor para nunca deixar a conversa com sua família ficar muito séria. Não podia deixar os seus irmãos e irmã chafurdarem na miséria ou solidão, certo? Sim, pensou que estava fazendo isso por eles. Para ajudá-los.

Mas então se sentou no celeiro de Jillian e a observou cuidar dos animais como algum tipo de perseguidor patético, e ele percebeu que tudo o que fez foi impedi-lo de ter que pensar muito sobre seus próprios sentimentos. Porque a coisa era, o velho Reseph estaria empurrando Jillian para fora de sua mente até agora, ou teria estourado no celeiro, com toda a conversa suave, sorrisos, e encantos para levá-la volta para sua cama. Não de volta a sua vida, mas a sua cama.

Foi um bastardo. Odiava ficar sozinho tanto que preencheu sua vida com festas e mulheres. Tantas fêmeas. Apesar de toda a companhia era frio e sozinho, do jeito que Jillian o tinha encontrado no banco de neve. Como foi a sua vida. Reaver sabia exatamente como deixar isso bem claro para ele, não tinha?

Mas agora a única coisa que queria era reuni-lá em seus braços e parar as lágrimas.

Entre viagens para Sheoul para destruir os demônios que tinham ajudado Pestilence a causar muitos danos e visitas a várias organizações de ajuda humanitária para fazer doações, tinha a verificado três vezes nos últimos três dias. Enquanto estava feliz em ver que ela estava tão forte como nunca, lidando com as tarefas e a neve muito bem, havia uma tristeza sobre ela. Esta manhã, quando Fang-Doodle a seguiu para fora do celeiro e

choramingou lastimosamente em cima de um fardo de feno, Jillian havia limpado as lágrimas.

— Você perdeu Reseph, não é amigo? — Ela disse ao gato. — Eu também. Mas ele disse uma vez que tem que deixar ir.

Reseph queria sair do Khote e estar de voltar, mas ficou sentado, paralisado, enquanto ela puxava o passarinho que ele esculpido de seu bolso e partiu ao meio antes de jogá-lo no lixo.

Jillian, que segurava tudo, incluindo um anel de um cara que não merecia estar respirando, tinha jogado o seu presente fora.

— Acho que isso inclui as pessoas também — Ela sussurrou.

Ela fez com ele. Sentiu como se todo o seu corpo implodisse sob o peso de sua agonia.

Como poderia ter dito isso? *Porque você viveu por essa regra, idiota.*

Levou várias horas para percorrer toda a sua vida, para encontrar o evento onde tudo começou. Era provavelmente justo dizer que houve uma série de eventos, mas um em especial se destacou, e o encheu de vergonha. O pequeno túmulo a seus pés continha um ser humano que não deveria ter morrido e que, se Reseph tivesse sido mais vigilante, não estaria condenado ao sofrimento eterno no inferno.

Caindo de joelhos, abaixou a cabeça. — Sinto muito, Ariya. Desculpe-me, não estive aqui para você. Desculpe-me, não lutei por você do jeito que deveria. Não posso fazer isso por você, mas posso fazer as pazes com alguém. E nunca vou perder o seu aniversário de novo.

Inclinou-se a frente e deu um beijo na lápide que foi esculpida por ele próprio. A sensação de paz caiu sobre ele, e podia quase acreditar que sua irmãzinha havia lhe dado sua bênção.

Falhou com Ariya, mas não falharia com Jillian. Ia lutar por ela do jeito que devia ter desde o início.

CAPÍTULO 34

Jillian estacionou a picape ao lado da casa, e mesmo antes de desligar o motor se deu conta de uma presença próxima.

Os cabelos na parte de trás do seu pescoço se arrepiaram como se ela estivesse sendo vigiada. Se esses idiotas Aegis a estavam espionando, iam ver o fim do cano de sua espingarda.

Xingando, pulou para fora do caminhão e andou para frente da casa. Quando abriu a porta o aroma fresco de árvore chegou nela. A luz derramava na sala de estar um familiar brilho multi colorido, e quando entrou, viu a árvore de Natal iluminada no canto. Abaixo dele, empilhados, havia dezenas de presentes embrulhados.

Um nó se formou em sua garganta e borboletas voavam em sua barriga, e quando sentiu o movimento atrás dela, as borboletas enlouqueceram.

— Reseph — Ela sussurrou.

— Feliz Natal — Ele respondeu suavemente. — Eu sei que é cedo, mas nunca tivemos a chance de conseguir a árvore de que falamos.

— Porque você tem sua memória de volta. — Ela virou-se lentamente, preparando seu coração. Não funcionou. A visão dele deixou o estúpido órgão idiota dolorosamente contra as costelas. Deus, estava tão lindo como sempre, ali no jeans e uma pulôver térmica preta, seu cabelo caindo em ondas loiras exuberantes para os ombros.

— Sinto sua falta. — Ele limpou a garganta. — Quero fazer isso para você.

Queria fazer isso para ela, mas não queria o fato de estar amarrado com ela? Sem chance. — Não quero ouvir isso. Quero que você vá, e não quero vê-lo por mais onze meses e meio.

— Não estou indo embora. — Sua expressão endureceu. — Não até que termine com o que eu tenho a dizer.

— Então vai falar com a parede, porque não estou interessada. — Começou ir para o quarto, decidida a fechá-lo aqui, mas não deu

dois passos quando se viu apoiada contra a porta da frente, as mãos de Reseph sobre os seus ombros, sua boca na dela. Oh, era bom estar assim de novo. Tão bom que ela queria chorar de alívio... E raiva.

— Vou falar para a parede — Disse contra seus lábios. — Vou falar com a janela, com a lareira, inferno, vou falar com a porra do tapete. Mas eventualmente vou chegar a você, e vai ouvir.

— Eu te odeio. — Ela enfiou as mãos em seus cabelos e o beijou de volta. Duro.

Ele capturou seu lábio inferior entre os dentes e depois lavou a mordida suave com a língua. — Eu te amo. — Um zumbido tanto de prazer e dor em suas palavras picou através dela.

— Você me machucou. — Ela abriu sua calça e o levou em sua mão. Seu comprimento duro empurrando em sua mão, e ele gemeu. Amava esse som. Amava o que ela podia fazer com ele, precisava dela.

— Jillian... Para. — Ele prendeu seu pulso e a forçou parar de acariciar.

— Droga, — Ela retrucou, empurrando seu peito, embora fosse como tentar mover uma parede de tijolos. — Disse que queria fazer isso para mim. Isto é o que eu quero. Me magoou. Me fez te amar. Me prometeu que gostou desta vida e queria estar comigo, e depois arrancou tudo fora.

— Eu sei. — Ele soava como se tivesse engolido areia. — É por isso que estou aqui. Mas precisamos conversar primeiro.

— Falar? Você? Sr. Que ama sexo casual? — Empurrou-o novamente. E mais uma vez. Como se empurrando ia trazer de volta toda a felicidade que tinham compartilhado. Quando ele não se moveu, mudou de tática e arrancou sua camiseta. Foi para seus jeans, mas desta vez Reseph agarrou as duas mãos.

Um som áspero irrompeu de sua garganta. — Jillian, pare com isso. — Olhou para Jillian e quase balançou a forma como os seus olhos brilharam com cacos de luxúria. — Estou no limite agora. Estar aqui com você está deixando meu sexo de metade demônio com raiva. Quero tanto montar você. Jogá-la contra a parede e bater em você até que o teto caia em cima de nós.

Um soco poderoso de excitação fez tremer seu corpo com as

palavras de Reseph. — Então qual é o problema?

— Não quero isso assim, e nem você.

— Você não tem ideia do que eu quero — Ela gritou. Com um grunhido, ela deslizou para fora da calça jeans. — Queria que lutasse por mim em vez de contra mim. Queria que você confiasse em si mesmo, tanto quanto confiei em você. Queria que você quisesse ser amarrado.

A sombra de vergonha atravessou seu rosto, mas em um instante se foi, substituída pela intensa, perigosa luxúria que sempre permeou sua vida amorosa.

— Cometi erros — Ele rosnou. — Mas estou aqui agora.

— Bem, dê ao homem uma medalha, — Disse entre os dentes, e antes mesmo de terminar a frase, ele a puxou de seus pés e a jogou no alto da parede. Sua boca estava sobre a dela em um exigente beijo, quase brutal. Ruídos de animais saíram dele quando enfiou os dedos em sua parte inferior para levantá-la e rebaixá-la sobre sua ereção.

Ele entrou nela de uma vez, poderosa onda, e então estava batendo nela do jeito que disse, seus quadris martelando contra ela. Êxtase rolou através dela, seu orgasmo chegou tão rápido que sua mente girava. Ela se debatia contra Reseph, amando como ele não estava poupando sua boca e costas a pressionando contra a parede, ou o seu sexo quando bombeava para dentro dela em um cruel e doloroso golpe.

Seu ritmo acelerou, mas como isso era possível, não tinha ideia. Ele empurrou violentamente, seu corpo trêmulo, e outro clímax rasgou-a quando seu sêmen quente espirrou em seu interior.

Um grito rasgou de sua garganta, e ambos convulsionando, inundados por prazer. Quando os tremores e respirações ofegantes diminuíram, os músculos de Jillian se tornaram a água, e muito gentilmente, Reseph levou seus pés para o chão.

— Foda-se — Ele murmurou, empurrando-se para longe.

Ela piscou os olhos, seu cérebro enovados não está funcionando ainda. — O que há de errado?

Ele fechou o zíper e, em seguida, pegou o cobertor no encosto do sofá e entregou a ela. — Preservativo. Esqueci-me de protegê-la

novamente. Quero saber se você está grávida.

Estava na ponta da língua para perguntar o que faria se estivesse, mas de repente estava cansada demais para lutar. — Eu não fiquei da última vez. — Ela começou seu período o dia depois que voltou da Grécia, e ficou estranhamente triste com isso. E Deus, quão bizarro era pensar que poderia ter engravidado por um dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse?

Viu-a embrulhar-se no cobertor, as luzes da árvore de Natal brilhando em seus olhos. — Você está bem? — Sua voz era grave. — Fui muito rude com você.

— Honestamente, não acho que seria possível. — O ar estalava com a tensão instantânea como aquela noite no estacionamento do aeroporto entre eles. Caramba. Ela rapidamente fingiu que não percebeu a tensão na sala. — Onde você esteve hospedado? Estava preocupada com você.

— Em uma velha cabana de caça na Suíça.

— Tão longe, — Ela meditou. Rodando por perto, ele ajeitou a guirlanda de prata em volta da árvore.

— Não quando tudo o que tenho a fazer é passar por um portal para estar em qualquer lugar do mundo em segundos.

— É verdade — Disse ela. — Mas achei que você odiava a neve.

Reseph sorriu. — Aprendi a gostar dela, acho. Lembra-me você.

A dor surda começou a bater no peito, porque não estava pronta para "falar" ainda. Suas emoções estavam muito cruas. — Mas você não gosta de ficar sozinho.

Seus ombros eram indiferentes. — Sem a minha família e você, não quero estar com mais ninguém.

— Sua família foi embora? — Ela tinha a esperança de que com o retorno de sua sanidade mental, seus irmãos o receberiam de volta.

— Eles não têm escolha, Jillian. Se Pestilence retorna, eu poderia me voltar sobre eles.

Isto de novo. Ela reuniu o cobertor mais firme em torno dela.

— Isso não iria acontecer.

— Nós não podemos garantir isso.

Ela sentiu vontade de gritar de frustração. — Deus, Reseph, como posso ter fé em você, mas você não?

Reseph se afastou dela, e sua voz foi baixa. — Tive que gastar um monte de tempo a sós, Jillian. E acontece que não gosto muito de mim. Agora sei por que me cerquei de pessoas. Era superficial e vão, e não podia me deixar me apegar a ninguém. — Ele inalou uma respiração instável. — Eu fui para Sheoul hoje para visitar o túmulo da minha irmã.

Sério? Ela entendia perda muito bem, e chegou para perto dele. Mas foi para o conforto dele, ou dela? — Você tem uma irmã? Um Cavaleiro?

— Humana. — Ele continuou brincando com a árvore, reorganizando enfeites e luzes. — Minha verdadeira mãe, o demônio do sexo, me abandonou com uma fêmea humana que me criou como sua. Claro, ela não era muito melhor do que a mãe demônio. Minha mãe humana

me deixou sozinho para cuidar de mim mesmo tanto que acho que fui desnutrido durante os primeiros 12 anos da minha vida. Quase morri em um incêndio uma vez, porque não havia ninguém por perto para me salvar. Ainda não sei como saí dele. — Ele encolheu os ombros. — De qualquer forma, não sabia que ela não era minha mãe, até que fui um adulto.

— Foi quando você foi amaldiçoado a ser um Cavaleiro, certo?

— Sim. — Ele moveu um bulbo vermelho ao lado de um azul.

— Minha mãe humana deu à luz uma menina um ano antes de nossa maldição. — Afeto encharcou sua voz. — Ariya era ótima. A única coisa que realmente me fez feliz. Não a via tanto quanto deveria... Eu estava sempre bebendo e me prostituindo. E então, depois de nossas maldições, tivemos todo o tipo de loucura por um tempo.

Tinha lido sobre seus alvoroços de morte, a destruição que eles causaram em todos os lugares que passaram. Para Reseph, depois de ter sido amaldiçoado como Pestilence, foi dado o poder de infligir pragas em pessoas, animais e plantas, e sua faixa de morte foi

generalizada.

— Quando finalmente voltei para casa durante um período de lucidez, achei que, como de costume, minha mãe tinha deixado Ariya sozinha. Tentei cuidar dela, mas... — Seus ombros largos subiram e desceram algumas vezes antes que continuasse. — Mas fiquei louco de novo, bebendo,

fodendo, matando. Foi apenas dois dias, mas na hora que voltei para casa, Ariya tinha ido embora.

— Foi para onde?

— Um demônio a levou. Segui aquele filho da puta para Sheoul e o fiz sofrer durante dias antes de matá-lo.

— E a sua irmã? — Jillian perguntou fracamente.

— Morreu quando o demônio a levou através do Harrowgate. — Ele virou-se, a devastação gravada em sua expressão. — Desde que ela morreu em Sheoul, sua alma está presa lá por toda a eternidade para ser torturada por qualquer demônio que pode detectar almas.

Horror peneirou quente e frio através de Jillian como gelo seco, e bateu a mão sobre sua boca. — Oh meu Deus, — Ela murmurou na palma da mão. — Isso é... — Não havia nenhuma palavra para isso, então desistiu de tentar encontrar uma.

— Sim. — Ele inalou, tendo um tempo muito longo. — Eu a enterrei na melhor parte de Sheoul, e não queria deixá-la durante meses. Não comia. Não bebia. Dormia ao lado de sua sepultura. Limus finalmente me encontrou e me arrastou para fora de lá. Mas doe como o inferno por muitos anos. Depois disso, acho que nunca quis amar alguém assim novamente. Sei que nunca quis sentir isso de novo. Mais fácil ser feliz e solto. Tomar o caminho fácil, como Ares colocou.

— Mas você se apegou novamente, certo? — Ela engoliu o nó em sua garganta. — Você se apegou a mim.

Ele riu amargamente. — Mas será que meu velho eu teria ficado amarrado? Não. Eu teria te fodido e te deixado tão rápido que sua cabeça teria girado.

Suas palavras feias perfurou um buraco em seu peito, mas seguiu em frente, determinada a fazer algum sentido para ele. — Isso é o que estou tentando lhe dizer. Você não é mais aquela pessoa. E

você não é o demônio que tentou iniciar o Apocalipse. — Em algum nível, ainda não podia acreditar que estava dizendo coisas desse tipo.

— Mas não sou o Reseph você conheceu também.

— Ele é o verdadeiro você, — Ela insistiu com o Reseph com sua voz severa. — Ele foi quem saiu quando não havia nenhuma história para moldar sua personalidade.

— Talvez. — Ele se aproximou e se sentou em frente a ela na mesa de café. — Quem quer que eu seja, vou lutar por você. Quero você na minha vida. Quero que você seja minha companheira, e eu quero que você tenha os meus filhos.

Ela piscou. Puta merda ia cair. Quando ele pula em algo, pula todo o caminho para o abismo, não é? Não testa as águas.

— Você não precisa responder agora. Estou disposto a esperar. É provavelmente o melhor de qualquer maneira. — Talvez ainda estava se recuperando da parte da companheira e a coisa de filhos, mas estava confusa como o inferno sobre a última parte disse.

— Esperar? Não é que discorde, mas... Por que é o melhor?

— Porque ainda não tenho certeza de que posso manter Pestilence na baía. Não tenho certeza se posso corrigir minha cabeça o suficiente para protegê-la.

Seu coração se afundou. Caiu direito a seus pés. — Então, nós não podemos ficar juntos — Ela resmungou.

Ele endureceu. — O que você quer dizer?

Deus, como isso poderia estar acontecendo? — Não posso passar por isso novamente. Não posso estar com você e me perguntando se algum dia ele vai sair porque você não tem fé em sua capacidade de controlar Pestilence.

— Não vai ser assim. — Ele pegou sua mão e apertou, puxando-a mais perto. — Estarei aqui para você. Posso precisar de tempo agora então, mas vou estar aqui. Poderia ser apenas um tempo antes que possamos nos estabelecer com a família.

— Quanto tempo?

Houve um longo silêncio. — Não posso responder a isso. Ainda não.

— Exatamente. Não vou ficar esperando por anos, só para ter

você um dia dizer que não pode acontecer. — Seus olhos ardiam e sua visão borrou quando saiu de perto dele e ficou de pé. — Eu amo você mais do que nunca ameí ninguém, e eu sei que não posso viver com essa dor.

Preparou-se contra a dor em seus olhos. O homem que amava estava lá, mas ele tinha que perceber que ela não podia voltar atrás.

— Vai Reseph. Eu te amo, mas não posso ficar com você até que você possa confiar em si mesmo do jeito que eu confio em você. Não vou me comprometer com o que eu quero. — Fez isso com cada homem que esteve e seus relacionamentos sempre tinha terminado mal.

Reseph, mais do que qualquer um dos outros, tinha o poder de destruí-la.

Reseph moveu-se para ela, mas se esquivou e fez um gesto para a porta. — Droga Jillian não vou desistir.

— Essa é a sua escolha, — Ela disse. — Mas sei que não vai dar certo. — No momento em que a porta se fechou, Jillian caiu no chão em uma poça de cobertores. Não iria chorar. Não outra vez. Disse a si mesma mais e mais, mas as lágrimas vieram de qualquer maneira.

CAPÍTULO 35

— Está tudo no lugar?

De dentro do Khote, Gethel olhou para pequena fazenda de Jillian Cardiff. — Sim. — Ela virou-se para Lúcifer, que dividia o espaço invisível. — O Aegis acredita que lhes dei as ferramentas para capturar e prender os Cavaleiros. Na parte da manhã, o plano deles começa.

Os olhos negros de Lúcifer brilharam e ele sorriu. Como um anjo tinha sido bonito. Como o segundo mais poderoso anjo caído em Sheoul, ele era impressionante.

— E o nosso plano começa logo depois disso.

Gethel tremeu com antecipação. Ao meio-dia de amanhã, um bando de pássaros iria derrubá-los com uma pedra. Lúcifer atingiria um poderoso golpe aos Aegis, e ele daria a punição aos Cavaleiros como nunca tinham visto. Reseph cometeu um grande erro quando procurou vingança contra aqueles que haviam se aliado com Pestilence. Matar Lilith foi um erro o fatal, erro que selou seu destino.

Lúcifer não poderia destruir os Cavaleiros, mas desenvolveu uma armadilha de proporções épicas. — Você está certo de que sua gaiola vai segurá-los? — Ela perguntou.

— A prisão é construída com veneno de cão infernal, pego a partir de centenas de animais. Os Cavaleiros só precisam tocar as paredes da gaiola e vão ficar imóveis. Também vou ter os magos mais poderosos de Sheoul continuamente refrescando e renovando as paredes para que elas nunca enfraqueçam ou percam potência.

— Excelente. — Ela sabia que ele também planejava pendurar suas gaiolas acima da lareira para que os babacas assassinassem por toda a eternidade. Uma vez presos, mesmo que os seus selos bíblicos quebrassem, eles não seriam incapazes de fugir ou lutar ao lado do bem no Apocalipse. — Não esqueça o meu pagamento.

Lúcifer inclinou a cabeça. — Filho de Thanatos será seu para fazer o que quiser com ele. Ele estendeu a mão e tocou a ponta de sua

asa, e ela estremeceu com tanto prazer e medo, uma combinação inebriante. — O que você planeja para ele?

A criança era uma perfeita e bela combinação de luz e escuridão, com fortes tendências de Anjo de Batalha, bem como um poderoso meio demônio. Tanto potencial.

— Tenho a intenção de explorar o seu lado demônio e elevá-lo a ser um assassino de anjo.

Lúcifer sorriu. — Bom.

Difícilmente. Não tinha nenhuma intenção de ser agradável. Mas, então, nem Lúcifer. A história dos horrores que provocaria aos Cavaleiros e seus entes queridos seriam escritas em seu sangue e passadas ao longo da história. Os Cavaleiros pagariam virando as costas para ela. E ela ia adorar vê-los sofrer.

CAPÍTULO 36

A manhã chegou muito cedo para Jillian. Ela odiava manhãs, agora que Reseph foi embora. Odiava acordar sozinha. Odiava sentir o lado frio do colchão. Odiava não ter ninguém para cozinhar o café da manhã.

Custou abrir os olhos inchados, arrastou-se para fora da cama e para o banheiro. O espelho não era seu amigo de hoje. Parecia o inferno.

Ela fez a coisa certa ao mandá-lo embora? As dúvidas deixaram náuseas. Logicamente, sabia que fez o que precisava fazer para a sua autoestima, mas, emocionalmente, sentia-se infeliz. Era melhor ser principalmente feliz em um relacionamento cheio com a incerteza ou cheio de justiça própria, mas infeliz e sozinha? Ficar sozinha nunca a tinha incomodado. Nunca foi miserável. Até agora.

Fez o seu melhor para não pensar em Reseph quando se vestiu e saiu para o celeiro. Os animais ficaram felizes em vê-la como sempre. Pegou um balde de milho moído para as galinhas, e assim, quando chegou ao galinheiro, o estrondo de caminhões desconhecidos subindo a calçada a parou em seu caminho.

Duas plataformas de estilo militar com seções de caixas e tendas na parte traseira do topo, seu alarme disparou. Não havia nenhuma boa razão para veículos como estes em sua casa, e seu primeiro instinto foi de voltar para dentro do celeiro e pegar a espingarda.

Quando um dos veículos fez a parada e Lance e Juan saíram, desejou ter seguido seu instinto.

Lance a abordou enquanto Juan tropeçou através da neve profunda para a parte traseira de um dos caminhões.

— Prazer em vê-la novamente, a Srta. Cardiff.

Ela sorriu, mas sem dúvida parecia tão falso como era. — Gostaria de poder dizer o mesmo. Vou ter que entrar com uma ordem

restrição? Você não consegue me deixar em paz.

— Não se preocupe — Ele disse. — Depois de hoje você não vai nos ver novamente. Nós só precisamos que você entrar em contato com Pestilence. — Atrás de Lance dezenas de homens em uniformes saíram dos caminhões, todos armados até os dentes.

— Bem, isso vai ser um pouco difícil, já que nunca conheci Pestilence.

O sorriso de Lance estava dolorosamente tolerante. — Você sabe o que quero dizer.

— Então diga. — Ela deixou cair o balde e o milho derramou por toda a neve. — Não vou jogar seus jogos.

Todo vestígio de civilidade deixou a expressão de Lance. — Bom. Podemos começar a negociar agora. Contate Reseph.

— Por quê? — Sua mão baixou para uma bainha em seu quadril, onde acariciou a alça grossa de uma espécie de punhal.

— Porque precisamos falar com ele.

— Se você quiser falar de negócios, então sugiro que você seja sincero comigo. — Ela manteve o tom profissional, forte, e orou para que o nervosismo não aparecesse. — Você não quer falar com ele, ou você não teria trazido um caminhão e cinquenta homens vestidos como

estão, preparados para lutarem com Godzilla.

Uma dúzia de homens a rodeou e seu pulso pulou em alta velocidade. — Você quer a verdade, nós vamos dar a você diretamente. O Cavaleiro é perigoso. Todos eles são. Temos os meios para capturá-los e mantê-los, e nós precisamos de sua ajuda para fazê-lo.

— Por que você iria querer mantê-los?

— Pestilence quase provocou o fim dos dias. Você quer que isso aconteça de novo?

Que pergunta estúpida. Como se saltasse para cima e para baixo e gritasse, “sim, eu amo apocalipses!” Que idiota.

— Eles disseram que não. Seus selos não podem ser quebrados até a profecia bíblica.

Lance nivelou um olhar frio para ela, fazia muito mais frio

pelo fato de que ele estava sorrindo. — Alguns de nós não acreditamos que vão lutar ao lado do bem. E mesmo que eles lutem com nossa equipe, poderia ser séculos antes que aconteça. Entretanto, estes caras estão soltos, causando estragos.

Ela encolheu os ombros. — Eu não vi nenhuma confusão.

— Você não tem ideia do que eles fizeram. — Lance desabotoou a cinta segurando o punhal no lugar, mas se ela recusou a reconhecer suas ações ameaçadoras. — Os Cavaleiros são responsáveis pela Peste Negra, a Peste Antonine, a Guerra dos cem anos.

— Uau. Pessoas ocupadas. — Jillian cruzou os braços sobre o peito. — Eles foram responsáveis pela queda de Roma e a Primeira e segunda Guerra Mundial? Talvez a erupção do Monte Vesúvio? Furacão Katrina?

Lance não conseguiu em pegar seus bíceps. — Escute-me tiete de Cavaleiro. Conheço o seu tipo. Você é como uma daquelas mulheres patéticas que defendem seu marido abusivo, porque, no fundo, é realmente um cara legal. — Ele a puxou mais perto, arreganhando os dentes. — Você vai nos ajudar. Porque o seu namorado não é realmente um cara legal.

Ela cuspiu em seu rosto. — Vá se foder.

Xingando, Lance a empurrou longe e fez um gesto para Juan. — Vá até as merdas dela. Celular, notas, tudo. Tem que ter uma forma de contato com os Cavaleiros.

Juan a agarrou pelo braço antes que pudesse sequer pensar em fugir. — E se não encontrar alguma coisa?

A voz de Lance foi pura maldade. — Então nós a torturamos até que um apareça.

CAPÍTULO 37

Jillian estava aterrorizada mais uma vez em sua vida. O pior, de longe, foi quando os demônios a atacaram no estacionamento ATC. Até agora.

Por alguma razão, esses caras Aegis a assustavam ainda mais. Com os demônios, sabia o que esperar, dor, sangue e morte. Com Lance e Juan, o desconhecido estava a fazendo doente, com medo, e foi um grande choque perceber que os seres humanos eram, de longe, mais aterrorizantes do que os demônios.

Os homens que saíram dos caminhões e se espalharam pela floresta circundante, e depois de vasculhar sua casa, Lance a forçou ir para o chão coberto de neve. Juan estava atrás dela, com uma perversa lâmina em forma de S na mão. Lance agachou-se na frente dela, seu celular na mão.

— Sua casa era um tesouro de informações. Eu estou supondo que Limus da agenda telefônica é quem eu penso que é?

Jillian deu de ombros. — É um nome comum aqui em lugar nenhum, Colorado.

— Espertinha. Eu me pergunto — Lance murmurou, — se Pestilence se importa o suficiente com você para sentir a sua dor. — Ele bateu com o punho no seu rosto, derrubando-a para trás nas pernas de Juan. Agonia espalhou através de sua bochecha e queixo, todo o caminho até o topo de seu crânio.

— Pare com isso, — Disse Juan assobiou. — Ela é humana.

— Ela está envolvida com os demônios. — Lance atirou a Juan um olhar de nojo. — Pensei que nós concordamos com isso.

— Como um último recurso.

— Se você tem um problema com isso, talvez devesse ter ido com Kynan, Val e, Regan e juntar-se a pequena e desorganizada agência.

— Você sabe que não é isso que quero. — Juan afastou Jillian fora de suas pernas. Com seu rosto latejando caiu para frente sobre os

joelhos e cuspiu sangue na neve intocada. — Mas algumas das ideias de Kynan e Val de como o Aegis deve conduzir-se são válidas. Nós precisamos de pessoas que confiem em nós e não passar por cima de todo mundo só porque nós podemos.

— Nós fazemos o que temos que fazer. O Apocalipse quase aconteceu por causa das 'suaves' regras novas. Nós não vamos deixar que aconteça de novo.

Ela limpou um de seus dentes com a língua. — Eu não entendo. — Suas palavras eram moles, falou através de seu lábio cortado.

— Alguns de nossos colegas tem amantes demoníacos. Porra, Kynan se casou com uma, e a filha de Val é um vampiro. Então, eles queriam ser amiguinhos com os loucos, em vez de matá-los. Quando um demônio chamado Sin entrou em cena, em vez de matá-la, Kynan a deixou viver, e ela começou a praga que quebrou o selo de Pestilence. — Lance bufou. — Nós deveríamos ter enviado Kynan ao túmulo ali mesmo.

— Você não tem qualquer argumento de mim neste ponto — Disse Juan.

— Agora, — Lance disse, enquanto abria um canivete. — A sua dor não parece ter trazido Pestilence por perto, então vamos ver se os seus gritos traz.

Terror a inundou enquanto ela se mexia para trás, o grito que ele queria tanto alojado em sua garganta. Lance a pegou pelo colarinho do casaco e a puxou para si enquanto colocava a ponta da lâmina sob seu olho direito.

De repente, a partir da floresta, um rosnado rasgou o ar. Lance sorriu. — Parece que o seu doce veio para salvá-la.

Um grito masculino profundo se juntou a um coro de rosnados e sons horríveis de cortar carne. Um frio que não tinha nada a ver com o frio deslizou pela sua espinha. Ela reconheceu os ruídos.

— Soulshredder, — Ela murmurou. — Oh, merda

Dois demônios estouraram da folhagem e correram em direção a eles, suas mandíbulas escancaradas pingando saliva e sangue. Lance e Juan gritaram palavrões e puxaram as armas atirando para as coisas

quando Jillian se esforçou para chegar à casa. Mas o pânico e o terreno gelado a atrasaram, a fez escorregar e deslizar.

Mesmo quando estava chegando na pá de neve encostada na varanda, Lance enlaçou seu tornozelo. — Sua putinha! Olha o que o seu namorado enviou!

Reseph não tinha enviado os demônios e sabia disso, mas era inútil discutir. Chutou Lance, derrubando-o. De todos os lados, o pessoal Aegis corria em direção aos demônios. Agarrou a pá e se virou mordendo um grito quando um dos Soulshredders o perfurou com o punho o peito de Juan e arrancou seu coração e pulmões para fora de sua caixa torácica.

Um discurso confuso de insultos e grosserias irrompeu de Lance. Ele não parava de gritar, mesmo quando afundou até o fim a lâmina na forma de S nas costas da criatura. Jillian girou a pá, cravando-a na barriga. O demônio gritou e girou, batendo seu braço para baixo no cabo de madeira e dividindo-o ao meio. Lance foi jogado na neve em um estranho emaranhado de membros. O outro Guardião atacou e, apesar de um dos Soulshredders estar gravemente ferido, o outro não era nada lento.

— Leve a cadela para casa, — Lance gritou.

Um dos Guardiões rompeu com a batalha com os demônios para levá-la. Empunhando pegou pá como um taco de beisebol e se preparou para se defender. E então, do nada, um homem enorme de jeans rasgado e uma maltrapilha camiseta amarelada acertou o guardião. Quem diabos era esse? Não houve tempo para fazer perguntas, no entanto, não quando tinha tanto demônios e seres humanos atrás dela. Precisava de ajuda.

Tão rápido quanto pôde, atirou-se para a varanda. O chão em gelo a mandou para o chão, mas de alguma forma conseguiu rastejar seu caminho através da porta da frente e bloqueá-lo atrás dela. Os Guardiões haviam saqueado sua sala de estar... Merda! Onde estava o cartão com o número de Kynan nele?

Alguém ou alguma coisa bateu na porta, colocando uma rachadura na madeira. Desesperada, atravessou a bagunça, rezando

para encontrar o cartão, porque se não o fizesse, tinha a sensação de que logo estaria orando para morrer.

Reseph não ia só lutar por Jillian. Na verdade, o desafio de conquistar uma mulher, algo que nunca fez antes, o deixou energizado. Não tinha certeza de como ia conseguir o que queria, porque não tinha certeza de que seria capaz de dizer, com cem por cento de certeza, que Pestilence não era mais um problema.

Ele só tinha que encontrar uma maneira de contornar a demanda de Jillian, e se alguém poderia ajudar com isso, era Ares. Teria que discutir o assunto com ele em breve. Isso se, é claro, não estivesse morto.

Agora, tinha que fazer as coisas melhores para as outras pessoas que ele tinha machucado, e essas pessoas podem exigir o pagamento com sangue.

Ficou na entrada do castelo de Than, sentindo-se estranhamente inseguro sobre a entrar, mesmo que foi ele quem chamou todos eles aqui. Costumava andar dentro como se fosse dono do lugar, mas agora se sentia como um completo estranho. Um intruso.

Um inimigo.

Respirando fundo, empurrou a porta. No interior, Than, Limus e Ares estavam esperando, e surpresa, surpresa, também estavam Reaver e Revenant. Os irmãos de Reseph estavam blindados. Cara, isso o atingiu como um soco no estômago.

— Obrigado por terem vindo, — disse Reseph.

Than, que estava descansando no sofá, colocou-se de pé, com uma expressão severa. — E isso é para que?

— Queria que vocês soubessem que tenho um lugar para viver. — Pelo menos, por enquanto. Não tinha exatamente alugado um lugar. Reservou a cabana que estava hospedado.

Graças a fortuna que Thanatos tinha acumulado para eles, investindo em ouro a centenas de anos atrás, poderia financiar o aluguel em qualquer lugar que quisesse. Mas não se preocupava com o conforto, e não queria ficar perto de ninguém.

— Você poderia ter deixado uma mensagem, — Disse Ares. — Por que nos reunimos aqui?

Porque sinto sua falta. — Eu estava esperando que pudéssemos encontrar uma maneira de dar a alma de Arik volta. — Tinha pensado nisso ontem à noite... Entre pensar em Jillian e de todas as formas que tinha fodido as coisas com ela.

— Sério? — Limus avançou. — Acha que pode fazer isso?

— Não sei. — Ele olhou para Reaver. *Seu pai.* — Será possível?

Revenant respondeu antes Reaver. — Só Pestilence pode fazer isso. Seja através de sua morte, ou por consentimento. — Ele atirou um sorriso aberto em Limus. — Parece que o ser humano está sem sorte. Triste.

— Você é um idiota — Limus atacou.

Eufemismo total. Reseph realmente odiava esse novo Vigilante. — Ok, então, só há uma coisa a fazer — Disse Reseph a Reaver. — Você ainda tem Wormwood?

Muito lentamente, Reaver assentiu.

— Você tem que matar Pestilence.

Fez-se silêncio na sala. Um momento depois, entrou em erupção de *O que? E, Você é louco?* Em seguida, havia Revenant que estava *contente*.

Reaver atravessou a sala e parou um pé de distância Reseph. — Você sabe o que está dizendo? Matá-lo vai matar você. Sua alma vai gastar centenas, talvez milhares, de anos em Sheoul-gra sendo torturado até o Apocalipse bíblico. Mesmo então, não há nenhuma garantia de que você vai ser reencarnado. O Conselho Vigilante calculou que as chances de uma boa vitória na batalha contra o mal será difícil sem você.

— Tenho que deixar as coisas melhores, Reaver. Tenho que reparar alguns dos danos que eu fiz.

— Não é assim, — Disse ele. — Arik é imortal agora. Não precisa de sua alma tão cedo. Temos tempo para encontrar outra maneira.

— Você disse que não há outra.

— Droga, Reseph. — Ares se aproximou, sua expressão

sombria. — Há outra maneira. Você pode deixar Pestilence fora e...

— E o quê? Você vai perguntar a ele? Ele não é exatamente o tipo que negocia. E eu não vou expô-lo a você de novo.

— Estou feliz por torturá-lo pela alma de Arik — Than disse, com um pouco de prazer. Não que Reseph podia culpá-lo. Mas Deus, deixar Pestilence fora só pode levar a coisas ruins.

— E se não eu conseguir colocá-lo de volta? — Disse Reseph asperamente.

Revenant cruzou os braços sobre o peito inchado vestido de couro. — Então, Pestilence volta com a violência e trucida a todos que você ama.

— Não, ele não faria isso. — Ares olhou para Revenant com desprezo, com a mão pairando sobre a espada em seu quadril. — Porque o teríamos preso com veneno de cão infernal. — Ele olhou para Reaver. — Desde Pestilence não tem mais o poder de quebrar o selo, o veneno de cão do inferno deve funcionar em cima dele, né?

Reaver não respondeu, o que significava que era uma daquelas coisas que não poderia responder por causa das estúpidas regras Vigilantes.

— É melhor você esperar que sim — Revenant disse, soando tão maldito viscoso. — Porque Reseph nunca será capaz de colocá-lo de volta.

As palavras do anjo caído foram para o seu intestino, porque isso era exatamente o que Reseph temia.

— Eu estou tão cansado da sua bunda feia, — Limus estalou.

Reseph caminhou até o centro da sala, interrompendo a conversa. — Tudo isso é inútil. É a decisão de Arik. Pedimos a ele e fazemos.

Silêncio total, pois todos na sala sabiam exatamente o que Arik diria.

Matar Pestilence.

— Reseph... — Limus mordeu o lábio inferior e o coração de Reseph sangrou por ela. Ela tinha que apoiar o marido, mas ao mesmo tempo, isso pode significar a morte de seu irmão. Estava na pior de todas as posições.

Um telefone tocou e Limus pegou o celular dela fora da mesa de café. — Merda. — Ela ouviu, ficou pálida até momentos depois, e se virou para ele. — Era Kynan. Jillian ligou. Ela está em apuros. O Aegis. Demônios. Ky e Arik estão em seu caminho para a casa dela.

O coração de Reseph quase explodiu de seu peito enquanto ele passava o dedo sobre a cicatriz armadura. — Não tenho o direito de pedir isto a vocês, mas...

— Estou com você, — disse Ares.

— Sim. — Limus se juntou ao seu lado.

Thanatos assentiu. — Vamos salvar a sua mulher.

CAPÍTULO 38

Jillian desligou o telefone assim que a porta caiu dentro. Um demônio se jogou pela porta, seus dentes expostos e seu podre fedor a fizeram engasgar. Um grito assustado escapou enquanto rolou para fora do caminho das garras da criatura. De repente, a coisa assobiou, cuspidando saliva espumosa quando voou para trás através da porta, com os olhos arregalados em choque. O estranho que tinha chegado antes de se trancar na casa por causa demônio.

— Fique dentro, — O homem rosnou para ela. Ele se virou e atacou o demônio, o arrastando para fora da casa, levando-o para a varanda.

Fique dentro. Certo. Bom plano. Segurando a pá, correu a para o quarto, mas derrapou até parar no vidro quebrado e o rosnado desagradável que se seguiu. Um demônio entrou através da janela ao lado da cama.

Não é bom. Puta merda, isso não é bom.

Rezando para que Doodle que estivesse escondido em algum lugar seguro, pegou as chaves da motoneve do chão e saiu correndo para fora. Se ela pudesse ficar longe de tudo isso, talvez tivesse uma chance. Saltou da varanda quase sendo agarrada por Lance.

Um demônio acinzentado sem olhos parou em frente à motoneve, tirando-a de cima. Demônios entraram na casa, seus guincho e dentes estalando juntando-se aos gritos e gritos dos Guardiões engajados em uma batalha ao redor da fazenda. Correu em direção ao celeiro, mas a batalha acercou, e, de repente, estava no meio dela com nada além de um pedaço de madeira e chaves como armas.

Então veio o som mais bonito do mundo.

Cascos de cavalo bateram na clareira da floresta. Quatro Cavaleiros blindados, Reseph na liderança, invadiram em sua direção, uma nuvem de neve revirou. Por um momento, a batalha toda parou. O olhar de Reseph pegou dela, e sabia, sem dúvida que estava segura.

— Merda! — Lance quebrou o feitiço que havia caído sobre o campo de batalha. Os seres humanos e demônios explodiram em ação. Um carro SUV rasgou no estacionamento, atingindo lateralmente um Soulshredder antes de girar e bater em um dos caminhões Aegis. Arik e Kynan saltaram, armas atirando e cortando.

Lance atirou uma lâmina em Reseph, que chicoteou uma besta e atirou a lâmina fora no ar.

— Ele é meu — Thanatos rugiu, cortando entre Reseph e Lance.

Jillian não entendia o porquê, mas claramente, o Cavaleiro de olhos amarelos nutria um ódio assassino contra o Guardião.

— Wraith vai ficar puto! — Kynan gritou, mesmo enquanto se abaixava de um golpe de garras de um Soulshredder. — Ele jurou Lance para o jantar.

Thanatos lançou um conjunto de presas. Presas? Será que Reseph tem também? — Vou levar para ele um saco com as sobras.

Jillian mergulhou para o chão, quando Thanatos trovejou e surgiu uma foice na mão.

Quando rolou na neve, pegou um vislumbre de Thanatos balançando a lâmina afiada e cortando a cabeça do Lance de seus ombros.

Outro Soulshredder estourou fora da floresta e estava lá antes que pudesse gritar. Coração batendo forte, empurrou a pá segurando para cima, pegando a criatura nas costelas. A madeira penetrou profundamente, entrando com tanta força que estourou nas costas do demônio. Ele gritou, suas enormes mandíbulas abriram na frente de seu rosto. Podia sentir que o seu odor do hálito e fezes igualmente que se agarrava à sua pele. Um flashback da noite no estacionamento ATC atravessou seu cérebro.

Estava desamparada. Aterrorizada.

Sim, bem, estava apavorada agora, também, mas não era impotente.

Arrastou a estaca improvisada para cima, empurrando-a para o coração da coisa. Ele uivou novamente, pulverizando líquido malcheiroso em seu rosto.

Seu estômago se soltou, e pulou violentamente para trás, evitando por pouco de ter a cabeça arrancada. Mesmo empalado, o demônio deu uma guinada para ela, levantando suas garras para um golpe mortal. Uma flecha explodiu através de seu olho, e ela caiu para trás, em uma poça sangrenta, e um monte de espasmos. Reseph saltou de seu cavalo e a pegou como uma espécie lendária de Cavaleiro de armadura brilhante.

— Você está bem?

— Sim, — Ela parou, sua respiração correndo de seus pulmões quando Reseph virou e pegou dois magros demônios de seis pernas com uma espada que parecia vir do nada.

— Abaixese! — Reseph a empurrou para trás, prendendo-a entre seu corpo e o deck, e então foi uma agitação de armaduras e espadas que demoliram uma meia dúzia de demônios em questão de segundos.

Antes disso, viu apenas um homem... Determinado, um super sexy homem perigoso. Mas, pela primeira vez, estava realmente testemunhando um guerreiro em ação. O homem que amava, um dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse, que poderia seriamente chutar alguns traseiros.

Ele era uma coisa bela, um lutador confiante e suave que sabia exatamente onde e como atacar cada um de seus inimigos. Todos os Cavaleiros eram, na verdade. Assistia com admiração e não uma pequena quantidade de horror enquanto todos ao seu redor, os Cavaleiros, o estranho, Kynan e Arik lutavam com demônios e os Guardiões, e ela só podia rezar para que ninguém tivesse violado o celeiro e ferido seus animais.

O tempo parecia diminuir, tornando-se um vórtice de gritos, grunhidos e sangue. Eventualmente, Reseph se ajoelhou na frente dela, sua expressão preocupada e séria.

— Acabou. Tudo está bem.

— Mas... — Com o cenho franzido, olhou em volta. Com exceção do estranho, que estava torcendo o pescoço de um demônio com tanta força que ouviu um estalo, nada se movia ao redor. Perto

do celeiro, Limus, Ares, e Thanatos tinham cercado os Guardiões sobreviventes e estavam mantendo-os na ponta da espada. Arik e Kynan faziam uma triagem os sobreviventes humanos e a expedição de demônios feridos.

O estranho correu, mas quando chegou até ela, Reseph agarrou. — Quem diabos é você?

Ele jogou o homem contra a lateral da casa, e quando o homem revidou, se lançando para Reseph, ela experimentou uma sensação de pânico pelo estranho.

Ela enfiou a mão entre os dois homens, a palma da mão fazendo um ruído metálico contra a couraça de Reseph. — Reseph, pare!

— Por quê?

O estranho, ofegante e sangrando, olhou para ela como se soubesse quem ela era, o que só a confundiu mais. — Eu não sei, — Ela disse honestamente. — Quem é você?

Ele caiu de joelhos e inclinou a cabeça. — Permissão?

Ela piscou. — O quê?

— Permissão. — O cara se encolheu como se esperasse ser atingido. — Para falar.

Perplexo, olhou para Reseph, que deu de ombros. — Hum... ok. Você tem permissão para falar. Quem é você?

— Não tenho nome — Disse ele ríspidamente. — Você tem que me dar um.

— Ah, foda-se, — Reseph respirou. — Ele é um escravo.

— Um escravo? — Certamente não, mas Reseph não parecia estar brincando. — Você está falando sério?

— Sim. E, aparentemente, ele acha que você é a sua mestre. — Reseph agarrou a mandíbula do homem e levantou seu rosto, mas o olho do escravo permaneceu cabisbaixo. — Por que você está aqui? Porque você acha que Jillian é a sua mestre?

O homem olhou para Jillian para orientação, apenas um brilho de um olhar que implorava um okay para falar, e isto era apenas... Doente.

— Sim, você pode falar. Você não precisa pedir permissão

novamente. Você pode falar sempre.

Por alguma razão, a resposta dela pareceu causar dor nele. — Minha ligação foi transferida.

— De quem? Perguntou Reseph.

— Harvester.

Reseph ficou tenso e recuou. — Será que você concordou com isso, Jillian?

— Eu... Eu não sei. Eu não penso assim.

Reseph voltou ao cara sem nome. — Como isso aconteceu?

— Havia sangue envolvido — Disse o homem.

Jillian xingou sob sua respiração. — Quando eu concordei em lhe dar um pouco da minha mente, Harvester... Ela colocou uma gota de sangue sobre o meu coração.

— Maldita — Reseph respirava. — Por que ela fez isso?

O cara sem nome cara abaixou a cabeça. — Há apenas uma razão pela qual ela teria feito isso. Ela espera morrer, e com sua morte transfeririam a minha ligação para o assassino.

Reseph esfregou a mão sobre o rosto. — Então, ela estava tentando salvá-lo de um terrível destino, lhe dando a alguém de sua escolha.

— Sim.

O seu estômago já frágil pela batalha sangrenta, deu uma guinada forte o suficiente que teve que engolir. — Isso não está certo. A escravidão não é certa. Não posso fazer isso. Vou te libertar.

— Você não pode, — Disse Reseph. — Um escravo ligado de sangue vai morrer sem o vínculo. Se alguém te mata, sua ligação será transferida. Se você morrer de causas naturais ou em um acidente, ele vai morrer logo em seguida. — Ele olhou para o rapaz sem nome, que ainda estava olhando para o chão.

— Que espécie é você?

—Warg.

— Warg? — Jillian olhou para Reseph. — O que é isso?

— Os seres humanos chamam de lobisomens — Disse Reseph.

— Warg, quantos anos você tem?

— Eu não sei. — O homem levantou o rosto para a brisa

gelada como um cão com a cabeça para fora da janela. Puro êxtase iluminou sua expressão, e foi com relutância que ele voltou sua atenção para Reseph. — Mais ou menos 50 anos, eu acho.

— Excelente. — Reseph deslizou Jillian um sorriso. — Lobisomens vivem centenas de anos. O vínculo vai lhe dar o seu tempo de vida.

Ela respirou fundo. — Eu-eu não sei o que dizer. — Toda esta manhã tinha sido um grande choque após o outro.

— Por favor, senhora, eu posso ter um nome?

Dominação desconfortável sobre ele estar assim, caiu sobre os calcanhares para que estivessem ao nível dos olhos. — Como Harvester chamava você?

— Eu era Whine.

Jillian fez uma careta. O que havia de errado com as pessoas? — Você teve um nome antes de você fosse um escravo?

— Fui abandonado quando criança. — Seu cabelo cor de areia escondeu sua expressão quando olhou para o chão. — Eu não me lembro de meu nome, mas me disseram que era Tracker.

Ele tinha sido um escravo desde que era um bebê? Ela queria abraçá-lo. Em vez disso, ela tomou um profundo e revigorante fôlego. — Então esse é seu nome.

Kynan correu a Tracker um olhar superficial, e se virou para Reseph e Jillian. — Nós temos um inferno de uma bagunça em nossas mãos aqui. — Ele fez um gesto largo sobre a cena da batalha. — O que foi tudo isso?

Jillian chegou a seus pés. — O Aegis estava aqui para capturar Reseph, mas os demônios... Eu não sei.

Ares se juntou a eles, sua expressão tão estrondosa que ela deu um passo para trás. — Limus tentou abrir o portal e não conseguiu. Eu tentei, mesmo resultado. Than descobriu uma barreira invisível ao redor da fazenda. — Um rugido irrompeu de seu peito. — Nós não podemos sair daqui. Foda-se, Reseph... Isso era uma armadilha.

CAPÍTULO 39

Alarme tocou como um sino na cabeça de Reseph cabeça. — Armadilha? Feita por quem?

Um súbito estrondo sacudiu o chão como um terremoto de magnitude nove, derrubando árvores na beira da propriedade de Jillian. A tendência maléfica girando no ar levantou os cabelos na parte de trás do pescoço de Reseph. Virou-se na direção da fonte da vibração, os pulmões apreenderam com a visão de Lúcifer de pé a uma centena de metros de distância. Atrás do anjo caído, levantando-se do solo, havia um exército de demônios.

— Ah, isso tem que ser ruim, — Arik respirava.

— Você não é o rei de eufemismos. — Reseph gritou para Than e Limus, que ainda mantinham os guardiões sobreviventes encurralados. — Solte-os! Podemos precisar de músculo extra. — Não que esperasse que eles fossem uma grande ajuda contra Lúcifer, mas Reseph tinha a sensação de que iria precisar de toda a ajuda que conseguisse.

Os Guardiões dispersos, tomando posições defensivas perto dos caminhões, celeiro, e na floresta circundante.

— Reseph? — Jillian puxou seu braço. Seu cabelo estava embaraçado e cheio de neve, o sangue manchou sua pele e roupas, e embora ela tivesse todos os motivos para ter medo, ela estava alerta e calma, uma guerreira, mesmo que ela não soubesse. — O que está acontecendo?

— Vamos entrar. — Ele conduziu todos para a casa de Jillian, ignorando o som amplificado do riso de Lúcifer.

Tracker estava nos calcanhares de Jillian, quase tão perto quanto Reseph, e se essa fosse qualquer outra situação e qualquer outro homem, teria destruído o cara. Mas o Warg estava claramente instruído em protegê-la, e que só seria uma coisa boa.

— Quem é esse cara? — Kynan lançou um olhar cauteloso no Tracker.

— Escravo da Jillian. — Enquanto Ares e Than arrumavam os móveis que foram tombados por demônios, Reseph parou ao lado de uma das janelas da frente para que pudesse manter um olho sobre Lúcifer. — Harvester transferiu a ligação para ela.

Thanatos levantou uma sobrancelha pálida ao Tracker, que se apoiou em um canto perto de Jillian, de cabeça baixa. — Interessante.

— Saia daí Cavaleiro. — A voz bajulação de Lúcifer explodiu como se de um alto-falante: — Venham ver o que a vida de centenas de seus cães infernais me deu.

O rosnado que saiu de Than que sacudiu sua armadura óssea.

Jillian esfregou os braços através de seu casaco. — Será que alguém vai me dizer o que está acontecendo?

Limus, com seu cabelo preto amarrado em um grande nó na cabeça, espiou para fora de uma das janelas. — Reseph estava ocupado assassinando todos no submundo que ajudaram Pestilence, e ele meio que irritou Lúcifer.

— Você fez o seu quinhão de chatear Lúcifer quando matou o seu anjo de animal de estimação, — Ares apontou, Limus e corou.

— Espere. Lúcifer? — A voz de Jillian vibrou com o choque. E terror, que fez Reseph quer transportá-la para qualquer lugar, menos aqui. Exceto que nenhum lugar era seguro do anjo caído. — O Lúcifer? Ele é quem está lá fora?

— Sim, — Thanatos disse — Mas ele não é Satanás, se é isso que você está pensando. Lúcifer é o segundo em comando de Satanás, porém, assim estamos falando de um demônio que se classifica entre os dez primeiros na lista dos “Quem são os seres mais poderoso do Universo”.

— Oh, Deus. — Jillian se abraçou, e Reseph lutou contra o desejo de tomá-la em seus braços. Ele trouxe isto para baixo sobre ela, e duvidava que queira receber algo dele agora. — O que ele quer?

— Nos destruir — Disse Limus. — E se alguém tem o poder de fazê-lo, é ele.

— E ele não vai parar com a gente, — Ares disse, sua armadura de couro rangendo enquanto andava. — Ele vai tirar nossas famílias também.

Reseph fechou os olhos, a culpa saindo dele em ondas maciças. — Sinto muito — Ele resmungou. — Isso é tudo culpa minha.

Um silêncio tenso caiu, e então ele sentiu a mão de Jillian entrelaçando com a dele. Deus, ele não merecia ser consolado.

— Reseph. — A voz de Ares rachou alto o suficiente para sacudir os olhos de Reseph aberto. — Nada disso é culpa sua. É a de Pestilence sobre seus ombros. Você foi tentar fazer as coisas direito. Você tomou um zilhões do mal nos últimos dias, e a verdade é que Lúcifer iria vir atrás de nós, eventualmente, de qualquer maneira.

Thanatos assentiu. — Um confronto já estava à vista por um tempo.

Limus apontou sua espada. — Nós só temos que descobrir como vencê-lo.

Uma explosão de aborrecimento saiu de Arik quando ele atravessou a sala para ela. — Vocês não vai lutar, Li.

— Claro que eu vou.

Arik amaldiçoou. — Eu luto, você fica aqui.

— Ei, cara. — Ares bateu no ombro Arik. — Eu sei que você tem uma raia de proteção de uma milha de largura, mas você está fazendo a linha de eu-homem-você-mulher, merda.

— Vê? — Limus disse, batendo os cílios para o marido. — Você está sendo ridículo.

— Você quer dizer a eles ou eu deveria? — A voz de Arik estava afiada.

Reseph ficou tenso. — Dizer-nos o quê?

— Droga Arik — Limus estalou. — Isso não é necessário,

— Ela está grávida — Arik interrompeu. — De jeito nenhum ela vai lutar.

Levou um segundo para que a notícia fosse assimilada, e quando o fez, a felicidade colidiu com preocupação para ela e para o bebê, porque com certeza de merda, esse não era o lugar ideal para qualquer um deles.

— Ok, sim — Than concordou. — Limus não luta.

Limus bufou. — Gente, Olaaaa. Eu sou imortal. Eu vou ficar

bem.

— Você pode ser imortal, mas não está imune à lesão — Ares lembrou. — E lembre-se o que disse Reaver sobre os nascituros dos imortais quando Regan estava grávida? Que o seu estado mortal não pode ser julgado até que nasça? Eles ainda são vulneráveis no útero.

Reseph assentiu. — Sem brigas, Li. E não discute.

Lá fora a terra tremeu novamente. Reseph voltou-se para a janela e de repente desejou que não tivesse. — Jesus. Não tem só milhares de demônios lá fora agora. E eles estão nos fechando.

Uma centena de maldições caiu dos lábios de Ares em muitas línguas. — Nós não podemos resistir a isso. Merda. Onde diabos está Reaver? Eu o chamei uma hora atrás.

— Estou cansado de esperar, Cavaleiros. — A voz de Lúcifer sacudiu o que restava de janelas de Jillian. — Acho que vou para suas parceiras e crianças. E então vou rasgar seus membros, um por um, até vocês mostrarem suas caras covardes. Venham agora e poupem suas vidas.

— *Bastardo*. — Thanatos correu para a porta, Ares em seus calcanhares, mas Reseph pulou na frente deles. Eles trombaram, mas escassamente seus corpos grandes tremiam com o desejo de lutar por suas famílias.

Pela primeira vez ele entendeu.

— Eu me rendo — Reseph lhes disse. — É a mim que ele quer.

— Reseph, não — Jillian suspirou. — Você não pode.

— Desculpe-me — Tracker rastejou para frente timidamente, hesitante, como se esperasse ser atingido por falar. Ele puxou uma pequena coisa clara de seu bolso e dentro dele, Pestilence agitou.

— Eu tenho algo para Reseph. — Ele estendeu-a, mas o vozeirão congelou todos eles.

— *Reseph!* — Reaver se materializou ao lado do Tracker. — Não toque isso.

— Por que não?

— Isto concentra o mal, — Reaver, disse em um tom autoritário que abalou toda a casa. — Simplesmente tocá-lo poderia trazer Pestilence livre.

CAPÍTULO 40

Estômago de Reseph subiu na garganta, enquanto olhava para a caixa de cristal. — Eu não entendo.

— É o *malador*. — Tracker levantou a tampa para revelar uma energia preta espinhosa ligada a uma pedra de obsidiana pulsante. — Harvester disse que vai dar-lhe a energia que você precisa para derrotar Lúcifer.

Reaver espalmou ombro de Reseph, e sentiu o calor do anjo através do metal. — Não tome isso. Nem pense em tomá-lo. Isso é o porquê Lúcifer torturou Harvester, e se Lúcifer quer, tem que ser a grade de plutônio do mal.

Reseph entendeu a preocupação de Reaver. Inferno, Reseph teve a mesma preocupação.

Mas esta podia ser a única chance que eles tinham de vencer Lúcifer. Então, novamente, se Pestilence saísse... Merda.

— Olhe para fora, Reaver. Nós não podemos derrotar Lúcifer. — No fundo dentro dele Pestilence riu. O filho da puta. — Não sem ajuda. Se puder manter o controle de Pestilence, isso poderia funcionar.

— É arriscado, — Disse Thanatos. — Muito arriscado. — Almas giravam em torno dele enquanto andava na frente da porta, sua raiva mal contida. Ares não estava muito melhor, abrindo e fechando a mão sobre o punho da sua espada.

— Reaver, você não pode ajudar? — Perguntou Arik. — Você é um anjo. Anjos são supostamente para combater demônios, certo?

— Se Lúcifer atacar os seres humanos, sim. Mas esta é uma questão demoníaca. Nenhum ser humano civil está envolvido. Suas parceiras não contam porque foram alterados de alguma forma. Nós não podemos interferir. — Os olhos de Reaver brilharam. — Bem, outros anjos não podem. Não vou deixar a minha as crianças sofrerem.

— E as suas regras Vigilantes? — Perguntou Reseph.

— Foda-se — Reaver disse com um encolher de ombros. — Eu

quebrei as regras antes.

Reseph olhou para cada pessoa na sala, terminando com Jillian. Ele causou a todos tanta dor, nunca tinha mostrado um pouco de misericórdia. Agora, poderia poupá-los de mais dor. Ninguém iria lutar, e Reaver não ia quebrar nenhuma regra.

— Estou indo sozinho.

Houve um coro de *Idiota e foda-se* de todos, inclusive, surpreendentemente, Arik.

Reseph interrompeu todos com seu próprio xingamento. — Eu juro, vou controlar Pestilence, mas para que isso funcione, Lúcifer tem que acreditar que ele está no comando e eu virei às costas para vocês.

— Meus seguidores estão fora mansão de Ares. — Lúcifer chamou. — Você tem dois minutos antes de eu pedir um ataque. — Quando sua voz desapareceu, um canto de guerra começou a surgir, um juramento gutural em Sheoulic que falava de ossos quebrando, derramado entranhas e crânios fodidos.

Sim, Reseph ia acabar com isso. Nenhum peão do inferno iria colocar a mão ou algo pior-sobre o crânio de Jillian.

Respirando fundo, Reseph pegou a coisa da mão de Tracker. No momento em que ele fez, um escuro, mal oleoso o acertou como um punho. Foi um soco na cabeça com um golpe que seguiu para o intestino. Seu estômago revirou, e dentro dele, o recipiente que contém Pestilence desenvolveu uma nova enorme rachadura. *Sim, sim, sim!* A voz era um sussurro na mente de Reseph, um sussurro, e ainda assim era muito alto. Quebre-o. Vamos governar o mundo.

— Cale a boca, — Reseph murmurou.

— Reseph? — A voz doce de Jillian veio de trás dele.

Sua garganta obstruída quando ele se virou para ela. — Vai ficar tudo bem. — Se tivesse que fazer um acordo com o diabo, literalmente, ele o faria. — Só espero que você não me odeie depois disso.

— Nunca, — Ela sussurrou, mas duvidava disso.

Reseph baixou a cabeça para que seus lábios roçassem a concha de sua orelha. — Obrigado por me dar os dias mais felizes da minha vida.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele a beijou. Beijou-a com tanta paixão quanto poderia colocar. E então, antes que pudesse mudar de ideia, afastou-se dela.

Com os punhos fechados, ele os colocou sobre a sua cabeça. Pestilence rugiu para a superfície, explodindo vitória de sua própria essência.

Junte-se a Lúcifer. Destrua os nossos irmãos! Foda sua puta até que ela esteja morta!

— Não! — Reseph caiu de joelhos, lutando para evitar que Pestilence escapasse completamente do recipiente e jogando as mãos que desceram para ajudá-lo. Pestilence não ia jogar limpo. Reseph teve que encontrar outra maneira. Conseguir a sua cooperação. Olhou para o exército de demônios.

— Queremos o exército para nós mesmos. Se destruímos Lúcifer, que é a mão direita de Satanás, podemos nos assegurar um lugar ao seu lado quando o Apocalipse bíblico começar.

Sim... Sim, eu gosto disso. Lúcifer foi sempre um idiota.

Era perigoso trabalhar com Pestilence e Reseph sabia. A alegria que tomava Pestilence matando enchia Reseph como uma droga e nuviava seu julgamento. Mas não tinha escolha. Só tinha que esperar que ninguém na casa acreditasse no que acabou de dizer alto em sua conversa com o seu meio mal.

Levantando-se em seus pés, cambaleou até a porta, recusando-se a encontrar o olhar de qualquer um, especialmente Jillian. *Mantenha junto... Mantenha junto...* Respirou fundo, dando a si mesmo um momento para aproveitar a energia maligna de Pestilence e encheu com força. Poder correu sobre a superfície de sua pele e seus músculos espremeram, transformando seu corpo em uma bateria gigante do mal.

É isso aí. Nós somos invencíveis.

Apalpando sua espada, Reseph saiu da casa e do outro lado da clareira. Os primeiros dez demônios que tentaram agredi-lo descobriram o quão poderoso um pequeno pedaço de mal poderia fazer um Cavaleiro. O décimo primeiro, um demônio Cruentus que serviu Pestilence, reconheceu seu mestre e caiu de joelhos com

incrível súplica.

Depois disso, a multidão se afastou como o Mar Vermelho diante de Moisés.

Reseph abordou Lúcifer, empregando a sua marca de confiança arrogante e a arrogância de Pestilence. — Ei, Lucy.

O anjo caído, atualmente vestido como um motociclista em couro com cabelo preto até a cintura deu um sorriso desagradável. Tudo se afastava dele, o vento uivava como se estivesse sendo torturado, mas nenhum único floco de neve tocava Lúcifer. Mesmo a Mãe Natureza manteve uma distância respeitosa do monstro do mal.

— Vou cortar essa língua solta fora de sua cabeça, galo pomposo.

— Hum. — Reseph fingiu um beicinho. — Você está triste que os serviços de língua de Lilith já não trabalham em seu pequeno pau.

Lúcifer assobiou. Nunca teve muito senso de humor. — Que a dor comece. — Ele levantou a mão, e seus assecclas prepararam suas armas.

— Espere! — A voz de Reseph foi levada ao vento, amplificada pela ressonância de Pestilence. — Estamos prontos para chegar a um acordo.

Acordo? Sem acordo! Pestilence bater nas paredes do crânio de Reseph.

— Eu vou atendê-lo. Serei o seu lacaio, o bode expiatório, o seu... O que quer. De bom grado. — Deus, quase vomitou com as palavras.

Pestilence tinha visto Lilith estando com Lúcifer suficiente para saber o gosto peculiar que o homem tinha. Mas Reseph faria o que Lúcifer quisesse por toda a eternidade se isso significasse a sua família estaria segura.

— Deixe minha família em paz, e vou fazer o que quiser.

Isto é um truque, não é? Nós vamos esmagá-lo em sua própria casa.

Reseph ignorou Pestilence.

— Não negocio idiota. Você vai fazer tudo isso de qualquer

maneira. Depois que eu esmagar tudo e todos lhe são queridos.

Lúcifer, em um enorme aumento de poder, enlaçou Reseph pelo pescoço e levantou-o no ar. Reseph tencionou seu aperto, conseguindo atacá-lo com o punho, mas os golpes de mal fez o demônio estremecer. Lúcifer espremeu, cavando seus dedos na sua pele tão forte que ouviu estalos e sentiu surto de sangue. Dor correu pela sua espinha – quente, derretendo - jurou que seus músculos estavam descascando os ossos.

Fúria impotente batia nas veias de Reseph e pressão comprimia os pulmões, enchendo-os com o fogo em vez de ar.

— Isso — Lúcifer rosnou, — é por Lilith.

Ele atirou Reseph através da clareira tão facilmente como se tivesse jogado uma bola para um cão. Reseph esmagou o lado do casa de Jillian e aterrissou em uma pilha amarrotada de dor, ossos quebrados, e fracasso.

CAPÍTULO 41

Reaver recolheu Reseph, que estava deitado atordoado no chão atrás de sofá de Jillian. — Reseph? Você pode me ouvir? — Quando Jillian se ajoelhou ao lado de Reseph, Reaver canalizou poder de cura para o Cavaleiro, e em poucos segundos, os ossos de Reseph estavam de volta juntos.

— Tive minha bunda imortal chutada, — Ele murmurou. Levantou a cabeça e rosnou. — O que Revenant está fazendo aqui?

Reaver olhou para seu colega mal. — Ele apareceu um minuto atrás.

— Estou aqui para manter Reaver na linha — Disse Revenant. — Não é possível ter todas as regras quebradas agora, podemos?

Lá fora, o canto começou de novo. Erguendo-se acima dos cânticos estavam passos estrondosos. Chegando perto. Muito perto, muito rápido. Reaver passou de Reseph para Kynan em um piscar de um olho humano. Ser um anjo era incrível, às vezes. — Preciso que você

faça algo que vai se rebelar contra todos os seus instintos.

Kynan estreitou os olhos. — O quê?

— Você confia em mim?

— Sim. — Kynan inclinou a cabeça em um lento aceno sério. — Não há ninguém que eu confio mais.

Reaver preparou-se para algo que nunca pensou que ele iria dizer. Algo que poderia colocar o céu no pior tipo de perigo. Algo que iria ser tanto uma brilhante estratégia ou o movimento mais desastroso na história. — Dê Heofon para Reseph.

— O quê? — Kynan recuou tão rápido que esbarrou em Revenant, que vaiou como a bunda mal-humorada que ele era. — Heofon não vai lhe dar a proteção encantada que eu tenho. Por que você quer que ele tenha?

— Heofon — Ares retumbou. — É um pedaço do céu, não é?

Reaver assentiu. — Um par de anos atrás, um anjo caído usou

para tentar abrir uma porta entre Sheoul e céu. Nós o detivemos antes que pudesse acontecer, e foi dado o Heofon a Kynan para guardar. Com ele, Reseph pode atrair os poderes do Céu.

Reseph tinha uma mão ao lado de Jillian e brincava com a corrente no pescoço com a outra. — E, combinado com os poderes de Sheoul que estou atraindo com este amuleto, seria tudo, mas invencível. — Sua voz vibrava com autoaversão. — E isso estaria com Pestilence. Não posso arriscar. Já estou lutando com ele. Se ele me domina... Porra. Seria capaz de abrir a porta...

— E liderar uma invasão demoníaca no Céu, — Kynan terminado.

Revenant sorriu como um vampiro em um banco de sangue.

— Não. — Balançando a cabeça, Reseph levantou-se, afastando-se Jillian e continuando até que sua espinha bateu contra a parede. — Não sou forte o suficiente para isso.

— Sim, você é. — Jillian se aproximou com cautela, como se fosse um potro volúvel, ela não queria assustar. — Eu vi o quão forte você é. Sei que você pode fazer isso.

Os olhos de Reseph eram selvagens. — Não é possível.

Jillian pegou sua mão. — Prometo a você, você pode.

— Reaver. — Thanatos avançou. — Quais são as nossas opções se Pestilence abrir uma porta? Podemos pará-lo?

— Ele não vai ser tão forte como era quando seu selo foi quebrado, mas vai ter um exército de demônios atrás dele.

— Com nenhuma profecia para ajudar vocês perdedores patéticos com isso. — Revenant entrou na conversa, — Vocês estão do tipo de ferrado.

— Isso é muito útil — Limus murmurou.

Reseph virou-se para Reaver. — E Wormwood?

Todo mundo ficou quieto... Exceto Jillian. — O que há Wormwood?

— É a única arma que pode matar Pestilence — Disse Reaver.

— Mas... Vai matar Reseph também? — Jillian recuou para o lado de Reseph. — Não. Você não pode fazer isso.

Girando, Reseph levou os dedos no cabelo de Jillian em ambos

os lados de sua cabeça e a puxou para perto o suficiente para que suas testas quase se tocassem. A intimidade tocou Reaver e o deixou com uma estranha sensação de saudade. Ora, ele não tinha certeza. Estava há muito tempo

solteiro, decidiu que era a melhor opção para ele.

— Pode ser a única maneira, — Reseph murmurou para Jillian. — Não posso viver como Pestilence novamente.

— Mas você vai morrer.

— Pestilence vai morrer. Eu sou apenas dano colateral.

Kynan fechou os olhos, e quando abriu, eles perfuraram em Reaver. — Você tem certeza disso?

— Tenho. — Reaver olhou para Reseph. — Meu filho é mais forte do que ele pensa. Sempre soube disso. E suspeito que o seus irmãos e irmã sabem disso, também.

Tomando seu tempo e com o maior cuidado, Kynan entregou o colar para Jillian. Reaver não perdeu a forma como os olhos de Revenant brilhavam. Sem dúvida, o bastardo mal, daria sua própria alma para ter a posse de um objeto tão poderoso.

— Este é um verdadeiro pedaço do céu, hein? — A voz de Jillian era apenas um sussurro. Ela se virou para Reseph. — Você pode fazer isso. Isto está com você agora. Vai nos salvar. Eu sei que você vai.

Ele engoliu em seco. — Sem pressão, certo?

— Sem pressão — Respondeu Jillian.

Reseph a puxou com força contra ele e a beijou. Por respeito, Reaver virou-se, dando-lhes um momento de privacidade.

Quando Reaver tomou pela primeira vez o trabalho de Vigilante, Harvester lhe dissera sobre o passado de Reseph. Dando a volúvel história do Cavaleiro Playboy, Reaver não esperava vê-lo nunca se apaixonar por qualquer pessoa. Mas, claramente, que ele encontrou o seu par em Jillian. Eles tinham curado ao outro.

Felizmente, Jillian seria uma âncora suficiente para ele lutar contra seu meio mal.

Ele se voltou para o casal, eles se separaram. Reseph abaixou a cabeça, e Jillian colocou o colar sobre ele.

E então o mundo desabou.

CAPÍTULO 42

Reseph fodidamente explodiu para fora de sua armadura. Como se uma bomba atômica tivesse explodido na superfície de sua pele, sua armadura decolou de seu corpo, soprando através da sala de estar, como estilhaços.

Porra. Incrível.

Completamente nu, sua pele brilhante, Reseph olhou através dos olhos de Pestilence para sua família, alguns dos quais haviam causado dano. Ares gemeu com um caco de metal em sua coxa. Thanatos estava sangrando de um corte em sua bochecha. Limus e Arik estavam intocados, assim como estava Kynan.

Jillian!

Reseph girou para onde ela estava de pé, ignorando o riso cacarejante do Pestilence.

Sangue espalhado no chão, mas Jillian estava bem. Reaver deve ter a empurrou para trás. O anjo, por outro lado, estava segurando a barriga, de onde uma placa do tamanho de um prato de metal sobressaía.

Engraçado.

Reseph queria ajudar. Queria dizer que estava arrependido. Mas Pestilence havia tirado sua voz. Sentia-se como um espectador quando sua mão se estendeu em um gesto de *venham ao papai* e, de repente, toda a sua armadura saiu livre das paredes, dos móveis, dos corpos, e em um tiro, voltaram ao lugar.

Estamos tão forte, Pestilence gritou. *Nós podemos governar os céus agora!*

As primeiras coisas antes. Reseph lembrou. *Precisamos destruir Lúcifer.*

O demônio sedento de poder ronronou sua aprovação. *E com os dois amuletos e sangue de Lúcifer, podemos quebrar a barreira entre o Céu e Sheoul.*

O contêiner que abrigava Pestilence estava aberto e vazio.

Reseph soube, sem sombra de dúvida que, quando a batalha com Lúcifer acabasse, a batalha pela liberdade começaria. Uma deles iria voltar ao container.

Relutantemente, Reseph deixou Pestilence assumir. A pura vibração do mal de Pestilence lhes daria uma vantagem, e eles precisavam de cada borda extra que poderia receber. Mas Reseph recusou-se a ir muito fundo, com medo de que caso se enterrasse em demasia em Pestilence, nunca seria capaz de agarrar seu caminho de volta para fora.

Na porta da sala de estar, Pestilence, aquele bastardo, interrompia. Muito lentamente, se virou para Jillian, e Reseph sentiu a luxúria de Pestilence torcendo e aquecendo sua virilha.

Os gritos de terror de Jillian do incidente no estacionamento atravessou a cabeça de Reseph, a antecipação doente Pestilence. As coisas que ele havia planejado fazer com ela após os Soulshredders...

— Não! — Reseph deu uma guinada em direção a ela, mas alguém o empurrou para fora da casa, e Pestilence assumiu, rindo arrastando sua bunda para fora.

Eles cortaram uma faixa através do exército de demônios, chutando os que não se curvaram profundamente o suficiente e decapitando os que não se curvou.

Lúcifer, de pé em cima na parte traseira do exército, sorriu quando eles se aproximaram. — De volta para mais? Ou você está aqui para se render?

— Nenhum dos dois. — A voz que veio da boca Reseph foi dura, cantando com força e expressão de Lúcifer caiu.

— Pestilence. — Lúcifer estreitou os olhos. — Que truque é esse? Eu sinto o poder ao seu redor.

— Truque? — A fala e os pensamentos de Pestilence e Reseph estavam em perfeita sincronia, e pela primeira vez, percebeu o quão entrelaçados que realmente estavam. — Nós estamos aqui para sangrá-lo seco, seu idiota.

Lúcifer não hesitou. Derramou a sua pele humana e se transformou em uma enorme besta cheia de nervuras, sua

envergadura de quase trinta pés, seus chifres projetando-se de seu crânio como o maior boi do mundo. Com uma onda ultrarrápida de sua mão com garras, um raio de lava quente elétrica atravessou a armadura de Reseph. Dor rasgou através dele, mas foi sem graça, como se dividida entre Pestilence e ele.

— Seu fodido estúpido. — Mais uma vez, Reseph e Pestilence estavam em sincronia. — Nós temos o poder do Céu atrás de nós, bem como a poder do inferno. — Ele inclinou a cabeça para Lúcifer. — Você morrer agora.

Reseph lançou-se em Lúcifer, perfurando através de uma das asas de couro do demônio, esmagando os ossos, rasgando sua pele. Lúcifer gritou em fúria, ajuntando suas garras serrilhadas no rosto de Reseph, esfolando seu rosto. Curou quase que instantaneamente, o que foi super legal.

Os pingentes em volta do pescoço vibraram e começaram a brilhar o suficiente para iluminar profundamente na além da floresta. O olhar de Lúcifer caiu sobre as pedras, e com um assobio, ele cambaleou para trás.

— *Heofon*. — A voz de Lúcifer estremeceu e Pestilence quase viu o medo e a inveja misturadas nas palavras de Lúcifer. — Dê-me.

— Como se fosse. — Reseph bufou. — Você acha que podemos negociar agora?

Pestilence riu, ciente de que Reseph estava fodendo com o demônio.

— *Heofon* pelas as vidas de seus familiares, — Disse Lúcifer.

— Tenho uma ideia melhor. — Pestilence enfiou a espada na barriga de Lúcifer. — Sua morte por uma porta entre o Céu e Sheoul.

Não! Reseph gritou incapaz de parar Pestilence. Sangue salpicou os amuletos e energia repentina cantou através Reseph como em um diapasão, a corrida de força ilimitada preencheu seu corpo. Era como uma droga... Uma maldita droga orgásmica que acariciava cada um dos centros de prazer de Reseph. Não apenas acariciava, mas sugava e engolia.

Ah... Caramba... Tão... Bom.

Pestilence se levantou, tomando o controle total. Como se em

uma névoa, uma névoa de euforia, Reseph viu sua espada cortar além de Lúcifer. O

anjo caído não ia morrer de golpes apenas... O inferno, nada que Pestilence pudesse realmente iria matar Lúcifer.

Mas Pestilence não precisava.

O ar em torno deles deformou, transformando tudo fora de sua bolha de normalidade em reflexões contorcidas de espelhos de casas de diversão. Um vento agitou, girou para cima, girando ao seu redor como um tornado. Ele atirou para cima, perfurando o céu e um alongamento

em direção aos céus. Sob seus pés o chão caiu, deixando-o pairar sobre um buraco negro que caiu em linha reta com inferno.

O portal. Puta merda, o portal!

Lúcifer gritou quando o tornado girando arrebatou-lhe, pouco a pouco, puxando-o em pedaços e chupando os pedaços de seu corpo no turbilhão. Estrias vermelhas descoloridas, o vórtice translúcido quando o seu sangue girou mais e mais.

O último pedaço de Lúcifer, uma seção de seu crânio, desapareceu no vento. Seriam apenas alguns minutos até que a porta estivesse totalmente aberta, e as hordas do inferno iriam como enxame no céu.

—Pare! — Reseph arranhou Pestilence, martelado em sua mente, mas era como tentar acordar de um pesadelo. Este foi um repetir de estar indefeso quando Pestilence cometia as atrocidades durante um ano inteiro. Não podia passar por isso novamente. A diferença era que, durante o ano que Pestilence estava no comando, Reseph não esteve tão perto da superfície. Reseph também não acreditava que ele tinha muito pelo que lutar.

Agora ele tem. Tinha irmãos e uma irmã, cunhada, um sobrinho e outro sobrinho ou sobrinha a caminho. Um pai. Uma companheira, Jillian queria ele de qualquer maneira. Não podia perder nenhuma dessas pessoas.

Se ele pudesse... Força... Pestilence...

— Reseph!

Jillian?

Em movimento dolorosamente lento, Reseph virou. Jillian estava fora da casa, seu cabelo fundia descontroladamente, seus olhos alargados, com terror. E, no entanto, ela estava forte, uma guerreira enfrentando a morte quase certa.

Pestilence sorriu. — Nós vamos te matar, prostituta humana.

Cale a boca!

Pestilence não ouviu. — Seus gritos será tema de música para o demônio marcha para o céu.

Jillian estendeu a mão. — Leve-me então. Termine o que começou.

Jillian, não!

Reseph assistiu com horror quando Pestilence estendeu a mão e puxou Jillian para o turbilhão.

Jillian tinha pensado que estava preparada para fazer isso. Encarando a coisa que mais a aterrorizava na esperança de ajudar Reseph a lutar para derrotar Pestilence.

Mas, quando Pestilence a puxou contra ele, seu sorriso frio provocou arrepios na espinha, sabia que estava no seu limite.

— Reseph — Ela gritou. — Sei que você está aí.

— Oh, ele está aqui. — Pestilence entrelaçou o cabelo dela em seu punho e puxou sua cabeça para trás, quase agarrando seu pescoço. — E ele não se importa com o que faço com você.

Reaver a avisou que Pestilence mentiria para ela, tentaria machucá-la de qualquer maneira que podia, e claramente, o anjo estava certo. Ela não precisava da advertência, porém, conhecia Reseph muito bem.

— Lute Reseph — Pestilence sacudiu a cabeça violentamente para o lado, expondo sua garganta, e, em seguida, ele expôs seu peito quando rasgou sua camisa.

— Nós vamos ter um pouco de diversão Jillian.

— Reseph!

Um rugido desagradável de irrompeu de Pestilence, e o brilho em seus olhos maus esmaeceram. Reseph. Era Reseph!

— Baby — Ele resmungou. — Vá... Embora — Ele a empurrou,

mas ela enganchou a perna ao redor dele e se agarrou a seu braço com toda sua força. Desajeitadamente, ela estendeu a mão e levou os dedos sobre a cicatriz de sua armadura da maneira Limus lhe dissera para fazer.

Em menos tempo do que levava para Sam bater sua pata, a armadura de Reseph desapareceu, e ele olhou para baixo, confuso. Parecia ser uma mistura de Reseph e Pestilence agora, como se eles estivessem compartilhando o mesmo poder. Ela aproveitou, arrebatou Wormwood do cós da calça jeans e a trouxe até o peito de Reseph.

Ela tinha jurado aos irmãos de Reseph que destruiria Pestilence se tivesse que fazer, mas caramba, sabia que não ia chegar a esse ponto.

Ela tinha fé que Reseph iria bater aquele filho da puta ele mesmo.

— Cadela! — Pestilence assobiou. Respiração muito fria picou seu rosto quando ele se inclinou. — Vou esfolar você — Sua cabeça estalou para o lado como se tivesse sido atingido.

Reseph rompeu, passando a mão em torno de Jillian. —Faça isso — Ele resmungou. — Por favor.

Jillian lutou, mas não era páreo para sua força enquanto a pressionava, e na ponta da lâmina penetrou sua pele.

A expressão de Reseph contorceu, os olhos alternando entre malevolência brilhante e intensa inteligência que sempre brilhava em seu olhar. A batalha interna travada, e apesar de Jillian estar colada ao seu corpo, estava de alguma forma, no meio da luta, às vezes apertava o punhal, às vezes cedia.

— A alma de Arik — Reseph forçou. — Solte a alma Arik ou eu vou afundar o punhal.

Pestilence deve ter recusado. A adaga na mão cortou para frente, mergulhando profundamente na carne de Reseph.

— Não! — Ela tentou puxar Wormwood livre, mas Reseph estava segurando firme. O suor umedeceu sua pele pálida, e seus dentes cerraram duros.

— Foda-se, Pestilence.— Reseph sorriu para Jillian, embora fosse realmente mais de uma careta. — Outro centímetro e nós dois

estamos acabados. Sabe que eu vou fazer isso. Solte a alma de Arik agora.

O corpo de Reseph afrouxou, mas apenas por um instante. Em outra batida do coração, ela foi jogada na varanda, em um pouso forçado sobre a camada de gelo que tinha formado num círculo de trinta metros em torno deles.

O exército demônio fazia tempo que desapareceu, sugado quando o tornado louco tomou forma. Em vez disso, Thanatos, Limus, Ares, Arik, Kynan, Tracker, e os dois Vigilantes estavam nas proximidades.

Eles correram em direção a ela, mas seu foco era Reseph, que ainda estava no interior do ciclone. Algo parecia errado, embora... Ou talvez certo?

Ele estava torcendo no que parecia ser agonia, agarrando a cabeça e arrancando os cabelos. Ele arrancou Wormwood fora do peito com um grito de vitória, e então o punhal estava girando no céu. Gritos estridentes, como um milhão de corvos grasnando, irromperam das profundezas da terra.

Revenant riu. — As forças de Satanás estão chegando. O portal está aberto!

— Reseph — Ela gritou.

Reseph atirou-se contra a parede do furacão, mais e mais, segurando a cabeça, quando os ruídos ficaram mais altos.

— Por favor! Você pode fazer isso. — A voz de Jillian era um soluço agora quando o desespero apertou em suas entranhas.

Jogando a cabeça para trás, Reseph rugiu. O ciclone vacilou, só um pouco. Outro rugido, e a oscilação moveu toda a coisa a vários metros. Partes começaram a desintegrar-se, e a oscilação ficou mais violenta.

Jillian empurrou para seus pés. — Reseph?

Ele lançou-se, caindo na frente dela, seu corpo machucado e sangrando.

Gemendo, ele se virou para olhar para ela. Com os olhos de Pestilence.

Engolindo o medo, Jillian emoldurou seu rosto com as mãos.

— Eu te amo. Volte para mim. — Sem pensar, ela o beijou.

Assustado, ele recuou, mas ela não o deixou se afastar. Manteve a boca na dele, beijando-o com força, beijando-o num frenético e último esforço para trazer de volta o Cavaleiro que ela amava.

Por um momento ele a beijou de volta, seus lábios tenros, a língua escovou fugaz contra a dela. Exaltação queimou, alimentando sua esperança de que era ele. Este era Reseph, vitória.

Dor pungente queimou sua boca. Ele mordeu o lábio dela. Ela provou sangue, sentiu o estrondo do mundo para baixo em torno dela.

— *Jillian*. — A voz de Reseph pingava com agonia. Ele recuou, um rosnado rasgou de sua garganta. — Você. Não. Vai. Vencer.

Estendendo as mãos, agarrou as duas correntes em torno de seu pescoço e puxou com força o suficiente para rompê-las. Como se o ar tivesse deixado fora de um balão gigante, tudo ficou quieto e estranhamente silencioso.

O tornado desapareceu como se nunca tivesse existido, o portal fechou e Reseph desabou sobre o gelo.

— Reseph? — Ela escovou o cabelo longe de seu rosto, desejando que ele abrisse os olhos. — Você está bem? Fala comigo.

Quando ele não se moveu, encostou o ouvido no peito. E se Wormwood tinha funcionado? *Por favor, não esteja morto... Por favor, não esteja morto...*

Ele tinha um batimento cardíaco. Graças a Deus, estava vivo, mas por que não estava se movendo? — Reseph! — Ela balançou os ombros, e seus olhos se abriram.

Um sorriso exausto curvou seus lábios. — Ei, baby.

Atirou-se para ele. Cobriu seu corpo com o dela e apenas o segurou. — Por favor, me diga que está acabado. Por favor.

Seus braços vieram ao redor dela. — Acabou — Ele murmurou. — Eu bati o bastardo. Foi como queda de braço mental, mas eu fiz isso.

— Você tem certeza? — Thanatos agachou a poucos metros de distância, a corrente quebrada pertencente à pedra do mal pendurado em sua mão. — Pestilence está contido?

— Sim. Reparei o recipiente.

A respiração de Jillian tremeu fora dela. — recipiente?

— É uma longa história. — Reseph olhou para Jillian, seu olhar tão terno que trouxe lágrimas aos seus olhos. — Foi você Jillian. Honestamente não sei se teria a força para vencê-lo, mas não podia deixá-lo te machucar. E não podia deixar que ele ficasse me assombrando com rachaduras no recipiente.

Ela escondeu o rosto em seu pescoço, não se importando com qualquer recipiente estranho. O que importava era que ele tinha ganhado. — Sabia que você podia fazer isso. Nunca duvidei de você.

— Arik, você tem a sua alma de volta. — Reseph alisou a palma para cima e para baixo em suas costas. — Eu sei que não compensa por tudo...

— Ei. —Arik cortou Reseph. — Acho que é hora de começar tudo de novo.

— Concordo — Jillian murmurou. —Estou pronta para um novo começo. — Ela empurrou-se e olhou para a sua pele manchada de sangue e camisa rasgada. — E um banho.

Reseph sorriu. — Estou dentro.

— Jesus — Ares murmurou. — Um colossal dois minutos se passaram desde que você quase começou uma guerra entre o Céu e a Sheoul e já está todo brincalhão?

— Não fui quem quase começou a guerra — Disse Reseph. — Foi Pestilence.

Jillian apertou os braços ao redor dele, alívio caindo sobre ela na primeira pura paz quente que sentia em muito tempo. Este foi realmente a primeira vez que ele reconheceu que Pestilence era a fonte do mal em todos os eventos. Sim, ela sabia que ele sempre se portou com culpa por tudo que tinha acontecido, mas a vitória de hoje era um longo caminho para a cura de uma ferida devastadora.

— E — Reseph continuou: —Você me conhece? Olaaa... Estou nu, com uma mulher linda de morrer deitada em cima de mim. Não sou feito de pedra, você sabe.

As bochechas de Jillian aqueceram quando um coro de gemidos veio de todos os lados.

— É... Essa é a nossa deixa para sair — Disse Limus. Ela sorriu

para Jillian e Reseph. — Obrigada, Jillian. Nós todos te devemos. E Reseph? É bom tê-lo de volta.

Todos eles ofereceram algum tipo de agradecimento e reconhecimento que Reseph estava de volta... Exceto Revenant. Parecia que ele tinha engolido um ovo podre quando brilhou longe com um grunhido.

Reaver desceu sobre os calcanhares, pegando o Malador de Thanatos e jogando Heofon para Kynan. — Estou orgulhoso de você, Reseph.

O anjo apertou o ombro de Reseph e passou as pontas dos seus dedos sobre o rosto de Jillian. — Cuide-se.

E então ele se foi, piscando para longe em uma explosão de luz dourada.

— Eu odeio quando ele sai assim — Kynan murmurou. Fez um gesto em direção à casa de Jillian. — Vou lidar com a situação Aegis e mandá-los para a reparação de sua casa. Vocês dois... Arrumem um quarto para passar a noite em algum lugar. Vocês merecem isso.

Ele enfiou Heofon no bolso do casaco e se afastou. Tracker se aproximou, mas manteve o olhar desviado. — Senhora, eu posso cuidar dos animais e dormirei no celeiro.

— Isso não é necessário,

— Por favor.

Reseph bateu no ombro de Jillian, e quando ela deu sua atenção, ele acenou com a cabeça. Ela suspirou. — Ok, Tracker. Por esta noite. Amanhã nós vamos trabalhar em outra coisa. — Olhando como se ela tivesse lhe dado um alívio da morte, ele decolou em uma corrida. — O que foi isso?

— Ele não sabe outra coisa — Explicou Reseph. — Escravos em Sheoul não conhece bondade. Quando ele recebe, é sempre seguido pela dor. Ele não está acostumado a ser bem tratado, e o está deixando desconfortável.

— Isso é horrível. — E familiar. Ela ficou olhando para o lobisomem, pensando em como era cauteloso enquanto que com os homens encantadores e bons, porque, inevitavelmente, a machucavam de alguma forma. Precisou de Reseph para mudar isso, e de alguma

forma, tinha que mostrar a Tracker que bondade não tinha que doer.

Suspirando, olhou para Reseph. Seus olhos eram de líquido, e as costas de suas as mãos tremiam. O alarme passou por ela.

— Ei, o que há de errado?

— Nada — Ele sussurrou. — Tudo está certo. Tão certo.

— Por causa de sua família? Porque eles estão o recebendo de volta?

— Sim.— Enjaulada em seus braços fortes, ele a rolou de costas, seu peso musculoso era muito bem vindo. O frio do gelo mal registrou quando ele acomodou-se entre suas pernas. — E por causa de você. Há alguns dias atrás eu não tinha nada, apenas vingança para manter meu coração batendo. Agora tenho a minha família de volta, e tenho você. —Ele fez uma pausa. —Eu tenho você, certo?

— Oh, sim. — Ela arrastou os dedos sobre o queixo, amando o jeito que ele se esfregou contra eles. — Disse que queria o Reseph que encontrei no banco de neve, e você está aqui.

—Mas não sou exatamente ele — Disse ele, um gorjeio emocional em sua voz revelando seu medo. — Tanta coisa aconteceu desde então...

— Psiu.— Ela silenciou-o com um dedo contra seus lábios. — Sim, tanto que aconteceu. Você soube que é forte o suficiente para manter Pestilence na baía, e eu soube que o homem que eu amo está disposto a lutar contra demônios por mim. Você me tem. — Deu-lhe um sorriso sensual e deslizou sua mão entre seus corpos, a palma até sua ereção. —E pode me ter a qualquer hora.

—Deus, eu te amo— Ele gemeu. A próxima coisa que soube, estava em seus braços, segurada contra o peito dele, e ele estava abrindo um Harrowgate. —Primeiro, nós vamos para a casa de Ares para um banho quente e roupas. Então vou te levar para o mais luxuoso hotel nas Bahamas.

— Parece decadente. — Mesmo tão exausta como estava, podia imaginar todas as maneiras que eles poderiam apreciar um ao outro. Em ambos os lugares.

Ele a abraçou apertado. — Este é apenas o começo para nós, e não posso esperar para começar.

Nem ela podia.

CAPÍTULO 43

Reaver não se preocupou em pedir permissão para entrar na sala do Arcanjo. Ele caminhou para dentro com uma atitude eu-não-dou-a-merda e uma expressão presunçosa para corresponder.

Talvez em algum momento de sua vida tivesse temor das colunas gigantes de ouro que perfuravam o infinito céu azul e dos rios cristalinos que fluíam através da grama exuberante da passagem para sempre. Mas não agora. Agora, só queria respostas.

Um anjo vestido com algum tipo de desagradável traje medieval vermelho veio do nada e bloqueou o caminho de Reaver.

— Quem é você e por que você está aqui?

Sou Reaver. Preciso ver um arcanjo.

O homem sorriu. — Então vá através dos canais apropriados com o seu pedido.

— Não é um pedido, e não posso esperar anos por isso.

O Carmesim Anjo estreitou os olhos. — Vá embora

— Espere. — Um homem alto de cabelos negros se materializou como algo saído de um transportador de Star Trek, todos brilhante de prata e dourado. Seu robe em estilo grego com cinto na cintura com uma corda marrom simples, e suas botas de couro eram nada para descrever, mas de alguma forma este anjo exalava poder e realeza. Suas asas do corvo, permeadas de ouro, eram provavelmente invejadas por todos que entravam em contato com ele.

Incluindo ele.

O recém-chegado, definitivamente, um arcanjo, acenou com a mão, e o anjo do traje vermelho brilhou longe num acesso de raiva.

— Bem, bem, — Disse o arcanjo. — Reaver. Ainda não segue as regras, eu vejo.

— Uma vez que você parece saber tanto sobre mim, que tal alguma reciprocidade?

O sorriso do homem era com frio. — Raphael. Agora, por que

você está aqui?

Direto para isso, então. Bom, porque não estava com vontade de enrolar. — Quero saber por que minha memória foi tomada.

— Tenho certeza que você quer.

Tudo bem então. — Sei quem eu sou, — Reaver aterrou fora. — Sei que meu nome é Yenrieth, então poderia muito bem ter a minhas memórias de volta.

O sorriso frio caiu do rosto de Rafael. — Isso é... Inesperado. — Ele girou para longe, apenas um ritmo para uma ampla volta, antes de parar em frente de Reaver novamente. — Mas isso não faz diferença. Você não terá a sua memória de volta.

— Droga você...

Reaver não conseguiu terminar a frase. Dor como um milhões de raios picando através dele o mandaram ao chão, cego e gemendo como um soldado novato que tomou a sua primeira ferida.

Quando ele pôde ver de novo... Sentindo como um ano depois... Raphael estava olhando para ele, seus olhos brilhavam como lâminas de prata.

— Você não fala assim comigo, nem questiona minhas decisões.

Por algum milagre, não gemeu novamente quando ele cambaleou. — Então, a perda de memória é isso. — Sua cabeça latejava como se fosse derrotado por sua própria auréola. — Talvez você possa me dizer por que a minha filha e os filhos têm um novo Vigilante mau. Sabe que regra Harvester quebrou?

Por um longo tempo, Raphael apenas encarou, sua expressão em branco. Assim, quando a enxaqueca aguda enviada pelo arcanjo começou a diminuir, Raphael disse — Ela não quebrou nenhuma regra. Ela foi levada por espionagem. Ajudou o lado errado.

— Ajudar o lado errado? O que isso quer dizer o *nosso*? — Raphael tinha que estar enganado. — Como?

— Manipulando eventos.

Agora foi a vez dele encarar. — Eu não... Eu não entendo. Ela é a única que escreveu a nota que o Aegis encontrou... O que

Pestilence acreditava que iria quebrar o selo de Than.

O arcanjo inclinou a cabeça em um ligeiro aceno de cabeça. — Ela fez isso sabendo que o sexo não iria quebrar o selo de Than. Ela fez isso para uma criança ser concebida. Uma criança que poderia acabar com o apocalipse se tudo corresse bem, e tinha fé que os Cavaleiros iriam descobrir como parar Pestilence.

A sua cabeça esfriou, o que não ajudou o latejo. — Por que ela faria isso?

— Porque ela era uma espiã.

— Uma espiã... — Perguntou incrédulo. — Por quanto tempo?

— Desde o início. — Raphael disse tão facilmente, como se todo mundo deveria ter tido conhecimento desta informação. — Nós fabricamos uma história sobre como ela começou a matar humanos para se divertir, levando à sua queda, mas na verdade, ela caiu, a fim de se infiltrar na mais alta ordem em Sheoul e ganhar o seu caminho para se tornar Vigilante.

— Mas por quê? Por que ela iria desistir de tanta coisa para se tornar um anjo caído?

O aceno de cabeça e olhos revirados de Raphael disse a ele que o arcanjo pensava nas razões de Harvester. — Ela cuidou de seus filhos desde antes de serem Cavaleiros. Ela ainda salvou Reseph de um incêndio que o teria matado. Ela os amava.

Isto foi ficando mais e mais inacreditável. — Onde eu estava? — Reaver exigiu. — Por que eu não estava olhando pela as minhas crianças?

— Não importa — Raphael disse, seu tom deixou claro que Reaver não ia conseguir respostas sobre seu passado. — O que importa é que Harvester era uma espiã, e ela fez ao mundo um grande serviço.

Reaver jogou a mão para se agarrar num pilar antes que caísse. — Por que ela não me contou? Por que alguém não me disse sobre ela?

— Nós não poderíamos arriscar que alguém soubesse. Qualquer desliz poderia ter sido perigoso. — A expressão de Rafael tornou-se nublada com raiva, e um rosnado ameaçador subiu em seu

peito. — Olha o que aconteceu com Gethel.

O tempo no qual ele pegou Gethel Harvester com spikes de teclan por informações voltou para ele, e sua respiração engatou. — Gethel torturou Harvester. Ela suspeitava, não foi?

— Provavelmente — Disse Raphael. — Tenho quase certeza de que foi Gethel que delatou Harvester para as forças de Sheoul.

Ah, droga. Ela tentou avisá-lo, havia dito que Gethel não estava *certa*. Ela não quis dizer que Gethel por que estava *errada*. Quis dizer que Gethel era *mentirosa*, e talvez jogasse para o lado errado, se ela estava torturando Harvester era uma prova de que ela era a garota boa.

Mas tinha Gethel falado a verdade sobre *qualquer coisa*?

— Gethel me disse Harvester foi consorte de Satanás e ela caiu do céu para estar com ele. Como no jogo isso se encaixa?

As sobancelhas de Raphael dispararam. — Isso é o que ela disse? Gethel adorava mexer com a sua cabeça, não?

— Ela não precisaria mexer com a minha cabeça se eu tivesse minhas memórias — Reaver rosnou. — Então Harvester não foi secretamente dormir com Satanás?

Raphael riu. De verdade *riu*. — Espero que não. Ele é o pai dela.

Pai? Santa... Merda. A voz de Reaver foi ligeiramente estrangulada quando ele falou.

— Então o que vamos fazer agora?

— Nós caçamos Gethel e a destruímos.

De bom grado. — E Harvester?

— Ela está perdida para nós.

Uma pontada inesperada de culpa afundou em seu peito. — Ela está morta?

Raphael encolheu os ombros. — Nós perdemos contato com ela quando foi arrastada para Sheoul. Não há dúvida de que ela está sendo torturada por algum tempo.

— Satanás não vai protegê-la?

Outra explosão de risos de Raphael, o que levou seus nervos à borda. — A única coisa que Satanás odeia mais do que um traidor é

um traidor em sua família. Você deve ter visto o que restou de um de seus filhos depois que ele ficou do lado de outro anjo caído em uma discussão entre o anjo e Satanás. — Raphael balançou a cabeça. — Não, Harvester sofrerá como ninguém nunca sofreu.

— Então precisamos resgatá-la.

Raphael acenou com a mão em despedida. — Ela sabia dos riscos quando se ofereceu para a missão. Entendeu que era uma viagem só de ida e que se ela fosse pega, iria negar todo o conhecimento de suas ações.

A mandíbula de Reaver quase caiu no chão. — Você está brincando comigo? Nós não podemos deixá-la lá!

— Qualquer tentativa de resgate seria uma admissão de nosso envolvimento. Eles não podem saber que estamos dispostos a ter dois agentes do bem atribuídos aos Cavaleiros. Poderia começar outra guerra entre o Céu e o Inferno. Mesmo que fosse possível tirá-la, ela não vai ser a mesma jovem anja inocente que caiu. Para sobreviver em Sheoul e ganhar um lugar como Vigilante, ela teve que fazer as coisas que endureceram seu coração e sua alma enegreceu. Seu sacrifício é um dos maiores da história angelical, mas ela está perdida para nós.

— Tem que haver um jeito.

— Deixa ir Yenrieth. — A voz de Raphael se aprofundou, tornou-se um trovão crescendo. — Ouça-me agora. Não vai fazer qualquer tentativa para resgatá-la. Se você fizer isso, eu vou arrancar suas asas e jogá-lo na cova mais escura em Sheoul. Você entendeu?

Reaver entendia, tudo bem. Entendeu que Raphael era um babaca maciço. — Também vou demiti-lo com Vigilante.

A fúria profunda brotou em seus ossos, vasculhando suas veias como se elas corressem com vapor de água ao invés de sangue. — Você não pode fazer isso.

A calma de Raphael era enlouquecedora. — Posso fazer qualquer coisa que eu quiser. Você é o pai dos Cavaleiros, e o conhecimento significa você não pode mais ser um partido neutro.

— Neutro? Harvester não era neutra, se ela era uma espiã, seu pedaço de...

— Eu não iria terminar a frase, — Raphael avisou. — Você

está ficando displicente dadas todas as regras que você quebrou recentemente. Liberando Reseph de Sheoul-gra? Dando Wormwood a Thanatos? Dando heofon para Pestilence? Devo ir em frente?

— As regras são uma idiotice. Você quebrou o maior de todas, enviando Harvester para se infiltrar no inferno. Como se atreve a me acusar de quebrar as regras, seu abutre enegrecido.

— Só mais uma palavra, — Raphael disse lentamente, — E você vai perder o pouco de memória que você tem, e eu vou acabar com você da memória de seus filhos também.

Tremendo com raiva que raramente experimentado, ele virou e dirigiu-se para a saída. Quando ele chegou, deflagrou suas asas altas e violentamente, um grande e gordo *foda-se* para o anjo que o sair.

Já era tempo para um período de férias, e Reaver tinha ouvido dizer que Sheoul era bom nesta época do ano.

CAPÍTULO 44

Reseph terminou de escavar os grãos num balde e o fechou com tampa. Bufos impacientes lhe diziam que estava se movendo muito devagar quando puxou a alimentação para a baía no fim do celeiro, onde Sammy e Conquest esperavam. Os dois cavalos estabeleceram uma amizade que, para ser honesto, estava perplexo. Conquest não era o mais agradável garanhão, mas era castrado e gostava de sair no celeiro com ele.

— Vocês dois são malucos — Reseph murmurou enquanto servia grão em suas calhas.

Ele voltou para a casa, lançando um olhar rápido em direção à clareira onde, um pouco além, eles estavam construindo uma cabana para Tracker. O Warg se recusou a viver mais longe, e, apesar do desejo de Jillian para tê-lo no quarto de hóspedes, enquanto a cabana estava sendo construída, ele preferiu dormir no celeiro.

Reseph chutou a neve fora de suas botas na varanda e foi para dentro da casa, onde Jillian estava esperando, enrolada no sofá debaixo de um cobertor, com duas xícaras fumegantes de chocolate quente sobre a mesa à sua frente.

— Os bichos estão todos alimentados e felizes. — Ele olhou para Fang-Doodle, que estava cochilando em seu lugar habitual em frente ao fogo. — Alguns deles estão um pouco mais gordos e mais felizes do que os outros.

Jillian estreitou os olhos para ele. — Espero que você não esteja falando de mim.

Sorrindo, Reseph afundou no sofá, montando-a de todos os lados. — O quê, você não está feliz?

— Babaca. — Deu-lhe um golpe brincalhão no ombro, mas uma carranca acompanhada. — Tem certeza que você vai ser feliz aqui? É no meio do nada, não há muito para mantê-lo ocupado, e nós temos toneladas de neve.

— Psiu. — Ele roçou os lábios nos dela. A emoção brotou nele,

enchendo-o tão completamente que mal podia respirar, só falou. — Tenho certeza. Passei tanto tempo me mantendo ocupado e estando vazio. Mas aqui, com você, não preciso estar ocupado. Sinto que estou finalmente inteiro. Tenho cinco mil anos, — Ele murmurou. — Mas no dia em que me encontrou na floresta, foi quando a minha vida começou.

Jillian agarrou seu pescoço e puxou-o para baixo em cima dela. — Passei tanto tempo me preocupando que nenhum homem jamais seria o que parecia ser, que não sabia não ser nem sempre é ruim.

— Então você está feliz que eu não seja o homem que você encontrou no banco de neve?

— Oh, você é aquele homem. Mas é muito mais, também. — Ela revirou o lábio inferior entre os dentes e lhe deu um hesitante piscar de olhos. — Eu me sinto terrível embora... Não tive tempo para pegar alguma coisa para o Natal.

— Você está brincando comigo? Você me deu tudo. Ainda tenho a minha família de volta por sua causa.

Agora que todo mundo tinha certeza de que podia controlar Pestilence, ele e Jillian eram bem-vindos na casa de seus irmãos, e todos tinham aparecido por aqui também. Thanatos até mesmo permitiu Reseph segurar Logan. Eles ainda tinham que trabalhar em ter o cães do inferno ao redor, mas percebeu que havia tempo de sobra para isso.

— Falando nisso — Disse ela — Fomos convidados para a casa de Than para o jantar de Natal amanhã. Eles disseram que se Tracker estiver de volta de sua matilha até então podemos levá-lo também. — Ela suspirou. — Aposto que ele nunca comemorou o Natal.

Seramente duvidoso. Poucos feriados humanos eram comemorados em Sheoul. — Vamos pegar algo para ele amanhã. Conheço uma grande loja de eletrônicos em Tóquio.

— Vê? — Suas mãos viajaram lentamente por suas costas, massageando por onde elas estavam. — Isso é o que quero dizer sobre ser muito mais do que o homem que encontrei em um banco de neve. Quem mais pode me levar para fazer compras em outro país em

questão de segundos?

Ele acariciou seu pescoço. — Quer saber o que mais posso fazer, em questão de segundos?

Mudando assim se estabeleceu entre suas coxas, ela se arqueou debaixo dele, e sua voz foi profunda e rouca. — Oh, estou muito bem ciente disso.

— Sim?

— Sim. E acho que sei o que te dar para o Natal. — Ela lhe deu um sorriso maroto. — Mas, primeiro, você tem que desembrolhar-me. — Oh, como ele ama presentes. — E então me desembrolha?

— Humm. Muito, muito lentamente.

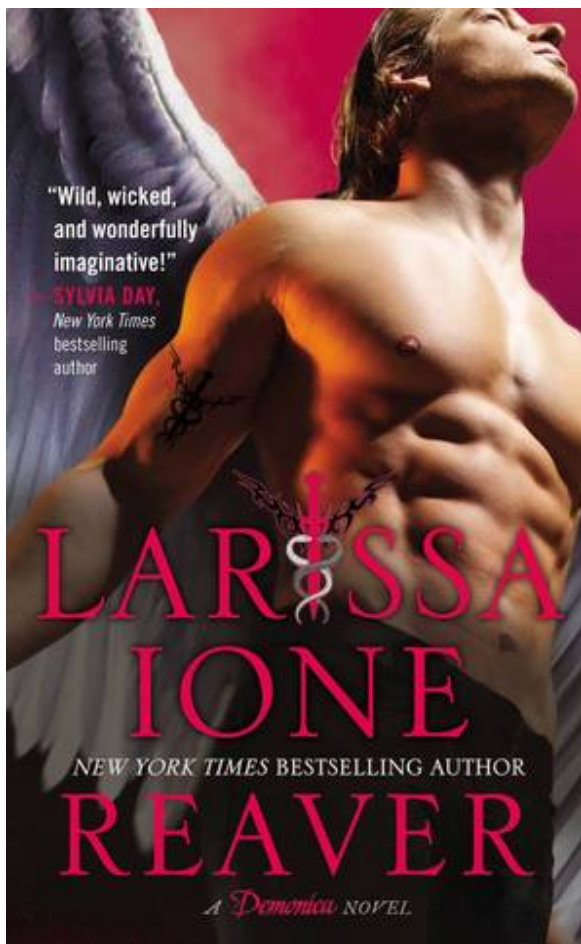
Jillian acompanhou a coisa devagar. Depois que estava nu, ela passou uma hora adorando seu corpo e fazendo coisas más com um dos bastões de doces na árvore.

Quando Reseph estava saciado e exausto, se enroscou com ela na frente do fogo, só conseguia pensar nas centenas de Natais e milhares de presentes que ele deu e recebeu, mas este, acima de todos os outros, foi o melhor. O Apocalipse acabou, toda a sua família estava inteira e feliz, e a ele foi dado o maior presente de todos.

Amor

FIM

Próximo:



REAVES é um anjo com um passado, um recorde, e uma atitude menos que celeste. Poderoso o suficiente para lutar ao dos anjos mais ferozes em batalha, e louco o suficiente para arriscar suas asas em uma missão só de ida para o inferno, ele concordou em ir onde nenhum anjo jamais foi antes... para roubar o prêmio mais sedutor e perigoso de Satanás para si mesmo.

HARVESTER é um dos Fallen, um anjo uma vez heroína que sacrificou suas asas para trabalhar como um agente secreto no inferno. Mas agora seu disfarce foi descoberto, e ela foi condenada a uma eternidade de tortura agonizante. Mesmo que Reaver possa arrebatá-la longe de covil de Satanás, ainda que possam lutar seu caminho para fora das profundezas mais obscuras do submundo, há uma coisa que Harvester nunca pode escapar, a sede recém-descoberta por sangue de um anjo...

- {1} Apelido que Jillian deu ao estranho.
- {2} Marca de container
- {3} Sigla em inglês para World Victory Day



- {4}
- {5} Estilo sangrento, algo assustador.
- {6} Sigla para Demoniac Activity Response Team
- {7} Além da imaginação, série de ficção científica/fantasia/terror